

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

RELAÇÕES RACIAIS NO PROTESTANTISMO RECIFENSE

ROSA MARIA DE AQUINO

PROF. DR. ROBERTO MAURO CORTEZ MOTTA
Orientador

RECIFE – 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

RELAÇÕES RACIAIS NO PROTESTANTISMO RECIFENSE

ROSA MARIA DE AQUINO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Professor Doutor Roberto Mauro Cortez Motta, para obtenção do grau de Doutor em Antropologia.

RECIFE – 2006

A657r Aquino, Rosa Maria de

Relações raciais no protestantismo recifense. – Recife: O Autor, 2006.

268 folhas: il., fotos, quadros, tab.

Orientador: Roberto Mauro Cortez Motta

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia. Recife, 2006.

Inclui bibliografia e anexos.


1. Religião. 2. Protestantismo – neo-pentecostal. 3. Racismo. 4. Pernambuco – Recife. I. Título.

**.
39:284 CDU (2.ed.)
306.6:284 CDD (22.ed.)**

**UFPE
BCFCH2007/07**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BANCA EXAMINADORA:



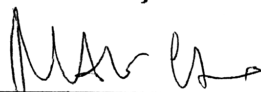
Professor Doutor ROBERTO MAURO CORTEZ MOTTA
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



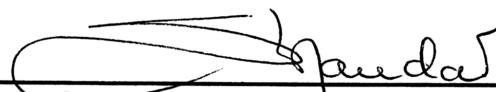
Professora Doutora MARIA DO CARMO TINOCO BRANDÃO DE
AGUIAR MACHADO
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



Professor Doutor BARTOLOMEU FIGUEIROA DE MEDEIROS
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



Professor Doutor MARCUS JOAQUIM MACIEL DE CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em História/UFPE



Professora Doutora SYLVANA MARIA BRANDÃO DE AGUIAR
Programa de Pós-Graduação em História/UFPE

Data da Defesa: 07/DEZEMBRO/2006

RECFIE - 2006

Dedicatória

Aos meus sogros Maria e Daniel que este ano passaram para “*o outro lado do espelho*” e deixaram no meu coração saudades e boas recordações.

Aos meus pais – Lourdes e Manoel – e à minha avó Adalgisa, por continuarem vivos no meu jeito de ser e de pensar, mesmo após tantos anos de ausência física.

Em especial ao meu grande companheiro Wil. O que seria de mim nesta Tese sem a sua presença integral no cotidiano da minha vida?

Agradecimentos

Meus agradecimentos vão para:

O Deus, soberano e presente com o seu imenso amor ontem, hoje e sempre na minha vida.

Wil, meu incentivador total e absoluto no dia a dia, com ou sem Tese, e no caso desta última, auxiliando-me nas leituras e nas correções de texto.

Meu orientador Prof. Dr. Roberto Mauro Cortez Motta, pela sua amizade, pelo seu jeito de transmitir conhecimento. Como orientanda sua desde o Mestrado, sou estimulada a ir além dos meus próprios limites, diante da sua *performance* de intelectual completo que ultrapassa as fronteiras do acadêmico.

PPGA/UFPE – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, na pessoa do Coordenador Prof. Dr. Bartolomeu Figueiroa de Medeiros, professores e funcionários – Régia, Ana, Ademilda e Míriam.

CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão ligado ao Ministério de Educação, por ter me proporcionado uma bolsa-sanduíche de seis meses na França, que foi de muita utilidade para a sistematização dos meus conhecimentos.

Centre de Sociologie des Religions et d'Éthique Sociale da Universidade Marc Bloch, em Estrasburgo (França), através do Professor Jean-Pierre Bastian, do Professor Gilbert Vincent e da Secretária, Patricia Carbiener, que me acolheram com profissionalismo e humanismo.

Casal Christine e Albin Jaming e Marie Joerg que desde a nossa chegada (minha e de meu marido) a Estrasburgo nos deram assistência diária como se fôssemos de sua família. Foram grandes facilitadores da nossa estada naquela cidade, inclusive me acolhendo na sua residência nos últimos três meses da minha permanência naquela cidade.

Centro de Estudos Afro-Orientais/UFBA e ao Centro de Estudos Afro-Brasileiros/UCM, por terem me proporcionado, por indicação do PPGA/UFPE, a participação na V Fábrica de Idéias, “Curso Avançado sobre Relações Raciais e Cultura Negra”.

FIR-Faculdade Integrada do Recife, instituição que me possibilita o exercício das atividades de ensino e pela liberação para minha estada na França.

Professores partícipes da Banca Examinadora.

Meus interlocutores e para os anônimos.

Igreja Internacional da Graça de Deus *lócus* de maior parte da pesquisa, onde recebi um tratamento gentil por parte de todos.

Primeira Igreja Batista do Recife onde fiz trabalho de campo mesmo sem me identificar como pesquisadora.

Igreja Universal do Reino de Deus que fez parte do início da minha pesquisa.

Querel (Raquel), sobrinha sempre pronta a me ajudar seja no que for, inclusive em exaustivos trabalhos.

Flavinho (Flávio Augusto) outro sobrinho sempre presente, sobretudo levando-me a navegar em segurança pelos mistérios virtuais dedicando-me com toda a boa vontade parcelas do seu precioso tempo.

Sheilinha (Sheila Carina), mais uma sobrinha que também deu sua cota de colaboração nesta empreitada.

Léo (Leonardo), outro sobrinho que deu sua contribuição para a feitura desta Tese.

Lucinha (Rosa Lúcia), minha irmã e companheira de infância, pelas fotos maravilhosas.

Todos os meus familiares (irmãs, irmãos, cunhadas, cunhados, sobrinhas, sobrinhos, enteadas, enteado, netos e neta) pelo carinho com que sou agraciada por cada um.

Jomard, pela sua paixão não somente pela vida, mas também pelo crescimento intelectual das outras pessoas, oferecendo bibliografia e a ele próprio para leitura dos textos.

Odete, Kátia e Madiana, colegas que se tornaram amigas pela trajetória plena de amores e dores do Doutorado.

Odete, em particular, pelo zelo, cuidado, colaboração na fase final deste trabalho e demonstração de amizade incondicional.

Resumo

Identificar discriminação racial nas relações sociais de três igrejas protestantes representantes das categorias histórica, pentecostal e neo-pentecostal, na cidade do Recife, constituiu o objetivo inicial desta pesquisa. Ao longo do trabalho fixei-me especialmente na igreja de caráter neo-pentecostal, a **Igreja Internacional da Graça de Deus**. No fenótipo que se observa entre os fiéis – partícipes ou não da hierarquia dessa Igreja – caracteriza-se primeiro por uma hegemônica **pardização**, depois por uma presença marcante de negros e por último por uma ínfima quantidade de brancos. Entre os interlocutores com quem mantive contatos, nega-se ora com vigor ora com indiferença, a existência de qualquer ação discriminatória. Percebi, apesar disso, a sutil presença de um comportamento que indica a preocupação com aspectos discriminatórios, fruto de um construto social que não se fixa necessariamente nos fenótipos. Quero com isso dizer que não me passam despercebidas frases como a de uma Obreira que disse *Sou negra e linda e onde piso, não deixo rastro* e nem os cabelos artificialmente alisados de algumas Obreiras para se adaptarem ao padrão estético estabelecido pela igreja. Nota-se que isto aparentemente não se configura um problema para o cotidiano daquelas pessoas. Pelo contrário, sentem-se completamente integradas à sua igreja e afirmam que hoje se acham mais bonitas por serem *filhas do Rei*. Não obstante, o que constato com mais vigor é outro tipo de discriminação. Ele se refere às origens religiosas dos integrantes dessa igreja que são oriundos direta ou indiretamente das religiões afro-brasileiras: **xangô, umbanda, jurema**. Ou do espiritismo. Todos que assim se identificam, abominam essa fase de sua vida. Associam-na a momento de trevas, de erros, de pecados. Por outro lado, as prédicas pastorais reforçam essa recusa. Nelas os Pastores frequentemente recorrem ao exorcismo, principalmente daquilo que consideram ameaçador e que intitulam de **inimigo, capeta, tranca-ruas, pomba-gira, Exu, omulu** etc. Expressam, assim, algumas “afinidades eletivas” com entidades presentes no panteão ou no imaginário das religiões afro-brasileiras.

Palavras-chave: Protestantismo – Neo-pentecostalismo – Religiões Afro-brasileiras – Relações Raciais – Pardização – “Afinidades Eletivas”.

Abstract

The research that resulted into this dissertation had as its primary objective the study of race relations and stereotypes in three Protestant churches belonging, respectively to three categories: “historical”, “Pentecostal” and “Neo-Pentecostal”, with special concentration on a congregation belonging to the latter category: *Igreja Internacional da Graça de Deus*. A basic conclusion of the investigation is expressed in the concept of *pardização* (“brownification”). Most members, including ministers and other leaders are representative of the Brazilian phenotypical category known as “pardo” (roughly translatable as brown). There is too a noticeable presence of “blacks” but only a small minority of “whites”. Respondents interviewed during field work deny emphatically the existence of any form of discrimination. Yet subtle racial stereotypes are not really absent, as when an “obreira” (literally “worker”, a person with duties in the church, though not a minister) told me “I’m black and I’m pretty and I don’t soil the ground I step on”. Similarly, hairs are straightened in order to conform to the aesthetic standards adopted by the church. But this does not seem to bring about any problems to the veryday life of members of the congregation. Women like that “obreira” claim to be all the more beautiful as they are the *King’s daughters* and are perfectly integrated to the congregation. Another form of discrimination is more meaningful. This refers to the religious origins of most members, who formerly were attached to one of the Afro-Brazilian religions, like *xangô*, *umbanda*, and *jurema*. They now abhor their past, which they characterize as darkness, error, and sin. This is very much reinforced by the sermons and exorcisms performed by the ministers who use the names of the Afro-Brazilian deities, like *Exu*, *Pomba-Gira* and *Omulu*, interchangeably with words that designate the devil in common Brazilian Portuguese, like *inimigo*, *capeta*, *diabo* and many others.

Key Words: Protestantism – Pentecostalism – Afro-Brazilian Religions – Racial Relations – “Brownification” – “Elective Affinity”.

Résumé

Cette thèse est le résultat d'une recherche orienté vers l'étude des formes de discrimination raciale dans trois églises protestantes de Recife, appartenant, respectivement, aux catégories "historique", "pentecôtiste" et "néo-pentecôtiste". C'est sur une église de cette dernière catégorie, l'*Igreja Internacional da Graça de Deus* que l'investigation s'est plus concentrée. Du point de vue phénotypique, on peut observer une "pardização" ("brunification") marquée, y compris parmi les ministres et autres personnes en position de direction. Cependant on y remarque une présence noire non négligeable, mais seulement une très petite minorité de blancs. Parmi les personnes interviewées, on remarque, néanmoins, quelque souci subtil concernant l'apparence raciale. C'est ainsi que l'on peut entendre des affirmations comme "je suis noire, mais je suis belle et je ne souille jamais le sol sur lequel je marche". En outre les normes de l'église exigent que les cheveux soient toujours bien lissés. Mais cela ne semble pas représenter de problème pour la vie quotidienne des personnes concernées par ces pratiques ou par ces stéréotypes, qui sont parfaitement intégrées à la congrégation et qui se considèrent d'autant plus belles qu'elles sont les "filles du Roi". En revanche, une autre forme de discrimination y joue un rôle de tout premier plan. C'est le rejet foncier de tout ce qui se rapporte au passé religieux afro-brésilien des fidèles, associé à des cultes comme le *xangô*, l'*umbanda* ou la *jurema* qui sont considérés comme n'étant que ténèbres, erreur et péché. Les noms de leurs divinité sont constamment employés, dans les prêches des ministres, comme équivalents aux noms de démons de la tradition brésilienne. *Exu*, *Pomba-Gira*, *Omulu*, *Inimigo*, *Capeta*, *Diabo* sont donc vus comme synonymes et sont l'objet d'exorcismes répétés.

Mots-Clés: Protestantisme – "Néo-pentecôtiste" – Religions Afro-brésiliennes – Discrimination Raciale – "Brunification" – "Afinités Électives".

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - RELIGIÃO: UMA VISÃO DE MUNDO	10
1.1 Religião.....	10
1.1.1 Religião x Ciência Social	11
1.1.2 Sagrado e Profano, Crenças e Ritos	16
1.2 Religião segundo alguns autores paradigmáticos.....	18
1.3 Religiões monoteístas principais	27
1.3.1 Cristianismo.....	27
1.3.2 Islamismo	30
1.3.3 Judaísmo	31
1.4 O Protestantismo	33
1.4.1 A Reforma Protestante e alguns desdobramentos hoje	33
1.4.2 Um pouco da história do protestantismo no Brasil	35
1.4.3 Protestantismo brasileiro contemporâneo.....	38
1.4.3.1 Igreja histórica ou tradicional (missão e etnia ou imigração).....	44
1.4.3.2 Igreja pentecostal e neo-pentecostal	46
1.5 Religiões afro-brasileiras	48
1.5.1 O que são as religiões afro-brasileiras	48
1.5.2 As religiões afro-brasileiras no Brasil contemporâneo.....	55
CAPÍTULO 2 - ITINERÁRIOS DA PESQUISA	58
2.1 Cenário Quantitativo	59
2.2 Cenário Qualitativo	63
2.2.1 Os primeiros contatos com o campo de estudo	64
2.2.1.1 Um campo mutante.....	66
2.2.1.1.1 A Primeira Igreja Batista do Recife – PIBR.....	67
2.2.1.1.2 A Igreja Universal do Reino de Deus – IURD	70
2.2.1.1.3 A Igreja Internacional da Graça de Deus - IIGD.....	71
2.2.2 A observação direta e sistemática.....	76
2.2.3 As entrevistas individuais	78
CAPÍTULO 3 - AS IGREJAS ESTUDADAS	83
3.1 Primeira Igreja Batista do Recife – PIBR.....	83
3.1.1 Funcionamento da igreja	84
3.1.2 Tipificação do fiel.....	88
3.2 Igreja Universal do Reino de Deus – IURD	90
3.2.1 Funcionamento da igreja	91
3.2.2 Tipificação do fiel.....	95
3.3 Igreja Internacional da Graça de Deus – IIGD	96
3.3.1 Os meios de comunicação	98
3.3.2 A ideologia do sucesso	100
3.3.3 O espaço físico como símbolo de prosperidade	101
3.3.4 O funcionamento da igreja	105
3.3.5 Tipificação do fiel.....	108
3.3.6 Vestuário.....	112
3.3.7 Socialização	115
3.3.8 A autoridade do Pastor	117
3.3.9 A trajetória de um jovem Pastor	125
3.3.10 Pastores e Obreiros	128
3.3.11 Relação com outras igrejas	135
CAPÍTULO 4 - PROCESSO DE RACIALIZAÇÃO.....	138

4.1 Teorias racistas	140
4.2 Desconstrução de algumas teorias racistas	142
4.3 Racismo no Brasil.....	148
4.3.1 Estudos recentes sobre discriminação racial	152
4.4 Ações minimizadoras do racismo.....	154
4.4.1 Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR	155
4.4.2 Ações Afirmativas	156
CAPÍTULO 5 - O EXERCÍCIO RELIGIOSO NA COMUNIDADE NEO-PENTECOSTAL	
.....	158
5.1 O ritual.....	158
5.1.1 Orações e Poder Mágico.....	160
5.1.2 Cânticos/Músicas.....	164
5.1.3 Prédicas e frases recorrentes.....	166
5.1.4 Curas.....	180
5.1.5 Testemunhos.....	183
5.1.6 Ofertas	185
5.1.7 Aplausos	193
5.1.8 Reverência	195
5.1.9 Conversão e batismo.....	198
5.1.10 Ceia do Senhor	203
5.1.11 Programas especiais.....	204
CAPÍTULO 6 - AUSÊNCIA, LEVEZA OU INDIFERENÇA À DISCRIMINAÇÃO RACIAL	
.....	209
6.1 Composição cromática	209
6.2 Padrão de beleza	212
6.3 “Afinidades eletivas”	215
6.4 Glossolalia	219
6.5 “Fetiches”	223
CONSIDERAÇÕES FINAIS	231
BIBLIOGRAFIA	241
ANEXOS	248

Lista de Quadros

QUADRO I - Ramos da Reforma no Brasil (por famílias de igrejas).....	42
QUADRO II - Classificação das igrejas protestantes no Brasil (caracterização das diversas denominações).....	43
QUADRO III - Distribuição das reuniões da Igreja Internacional da Graça de Deus durante a semana	106
QUADRO IV - Amostra da frequência dos integrantes da Igreja Internacional da Graça de Deus, por cor	210

Lista de Tabelas

TABELA I - Igrejas Evangélicas de Missão no Brasil – 2000.....	45
TABELA II - Igrejas Evangélicas Pentecostais no Brasil – 2000.....	48
TABELA III - Outras Religiões no Brasil – 2000.....	57
TABELA V - População do Brasil, da região Nordeste e do Estado de Pernambuco por cor ou raça e por participação em igreja evangélica, em percentuais.....	61

INTRODUÇÃO

Início este trabalho espelhando-me em Gould (1999:5) ao afirmar que

[...] a ciência deve ser entendida como um fenômeno social, como uma empresa corajosa, humana, e não como o trabalho de robôs programados para recolher a informação pura. [...] A ciência, uma vez que deve ser executada por seres humanos, é uma atividade de cunho social [...].

É, pois, assim, que vejo a ciência. De forma pró-ativa, disponibilizando dados, informações e interpretações a serviço de uma humanidade melhor e mais igualitária. E ao buscar a compreensão das diferenças e de como elas são tratadas no mundo de hoje e em especial no universo que escolhi para ser estudado, reporto-me mais uma vez às palavras do mesmo autor que me oferece um dos fios condutores para realizar este estudo:

Poucas tragédias podem ser maiores que a atrofia da vida; poucas injustiças podem ser mais profundas do que ser privado da oportunidade de competir, ou mesmo de ter esperança, por causa da imposição de um limite externo, mas que se tenta fazer passar por interno. [...] Vivemos num mundo de diferenças e predileções humanas, mas extrapolar esses fatos para transformá-los em teorias de limites rígidos constitui ideologia (*ibid* 13).

Se, no entanto, me limito a esse pensamento, talvez não consiga fazer ciência. Fico restrita à psicologia empírica e apenas reconstruo os procedimentos que contribuem para meu estímulo e “produção de uma inspiração” e não imirjo na lógica do conhecimento, que me leva a uma reconstrução de provas *a posteriori*, através das quais posso descobrir se minha inspiração era uma novidade ou se pode ser “reconhecida como conhecimento” (POPPER 1975:32).

Nesse sentido não posso deixar de citar Motta (2001:14) quando afirma que

Ciência quer dizer esforço de captação da realidade, de modo sistemático, metódico e organizado. Se ciência quer captar a realidade, isto é, o mundo real e objetivo, ela tem que referir-se constantemente a esse mundo real. Quando ela perde essa referência ela deixa de ser ciência.

E que mundo real é esse? Na minha dissertação de Mestrado (AQUINO 2001)¹, alguns interlocutores chamaram minha atenção para aspectos subjacentes, naquele momento,

¹ A Dissertação trata da música no ritual presbiteriano. De acordo com Mendonça (1989:61) “Os presbiterianos são resultantes de duas missões norte-americanas: a Junta de Nova York que enviou Ashbel G. Simonton [1859] – e o Comitê de Nashville, que, a partir de 1870, passou a enviar muitos missionários”.

ao tema que estudei. Alguns atrelavam a gradativa hegemonia das músicas que compõem os rituais religiosos, mais identificados com a música popular brasileira (substituindo as de raízes européias e norte-americanas), à influência do que se chama de “cultura negra”², sobretudo no que se refere aos instrumentos, aos ritmos e às coreografias. Naquele momento identifiquei sinais de etnocentrismo religioso com tendências racistas. Uma mulher que representava o comitê nacional de música na igreja presbiteriana expôs-me as seguintes idéias:

O frevo³ tem origem no candomblé [...] Todo ritmo (pagode, música da Bahia, axé) vem da música afro, e a música afro tem uma herança do candomblé [...] não posso concordar com as batidas de tambores que soam sobretudo num terreiro de macumba.

No entanto, no que se refere à etnia indígena essa mesma interlocutora tem idéias completamente diferentes:

Os indígenas podem louvar a Deus à sua maneira, é uma coisa completamente ingênua, pura.

Outra interlocutora (uma jovem que pertence a essa igreja desde que nasceu) assim se expressou:

Se alguém me dissesse: - Na minha igreja há um grupo que canta acompanhado de instrumentos de afoxé. Sabe, esses instrumentos que se tocam no xangô, na macumba? Eu acharia estranho [...] eu não acharia nada sério. Mas como já vi, e vi que se pode fazer um bom uso desses instrumentos, apesar da história que carregam. Eu acharia normal.

Identifiquei nessas declarações indicadores, se bem que frágeis, de um etnocentrismo religioso com tendências racistas. Fiz minha análise tomando por base a teoria de Mary Douglas (*Pureza e Perigo*). Ela associava a sujeira ao *status* simbólico de desordem. Para os que recusavam a influência do que se chama “cultura negra” no ritual protestante, era preciso eliminar a sujeira, representada pelo novo estilo musical, como condição primeira de

² Chamo de “cultura negra” todas as manifestações que enfatizem o fenótipo negro e suas tradições culturais, herdadas do continente africano, mas cultivadas no Brasil ao longo de décadas, a exemplo das músicas executadas prioritariamente com instrumentos de percussão; dos adeptos das religiões afro-brasileiras; dos que assumem uma estética corporal que dá ênfase à sua cor, seu tipo físico e seu tipo de cabelo (vestuário e modelos de penteados); dos que se aceitam como negros, mesmo que possam ser classificados como pardos etc. Ou utilizando o conceito de Sansone (2003:26, nota 7): “...‘cultura negra’, na forma singular, é um conceito taxonômico básico, que se refere a diversos traços comuns na produção cultural das populações negras, em diferentes contextos”.

³ O frevo é uma música típica do Estado de Pernambuco e sua dança se chama “passo”. Trata-se de uma música que se executa principalmente durante o período do Carnaval.

restabelecer a ordem. Era preciso, portanto, separar, punir e purificar a influência musical para que fosse aceita de forma integral pelo grupo.

De fato, aquelas declarações submetiam signos da chamada “cultura negra” a um processo latente ou explícito de recusa, de inferioridade ou portadora de um caráter ameaçador. Em uma igreja, cujo pastor era negro, tive a oportunidade de testemunhar alguns fiéis que a ele se referiam pela cor negra, de forma pejorativa (quando nele identificavam algo que lhes desagradava), como forma de associar as falhas à cor da pele, ou seja, vinculavam possíveis erros a uma suposta inferioridade dos negros. Atitudes dessa ordem encontram-se com relativa frequência no universo protestante contemporâneo. Reproduz-se o preconceito fomentado pela sociedade mais ampla. São atitudes corriqueiras e, em geral, os atores sociais não se dão conta delas, apesar de disseminarem uma doutrina que enfatiza a igualdade⁴.

Declarações com esse teor e outras observações estimularam-me a estudar, de forma empírica, a possibilidade de encontrar no interior dessas igrejas as mesmas atitudes que se encontram no exterior.

Em realidade, essas visões de mundo podem ter sua gênese numa trajetória histórica onde as teorias científicas ou pseudo-científicas, inclusive as antropológicas, justificavam as diferenças cromáticas ou biológicas em detrimento dos negros, e que repercutem nos nossos dias.

Gould (1999:18) confirma essa visão ao assinalar a influência exercida pela ciência nos conceitos relativos a raça, nos séculos XVIII e XIX, que isentou de dúvidas a sociedade, os líderes e os intelectuais da época, quanto à hierarquização social, em que os brancos apareciam no topo, os índios em posição intermediária e os negros abaixo dos dois. Posições diferentes se cristalizavam: umas afirmavam a inferioridade do negro e justificavam a escravidão⁵ e a colonização pela sua condição biológica. Outras ratificavam sua inferioridade, porém defendiam a liberdade pessoal como algo que não dependia do nível de inteligência. Nos que integram o segundo grupo, as opiniões divergiam apenas quanto à origem da inferioridade dos negros: para algumas, educá-los e elevar seu padrão de vida poderia colocá-los no mesmo nível dos brancos; para outras, era imutável a sua incapacidade.

⁴ Em “A Viagem do Beagle”, Darwin (*apud* GOULD 1999:24) indigna-se ao constatar, perto do Rio de Janeiro, uma série de comportamentos violentos praticados por pessoas da sociedade da época, e escreve: “E essas são coisas feitas por homens que afirmam amar ao próximo como a si mesmos, que acreditam em Deus, e que rezam para que Sua vontade seja feita na terra!”

⁵ Alguns teólogos defendiam a escravidão, tinham-na como “uma instituição ordenada por Deus” e defendiam a idéia de que “o negro era um descendente de Cam, amaldiçoado por Deus para ser sempre o servo dos servos de seus irmãos” (RIBEIRO *apud* AQUINO 2001:50).

Na verdade os argumentos não colocavam em contraste igualdade com desigualdade. O ponto de convergência era a inferioridade, não importava se biológica ou cultural.

Nesta Tese proponho-me a identificar se o racismo, tal qual se manifesta na sociedade brasileira, existe no ambiente protestante, tanto no plano individual quanto no coletivo. Do lado do protestantismo, identifica-se uma doutrina de igualdade entre seus integrantes. Em oposição, o racismo evidencia a desigualdade. Estudo o cruzamento dos dois, não para fazer a tradicional correspondência protestantismo/racismo⁶, mas primeiro para constatar se se trata de uma reprodução do que se passa na sociedade, segundo para verificar se há uma contradição entre o que se diz e o que se faz, e terceiro para ver se há eventuais especificações do racismo entre os protestantes.

Parti da concepção do racismo como um construto social que assume conotações específicas em diferentes lugares. Aqui sigo a via racial. Sabe-se que a manifestação do racismo caracteriza-se por uma valorização exagerada de certos aspectos em detrimento de outros; da recusa do *diferente*, da *alteridade*. Se bem que a multirracialidade, o heterocromatismo e o multiculturalismo que caracterizam o Brasil criem grandes dificuldades de se estabelecer uma taxonomia, os dados oficiais registram uma população negra de cerca de 45% da população total.

Neste país o racismo constrói-se sobre a cor escura da pele, os cabelos crespos e outras características físicas às quais se agrega a classe social. É o racismo de marca, de aparência. Muitos estudos mostram a precariedade da integração dessa população na sociedade. Lancei, pois, meu olhar sobre os protestantes a fim de perceber se esta precariedade apresenta-se também entre eles, com relação à população negra, quais os caminhos de integração ou, por outro lado, de desintegração.

Não obstante, se se pergunta a um fiel de uma igreja protestante se há racismo no protestantismo brasileiro ele negará. Dirá que todas as pessoas são iguais diante de Deus e que não há diferença entre os seres humanos. Provavelmente ninguém admitirá que o racismo tem seu lugar nas igrejas que compõem esse segmento religioso, o qual professa hoje, segundo Aubrée (2002),

um credo universalista e igualitário que exclui, em princípio, a segregação a priori uma vez que todo ser humano é susceptível de ser “salvo” pela conversão a uma ou a outra das formas de cristianismo protestante.

⁶ Resumida na sigla em inglês WASP (White Anglo-Saxon Protestant), ou seja, branco, anglo-saxônico, protestante.

Pode-se confirmar esta assertiva na doutrina protestante que diz: *todas as pessoas são uma em Cristo*.⁷ Esta posição, no entanto, suscita uma questão:

Este discurso corresponde à prática religiosa protestante?

Um paradigma que utilizo para compreender esse tema diz que a religião é o que a religião faz (EVANS-PRITCHARD 1978). Isto me faz mergulhar no cerne da questão principal:

Os protestantes brasileiros reproduzem o mesmo fenômeno social que se encontra na sociedade brasileira no que se refere às relações raciais, em particular as relativas ao negro?

Ou dito de outra forma:

Constata-se a presença de um racismo de marca, de aparência, ao qual se associa, por vezes ou quase sempre, ao preconceito de classe social no universo protestante brasileiro?

A *priori* pensei que sim. Depois de iniciar a pesquisa senti ser necessário ir um pouco mais longe e acrescentei outra questão:

Trata-se de um racismo semelhante ao existente na sociedade brasileira ou é um racismo que recusa uma cultura religiosa demonizada pelos protestantes, cuja gênese está no continente africano?

Na minha pesquisa a recorrência de respostas está nesta última pergunta. Na hierarquia da Igreja encontro os fenótipos negros, pardos, morenos, cafuzos, morenos claros, segundo a taxonomia estabelecida por meus interlocutores. Constato, pois, ausência ou uma certa leveza do preconceito, seja por sua superação a partir da doutrina de igualdade (*Deus não faz acepção de pessoas*, frase muito repetida entre meus interlocutores) a que são submetidos, seja por uma ignorância que se manifesta na indiferença. Minha percepção não se baseia unicamente na participação na hierarquia, mas no comportamento que insiste em exalar dignidade e nas frases proferidas que contribuem para elevar a auto-estima dos fiéis. Lembro, por outro lado, que em ciência nada é definitivo. Outros estudos realizados em outros locais podem concluir diferentemente.

⁷ Epístola de Paulo aos Gálatas, capítulo 3, versículo 28 (*Bíblia de Estudos de Genebra* 1994:1394).

Questionados quanto à manifestação de algum tipo de discriminação dentro da Igreja, alguns dizem que *não notam* e que *não estão ali para observar essas coisas, e sim para agradar a Deus*; outros afirmam que *se antes eram bonitos agora o são muito mais por serem filhos do Rei, por terem a beleza de Cristo e que quem aceita a Cristo, não pode ser feio*. Consideram que o acesso a Cristo independe de aparência física.

Fiz minha etnografia inicialmente em três igrejas – Batista, Internacional da Graça de Deus e Universal do Reino de Deus – que representam as três categorias utilizadas pela maior parte dos autores ao caracterizarem o protestantismo brasileiro: histórica, pentecostal e neo-pentecostal. Encontrei nessas igrejas a pardização que caracteriza a sociedade brasileira, particularmente a região nordeste brasileira. E também ficou clara a presença não somente de negros, mas também de pardos, além de brancos (poucos) na hierarquia de cada uma delas. Na Batista, negros ocupando os cargos de diáconos, diaconisas, regente de música, líder de conjunto musical, professor do Ministério de Ensino. Na igreja Universal e na igreja da Graça, constata-se a presença de negros nas funções de obreiras, obreiros, evangelistas, pastores. Nas duas últimas, muitos negros entre os que estavam participando dos cultos sem ocupar uma função específica além de fiel.

Registro que, embora tenha iniciado a etnografia simultaneamente nas três igrejas, fiz na igreja Universal algumas observações sistemáticas, na igreja Batista cheguei ao nível da observação participante e na igreja da Graça ultrapassei essas duas barreiras com entrevistas e com uma maior duração de estada no campo. A maior parte deste trabalho, portanto, tem como base principal a Igreja Internacional da Graça de Deus.

Quanto ao racismo como construção social própria de cada sociedade, mas refletindo a marginalização de certas categorias sociais essencialmente por causa de seu fenótipo, isto encontrei, mas muito sutilmente. Na verdade alguns fiéis com os quais mantive longas conversas em forma de entrevista, negavam completamente qualquer ação discriminatória contra eles e se sentiam completamente integrados às suas igrejas, exercendo sua fé como qualquer outro que tivesse características de branco. Diziam, sim, que, após pertencerem às respectivas igrejas, se *sentiam mais bonitos porque agora eram filhos do Rei e estes são sempre belos*.

De fato, isto é o que foi dito, mas os cabelos alisados para se adaptarem ao padrão exigido pela igreja – no caso da neo-pentecostal – e algumas frases durante a entrevista denotaram resquícios de preconceito, mas sem que isto se configurasse um problema para aquelas pessoas.

Encontrei esses indícios mais amiúde na igreja neo-pentecostal. Pessoas cujas origens religiosas estavam fincadas no xangô, na umbanda ou no espiritismo, usando a linguagem da maioria delas. E todos, sem exceção, associam essa fase da vida que antecede a sua entrada na igreja protestante, como momentos de trevas, de erros, de pecados. E abominam-nos fortemente. Não é por acaso que os Pastores dessa igreja recorrem sempre ao exorcismo principalmente daquilo que consideram ameaçador: o inimigo, o capeta, o tranca-ruas, a pomba-gira, Exu, os omolus etc., ficando muito claras as “afinidades eletivas” com entidades presentes no panteão ou no imaginário das religiões afro.

Apresento minha tese em seis Capítulos distintos e interrelacionados, antecidos por uma **INTRODUÇÃO**.

No **CAPÍTULO 1 (RELIGIÃO: UMA VISÃO DE MUNDO)** faço uma digressão de religião, da ciência social, do sagrado e do profano, das crenças e dos ritos. Caracterizo as religiões monoteístas e apresento as percepções de alguns autores quanto à posição da religião nas sociedades e insiro o protestantismo com suas especificidades, para só então abordar as categorias protestantes na sociedade brasileira, caracterizando-as também e contando um pouco a sua história. Faço também uma breve incursão sobre as religiões afro-brasileiras, que surgiram nas falas dos meus interlocutores e nas prédicas pastorais e, portanto, vão estar na tese em permanente diálogo.

No **CAPÍTULO 2 (ITINERÁRIOS DA PESQUISA)** descrevo a metodologia utilizada para obtenção dos dados da pesquisa, bem como minhas primeiras impressões de cada igreja que pesquisei. Mostro meus critérios de escolha dos interlocutores. Incluo, para melhor concretizar meu campo de estudo, os cenários que classifico de quantitativo e qualitativo. Neles busco dar uma idéia o mais precisa possível do campo de estudo. Embora, como bem assinala Berreman (1990:140-143), sendo uma intrusa naquele ambiente, correndo o risco de não ser aceita pelo grupo, vivenciando revelações e ocultações recíprocas, propus-me ao mesmo tempo compreender que mesmo se não conseguisse revelações interiores dos meus interlocutores, aceitar suas versões oficiais, uma vez que estas expõem o que o grupo aprova diante de estranhos, dos que não pertencem a ele. Não por acaso ZALUAR (1990:10) afirma que ao interagirmos com o sujeito em estudo devemos estar alerta para o fato de que, tanto quanto nós, ele age, pensa, interpreta e explica a realidade em que vive. Nesse processo dialógico, construo a realidade junto com ele.

No **CAPÍTULO 3 (AS IGREJAS ESTUDADAS)** faço uma descrição do campo formado inicialmente pelas três igrejas representativas das diferentes categorias protestantes – histórica, pentecostal e neo-pentecostal. Situo cada uma delas no tempo e no espaço, típico

seus fiéis, sua liderança, explico o seu funcionamento e descrevo seus tipos de reuniões. Evidentemente detenho-me com maior intensidade e quantidade de detalhes na igreja da Graça, por ter sido nessa igreja que dediquei um tempo mais longo ao trabalho de campo e, em consequência aprofundei mais o estudo. Por isso, aos aspectos já citados, acresço a influência dos meios de comunicação para a disseminação dessa crença, a ideologia do sucesso, o espaço físico como símbolo de prosperidade, o vestuário como característica de pertencimento e de prestígio, a socialização na comunidade, a autoridade do Pastor, o caminho a ser trilhado para se tornar um Pastor ou um Obreiro e a relação com outras igrejas. Destaco ainda a trajetória de um jovem Pastor.

No **CAPÍTULO 4 (PROCESSO DE RACIALIZAÇÃO)** dou uma visão panorâmica das teorias racistas que grassaram no mundo e que modelaram, e modelam ainda hoje, muitas visões e comportamentos relativos a certos grupos sociais, em especial o dos negros. Mostro também a desconstrução de algumas dessas teorias que se propunham prioritariamente a reafirmar o *status quo* da época em que elas foram elaboradas. Faço um breve relato sobre o racismo no Brasil, a partir de alguns autores que pesquisaram o tema, e informo sobre alguns estudos divulgados recentemente que ratificam a precariedade da inserção do negro na sociedade brasileira. Trago, enfim, à luz, algumas ações conjuntas de Movimentos Sociais e Governo que viabilizam o discurso de minimizar os efeitos da discriminação racial.

No **CAPÍTULO 5 (O EXERCÍCIO RELIGIOSO NA COMUNIDADE NEO-PENTECOSTAL)** concentro-me no ritual da igreja da Graça, por razões já apresentadas. Essa descrição inclui entre outros elementos vitais para a dinâmica dessa igreja, orações (algumas são ditas como possuindo poderes mágicos), exorcismos de entidades vinculadas ao panteão afro-brasileiro e associadas ao diabo, ao mal. Mostro ainda como a música exerce a sua função, não somente de animar os cultos, mas também de acalmar ou exacerbar emoções. As prédicas, plenas de orientações morais, espirituais, sociais, e os testemunhos de curas e de vitórias alcançadas em diversas áreas da vida do adepto, também integram o exercício religioso. Exercício cujo momento das ofertas em dinheiro é dos mais importantes, sobretudo como meio de agradar a Deus. Por fim comento como a reverência é vivenciada nas reuniões, onde os aplausos se manifestam constantemente, alguns programas especiais que vi acontecer e os diversos ritos que levam ou confirmam o pertencimento a essa igreja: conversão, batismo nas águas, batismo do Espírito Santo, Ceia do Senhor.

No **CAPÍTULO 6 (AUSÊNCIA, LEVEZA OU INDIFERENÇA À DISCRIMINAÇÃO RACIAL)** fixo-me em alguns aspectos que me levaram a assim titular

este capítulo. A configuração cromática dos fiéis é um deles, com hegemônica pardização. Localizo o negro enquanto participante do grupo social e a sua forma de inserção nesse grupo. Este tem presença significativa e igualitária na hierarquia da igreja. Não se identifica preterição por ser negro. Isto, no entanto, não anula alguns dos resquícios de discriminação racial em sutis frases dos meus interlocutores, mesmo que a razão recuse admitir a presença de qualquer tipo de racismo. Alguns padrões de beleza justificam também modelos adotados que se aproximariam mais dos fenótipos brancos, como os cabelos alisados e com um penteado próprio para o tipo do cabelo liso. “Afinidades eletivas” com as religiões afro-brasileiras podem ser identificadas nessa comunidade religiosa e se expressam de várias maneiras: o transe, a glossolalia, os “fetiches”. E é justamente esse fato que chamo a atenção. Comecei em busca de racismo e encontrei leves toques de preconceitos. O que se apresentou com maior intensidade foi a recusa, não do negro, mas do que tem raízes nas religiões afro-brasileiras.

Finalmente nas **CONSIDERAÇÕES FINAIS** faço uma breve retrospectiva da trama tecida nos **CAPÍTULOS**, e ao mesmo tempo apresento a defesa da tese que construí a partir de argumentos utilizados capítulo por capítulo.

A densa etnografia – aqui relatada em parte – em que baseio esta Tese, está posta num contexto dialógico com diversos autores. Levei em conta o que Motta (2001b) propôs com relação às ciências sociais: “...mais estudos empíricos e menos comentários de Max Weber”. Esse autor assim se posiciona ao comentar a relevância do nível empírico para se verificar como as diferentes religiões atingem as diversas camadas sociais.

A Tese tem ao seu final a **BIBLIOGRAFIA** utilizada e os **ANEXOS** que dão suporte ao que foi exposto.

CAPÍTULO 1 - RELIGIÃO: UMA VISÃO DE MUNDO

Começo esta tese caracterizando a religião e explicando o significado que ela tem tanto para o indivíduo como para a sociedade. Cada religião busca dar uma explicação à existência humana – nascimento, vida e morte. Daí não só a adesão e devotamento de fiéis – como manifestação privada ou pública –, mas também o interesse com que os estudiosos sobre ela se debruçam como um objeto permanente de investigação.

A sua influência, seja do ponto de vista individual ou coletivo, assim como a recorrência de sua presença sob as mais diversas formas, podem levar o estudioso a pensá-la como sendo um estado natural dos seres humanos. É o que esta passagem de Durkheim (1996:4) sugere:

Para aquele que vê na religião uma manifestação natural da atividade humana, todas as religiões são instrutivas, sem exceção, pois todas exprimem o homem à sua maneira e podem assim ajudar a compreender melhor esse aspecto de nossa natureza.

Natural ou não ela continua a ser uma realidade na vida das pessoas e, em algumas sociedades, com muito mais intensidade. Para clarificar essa atuação, tomo por base alguns autores que discutem o tema. Discorro sobre as religiões monoteístas e sua influência no mundo. Dentre elas destaco o cristianismo e como subdivisão o protestantismo, com suas especificidades na sociedade brasileira, e conto um pouco a sua história.

Faço uma breve abordagem das religiões de origem africana, presentes na população brasileira e mostro como entre elas e as vertentes protestantes, em particular as de caráter pentecostal e neo-pentecostal, podem ser divisados pontos de intersecção.

Trata-se, contudo, de uma visão panorâmica. Ainda assim, teço minhas reflexões sem perder de vista o meu propósito: compreender as relações raciais atreladas ao fenômeno religioso.

1.1 Religião

Alves (1999:9) foi escolhido para introduzir o tema. Em suas reflexões sobre religião, identifica entre todas um ponto em comum: o sentido que elas buscam dar à própria vida, ou nas palavras do autor

...talvez seja esta a marca de todas as religiões, por mais longínquas que estejam umas das outras: *o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido.*

Para esse autor, por mais que se secularizem os símbolos religiosos, a função religiosa permanece. Argumenta que são

Promessas terapêuticas de paz individual, de harmonia íntima, de liberação da angústia, esperanças de ordens sociais fraternas e justas, de resolução das lutas entre os homens e de harmonia com a natureza, por mais disfarçadas que estejam nas máscaras do jargão psicanalítico/psicológico, ou da linguagem da sociologia, da política e da economia, serão sempre expressões dos problemas individuais e sociais em torno dos quais foram tecidas as teias religiosas (*ibid* 12-13).

A religião é apresentada como uma forma de se ter esperança de que um dia o desejo (privação de alguma coisa) se realize. E enquanto este dia não chega “resta cantá-lo, dizê-lo, celebrá-lo, escrever-lhe poemas, compor-lhe sinfonias, anunciar-lhes as celebrações e festivais” (*ibid* 23).

E todo esse festejo se realiza através da religião que se concretiza como uma “teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza” (*ibid* 24).

Segundo ainda esse autor (*ibid* 24), não há nada de extraordinário na composição das religiões. Na realidade

Há *coisas* a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros... e também *gestos*, como os silêncios, os olhares, rezas, encantações, renúncias, canções, poemas, romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações (*ibid* 24).

Tudo isso leva o ser humano a ver que tanto as *coisas* como os *gestos* podem habitar o mundo do sagrado como o do profano. São os homens que definem esta classificação pelo valor que atribuem a cada coisa e a cada gesto.

1.1.1 Religião x Ciência Social

O estudo das religiões balizado por métodos científicos, data do século XIX, o que faz a ciência das religiões ser considerada ainda muito jovem. Desvendar o que as diversas religiões têm em comum como ponto de partida para compreender o seu processo evolutivo, a

sua origem e a sua forma, foi o que propôs essa ciência como objeto de estudo (ELIADE 1992:1).

As cátedras universitárias – no caso de história das religiões – que corroboraram seu *status* de ciência surgem em Genebra (1873), na Holanda (1876), no Collège de France (1879) e na École des Hautes Études da Sorbonne (1885), na França. Em paralelo, na Universidade Livre de Bruxelas (1884) e em Berlim, depois em Leipzig e em Bonn, na Alemanha, somente em 1910 (*ibid* 2).

Aos poucos surgiram suportes de disseminação desses estudos e dessas idéias, representados pela Revue de l'Histoire des Religions (1880), na França; pela publicação do Archiv für Religionswissenschaft (1898), em Friburg-Brisgau, Alemanha; pela revista Anthropos (1905), por iniciativa de Wilhelm Schmidt, em St. Gabriel-Mödling, próxima a Viena, na Áustria; e Studi e Materiali di Storia delle Religioni (1925), na Itália (*ibid* 2).

Em Estocolmo (1897), teve lugar o primeiro Congresso Internacional de Ciência das Religiões; em Paris (1900), o Congresso de História das Religiões e o oitavo em 1955, em Roma (*ibid* 2). Esses fatos históricos dão uma idéia da mobilização intelectual, à época, em torno do tema. Daí em diante não parou mais de surgir estudos, pesquisas e teorias sobre religião.

A Antropologia, como parte das ciências sociais, firmou seus primeiros passos, sobretudo no conhecimento do homem religioso e na análise dos mecanismos mentais e comportamentais que modelam o ato religioso individual ou coletivo (PRANDI 1990).

Registre-se que, entre os antropólogos, o pensamento anti-religioso reinou como herança da sociologia (STEIL 2003:152). Os antropólogos identificaram algo a fazer diante da crise que se instalou na história do pensamento, como é possível perceber no comentário, em 1878, de Max Muller (*apud* EVANS-PRITCHARD 1978:139-140).

...todos os dias, todas as semanas, todos os meses, as revistas mais amplamente lidas parecem agora conjugadas para nos dizer que o tempo da religião passou, que a fé é uma alucinação ou uma doença infantil e que os deuses foram finalmente encontrados e destruídos.

Em realidade, a religião, um dos traços culturais das sociedades, tinha no início do século XX um prognóstico desalentador, uma perspectiva de final de linha, de inutilidade. Previa-se o seu fim. Não obstante, estudos têm demonstrado que, sob variadas formas, ela atravessou toda a história conhecida da humanidade, contrariamente aos que, desde meados do século XVIII e XIX anunciavam o seu fim, a exemplo dos que envidaram esforços para

por um fim na transição – “entender o presente para dominar o futuro” – causada pela Revolução Francesa. Refiro-me a Saint-Simon⁸ e a Augusto Comte. A criação da Sociologia como ciência tem origem nesses dois autores e vem ao encontro da idéia da “morte de Deus” e de “fazer prevalecer o verdadeiro ponto de vista humano”. Para eles “Deus usurpava o lugar da Humanidade” e, por isso “a grande concepção da Humanidade vem eliminar irrevogavelmente a concepção de Deus” (SOMBART 1955). Passar do estado teológico para o positivo, como sugeria Comte na sua lei dos três Estados cognitivos do ser humano (Teológico, Metafísico e Positivo), era fazer a Sociologia substituir a religião (MOTTA 2002).

Além desses autores, outros como Weber⁹ procuram dar ênfase à religião como uma consequência da modernidade. Mostra que a eliminação da magia como meio da salvação da alma, ou seja, a constatação do “desencantamento” do mundo, foi levada às últimas consequências pelo calvinismo, uma vez que “O Deus do calvinismo exige aos seus fiéis não ‘boas acções’ isoladas mas uma vida inteira de boas acções erigidas em sistema” (WEBER 1996:101).

Em relação ao século XIX, Evans-Pritchard (1978:148-149) afirma que era consenso a assertiva de que “quanto mais simples a tecnologia e a estrutura social, mais degradados os conceitos religiosos e mesmo outros conceitos, também”. Mostra que a religião enquanto crença em espíritos ou no sobrenatural era considerada restrita aos povos denominados incultos, pouco desenvolvidos, primitivos – idéia dominante entre os estudiosos e o senso comum dela apropriou-se –, cujas mentes não tinham ainda sido atingidas pelas luzes científicas, essas sim capazes de responder perguntas vitais e tirar do obscurantismo mental e comportamental os que por elas fossem iluminados.

No final do século XX a reflexão sobre religião continuou. Gauchet (1985:76,133) considera o cristianismo como “...a religião da saída da religião”¹⁰, em que se constata “...a reconstrução do cotidiano dos homens sem dependência divina”¹¹, ou seja, o “fim” ou a “saída” da religião não está diretamente ligado à consciência do ator social, mas à sua prática religiosa que se traduz nas decisões e comportamentos pessoais do dia a dia, onde não há lugar para uma dependência divina.

Outro autor volta a abordar o desencantamento do mundo, vendo-o do outro lado do espelho. Para Corten (1995:10), entre os pobres – refere-se nesse caso ao Brasil

⁸ (1760-1825).

⁹ Max Weber (1864-1920).

¹⁰ “...la religion de la sortie de la religion”.

¹¹ “...la reconstruction du séjour des hommes à part de la dépendance divine”

contemporâneo – não houve desencantamento, mas uma verdadeira “insurreição emocional” com caráter religioso. Essas afirmações advêm de suas observações sobre grupos pentecostais brasileiros entre os quais ele constata [...] “o ‘falar em línguas estranhas’, as intervenções anárquicas da palavra, a cura divina, o exorcismo, etc.”¹².

Nesse vai-e-vém interpretativo, não posso deixar de registrar Fath (2004) ao se referir às Organizações Não-Governamentais (ONGs) confessionais como possível “sintoma de reencantamento do espaço público”. Penso, então, na circularidade do encantamento/desencantamento/ reencantamento que a religião continua a produzir no mundo, mesmo neste início do século XXI. Torna-se, pois, difícil, se não impossível, negar sua presença no interior dos indivíduos, quicá das sociedades, embora admitindo que não se processa de forma homogênea, unívoca. Pelo contrário, a sua influência assume um caráter tão diversificado quão diversificada é a manifestação religiosa.

Estes comentários são para dizer que a sistematização da ciência social, inclusive a ciência das religiões, foi insuficiente para varrer a religião do mundo, do coração e da ação humana.

Motta (2001) mostra a relação íntima entre a religião e a ciência social ao se referir ao processo acelerado de *descatolicização*, nas últimas quatro décadas no Brasil, correndo em paralelo ao crescimento de religiões afro-brasileiras, pentecostais e neo-pentecostais. Sublinha o papel da ciência social, exercido por antropólogos e por outros especialistas e pergunta:

Porque, tudo bem pensado, o que é a ciência social, segundo o projeto de Comte, retomada ao menos implicitamente por Durkheim, Radcliffe-Brown, Geertz, etc, etc, senão uma forma aperfeiçoada de religião, a religião da humanidade, ou, pelo menos, o que é a religião senão uma forma atrasada de ciência social?

Semelhantemente Alves (1988:34) discute o tema. Faz uma comparação entre a ciência e a religião. Opta por um caminho crítico à ciência quando considera que esta, querendo justificar a sua neutralidade e objetividade em comparação com a religião, passa a ter atitudes dogmáticas diante dos seus próprios estudos.

Na sua concepção, a ciência é apresentada como um deus substituto dos outros deuses e muitos que a ela aderiram mantêm um comportamento tão fundamentalista quanto os fundamentalistas religiosos, pois todos os seus paradigmas passam pelo diapasão da

¹² “le ‘parler en langues étranges’, les interventions anarchiques de la parole, la guérison divine, l’exorcisme’, etc.”

ciência.(*ibid* 36). Por isso a analogia que ele faz da mágica fraca com a religião e da mágica forte com a ciência. Assim se expressa esse autor:

A de que a substituição da religião pela ciência tenha sido algo semelhante à troca de uma mágica fraca por uma mágica forte, de uma mágica destituída de status e progressivamente marginalizada, por uma mágica que dá status e que ocupa o lugar central da sociedade (*ibid* 85-86).

Esse mesmo autor dirige críticas à religião quando esta assume ora um papel de vanguarda ora de manipuladora. E quanto à ciência, sugere que ela “se tornou conservadora e comprometida com as tendências mais desumanas da nossa civilização não em decorrência de acidentes históricos, mas em decorrência da própria metafísica da ciência” (*ibid* 95).

Mostra finalmente, esse autor, que, apesar das profecias do desaparecimento da religião – principalmente entre os cientistas –, ela ressurgiu de outras formas, como o pentecostalismo, as seitas orientais, as auto-ajudas etc. Observa que o mais interessante é que essas formas têm emergido com mais força nos centros humanos mais secularizados, mais burocráticos, considerados mais racionais. E conclui afirmando que enquanto o homem for possuído de medo e de amor, a religião subsistirá de alguma forma (*ibid* 58).

Na contemporaneidade, o fenômeno religioso muitas vezes apresenta-se sob novas vestimentas. Assumindo formas diversificadas ou mantendo sua tradicional configuração, a religião tem espaço reservado na vida humana e na sociedade e, embora se constate um aumento no distanciamento do fiel com relação às instituições que encarnam as religiões que representam, o sentimento, a busca, o caráter religioso continuam a existir. Exemplo disso são as Organizações Não Governamentais (ONGs) confessionais, que confirmam esse universo de matizes tão diferentes. Estas quase sempre sob o manto humanitário têm sua gênese, com frequência, em instituições religiosas tradicionais, ou têm as raízes de seus fundadores fincadas em um credo religioso específico¹³. E assim, esses fundadores direcionam as ações daquelas organizações a partir de seus próprios princípios e crenças religiosas.

A substituição completa da religião pelo conhecimento científico, o prognóstico de que a própria sociedade através desse conhecimento, encontrariam respostas antes buscadas na religião, não se confirmaram integralmente no século XXI. De fato, o

¹³ Fath (2004) discorre sobre a ONG *Samaritan's Purse*, organização dirigida pelo ultra-conservador Franklin Graham, filho do famoso pastor eletrônico Bill Graham, dos EUA. Enquanto De Galember (2004) comenta o peso do islamismo sobre as ações do Comité Catholique contre le Faim et pour le Développement (CFFD) nos países do Maghreb e Machrek. Ollitrault (2004), por sua vez, apresenta as ONGs anglo-saxônicas de caráter humanístico e como continuação das missões religiosas. Esta última autora reforça a idéia de que hoje muitos missionários são fundadores de ONGs confessionais.

conhecimento científico aumentou geometricamente, a ciência vem dando inúmeras respostas às questões do bem-estar social e material da sociedade, mas o ser humano continua buscando respostas para seus problemas não somente existenciais, mas também materiais, na religião e, paralelamente ao contínuo desenvolvimento científico, a religião cresce e intensifica-se. O espectro religioso aumenta diuturnamente e de há muito não se fala em religião, mas em religiões. A modernização que levaria o homem à secularização – a religião à margem da vida pública e com fraca influência na vida das pessoas –, dá indícios de que não se efetivou. Encontro apoio em Geertz (2001:153) para fortalecer as idéias aqui esboçadas: “Em todos os lugares vemos concepção de cunho religioso sobre o que é tudo”.

Não se pode, contudo, falar em religião sem se conceituar sagrado e profano, crenças e ritos.

1.1.2 Sagrado e Profano, Crenças e Ritos

Busco em Durkheim (1996) explicações para esses quatro elementos que segundo esse autor integram, em geral, os sistemas religiosos.

Começo pelo Sagrado e o Profano. A etimologia da palavra Sagrado tem origem no latim *sacratus*, *a*, *um*, particípio passado de *sacrare* que significa “consagrar, sagrar, dar caráter sagrado ao; votar, dedicar” (HOUAISS e VILLAR 2001:2496). Percebe-se desde já um sentido de separação.

Em realidade o Sagrado está imbricado com as crenças as quais explicarei mais adiante. Estas supõem uma taxonomia das coisas como reais ou ideais

...que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras *profano* e *sagrado* traduzem bastante bem. (DURKHEIM 1996:19)

Essa idéia, que denotaria o pensamento religioso, expõe um mundo compartimentado, de naturezas diferentes e incompatíveis. O caráter sagrado pode ser atribuído a uma lenda, a uma árvore, a uma palavra, a um objeto qualquer, que constituem representações ou sistemas de representações (*ibid* 19-20). São as sociedades, através da religião, que valorizam algo como sagrado, como separado do uso comum. Daí ser necessário compreender essas duas dimensões, ao se falar em religião.

O autor distingue o Sagrado em relação ao Profano pela sua *heterogeneidade absoluta*. Identifica-os como dois mundos incommunicáveis. Há uma separação entre eles e uma interdição do Profano em relação ao Sagrado. Argumenta que

As coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer à distância das primeiras (*ibid* 24).

Para ele, o que é Sagrado não pode ser tocado impunemente pelo Profano. Divisa, no entanto, possibilidades de se fazer a transposição dessas fronteiras. É através dos ritos. Estes têm, entre outras, essa função. (*ibid* 23-24). São eles que promovem esse contato. Mesmo quando o acesso ao Sagrado seja permitido apenas a alguns escolhidos ou treinados para tal.

Em algumas ocasiões são os ritos os responsáveis por uma passagem definitiva – do Profano para o Sagrado –, a exemplo da vida monástica onde se organiza fora do meio natural em que vive o homem um outro meio artificial; do ascetismo místico que se ocupa em apagar no homem toda a ligação que ele possa ter com o Profano; ou mesmo o suicídio religioso como forma de fuga definitiva, sem volta à vida profana (*ibid* 23).

Por isso, as crenças e os ritos, para esse autor, constituem duas faces distintas dos fenômenos religiosos. E explica:

Os fenômenos religiosos classificam-se naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As primeiras são estados da opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados. Entre esses dois tipos de fatos há exatamente a diferença que separa o pensamento do movimento. [...] Assim, só se pode definir o rito após se ter definido a crença (*ibid* 19).

Nesse movimento dicotômico, mas simbiótico – pois um existe em função do outro –, as crenças antecedem os ritos. Por isso mesmo elas integram o interior das pessoas, constroem e compõem o seu sistema cognitivo e de representações. Significam para esse autor o pensamento, ou seja, as “representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja entre si, seja com as coisas profanas” (*ibid* 24).

Quanto aos ritos, o autor a eles se reporta numa perspectiva de comportamento, de operacionalização, de fortalecimento das crenças, de movimento, além de terem uma função aglutinadora dos que compõem aquele grupo. Ter uma fé em comum e participar dos mesmos ritos contribui para a unidade de um grupo (*ibid* 28). E assim os conceitua como “regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas” (*ibid* 24).

E conclui com a definição que confirma a sua visão de indissociabilidade do Sagrado com a religião, uma vez que em torno do primeiro giram as crenças e os ritos (*ibid* 25):

Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem. (*ibid* 32).
...um todo formado de partes; [como] um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de cerimônias (*ibid* 18).

Nessa perspectiva sistêmica na qual se evidencia a indivisibilidade da religião, o autor põe em evidência que há um todo formado de partes que se interligam e se integram. As crenças e os ritos mostram-se num movimento circular e interativo sem fim com o sagrado e o profano.

1.2 Religião segundo alguns autores paradigmáticos

Passo, agora, a expor a compreensão sobre Religião a partir dos conceitos mais usuais de alguns autores paradigmáticos.

Em um dos ensaios que integra o seu livro “A Interpretação das culturas”, Geertz (1989:102) afirma a impossibilidade de estudar religião, do ponto de vista antropológico, sem admitir, como ponto de partida, as contribuições de autores, entre eles Émile Durkheim, que dominam até hoje o pensamento científico.

Tomo, pois, esse último autor mais uma vez como referência, para em primeiro lugar negar a falsidade de qualquer religião e ratificá-la como algo que envolve a sociedade como um todo ou em partes, conforme se expressa esse autor:

Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana. [...] a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos. Mas, então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos; também elas devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo (DURKHEIM 1996:VII, XVI).

Em segundo lugar quero mostrar como os sistemas religiosos têm sido estudados por diversos autores paradigmáticos, considerados clássicos para a Antropologia, alguns

também com lugar garantido na Sociologia. Em breves palavras, eis a essência de suas construções teóricas.

Edward Tylor¹⁴, na obra *Primitive Culture*, delineia uma teoria, o *animismo*, cujo teor principal é de que o homem primitivo via a natureza como um conjunto de seres animados, “dotados de essências espirituais móveis que sobrevivem aos próprios seres aos quais estão unidos e, portanto, com possibilidades de se transferir de um ser a outro” (PRANDI 1990:102,104). De fato, com essa perspectiva Tylor, além de explicar o culto dos mortos e dos antepassados, o fazia também sobre o nascimento de novos deuses (ELIADE 1992:11).

Herbert Spencer¹⁵, afirma que a origem das religiões deve ser buscada na crença em fantasmas, que evolui até a idéia de deuses. Considera o culto dos ancestrais “a raiz de toda religião” (EVANS-PRITCHARD 1978:40).

Bronislaw Malinowski¹⁶, fundamenta sua análise da religião ignorando o passado e introduzindo o conceito de função como satisfação de impulsos orgânicos de “exigências primárias da sobrevivência da espécie” (PRANDI 1990:104).

Lucien Lévy-Bruhl¹⁷, para quem a religião primitiva está umbilicalmente atrelada ao que ele próprio concebeu acerca da mentalidade “dominante nas sociedades iletradas”, ou seja, o caráter das representações coletivas e da lei geral que governa seu funcionamento. Este caráter é “‘místico’ quanto ao conteúdo das representações” e “‘pré-lógico’ quanto às relações entre estas últimas”. A lei é a da “participação”, onde o elemento cognitivo mistura-se ao emocional na psicologia primitiva. Na mentalidade primitiva “os seres, os objetos e os fenômenos podem ser eles mesmos e outra coisa ao mesmo tempo” (*ibid* 113-115).

A religião primitiva não constituía, pois, uma forma errada de interpretar o universo, mas uma forma coerente com as representações coletivas, ou seja, o modo de agir correspondia ao modo de pensar dos que a vivenciavam.

Émile Durkheim coloca a religião como um fato social, e prossegue afirmando que “a religião primitiva é um culto de clã e este culto é totêmico”, “o deus do clã é o próprio clã divinizado”, “o totemismo é a forma mais elementar, mais primitiva e – neste sentido original – de religião que conhecemos”. A sociedade adora a si mesma, ela é o próprio Deus. As idéias religiosas são um produto das mentes individuais, que uma vez reunidas em ação

¹⁴ (1832-1917).

¹⁵ (1820-1903).

¹⁶ (1884-1942).

¹⁷ (1859-1939).

coletiva, passam a ter vida própria ou se manifestam nos sentimentos, nas idéias, nas imagens (EVANS-PRITCHARD 1978:81,91).

Max Weber teve como centro de preocupação “a sociedade moderna e o peculiar processo de racionalização que a constituiu” e a religião como insumo para uma racionalização econômica, constituindo-se, ao lado do carisma, numa possibilidade de mudar a própria sociedade. Estuda a religião “na medida em que ela é capaz de formar atitudes e disposições para aceitar ou rejeitar determinados estilos de vida ou para criar novos” (MARIZ 2003). Tem como tarefa principal, segundo Motta (1995), “apreender ou compreender a conexão entre o espírito do capitalismo e a força espiritual, a ética ou o **ethos**, que o possa ter gerado”.

Marcel MAUSS fixou-se por um lado na magia que difere da religião por não se manifestar sob “formas culturais organizadas” e por outro lado na religião que suscita, por meio do mito e do rito, “situações de positividade e de confiança”, contrariamente à magia que se apresenta em ritos irregulares e, em geral, secretos e maléficos (PRANDI 1990:120).

Numa perspectiva marxista, Maurice Godelier analisa a religião como “fonte de legitimação das relações de poder”. E enquanto “ideologia comum” compartilhada por uma determinada sociedade, fornece elementos para uma “aceitação implícita de dependência dos dominados e, como tal se [explicita] como uma ‘violência sem violência’” (*ibid* 122-124).

Alfred R. Radcliffe-Brown defendeu a tese da universalidade do totemismo nas sociedades humanas, como uma lei geral de que qualquer objeto ou fato que contribuísse para o bem-estar material ou espiritual de determinada sociedade tenderia a se transformar num objeto de cunho ritualístico. Enfoca a religião como fator de solidariedade e mostra que a sua diversidade ajusta-se aos diferentes tipos de estruturas sociais (EVANS-PRITCHARD 1978:104,106).

Para Claude Lévi-Strauss “o mito é linguagem”. Resume seu pensamento sobre religião em dois pontos. No primeiro, diz que os homens têm uma maneira particular de ordenar os elementos de suas próprias histórias, e essa forma de organizar faz emergir suas preocupações inconscientes. No segundo, diz que o importante é como os mitos são pensados nos homens sem que estes se dêem conta, e não o que os homens pensam no nível consciente por meio dos mitos (PRANDI 1990:131-132).

Victor Turner organizou seu pensamento inserindo produções simbólicas, processos rituais e estruturas sociais “no vértice de um triângulo equilátero, no qual cada um remete aos outros dois numa circularidade que engancha o imaginário-simbólico ao social

sem tirar do primeiro a autonomia relativa das suas dinâmicas, enquanto estrutura constitutiva da humanidade” (*ibid* 139).

Considero também a importância para um pensamento antropológico, sobre religião, as contribuições teóricas de Clifford Geertz, que vê a religião como sistema cultural, e de Evans-Pritchard, que descreve a religião como parte integrante da estrutura social. É sobre suas idéias que me detenho mais demoradamente.

Começo por Geertz. Antes preciso deixar claro o que pensa esse autor (1989:22-24) a respeito de cultura, por ser fundamental para a compreensão da religião como sistema cultural. Em primeiro lugar, a sua abordagem é semiótica. Para ele o homem “é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, e a cultura constitui essas teias e a sua análise”. Em segundo lugar afirma que a cultura “é pública porque o seu significado o é e compõe-se de estruturas de significados socialmente estabelecidos”.

E sintetiza:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...], a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade.

Esse autor recusa a visão da cultura como “complexos de padrões de comportamento” (costumes, usos, tradições, hábitos), para abordá-la como um conjunto de “mecanismos de controle” (planos, receitas, regras, instruções), que regula o comportamento e do qual o homem é totalmente dependente. Essa espécie de programa reconhece os “símbolos significantes” identificados nas falas, nos gestos ou em qualquer outra coisa, desde que possa se distanciar da realidade e impor um significado à experiência. Esses “símbolos significantes” como sistemas organizados, constituem padrões culturais que, acumulados, formam uma cultura (*ibid* 56-58,61).

Ao transpor essas idéias para o campo religioso, conceitua religião como

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura da fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (*ibid* 105,143).

Os símbolos aos quais o autor se refere, contemplam quaisquer objetos, atos, acontecimentos, qualidades ou relações, desde que constituam elos de uma concepção, e essa concepção é o “significado” do símbolo.

No seu ensaio “Clifford GEERTZ: a religião e a cultura”, Giumbelli¹⁸ (2003:198-209) mostra que, em sua teoria geral, Geertz cria a assertiva de que “a religião serve tanto como base para formulação quanto como campo de aplicação”. Essa teoria está fundamentada no seu próprio conceito de cultura, como participando de uma idéia de que a sociedade ou cultura acha-se dominada por uma dimensão ideacional. Privilegia, no que se refere à análise da religião, a “dimensão cultural”, relacionando-a com dimensões sociais e psíquicas dos fenômenos religiosos. De fato, o autor analisado sugere que a teoria ideal da religião pressuporia uma “integração” entre aspectos históricos, psicológicos, sociais e semânticos. Traço fundamental no arcabouço teórico de Geertz é a interiorização da religião como parte da personalidade de cada indivíduo.

A religião, para Geertz, faz convergir duas dimensões que poderão ser encontradas em quaisquer grupos, respeitadas as especificidades de suas culturas. Por um lado, ele identifica o *ethos* que estabelece princípios, valores, estilos de vida, disposições morais e estéticas. Do outro lado, tem-se uma visão de mundo que está direcionada para a “metafísica, a cosmologia e a ontologia”. Nessa perspectiva, a religião comporta a fusão de dimensões intelectuais e emocionais.

Nessa simbiose de *ethos* e visão de mundo, a vida adapta-se ao que a visão de mundo descreve, enquanto a visão de mundo convence por se apresentar como verdadeira e por contribuir para acomodar o tipo de vida. A visão de mundo modela o modo de viver. Ao modelar o modo de viver, regula a vida do ser humano como indivíduo e como parte integrante de uma determinada sociedade.

Geertz (1989:106,108) fala ainda de padrões culturais, espécies de gabaritos fornecidos aos indivíduos que modelam o seu comportamento público ou, nas palavras do próprio autor, “dão significado, isto é, uma forma conceptual objetiva, à realidade social e psicológica, modelando-se em conformidade a ela e ao mesmo tempo modelando-a a eles mesmos”.

Exemplo de gabarito é o documento divulgado pelo Vaticano, em 2004, intitulado *Sobre a Colaboração do Homem e da Mulher na Igreja e no Mundo*¹⁹. Sua função principal é fornecer regras de comportamento para os católicos do mundo inteiro.

¹⁸ Esse autor afirma que Geertz nunca foi apenas um especialista na religião, pois outros temas dominaram a sua obra, como “comércio local, desenvolvimento econômico, estruturas políticas tradicionais, parentesco e vida familiar, arte, identidade, além da própria antropologia e seus praticantes”, algumas dessas ratificadas pelo próprio Geertz (1989:7).

¹⁹ O jornal O Estado de São Paulo, de 01/08/2004, na p. A17, em reportagem de Biaggio Talento, com AFP, AP e Reuters, divulgou diretamente da cidade do Vaticano, notícia sobre o documento de 37 páginas *Sobre a Colaboração do Homem e da Mulher na Igreja e no Mundo*, assinado pelo cardeal Joseph Ratzinger – hoje Papa

Geertz (*ibid* 110-112) argumenta, ainda, que as atividades religiosas provocam no fiel: i) “motivações” (que ele também denomina “tendências persistentes” ou “inclinações crônicas” e constituem caracterizações psicológicas) como inclinações que somente se tornam “significativas” de acordo com os fins para os quais foram concebidas e conduzidas (como praticar jejum ou auto-flagelação), e ii) “disposições” que se manifestam em consequência de um estímulo adequado (revolta suscitada a partir da agressão a um símbolo sagrado, por exemplo).

A religião tem que enfrentar alguns desafios (*ibid* 114,119). O primeiro, a perplexidade do fiel na confrontação com o caos, momento em que o homem busca explicações e cria conceitos de forma a amenizar a sua própria insegurança. Esse é um dos momentos em que o complexo de símbolos introjetados serve para garantir um equilíbrio entre a sua realidade individual e a realidade cósmica dando-lhe capacidade para compreender o mundo e controlar seus sentimentos e emoções diante do mundo. O segundo desafio refere-se ao problema do sofrimento, o que não significa evitar o sofrimento, mas torná-lo suportável.

A religião, portanto, modela a ordem social e torna-se poderosa exatamente porque dá novos significados a atos banais, através da experiência de cada um. Estudar, pois, religião, na perspectiva antropológica, pode se realizar em dois momentos:

no primeiro, uma análise do sistema de significados incorporado nos símbolos que formam a religião propriamente dita e, no segundo, o relacionamento desses sistemas aos processos sócio-estruturais e psicológicos (*ibid* 136,138-139,142).

Quanto a Evans-Pritchard começou a fazer diferença no meio antropológico ao associar teoria com descrição etnográfica, um dos seus grandes méritos (STEIL 2003:125). Ao refletir sobre as diversas teorias que de uma forma ou de outra privilegiam um viés pragmático da religião (elemento de coesão social, maneira de dar confiança ao homem diante dos desafios da vida), questiona sobre a veracidade e a possibilidade de se detectar a

Bento XVI – e divulgado no dia anterior (31 de julho) pelo Vaticano, cujo teor principal, segundo o jornal, é deixar clara a posição da igreja contra “o feminismo moderno, que luta pela igualdade entre os sexos, está acabando com o conceito tradicional de família e criando um ambiente propício a práticas condenáveis, como o casamento entre homossexuais”. O jornal transcreve alguns trechos do documento para respaldar sua própria interpretação: “A mulher, para ser ela mesma, se coloca como uma rival do homem. Aos abusos de poder, ela responde com uma estratégia de busca de poder e esse processo conduz a uma rivalidade entre os sexos”. Estas declarações refletem, segundo ainda o jornal, a posição do papa João Paulo II a favor do casamento tradicional que se intensificou “depois de uma onda de apoio à legalização de uniões gays nos Estados Unidos”. Não conheço o teor do documento, não sendo, portanto, uma fonte primária para mim, mas supondo que a versão dada pelo jornalista seja verdadeira, percebe-se a tentativa da igreja católica, como instituição, de estabelecer normas de comportamento para seus fiéis na vida em sociedade.

maneira e a intensidade desses efeitos na vida humana. Por isso defende a idéia de que, ao invés de os antropólogos buscarem respostas nos “textos sagrados, escritos teológicos, exegética, escritos místicos” o fazerem através do “povo comum”. Propõe, então, o seguinte paradigma (EVANS-PRITCHARD 1978:163-164):

O que interessa saber é como as crenças e práticas religiosas afetam as mentes em qualquer sociedade, como afetam os sentimentos, as vidas e as interações entre os membros da sociedade. [...] Para o antropólogo social, a religião é o que a religião faz.

Ou, dito de outra forma, interessa saber

quais os elementos comuns no comportamento do religioso das diferentes religiões e compreender como esses elementos estão relacionados a outros fatos sociais.

Despreocupar-se com a origem ou a essência da religião e buscar compreendê-la pela sua eficácia objetiva é o que Evans-Pritchard sugere para o estudo desse viés antropológico. Essa eficácia consiste em como a religião exerce, através dos personagens que a compõem, o seu papel de liderança, de obediência, de comando, de doação, de exigência etc., e como compreender a estrutura social da sociedade em questão e as relações sociais que dinamizam essa estrutura (PRANDI 1990:109-111).

Uma de suas pesquisas (a que realizou entre os Azande) lhe deu elementos para a elaboração dessa concepção. Constatando a universalidade da bruxaria entre aquele povo, mostra como o conceito sobre esse tema lhe oferece uma “filosofia natural”, por meio da qual explicitam-se entre os homens quaisquer infortúnios que possam ocorrer em suas vidas pessoais ou em suas atividades, individuais ou coletivas. Essas crenças sobre bruxaria estabelecem um sistema de valores que organizam a conduta humana, sob todos os aspectos, dentro daquela sociedade (EVANS-PRITCHARD 1978a:57-58). Esse autor resume a relação da bruxaria com a morte no seguinte enunciado:

Assim, a morte evoca a noção de bruxaria; os oráculos são consultados para determinar a direção da vingança; a magia é feita para executar essa vingança; os oráculos decidem se a magia executou a vingança; e depois da tarefa cumprida, as drogas mágicas são destruídas (*ibid* 278).

Cada religião, portanto, tem uma lógica própria que dará aos seus seguidores uma forma particular de encarar a vida e de enfrentar e de interpretar as adversidades por que passam. Não por acaso os integrantes da igreja da Graça são estimulados nas prédicas

pastorais a “amarrar”, a “expulsar”, o que vêem como inimigos espirituais e que possam estar impedindo-os de alcançarem uma relação mais íntima com o seu deus. Ou, por outro lado, a “determinar”, a “exigir”, do seu deus aquilo que querem conseguir para seu bem-estar.

Nesse sentido, as relações sociais podem assumir, nas estruturas vigentes das sociedades, um caráter libertatório, além de regulador. Esta afirmação é também apoiada por Corten (1995:10-13,15-17) ao fazer suas reflexões sobre o “romantismo teológico” e sobre a “teologia da libertação”, que aqui exponho com brevidade.

Inicialmente, comenta o autor, “à exceção dos países islâmicos, a esfera política e a esfera religiosa são distintas na maior parte dos países” e que separar em definitivo o político do religioso é “condição indispensável para um funcionamento democrático das instituições, ao abrigo das tentações totalitárias”. Mas que esta separação na América Latina não atinge os pobres²⁰. Cita o Brasil como exemplo onde, diz ele, os pobres são atores de uma “insurreição emocional”, que se manifesta pela glossolalia, por intervenções anárquicas da palavra, pela cura divina, pelo exorcismo, etc. “[N]O pentecostalismo [diz o autor] ao se converterem no Terceiro Mundo 150 milhões de pessoas, estas emoções não são fogo de palha, é uma insurreição permanente”.

A “insurreição”, segundo ele, não coincide com “alienação, refúgio, ópio do povo, maneiras mais habituais de qualificar a religião. Insurreição não é também revolução”. Faz parte, em realidade, de um universo inserido no “romantismo teológico”, expressão que o autor utiliza para explicar o comportamento do fiel pentecostal. Diz ele:

Elle [l’expression romantisme théologique] vise notamment à souligner que l’effet de ce type de discours théologique – produisant des énoncés non acceptables politiquement – est d’inciter non pas peut-être à la conscientisation, comme l’espéraient les théologiens de la libération, mais à une piété exuberante et insurrectionnelle²¹.

²⁰ Os pobres aos quais o autor se refere, formam uma categoria de pessoas com seus direitos sociais vilipendiados, carentes de qualquer ascensão social, com dificuldades de acesso à alimentação, à educação, à saúde etc., enfim a todos os direitos básicos do ser humano.

²¹ Ela [a expressão romantismo teológico] visa, sobretudo sublinhar que o efeito desse tipo de discurso teológico – produzindo enunciados inaceitáveis politicamente – é talvez não o de incitar a conscientização, como esperariam os teólogos da libertação, mas a uma piedade exuberante e insurrecional.

Parece-me uma das formas opcionais de “libertação” sociopolítica e econômica, oferecida no mercado religioso, porque nela também está incluída a prosperidade material como um direito “*dos filhos do Rei*”²².

Esse mesmo autor assinala como forma de “libertação” a chamada “teologia da libertação”, movimento social diferenciado de outros movimentos, pois “Sua ação direta não exprime uma demanda social determinada: custo de vida, transporte, saúde, terras, etc. Sua ação direta é essencialmente expressiva, é a participação”. Teve sua gênese na América Latina, com seu auge na década de 1960, e a “opção pelos pobres” foi a sua grande marca. Trabalhou na tentativa de promover a conscientização dos pobres para lutarem e exercerem seus direitos, a partir de uma concepção religiosa aplicada a uma realidade social. Sua ação tanto se prestou a uma regulação social como a uma libertação da própria condição de miserável.

Outra forma de “libertação” – nesse caso a religião como meio de ascensão social – sociopolítica e econômica e, ao mesmo tempo, de regulação social que se pode considerar (aqui não farei nenhuma análise exaustiva, quero apenas destacar essa possibilidade), é a imersão que Max Weber fez sobre as “afinidades eletivas” entre o protestantismo e o capitalismo ou como o *ethos* protestante adaptou-se bem ao desenvolvimento capitalista. Motta (1995), no ensaio “Notas para a leitura de ‘A ética protestante e o espírito do capitalismo’” destaca aspectos fundamentais da dimensão que Weber dá ao tema. Sublinho apenas alguns para embasar meu argumento de que o autor em foco fornece elementos para considerar o *ethos* sob uma perspectiva reguladora e ao mesmo tempo libertária da sociedade. Assim se exprime Motta (*ibid*):

Os comportamentos econômicos dependem de sistemas ético-religiosos. Portanto, o capitalismo moderno depende da ética de alguma religião. [...]
O espírito do capitalismo corresponderia, enfim, à consciência ou mesmo à angústia de bem realizar o dever profissional ou, dito de maneira ainda mais simples, ao que também se denomina ‘ética do trabalho’

A valorização do trabalho, profissão ou vocação **intramundana**, ou seja, o exercício de uma ascese intramundana pelo protestante traduz a desnecessidade de isolar-se do mundo para vivenciar a sua religião.

²² Expressão bastante utilizada entre os pentecostais para se situarem como filhos de Jesus Cristo, ao se converterem ao pentecostalismo.

Mostra-nos a história que algumas religiões predominaram nos últimos séculos ou ao menos atingiram a maior parte da população mundial. Fixo-me no próximo item nas principais religiões monoteístas.

1.3 Religiões monoteístas principais

Na contracapa externa do livro de Küng (2004) lê-se a seguinte epígrafe:

Desde que o homem existe, ele está à procura daquilo que supera o mundo e o sustenta. Nessa busca, as religiões conferem sentido e orientação a milhões de pessoas, oferecendo uma pátria espiritual para o homem.

É nessa perspectiva que comento os grandes blocos religiosos que agregam mais habitantes no mundo inteiro. Não entro nos detalhes de suas subdivisões, salvo o protestantismo, um pouco mais contemplado por ser um dos sujeitos desta Tese. Neste item ocupo-me, prioritariamente, em fornecer uma visão panorâmica.

1.3.1 Cristianismo

A essência – origem, fundamento, centro – dessa vertente religiosa é a figura de Jesus Cristo. A união do cristão gira em torno dessa figura humana e concreta, chamado desde os primórdios de Cristo, Ungido, Messias (KÜNG 2004:214-215).

Em termos de mensagem, o cristianismo acena com uma nova liberdade, com o domínio de si mesmo, ou seja, o movimento do cristão é no sentido de não permitir que o desejo pelo dinheiro e pelo prestígio domine, menos ainda pela ânsia do poder, pelo instinto do sexo ou pela busca do prazer e do gozo. Propõe ao ser humano tornar-se livre para Deus e para seus semelhantes, sem egoísmo, com solidariedade, tornando-se servos uns dos outros (*ibid* 216). A chamada mensagem de boas-novas, termo usado no Novo Testamento, é de arrependimento dos pecados e do alcance da salvação através de um único caminho, Jesus Cristo.

O eixo da convicção cristã converge para, em primeiro lugar, aceitar que Cristo não permaneceu na morte, mas foi acolhido por Deus para a vida eterna. Em segundo lugar, que Cristo era o próprio Deus. Em terceiro lugar, que com Cristo surgiu o Reino de Deus. E em último lugar, mas não menos importante, é que ele ressuscitou, (*ibid* 217) venceu a morte,

o que o tornou diferente de qualquer outro deus, pois tinha natureza humana e era deus ao mesmo tempo.

Na trajetória histórica do cristianismo surgiram três tendências principais: a igreja Ortodoxa, a igreja Católica e a igreja Protestante.

A primeira tem sua gênese mais remota ainda no Apóstolo Paulo. A partir das incursões desse fiel pela Ásia Menor e litoral da Grécia, iniciou-se uma transição do cristianismo judeu para um cristianismo grego, assumindo características helenísticas e sendo disseminado em todo o império romano. Com o imperador Constantino (306-337) o centro da cristandade desloca-se de Jerusalém, passa por Roma e em seguida finca seus alicerces em Constantinopla, antiga Bizâncio grega. Esta se torna líder da cristandade (a segunda Roma), transforma-se em igreja de maioria e depois do Estado (*ibid* 221-223).

Constantino ignora Roma e convoca um concílio ecumênico no qual Cristo foi considerado igual a Deus. Foi a partir daí que o dogma da Trindade se desenvolveu. Dá-se, então, a cristianização dos povos eslavos orientais e meridionais (búlgaros, mais tarde sérvios). Parte do mundo eslavo fica sob a igreja bizantina e parte sob a igreja romana. O cristianismo russo só começa em 988. Dominados pelos mongólicos tártaros, os russos se libertam em 1448 quase simultaneamente à conquista de Bizâncio pelos muçulmanos turcos em 1453 (*ibid* 223-225).

Mil anos depois da existência da igreja russa ela continua com aspectos bizantinos (dogma, liturgia, teologia, disciplina e piedade)²³ (*ibid* 226).

A segunda tendência foi representada pela igreja Católica, ocidental, latina que, sob a liderança dos bispos de Roma, trilhava seus próprios caminhos. Suas tentativas de impor o primado do bispo de Roma sobre o Oriente falharam diante da forte oposição imposta pela igreja Oriental. Em 1054 deu-se finalmente a ruptura oficial com a bula romana de excomunhão sobre a igreja bizantina. Húngaros e eslavos ocidentais (Boêmia, Polônia) e do sudoeste (croatas e eslovenos), em razão da antiga divisão de Roma entre império oriental e ocidental, seguiram a posição de Roma (*ibid* 224-225).

Apesar de avançar em alguns aspectos, como o culto passar a ser pronunciado em latim, a língua do povo, o autor afirma que a igreja romana continua com os mesmos princípios que a caracterizaram na Idade Média: o papa insiste em ter o direito do primado sobre toda a igreja, patriarcas, bispos, sacerdotes, fiéis – postura até hoje não incorporada

²³ Além de “preciosos paramentos de brocado, ricas e ornamentadas coroas episcopais, perfumados vasos de incenso e velas enfeitadas com flores em grande quantidade: também o uso de barba por sacerdotes e monges é uma exigência bizantina” (*ibid* 226).

pelas igrejas orientais; poder espiritual acima dos leigos; proibição de casamento para todo o clero. Essas atitudes, ainda segundo o autor, contrariam completamente o Novo Testamento nos seguintes aspectos: centralizada (apresenta-se como “madre” [mãe] e o papa como “padre” [pai]); atitude do papa em querer assumir os papéis do executivo, legislativo e judiciário; politizada, uma vez que “se apresenta como uma instituição de governo autônomo com status internacional, serviço diplomático e direitos especiais”; hierarquia patriarcal e clero de celibatários exercem o domínio sobre o laicado; na sua trajetória militou em guerras “santas” de conversão, contra apóstatas, cruzadas até contra cristãos, guerras religiosas e perseguições diversas (*ibid* 236).

A terceira tendência foi a da igreja Protestante. Esta nasce como fruto de uma ruptura com a igreja Católica tendo como clímax a cobrança de indulgências – com a conivência e participação da cúria romana, de bispos e de banqueiros alemães – para a reconstrução da Basílica de São Pedro. A reação contrária e pública partiu do monge Martinho Lutero, em 1517. Diante das contradições com os princípios do cristianismo, representadas pela venda de indulgências, publicou em Wittenberg suas “95 teses contra as indulgências”. Em Roma instaurou-se um processo de heresia contra ele, com a exigência de sua retratação. Ele negou-se a fazê-lo e foi ameaçado de excomunhão. Roma exigiu a queima dos seus escritos e Lutero apelou para um concílio universal. De nada adiantou. O núncio papal ordenou a queima do que foi escrito e divulgado. Lutero reagiu queimando a bula de excomunhão e o direito eclesiástico do papa (*ibid* 238).

O que Lutero, de fato, defendia era que a igreja voltasse a se pautar pelo evangelho de Jesus Cristo. Para isso traduziu novamente a Bíblia para o alemão, a fim de que o maior número de pessoas possível tivesse a compreensão facilitada para as mensagens ali contidas. Rejeitou completamente as tradições, as leis e as autoridades da igreja, alegando que “somente as escrituras” deveriam ser lidas, respeitadas e cumpridas. Não acatou os inúmeros santos que serviam de mediadores oficiais entre os fiéis e Deus, alertando que o único mediador é Cristo (“somente Cristo”). Discordou também dos inúmeros atos piedosos e esforços pessoais que a igreja impunha aos fiéis (“as obras”) para alcançar a salvação da alma. Deixava claro que o homem era justificado exclusivamente pela fé (“somente pela graça”) e não por merecimento pelas suas obras (*ibid* 239).

Lutero, como era de se esperar, foi excomungado. Não obstante, esse ato foi insuficiente para evitar a disseminação da Reforma (*ibid* 240).

No item 1.4.1 deste Capítulo comentarei um pouco mais sobre a Reforma de 1517.

1.3.2 Islamismo

Islam significa “‘submissão’, ‘sujeição’, ‘entrega’ à vontade de Deus na vida e na morte”. Para os muçulmanos ou islâmicos o islamismo constitui-se a religião mais antiga e mais universal, uma vez que consideram Adão como primeiro homem a praticá-la. Atinge atualmente quase 1 bilhão de professos espalhados da “costa Atlântica da África até as ilhas da Indonésia, das estepes da Ásia central até Moçambique”. Diversos povos e etnias integram esse grande exército tais como berberes nômades, negros africanos, árabes do Oriente Médio, turcos, persas, paquistaneses, indianos, chineses e malaios (*ibid* 254).

Nos seus ritos está a obrigação (*fard*) de fazer a oração ritual (*salat*) cinco vezes por dia em horários determinados – de manhã, à tarde, ao pôr do sol e à noite. Para isto, o fiel é convidado, de público, pelo encarregado (*muezim*) postado no alto da torre (*minarete*) da mesquita. Hoje em dia esse convite já se faz por fita cassete e alto-falante. A mesquita (*masjid*: “lugar onde a gente se lança por terra”, “lugar de oração”), despojada de imagens, estátuas ou quaisquer objetos de devoção, como também de música solene (“a recitação solene do Alcorão é música suficiente”), instrumentos ou canto coral, é o lugar do culto de oração comunitária e da oração pessoal, e também de reuniões, de negociações e de julgamentos, além de ensino e de estudo teológico. Mobiliada com “...o nicho de oração (*mihrab*) na direção (*qibla*) de Meca, o púlpito (*minbar*) para o presidente do culto da sexta-feira, uma estante para o Alcorão, artisticamente configuradas em grandes letras arábicas, além de ornamentos não figurativos” (*ibid* 250-251).

O culto divino põe em destaque a igualdade entre os muçulmanos. Os trajes não distinguem leigos de clérigos; ausência de drama litúrgico para colocar fronteira entre o sagrado e o profano; encenação alguma de mistérios separa iniciados de não-iniciados; sem sacerdócio, sem ordenação sacerdotal (qualquer muçulmano pode se oferecer como guia – *imã* – para conduzir a oração); não há santíssimo, altar de sacrifícios, vestuários especiais para dignitários, menos ainda lugar à parte para casta clerical. A oração ritual diária é o símbolo essencial do islã. Os participantes o fazem disciplinadamente, com minuciosos movimentos estabelecidos e se concentram no único Deus. Organizam-se em fileiras ordenadas e se deixam possuir pelo ritmo do rito, solene, mas “simples e direto de adoração pessoal e comunitária a Deus”. A expressão mais profunda do islã é a submissão a Deus que se manifesta pela dupla “prostração” do homem diante do seu Criador e Juiz, com a testa

tocando o chão. Esse ritual traduz a convicção de que o homem deve sua existência totalmente a Deus, que a sua vida dependerá sempre de um poder superior (*ibid* 252).

O fundamento do islã é a profissão de fé (*shahada*). Duas palavras são suficientes para reproduzi-la: *Alá* e *Maomé*. A primeira explicita a fé no Deus único, *Alá*, primeiro dever do muçulmano e o princípio básico da comunidade islâmica, além de conteúdo também único da oração litúrgica. A crença no Deus uno descarta qualquer possibilidade de associá-lo ou mesmo confundi-lo “com uma deusa, com um filho ou com uma filha”. A segunda palavra, *Maomé*, significa “a adesão ao último e definitivo Profeta, o ‘selo’ dos profetas”. Foi Maomé como enviado (*rasul*) especial do único Deus quem trouxe para os muçulmanos o Alcorão. Por essa razão ele não pode ser considerado um profeta (*nabi*) comum. O que não o faz ser considerado mais que um homem (*ibid* 255).

A religião islâmica inclui-se entre as que têm presença global. Frequentemente considerada a de crescimento mais rápido no mundo – atribuído, em parte, às altas taxas de natalidade nos diversos países de maioria muçulmana – tem se disseminado por novas regiões, sobretudo pelo fenômeno da imigração em massa, em particular as migrações transnacionais – por exemplo, para a Europa – mas também por causa das conversões, não necessariamente dos nativos (FRESTON 2006).

No Brasil, segundo o Censo 2000, os islâmicos somam 27.000 adeptos, têm um perfil sócio-econômico semelhante aos pertencentes ao judaísmo, ou seja, alto nível educacional e grande proporção de empregadores; encontram-se, do ponto de vista geográfico, na metade-sul do país com maior concentração em São Paulo e em Foz do Iguaçu (JACOB 2003:102).

1.3.3 Judaísmo

Conta-se atualmente em torno de 5,7 milhões de judeus nos Estados Unidos da América (em Nova York 1,7 milhões). No Estado de Israel, dos 5,7 milhões de habitantes 81% são judeus. Na compreensão ortodoxa dessa religião, considera-se judeu apenas o que nasceu de mãe judia ou o que se converteu ao judaísmo. Para a manutenção do judaísmo e do povo judeu o casamento tem papel fundamental; procura-se evitar o casamento misto, ou seja, entre o judeu e o não judeu (*ibid* 181-182).

Na realidade, os judeus têm um Estado com território estabelecido, mas a sua maioria não integra a população desse Estado. Embora mantenham características, não

constituem um povo, nem uma comunidade de língua, nem uma comunidade religiosa (*ibid* 182).

O fator mais importante de integração é a idéia de que se trata do “povo de Israel, a terra de Israel, a religião de Israel”. Sua grande figura simbólica chama-se Moisés, considerado “mensageiro de Deus, guia do povo, legislador, representante do próprio Deus” e Abraão, o patriarca (*ibid* 183,188-189).

O eixo central da religião judaica está firmado na “relação especial entre Javé e o povo de Javé, entre Deus e Israel”, que se consolidou em uma aliança (*berit*) expressa pela afirmativa: “Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa (Êxodos 19:6)²⁴”. Essa aliança, estabelecida no Monte Sinai, é tida como “um acordo exclusivo, indissolúvel, entre Deus e esse povo, vinculando ambas as partes”. Por um lado Deus oferece a Aliança e por outro o povo se obriga a observá-la. A conclusão da aliança foi acompanhada de código de leis (*torah*) e a partir daquele momento tornaram-se inseparáveis. O que se põe, portanto, é que se trata de uma “fé israelita, Bíblia hebraica, religião judaica [que] só existem com esta profissão de fé formulada com uma clareza cada vez maior: ‘Javé é o Deus de Israel, e Israel é o seu povo’” (*ibid* 189-190).

Os adeptos do judaísmo no Brasil, de acordo com o Censo 2000, contabilizam 87.000 adeptos, seu perfil sócio-econômico encontra semelhança com o dos islâmicos, com alto nível educacional (mais os israelitas que os muçulmanos), grande proporção de empregadores e rendimentos superiores à média brasileira (em particular os israelitas). Concentram-se mais em São Paulo e no Rio de Janeiro (JACOB 2003:102).

Com essa visão panorâmica dessas religiões monoteístas quero ressaltar em primeiro lugar que entre o cristianismo, o islamismo e o judaísmo identificam-se raízes comuns: os primeiros cristãos continuaram fazendo parte do judaísmo; liam a mesma Bíblia, a hebraica; rezavam os mesmos salmos; obedeciam à lei judaica; observavam o sábado; praticavam o batismo de João e a partilha do pão na ceia (a partir daquele momento em nome de Jesus). (*ibid* 218).

Em segundo lugar na trajetória das três religiões encontram-se semelhanças significativas: são religiões de fé, uma vez que crêem no Deus uno (os cristãos árabes invocam Deus chamando-o de Alá); têm caráter histórico (desenvolvem sua doutrina a partir da criação de Deus diante da perfeição do mundo e da vida humana); são religiões proféticas,

²⁴ Bíblia de Estudos de Genebra.

e não místicas, no sentido histórico, ou seja, têm grandes figuras proféticas; sua mensagem está escrita em livros sagrados – Alcorão para o islamismo, Tora ou Pentateuco para os judeus e Bíblia para os cristãos – (daí serem consideradas religiões do livro); possuem um *ethos* básico (grandes mandamentos para a humanidade como manifestação da vontade de Deus); Moisés, constitui o modelo de todos os profetas como o grande líder da libertação e da peregrinação pelo deserto – “judaizado” (“rabino” Moisés), “cristianizado” (“modelo de Cristo”), “islamizado” (“precursor de Maomé”); Abraão como patriarca – segunda figura-chave das três religiões – tem como descendentes Isaac e Jacó (patriarcas de Israel), Jesus Cristo (fundamento dos cristãos) e Ismael (patriarca dos árabes e, mais tarde, dos muçulmanos); e, finalmente, a oração ocupa o papel central na prática dessas religiões (*ibid* 257,189,188,185,250).

Comento, a seguir, o protestantismo²⁵ como integrante do monoteísmo cristão.

1.4 O Protestantismo

A Reforma Protestante, do século XVI, trouxe no seu bojo uma série de modificações nos rituais, nas interpretações doutrinárias, na descentralização do poder e nas formas de governo das igrejas.

Na medida em que o protestantismo se disseminou, foi também adquirindo especificidades dos locais em que se instalou, haja vista a variedade de denominações que o caracterizaram ao longo da sua história, sobretudo nos EUA, além das chamadas “ondas” que caracterizaram os seus diversos momentos.

No Brasil não foi diferente. Início este item pela Reforma Protestante do século XVI e alguns desdobramentos nos dias de hoje para, em seguida, traçar comentários a respeito dessa vertente religiosa e seu desenvolvimento no Brasil.

1.4.1 A Reforma Protestante e alguns desdobramentos hoje

²⁵ Uso o termo protestante no sentido geral, no entanto, este termo é mais utilizado entre as igrejas consideradas históricas. As pentecostais e neo-pentecostais recusam o uso do termo protestante, talvez por não se sentirem vinculadas nem identificadas ao universo protestante. Optam pelo termo evangélico. E mesmo entre os estudiosos ora são chamados de protestantes ora de evangélicos. No entanto, Freston (2006) faz nova distinção entre protestantes e evangélicos, intitulando os últimos de protestantes evangélicos como se pode ver a seguir.

Ao comentar a terceira tendência do Cristianismo – a da igreja protestante – como religião monoteísta, no item 1.3.1 desta tese, tratei da atuação do monge Martinho Lutero²⁶, em 1517, como figura principal na deflagração da Reforma Protestante do século XVI e, a partir de então, a gênese do protestantismo.

De origem alemã, ensinava ciência bíblica. Indignado com a prática da cobrança das indulgências – como perdão dos pecados – cujo objetivo era a reconstrução da Basílica de São Pedro, pelos que ocupavam a hierarquia da igreja, Lutero reagiu com a publicação, em Wittenberg, de suas “95 teses contra as indulgências”. Instado a retratar-se recusou e foi ameaçado de excomunhão. A ordem de queima dos seus escritos foi dada pelo núncio papal (em Louvain), mesmo depois da sua apelação a um concílio universal. A reação do monge se deu na mesma proporção: queimou a bula de excomunhão e o direito eclesiástico do papa (KÜNG 2004:238).

Em realidade, a posição assumida por Lutero era para que a igreja fizesse o caminho de volta à prática pura da doutrina bíblica. Na sua concepção, esta se manifestaria em três comportamentos que deveriam caracterizar a igreja e seus seguidores: ter as escrituras como única regra de fé e prática, somente Cristo como mediador entre Deus e os homens, e a salvação somente seria alcançada pela graça de Deus, ou seja, as obras em nada influenciariam. Este tríduo, pois, sintetiza as idéias de Lutero para uma prática cristã: “somente as escrituras”, “somente Cristo” e “somente pela graça”. Lutero foi excomungado e a Reforma seguiu o seu caminho. A despeito da oposição de Roma iniciou-se uma nova forma de cristianismo, com novos rituais incluindo cânticos com toda a comunidade. (*ibid* 239-240).

Dou um grande salto no tempo histórico para comentar o resultado do crescimento do protestantismo ao longo dos séculos e como se manifesta nos dias de hoje.

Para esse intento trago à baila o artigo *A maré evangélica*²⁷, de Freston (2006), que oferece algumas informações atuais sobre esse viés religioso, cujos fiéis, embora protestantes, intitulam-se evangélicos. Primeiro coloca-o, se bem que admite que é menos reconhecido, ao lado do islamismo e do catolicismo como um dos três credos com repercussão mundial. Segundo define-o como “um subconjunto dos protestantes, diferenciado por características doutrinárias e práticas, mas não por filiação denominacional, nem pela maneira como se autodenominam”. Terceiro identifica-o a partir de quatro elementos

²⁶ (1483-1546).

²⁷ Publicado originalmente como “La marea evangélica”, na revista *Foreign Policy Edición Española* (Madri, Espanha, n. 14, p. 13, abril/maio 2006). Tradução de Udo Fuchs.

principais²⁸: “conversão” (necessidade de mudar de vida), ativismo (esforço evangelístico e missionário), autoridade da Bíblia (importância especial conferida às Sagradas Escrituras, embora não necessariamente a idéia fundamentalista de inerrância) e o crucicentrismo (transcendência do sacrifício de Cristo na cruz)”. Diante dessa caracterização, torna-se possível encontrar evangélicos em qualquer denominação protestante, mesmo entre as consideradas tradicionais como as presbiterianas, as batistas, as metodistas, mas também entre as pentecostais²⁹. Na América Latina, na Ásia e na África, a maior parte dos protestantes se insere na categoria de evangélicos, “e a maioria também na de pentecostais”.

Freston (*ibid*) enfatiza a dimensão autóctone desse movimento no Terceiro Mundo, sem subordinação ao balizamento do Ocidente, e ao mesmo tempo hegemônico nas camadas mais pobres. Totaliza em torno de 300 a 400 milhões de adeptos (5 a 6% da população mundial), sua importância cresce na mesma proporção de sua prática religiosa e da sua distribuição global em países de configuração tão contrastante como “Estados Unidos, Brasil, África do Sul, Nigéria, Coreia do Sul, Filipinas e China”, considerados “os centros mais importantes”. Outro fator chama atenção: manifesta-se como uma religião “de maioria não branca, cada vez mais distante do poder e das riquezas materiais”. Juntamente com o catolicismo, “o movimento evangélico tem contribuído de maneira fundamental para a globalização do cristianismo...”.

Segundo esse mesmo autor (*ibid*), presentes nos lugares onde lhes dão permissão de atuar, os protestantes evangélicos – é assim que ele passa a chamá-los – têm se expandido mais fortemente na África subsaariana (dos 350 milhões de cristãos do continente, presume-se que entre 100 e 150 milhões sejam evangélicos). Na América Latina totalizam em torno de 10% ou mais de população total, o que equivale a cerca de 50 milhões de pessoas. Desse conjunto, “dois terços são pentecostais, um movimento que nessa região está ligado desproporcionalmente aos pobres, negros e aos que têm menos instrução”. No continente asiático, mesmo tido como o continente menos cristianizado, o protestantismo evangélico pode atingir os 60 milhões de fiéis.

1.4.2 Um pouco da história do protestantismo no Brasil

²⁸ Segundo o autor os estudos mais recentes adotam esta definição funcional elaborada pelo historiador britânico David Bebbington (*ibid*).

²⁹ “Crêem com firmeza nas forças sobrenaturais e dão importância especial às manifestações contemporâneas dos dons do Espírito Santo, como falar em línguas estranhas para adorar a Deus, cura divina, profecia e exorcismo de espíritos maus” (*ibid*).

No Brasil, a gênese protestante ocorreu simultaneamente à expansão colonial das nações anglo-saxônicas e à imigração dos europeus e em seguida à dos norte-americanos no século XIX. Havia imigrantes que tinham sido expulsos de seus países por falta de trabalho ou por falta de comida. Outros tinham suas motivações nas políticas migratórias brasileiras que lhes davam vantagens. Essas políticas, em parte, tinham um componente racista, pois utilizavam referenciais das doutrinas racistas que defendiam a superioridade da raça branca e a degenerescência das raças como produto da mestiçagem. Branquear a população era também uma forma de melhorar o país do ponto de vista da cor da pele, do “progresso” e da “moral”. A essas “qualidades” associava-se uma certa preferência pelos brancos protestantes³⁰ por causa de suas “qualidades” de excelentes trabalhadores, de grande nível moral (RIBEIRO 1973; MELLO 1999; MENDONÇA *apud* AQUINO 2001:17-18,39).

Na verdade, Léonard (1981:41-42) notifica que as duas primeiras capelas protestantes abertas no Brasil que se tem registro pertenciam a colônias estrangeiras: a dos anglo-saxões, com pedra fundamental lançada em 1819, e a dos alemães, em 1837, ambas no Rio de Janeiro. Não lhes era permitido ostentar símbolos externos que as identificassem como tais. Isso em consequência do Tratado de Aliança e Amizade, Comércio e Navegação, de 1810, firmado entre Inglaterra e Portugal, extensivo às Colônias dos dois países³¹.

De fato, durante muito tempo não houve tentativas de disseminação da doutrina protestante neste país, o que leva a crer que, em meio às restrições e permissões do Tratado, aqueles estrangeiros, no primeiro momento, não estavam estimulados a fazer proselitismo entre os brasileiros, os quais por sua vez não tiveram a curiosidade atizada para aquele tipo de culto, porque inclusive eram na língua inglesa. Os cultos em português somente passaram a ocorrer em 1860 (VIEIRA 1980:374).

A postura inicial daqueles imigrantes denotava uma certa tendência endógena e isolacionista do ponto de vista social. Somente aos poucos os missionários e os pastores norte-americanos difundiram o protestantismo entre os brasileiros, primeiro como distribuidores de

³⁰ Em seu livro publicado pela primeira vez em 1905, Weber (1996:18-30,56) mostra que as cidades mais ricas converteram-se ao protestantismo; que na educação, os protestantes tinham um tipo de ensino mais elevado, proporcionando-lhes um melhor preparo técnico, e maiores aspirações profissionais; que os seus valores espirituais influenciavam a escolha de suas profissões; que sob qualquer condição predominava no protestante o racionalismo econômico; e que tinham na vocação, o cumprimento do dever temporal como a ação moral mais elevada.

³¹ O Tratado dava permissão para celebrar seus serviços religiosos dentro de suas próprias casas ou dentro de suas igrejas ou capelas particulares. Suas igrejas e capelas deveriam ter a aparência de casa de habitação; não havia permissão para o uso de sinos a fim de anunciar e chamar os fiéis às reuniões religiosas. Eram impedidos de exercer proselitismo e de fazer críticas públicas ao catolicismo hegemônico. E acrescentava: tanto os vassalos britânicos quanto “outros estrangeiros de comunhão diferente da religião dominante nos domínios de Portugal” seriam poupados, desde que se comportassem ‘com ordem, decência e moralidade e de uma maneira conforme os usos do País e ao seu estabelecimento religioso e político’ (ACCIOLY *apud* RIBEIRO 1973:16-17).

bíblias e de folhetos evangélicos³², depois como predadores (RIBEIRO *apud* AQUINO 2001:48). Ao lado da hegemonia católica, a igreja de *etnia* ou de *imigração* e a igreja *missionária*³³, inseriram-se, organizaram-se, diversificaram-se e se disseminaram sob a forma de denominação.

De acordo com Fonseca (1997:19), até o final do século XIX, em torno de sete denominações fundaram novas igrejas com a chegada dos seus missionários: Congregacional (1855), Presbiteriana (1859) (sic), Metodista (1867), Adventista (1894), Cristã Evangélica (1879), Batista (1882) e Anglicana (1898).

Na primeira metade do século XX a igreja pentecostal impôs-se discretamente (MENDONÇA 1989:72,43-44). Hoje é a mais numerosa e considerada pelos *experts* em religião como o fenômeno mais importante de crescimento de uma religião minoritária do segmento cristão num país de hegemonia católica (AUBRÉE 2002; BASTIAN 1977; MONTERO 1999; PIERUCCI 2002)³⁴.

Paralelamente, surgiram as organizações paraeclesiais (hoje algumas são classificadas como ONGs confessionais) utilizando nova estratégia missionária. Elas se consolidaram após a 2ª Guerra Mundial (fins dos anos 1950), quando o mundo foi dividido pelas nações vencedoras, em duas partes distintas. Essas organizações têm um ordenamento próprio, não estão subordinadas a Comitês (*Boards*) das grandes igrejas norte-americanas e sobrevivem da contribuição dos membros de diversas igrejas cujo compromisso é de sustentar as missões e os missionários. Suas atividades apresentam-se sob diversas maneiras: por exemplo, a “Visão Mundial” (*World Vision*), que faz ações sociais no universo mais pobre do país e o “Palavra da Vida” (*Word of Life*)³⁵, que organiza *camping* para a juventude (MENDONÇA 1989:82).

³² Entre os distribuidores, incluem-se os colportores, identificados por Ferreira (*apud* AQUINO 2001:48) como vanguardistas das missões, por terem antecedido pastores e missionários além de terem adentrado interiores e sertões do país onde poucos se aventuravam a ir.

³³ De **imigração**, aqui se constituiu através dos imigrantes, sobretudo alemães e seus descendentes, a partir de sua própria *etnia*; **missionária**, de origem norte-americana, inseriu-se no Brasil, principalmente pelas mãos de missionários, enviados por organizações com esse fim, com intenções pragmáticas de se constituir elemento de mudança da sociedade pela transformação do indivíduo (MENDONÇA 1989:42,53-54,57,59). Observe-se que o Censo 2000, realizado pelo IBGE não faz essa distinção. Chama todas de igreja evangélica de missão.

³⁴ Pierucci (2002:6) faz uma comparação entre os resultados do Censo do IBGE dos anos 1991 e 2000. Registra a decadência das filiações religiosas tradicionais e dá ênfase, sobretudo, ao declínio do catolicismo e a ascensão do protestantismo (principalmente a categoria pentecostal).

³⁵ O “Palavra da Vida” instalou-se no Nordeste do Brasil em meados de 1971, com um grande acampamento interdenominacional, realizado no Colégio Presbiteriano XV de Novembro, em Garanhuns (PE). Reuniu cerca de 400 jovens de toda a região do Nordeste brasileiro. De há muito mantém instalações próprias em Paudalho (PE), adequadas para Acampamentos, Retiros, Encontros etc.

1.4.3 Protestantismo brasileiro contemporâneo

Na análise que Jacob (2003:33) faz sobre a diversificação religiosa observada no Brasil, ele dá conta de que houve uma gradativa transformação no perfil religioso da população brasileira, com significativo avanço do protestantismo, sobretudo pentecostal. Diz o autor que até meados de 1980 o catolicismo manteve sua hegemonia, ainda como herança da época colonial. Somente entre 1980 e 1991 começa a se processar um decréscimo nessa hegemonia, enquanto que paralelamente os evangélicos e os sem religião crescem percentualmente. O período de 1980 a 2000 registra um movimento de grande amplitude no tocante à diversificação religiosa. Essa tendência se confirma no recenseamento demográfico de 2000, com um detalhe a mais: acelera-se a perda percentual católica. Explica, então, o autor:

O recenseamento demográfico de 2000 não apenas confirma a tendência observada ao longo da década anterior (1980-1991), mas sobretudo revela a sua aceleração: os católicos perdem 9,4 pontos percentuais e representam agora 73,9%, ou seja, cerca de três quartos da população do país. Ao contrário, os evangélicos crescem 6,6 pontos, sendo os pentecostais o principal motor desta transformação. Já os sem religião registram um aumento de 2,7 pontos.

Esse mesmo autor mostra que as diversas regiões brasileiras estão incluídas nesse quadro de diversificação religiosa. Seja a Região Centro-Oeste, onde se encontra o Distrito Federal, seja o “Triângulo Mineiro, o Estado de São Paulo, a parte mais desenvolvida do Paraná, a região industrial do nordeste de Santa Catarina até Florianópolis, bem como o sul do Rio Grande do Sul”. Outras continuam em processo de diversificação a exemplo das capitais Belém, Manaus, São Luís, Goiânia, Belo Horizonte e Campo Grande. Alguns focos constituídos por parte do sertão nordestino, maior parte de Minas Gerais e o interior do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul resistem a essa renovação e preservam o catolicismo. O índice mais significativo de mudança foi identificado no litoral nordestino que vai do Rio Grande do Norte ao sul da Bahia, incluindo-se as capitais João Pessoa, Recife, Maceió e Salvador (*ibid* 34).

Esses dados corroboram as observações da significativa presença contemporânea protestante no contexto brasileiro, com as últimas décadas assistindo ao seu crescimento. O que se observa, de fato, é a presença garantida de seus adeptos em todas as atividades e em todas as relações que compõem o tecido social brasileiro.

Assinalo que em 2002 os protestantes no Brasil eram cerca de 26 milhões de fiéis sobre uma população de 170 milhões de habitantes, ou seja, 15% da população, dos quais 17,6 milhões de pentecostais e neo-pentecostais, 7,1 milhões de históricos e 1,3 milhões de outras igrejas. Eles se beneficiam de uma grande visibilidade no mundo capitalista e globalizado caracterizados por: música gospel, por instituições de ensino, por editoras, por atletas, por homens e mulheres de negócios, por pessoas conhecidas do grande público e bastante midiáticas (artistas de TV, cantores, modelos, políticos, etc.), as quais aderem, sobretudo, às igrejas de caráter pentecostal. Mais de 300 canais de rádio e de televisão pertencem aos evangélicos (OLIVEIRA 2002).

Na política o que se costuma chamar de “bancada dos evangélicos”³⁶ no Congresso Nacional, passou de 12 (em 1982) para 52 (em 2002) sobre 675 (81 senadores e 594 deputados federais). A esse respeito Bastian (1997:11) sublinha que no curso dos anos 1960, na América Latina, o comportamento dos protestantes era de recusa a qualquer que fosse o engajamento político e que somente a partir dos anos 1980 apareceram “movimentos e partidos evangélicos”.

Pode-se ilustrar essa mudança com a eleição presidencial de 2002. Parte dos evangélicos foi pressionada por seus dirigentes a votar no candidato de origem evangélica, Garotinho. Lula, candidato da esquerda (sindicalista, de origem pobre e operária), que venceu as eleições depois de três tentativas frustradas, era demonizado. Os diversos meios de comunicação eram acionados. Seja pela *internet* seja por folhetos distribuídos nas igrejas, difundia-se que ele fecharia as igrejas, que seria uma ameaça à liberdade dos cultos. Numa igreja presbiteriana no Rio de Janeiro, por exemplo, durante uma cerimônia de casamento, na véspera da eleição, testemunhei o pastor sugerindo na sua prédica que os fiéis votassem no candidato evangélico. E ressalte-se que essa denominação é considerada a que menos procura influenciar as opiniões políticas dos seus fiéis.

Toda essa mobilização não teve eficácia. Lula venceu a eleição. Claro que há outros fatores que justificam essa vitória, mas que não são objeto de análise neste trabalho. Para o momento basta acompanhar as reflexões de Freston (2002:59) com relação à presença protestante na eleição presidencial de 2002, o qual afirma que dois mitos caíram: “que eles votam em bloco e que são um núcleo conservador”. O autor diz ainda que mesmo com o apelo no primeiro turno de um “presidente evangélico”, os votos deste universo se

³⁶ Senadores e deputados federais filiados a igrejas evangélicas.

distribuíram entre Garotinho (37,5%) e Lula (31,5%), segundo o Datafolha³⁷ revelou antes do primeiro turno.

Nesse quadro convém levar em conta, para minha pesquisa, eventuais especificações do racismo no seio do protestantismo. E a pergunta se impõe:

Trata-se de um racismo semelhante ao da sociedade brasileira ou é um racismo que recusa uma cultura herdada da África, berço de religiões completamente demonizadas pelos protestantes?

Necessário se faz lembrar que para os protestantes, quer pertençam às igrejas históricas, pentecostais ou neo-pentecostais, a herança religiosa africana está plena de demônios, de idolatria, de pecados.

O protestantismo brasileiro seguiu um caminho denominacional diversificado. Isso leva o estudioso da religião a contar com várias classificações. Comento aqui algumas delas.

A primeira que abordo, das mais simplificadas, adotada por Freston (1994:23), divide os protestantes em históricos e pentecostais. Aos primeiros integram-se os luteranos, os presbiterianos, os batistas, os metodistas, os congregacionais etc. São grupos mais antigos, geralmente originários dos países protestantes. Segundo ainda esse autor têm se disseminado, sobretudo na classe média brasileira. Os segundos são constituídos da Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus, Deus é Amor, Quadrangular, Brasil para Cristo etc., atingem principalmente pessoas de classe social mais pobre, seus líderes nascem no seu próprio meio, e sua ênfase converge para os “dons do Espírito Santo”, tais como as curas, os exorcismos e a glossolalia.

O próprio Freston (2006) mais recentemente, apresenta uma nova identificação protestante observada mundialmente, autodenominada evangélica, que se diferencia por aspectos doutrinários e práticos, sem estar vinculada necessariamente a uma denominação específica. Por isso pode estar presente em qualquer integrante do espectro denominacional seja na vertente histórica seja na vertente pentecostal. Caracteriza-se pela “conversão”, ativismo, autoridade da Bíblia e o crucicentrismo³⁸.

Alves (1982:35-36) utiliza outra taxonomia. Esta constitui a segunda classificação que exponho. Para ele há três tipos ideais de Protestantismo: o da Reta Doutrina, o do Sacramento e o do Espírito. O da Reta Doutrina se caracteriza por se pautar por um corpo de

³⁷ Instituto de Pesquisas do jornal Folha de São Paulo.

³⁸ Comento com maior riqueza de detalhes no item 1.4.1 desta Tese.

doutrinas, “tidas como expressões da verdade, e que devem ser afirmadas sem nenhuma sombra de dúvida, como condição para participação na comunidade eclesial”. Essa vertente exclui qualquer agente que questione uma doutrina sequer. O segundo tipo, o do Sacramento, considera de importância secundária a confissão da reta doutrina e enfatiza “a participação emocional e mística na liturgia e nos sacramentos”. E finalmente o do Espírito, tem como marca que o distingue dos outros “a experiência subjetiva de êxtase intenso”. Nesse caso não há uma preocupação maior nem com a Reta Doutrina e menos ainda com a participação nos Sacramentos. O autor ao construir essa classificação alerta para o fato de que esses tipos transcendem as denominações, uma vez que suas expressões podem ser encontradas em qualquer uma delas ou em igrejas e seitas diferentes. Considera ainda, que são menores que as denominações, pois em apenas uma pode se manifestar, simultaneamente, mais de um tipo.

A terceira classificação que utilizo, considera uma maior amplitude e ao mesmo tempo desce a um maior nível de detalhes. Trata-se da que Mendonça (1989:43-44) intitula “Ramos da Reforma no Brasil”, que busca uma divisão por famílias de igrejas.

QUADRO I - Ramos da Reforma no Brasil (por famílias de igrejas)

1 Anglicanos (Henrique VIII e Isabel I, da Inglaterra) 1.1 Anglicanos propriamente ditos (ingleses e seus descendentes) 1.2 Episcopais (de origem norte-americana – brasileiros e japoneses e seus descendentes) 1.3 Metodistas (de origem do Sul dos Estados Unidos – brasileiros)
2 Luteranos (Lutero) 2.1 Luteranos ligados à Alemanha (IECLB – alemães e seus descendentes) 2.2 Luteranos ligados aos Estados Unidos (Sínodo de Missouri – alemães e seus descendentes – IELB)
3 Reformados (Calvino) 3.1 Presbiterianos (missões norte-americanas – brasileiros) 3.2 Congregacionais (missões inglesas, norte-americanas e outras – brasileiros) 3.3 Reformados Europeus – igrejas de colônias (holandeses, húngaros, franceses, etc.)
4 Paralelas à Reforma (anabatistas) 4.1 Batistas (missões do Sul dos Estados Unidos – brasileiros) 4.2 Menonitas (missões norte-americanas, alemãs etc. – principalmente descendentes de alemãs)
5 Pentecostais (movimento historicamente difuso) 5.1 Propriamente ditos ou clássicos 5.1.1 “Assembléia de Deus” 5.1.2 “Congregação Cristã do Brasil” 5.1.3 “Cruzada Nacional de Evangelização” ou Igreja do Evangelho Quadrangular 5.1.4 “O Brasil para Cristo” 5.2 Cura Divina 5.2.1 “Deus é Amor” 5.2.2 “Numerosas outras”

Fonte: Mendonça (1989).

Ao especificar o que compõe cada ramo, percebe-se um detalhamento datado, uma vez que a dinâmica é maior do que qualquer quadro a que se queira reduzir a quantidade de denominações que surgiu, mesmo considerando os Ramos da Reforma estabelecidos por esse autor.

A título de exemplificação coloco mais um **QUADRO**, o **II**, que faz parte de uma reportagem mais recente de uma revista semanal de amplitude nacional, na tentativa não somente de classificar o protestantismo atual brasileiro, como também de quantificá-lo e de sintetizar alguns aspectos relevantes. Nesse **QUADRO** já surgem explicitamente a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus. Esta última aparece muito pouco nas estatísticas que se tem divulgado.

QUADRO II - Classificação das igrejas protestantes no Brasil (caracterização das diversas denominações)

Usinas de pastores. Como os três principais grupos evangélicos formam seus ministros.	O que representam	Históricas Ramo original do protestantismo, nascido da reforma promovida por Martinho Lutero no século XVI. Chega ao Brasil no século XIX com missionários americanos e ingleses.	Pentecostais Têm origem nos Estados Unidos, no início do século XX. Diferem dos históricos pela ênfase que dão aos poderes do Espírito Santo. São hoje o maior grupo no Brasil.	Neopentecostais Surgem em 1970, a partir de uma divisão dos pentecostais. Setor que mais cresce, aposta na mídia eletrônica para atrair os fiéis brasileiros.
	Principais igrejas	Luterana, presbiteriana, metodista e batista	Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e Deus é Amor	Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo, Internacional da Graça de Deus e Sara Nossa Terra
	Número de fiéis	7 milhões	11 milhões	8 milhões
	Formação exigida	Curso superior de teologia mais estágio de um ano na igreja, sob supervisão de um ministro	Curso de Teologia (não necessariamente de nível superior)	Cursos práticos que, ministrados na própria igreja, têm como temas oratória, etiqueta e gerência financeira de templos
	Tempo de formação	Cinco anos	Três a quatro anos	De seis meses a dois anos

Fonte: professores Leonildo Silveira Campos, Rogério Rodrigues da Silva e Lourenço Stelio Rega – Revista VEJA – 12 de julho de 2006, pág. 85.

1.4.3.1 Igreja histórica ou tradicional (missão e etnia ou imigração)³⁹

Esse é um grupo presente em todo o território nacional. Soma em torno de 8,5 milhões de adeptos. Pode-se, no entanto, identificar cinco núcleos principais de protestantes de missão fixados no interior de alguns Estados: três deles resultam do processo de colonização do país – “a região serrana do Espírito Santo, o nordeste de Santa Catarina e o norte do Rio Grande do Sul” – se caracterizando como núcleos históricos; os outros dois, implantados mais recentemente localizam-se na “microrregião de Cacoal, em Rondônia, e a de Japurá, no noroeste do Amazonas”. O autor chama a atenção para o fato de que é no Amazonas que essa vertente evangélica mais cresce. Cresce também “nas frentes *pioneiras* da Região Centro-Oeste”. Por outro lado, os protestantes de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul apresentam um crescimento ínfimo ou mesmo diminuem em termos relativos. Nas principais regiões urbanas do país o número de adeptos mostra-se mais numeroso no Rio de Janeiro (706.000 fiéis), em seguida em São Paulo (384.000 fiéis) e em terceiro lugar no Recife (200.000 fiéis) (JACOB 2003:69).

Os evangélicos de missão apresentam educação formal superior ao da média nacional (2º grau, graduação, mestrado e doutorado). Suas atividades econômicas se concentram em “administração e serviços públicos”, setor terciário, trabalhadores por conta própria e, principalmente, empregadores. O nível de remuneração, além da educação, também está acima da média brasileira. Encontram-se por isso, segundo Jacob (*ibid* 69-70), incluídos nas camadas médias urbanas da população.

A **TABELA I**, logo adiante, mostra a preponderância dos Batistas entre os evangélicos de missão (37,3%), distribuídos em todo o território nacional, embora desigualmente. É o que comento a seguir, a partir do mesmo autor (*ibid* 71). O maior contingente Batista está localizado na cidade do Rio de Janeiro (500.000), seguido de São Paulo, Belo Horizonte, Recife, e Salvador que agregam de 130.000 a 200.000 adeptos. Além das capitais, tem presença marcante em outras regiões do país, “como no norte do Rio de Janeiro, no leste de Minas Gerais e no sudeste da Bahia”. Está presente também em grandes proporções em microrregiões da região nordestina, em particular no Estado do Piauí. Presença também marcante na Região Norte, sobretudo nos Estados do Amazonas e do Acre, fruto de

³⁹ Igreja de **missão** “é o novo nome dado aos evangélicos tradicionais ou protestantes tradicionais pela nomenclatura utilizada pelo IBGE para o recenseamento de 2000” (JACOB 2003:69).

um investimento de trabalho missionário junto às populações autóctones. Seu crescimento se verifica “igualmente nas capitais nordestinas de Salvador, Recife, e João Pessoa”.

Detenho-me um pouco mais na denominação Batista, por ter realizado trabalho de observação durante alguns meses em uma igreja dessa vertente religiosa. As outras que compõem as diversas denominações, não são sujeitos do meu trabalho, razão pela qual não farei comentários sobre elas. A sua presença na **TABELA I** é suficiente para se ter conhecimento a seu respeito.

A **TABELA I**, a seguir, sintetiza os comentários feitos até agora.

TABELA I - Igrejas Evangélicas de Missão no Brasil – 2000

Igrejas	População	% dos evangélicos de missão
Batista	3 162 700	37,31
Adventista	1 209 835	14,27
Luterana	1 062 144	12,53
Presbiteriana	981 955	11,57
Metodista	340 967	4,02
Congregacional	148 840	1,76
Menonita	17 631	0,21
Anglicana	16 591	0,20
Exército da Salvação	3 743	0,04
Outros	1 533 562	18,09
Total	8 477 968	100,0

Fonte: Censo Demográfico de 2000, IBGE.

1.4.3.2 Igreja pentecostal e neo-pentecostal⁴⁰

Não somente Jacob (2003:39) chama a atenção para o aumento significativo do número de pentecostais na composição da população brasileira, mas outros autores também já o fizeram a exemplo de Pierucci (2002:6), que ao comparar os resultados do Censo do IBGE dos anos 1991 e 2000, alerta para a decadência das filiações religiosas tradicionais, para o declínio do catolicismo e para a ascensão do protestantismo, em especial o pentecostal. E antes mesmo desses dois autores, Motta (2001) já constata o processo acelerado de *descatolicização* na população brasileira, acompanhado pelo “crescimento das religiões afro-brasileiras e das pentecostais e neo-pentecostais”.

O proselitismo religioso e a publicidade que essas igrejas fazem são apontados como fatores importantes para o seu crescimento (JACOB 2003:39). Acrescento o seu grande poder midiático e as ofertas de soluções imediatas para os problemas humanos existenciais, onde se incluem coisas concretas como a sobrevivência material, a saúde e a dignidade social. Hoje são quase 18 milhões de pessoas que admitem seu pertencimento a uma das vertentes pentecostais, conforme pode ser observado na **TABELA II**, algumas páginas adiante.

O Censo de 2000 expõe uma população pentecostal com maior concentração nas microrregiões de São Paulo (1,7 milhões) e do Rio de Janeiro (1,6 milhões), vindo em seguida Belo Horizonte (600.000), Curitiba e Recife (cerca de 400.000). Tem presença marcante também nas Regiões Norte e Centro-Oeste. Essa significação se repete no Estado de São Paulo, do Rio de Janeiro, sobretudo na sua região metropolitana, na metade-norte do Paraná até Curitiba, em Minas Gerais (em torno de Governador Valadares até Belo Horizonte), no litoral e zona da mata de Pernambuco. Tem presença real em algumas microrregiões de Rondônia, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mesmo tendo tido algumas perdas relativas no seu peso, de acordo com os comentários de Jacob (*ibid* 39).

Em relação à educação, sua caracterização está muito próxima do nível mais elementar, com boa parte dos fiéis alfabetizados já em idade adulta. Suas atividades econômicas são mais recorrentes nos “serviços pessoais”, onde ocupam com frequência o emprego doméstico, com ou sem carteira de trabalho. O seu nível de remuneração, portanto, fica em torno de até 3 salários mínimos, o que se configura como baixa remuneração. Essa caracterização indica que os adeptos do pentecostalismo são mais comuns nas camadas mais populares e vivem nas cidades (*ibid* 40).

⁴⁰ O IBGE no Censo 2000 não faz distinção entre pentecostais e neo-pentecostais, engloba todos na categoria pentecostais.

A **TABELA II**, a seguir, mostra a fragmentação detectada pelo Censo 2000, mas ainda assim não consegue abranger todas as possibilidades pentecostais, ou seja, mais de 9% continuam sem uma identificação exata, o que equivale a cerca de 1,6 milhão de pessoas sem uma denominação determinada ou sem vínculos institucionais, mas ligadas à vertente pentecostal. Limitei meus comentários à igreja Universal, uma vez que foi uma das denominações que trabalhei no início da minha pesquisa. Por outro lado não há registro da Internacional da Graça de Deus, talvez por não ser significativa do ponto de vista numérico.

A Igreja Universal do Reino de Deus. Esta tem sido a mais visível, mesmo que seja a terceira no cômputo geral das igrejas pentecostais em percentual de adeptos (12%), sobretudo pelo uso intenso dos meios de comunicação de massa, em particular o rádio e a televisão. A Rede Record é de propriedade dessa Igreja, e pode-se notar a densidade favorável da igreja Universal em certas áreas proporcional à penetração da Record nessas mesmas áreas do território nacional. Data de 1977 seu início, no Rio de Janeiro (350.000), onde hoje concentra o seu maior contingente. São Paulo vem em segundo lugar com 240.000 fiéis. Embora as capitais constituam seu principal *habitat*, em outras capitais sua performance não se repete: Belo Horizonte (83.000), Salvador (75.000). Sua marca também se vê nas capitais como Porto Alegre, Porto Velho e Goiânia. Presente em grande parte do território nacional, inexpressiva em poucos Estados, e pelo contrário, expressiva em Estados como o Acre, Amazonas, Maranhão e Tocantins (*ibid* 42-43).

A **TABELA** a seguir expõe o que foi aqui comentado.

TABELA II - Igrejas Evangélicas Pentecostais no Brasil – 2000

Igrejas	População	% dos pentecostais
Assembléia de Deus	8 418 154	47,47
Congregação Cristã do Brasil	2 489 079	14,04
Igreja Universal do Reino de Deus	2 101 884	11,85
Evangelho Quadrangular	1 318 812	7,44
Deus é Amor	774 827	4,37
Maranata	277 352	1,56
O Brasil para Cristo	175 609	0,99
Casa da Bênção	128 680	0,73
Nova vida	92 312	0,52
Comunidade evangélica	77 797	0,44
Comunidade Cristã	76 730	0,43
Casa da Oração	68 587	0,39
Avivamento Bíblico	59 034	0,33
Igreja do Nazareno	47 384	0,27
Cadeia da Prece	3 076	0,02
	1 266 211	7,14
Não determinada	357 949	2,02
Sem vínculo institucional		
Total	17 733 477	100,0

Fonte: Censo Demográfico de 2000, IBGE.

1.5 Religiões afro-brasileiras

1.5.1 O que são as religiões afro-brasileiras

Discorrer sobre as religiões afro-brasileiras constitui um trabalho específico e de grandes dimensões. Primeiro porque é uma religião no plural e não no singular. Segundo porque nesse trabalho elas entram como um fator subjacente, embora ao longo da pesquisa tenham assumido significância. E sua importância é proporcional à sua presença nas reuniões e nas entrevistas realizadas na Igreja Internacional da Graça de Deus. Elementos que integram seu panteão surgem tanto na execração pública contida nas prédicas pastorais como na recusa de alguns dos meus interlocutores, ex-fiéis dessas religiões, que expressam uma atitude de abominação total a um passado que consideram momento infeliz quando comparado ao presente, para eles bonito, feliz e pleno de realizações pessoais e espirituais.

Por isso quero nesse item abordar a visão de alguns estudiosos sobre essa religião no plural e que pode ajudar na elucidação da vinculação do objetivo do meu trabalho com o resultado obtido.

De fato, vários termos – xangô, candomblé, umbanda, macumba, catimbó, omulu, exu, pomba gira e outros –, em princípio não pertencentes ao universo evangélico, são recorrentes na igreja neo-pentecostal estudada. Aparecem, no entanto, como sinônimos do mal ou como representação do diabo, figura que se contrapõe ao Deus cristão. Um dos Pastores, para firmar e reafirmar sua posição contrária às religiões de origem afro-brasileiras, chegou a dizer que se *macumba* fosse boa coisa seria chamada *boacumba*. Por aí se percebe a predisposição do neo-pentecostalismo com relação a essas religiões.

A partir, pois, desse linguajar que flui com tanta frequência e familiaridade, tento compreender alguns aspectos das religiões afro-brasileiras e o porquê da sua presença no imaginário da igreja neo-pentecostal estudada, dentro da limitação que se impõe nesse trabalho. Faço-o de forma sintética objetivando apenas um breve diálogo entre o que verifiquei na igreja e a caracterização que alguns autores fazem dessas religiões. É certo que não me proponho a esgotar todos os aspectos, mas apenas abordar alguns que foram direta e intensamente invocados durante os cultos e entrevistas naquela igreja. Começo pelo candomblé e pelos orixás.

Um dos estudiosos do candomblé, Carneiro (2006:350,343-344,347-348) define-o como poder espiritual e não como conjunto de regras morais⁴¹. Caracteriza-o como igrejas independentes entre si, dirigidas por sacerdotes (mães ou pais de santo) que detêm autoridade

⁴¹ Herskovits (2006:357) mostra os cultos de candomblé como os que “dão sentido à vida e garantia contra os sofrimentos de um mundo incerto”, ou seja “segurança para a vida diária”, além de satisfazer “a necessidade de uma posição baseada no prestígio”.

espiritual e moral e que só reconhecem acima de sua própria autoridade a dos orixás⁴² (deuses na linguagem *yoruba*). Situa a origem africana do termo candomblé, com o significado de “festas anuais das religiões dos negros, que se realizam em certas épocas do ano”⁴³. Ele próprio admite que “hoje significa a casa dedicada às festas e o conjunto da religião”. Esse autor mostra que em todos os candomblés constata-se a presença de deuses da mitologia *yoruba* e *ewê*⁴⁴. Associa os candomblés às várias “nações” africanas e os distingue pelos “traços de cultura, particularidades de dança, música, canto, organização de festas, que os identificam com a região de origem”. Por outro lado, esse mesmo autor, embora faça uma tentativa de classificar os candomblés (de Angola, do Congo, muçurumin, “de caboclo”)⁴⁵, mostra a dificuldade de determinar com precisão a origem dos candomblés, a exceção os de origem jeje-nagô⁴⁶.

Nesse sentido Motta (2005a:323-325) chama a atenção para o fato de Carneiro ter consagrado o “rito nagô”⁴⁷ como o único merecedor do rótulo de autêntico na religião afro-brasileira e, em contraposição, incluído todo o resto, principalmente os “bantos” na categoria de “degeneração”, com propensão ao charlatanismo⁴⁸. Sublinha, ainda, que esse autor influenciou de tal forma Roger Bastide – outro que se envolveu com o rito nagô e fez a apologia desses terreiros – que este absorveu “a noção de ‘pureza’ ou de ‘autenticidade’

⁴² Os Orixás yorubanos são assim caracterizados por Rodrigues (2006:355), outro estudioso do tema: concepção politeísta, constituem mitologia, têm representação material fetichista, são fenômenos meteorológicos divinizados, originam-se de criações eveméricas (deuses como personagens humanas, extraídos de relatos tradicionais e acontecimentos históricos, divinizados pelo próprio homem), e por enquanto representados por objetos inanimados como água, pedra, conchas, ferro, chumbo etc., ou por árvores, frutos, sem que necessariamente tenham semelhança com um ser humano.

⁴³ Em estudo bem mais recente (MOTTA 2001:4) registra como o acontecimento mais importante na história da religião afro-brasileira no último quartel do século XX, o processo de *decomunalização*, ou seja, a separação do “artigo religioso afro-brasileiro de sua base social e étnica originária e dirigindo-o, graças à atuação de religiosos que, guardadas as proporções, não deixam também de ser homens de empresa representativas de certo espírito do capitalismo, a um público ou a um mercado anônimo e abstrato”. Esse autor confirma que esse afastamento da comunidade de origem provoca mudanças nos aspectos teológicos, rituais e institucionais.

⁴⁴ Povos *yoruba* e *ewê*s, habitantes da Costa dos Escravos, na África (CARNEIRO 2006:343).

⁴⁵ De 67 candomblés examinados pelo autor, conseguiu identificar 17 “nações” diferentes (CARNEIRO 2006:344).

⁴⁶ Para Motta (1976:58), a contribuição de Carneiro aos estudos dos cultos afro-brasileiros resume-se a: “1) Novos desenvolvimentos da pesquisa etnográfica dos candomblés, de Salvador; 2) Ênfase excessiva colocada nos elementos nagôs dos cultos; 3) Tentativa pioneira, mas fracassada, de definição e elastificação gerais dos cultos de origem africana no Brasil”.

⁴⁷ Ritos: “nagô” (mais tradicionais) e “não-nagô” (MOTTA 1976:62). Nestes últimos incluem-se os bantos.

⁴⁸ Carneiro admite que o charlatanismo possa acontecer, mas em “certos terreiros bantos ou candomblés de caboclo”, os quais considera seitas em processo de desagregação, sendo rejeitados veementemente pelos “verdadeiros africanos” (MOTTA 2005a:326). O próprio Motta (1976:60) faz críticas a Carneiro por fazer convergir tudo o que for positivo na religião africana no Brasil para o povo nagô, e o contrário aos bantos. Lembra que Landes aderiu a essas idéias exaltando as virtudes de seriedade religiosa das mães nagôs, expondo os chefes do culto caboclo ou banto colocando-os em contraste, em todos os sentidos, às mães nagôs além de classificar as casas do culto caboclo ou banto apenas como “cismáticas”. Realmente Landes (2006:361-363) faz a apologia das mães-de-santo nagôs.

nagô””, além de considerar a manifestação do “transe” como verdadeira entre os nagô e admitir a possibilidade de simulação entre os bantos.

A partir de trabalhos de campo seus, realizados em Recife, Motta (1976:61-62) admite que as casas banto parecem ter organização menos formal e por isso mais atraentes para os que querem alcançar a liderança sem passar por longas esperas impostas pelas casas nagôs. Aborda ainda o significado político se sobrepondo ao ritualístico, ao comparar os terreiros a “pequenas empresas capitalistas, voltadas para um mercado abstrato de convertidos e clientes em potencial e o acesso ao poder dentro das suas estruturas, significa, por assim dizer, o controle dos meios de produção religiosa”. Reconhece uma maior frouxidão na organização das casas “bantus”⁴⁹, onde se encontram cultistas mais empreendedores, que não acham nas casas nagôs (mais tradicionais) ambiente propício para realizar suas ambições.

Ressalta a antiguidade dos terreiros bantos se comparados aos nagôs, pelo menos em Recife e Salvador. Os primeiros apresentam traços fortes da presença ou ritual indígena. Têm também afinidades com o Catimbó entre o Rio Grande do Norte e Pernambuco ou com a Pajelança do Norte do Brasil: mitológicas, rituais e vocabulares (*ibid* 63-64).

Na concepção de Motta (2005a:326-327), Bastide contribuiu para inventar a religião candomblé, embora afirme que como tal ela já existisse antes. Mas ele “canonizou” ou “normatizou” “um de seus ritos, considerados, a partir de então, como regra de boa memória e padrão de ortodoxia” e que hoje se impõe no “Brasil como uma das religiões nacionais, ou, mesmo, como a religião nacional”, seguindo, assim, os passos de Carneiro. O autor com quem dialogo lembra ainda que o candomblé não dispensa o sincretismo, anteriormente com a Igreja Católica, atualmente com a ciência social. Esta “lhe fornece a aparelhagem conceptual [...] para que possa transformar-se em igreja por direito próprio, com seu corpo ritual bem padronizado, seu sacerdócio hierárquico, sua teologia, seus doutores da fé...”.

Por outro lado, para explicar a umbanda uso ainda as reflexões de Motta (2005:155,157). Primeiro ele comenta que a umbanda (ainda pré-umbanda ou macumba carioca) abordada por Artur Ramos⁵⁰ não com este nome, significa o processo de aculturação que se manifesta pelo “sincretismo no domínio religioso” e tem componente banto. Em seguida caracteriza essa umbanda

⁴⁹ Ora os autores denominam bantos ora denominam bantus.

⁵⁰ De acordo com Ramos (2006:369), no Brasil, Umbanda passou a significar a religião dos negros no Rio de Janeiro e a expressão “Linha de Umbanda” era usada pelos negros e mestiços cariocas para se referirem às suas próprias práticas religiosas (à época já muito fundidas com o espiritismo).

Como a aplicação, ao catimbó, ao xangô e a outras religiões afro-brasileiras, da teologia do espiritismo europeu, elaborada por Allan Kardec e seguidores, franceses ou brasileiros. [Destaca] dentre os muitos aspectos desse sistema de crenças [...] a fé no progresso indefinido do universo e dos espíritos que o habitam, encarnados ou desencarnados, residentes na Terra, noutros planetas e noutras galáxias.

[E continua:] Não existe, na verdade *uma umbanda*, porém *muitas umbandas*. O que, em trabalhos anteriores, denominei *xangô umbandizado*, ao mesmo tempo que adota certos elementos da sistematização kardecista (classificação das entidades em linhas e falanges, maior ênfase sobre a palavra, etc.), conserva os toques, as danças, a hierarquia (ou, pelo menos, a nomenclatura dos terreiros de *xangô* e de *candomblé*) (*ibid* 156)⁵¹.

Ainda segundo Motta (*ibid* 167), Bastide mostra o contraste entre o candomblé e a umbanda, dizendo que o primeiro representa “a civilização, a filosofia, a metafísica africana”, enquanto a segunda está “ligada à modernidade, à economia industrial, ao surgimento do proletariado” É Motta ainda quem admite um possível surgimento de aculturação formal dentro do candomblé. Para ele (*ibid* 16)

a aculturação formal se realiza quando se altera a maneira de perceber o fenômeno material, isto é, quando se altera o espírito, o *éthos*, a significação, o contexto civilizacional do fenômeno. Não se trata tanto dos aspectos materiais, mas da forma com que é apreendido e contextualizado.

A macumba foi caracterizada por Ramos (2006:370) como espíritos familiares que surgem e encarnam no Embanda⁵². Os grupos de santos e espíritos surgem em falanges (estas pertencem a várias nações ou linhas) e o poder do sacerdote é proporcional ao número de linhas em que trabalha. Tem um movimento sincrético com o espiritismo e com o catolicismo⁵³. Ramos (*ibid* 371) assinala que entre as diversas linhas “uma das mais importantes é a linha negra, de espíritos malfazejos”. Essa linha registrada por esse autor lembra-me o Pastor Anderson, do qual transcrevo um fragmento de entrevista:

...a 6ª feira é o dia mais forte para os que freqüentam terreiros. É dia que eles recebem mais oferendas. Pode ser ao meio dia ou a meia noite que acontecem mortes, carros virados, acidentes em quem está longe de Jesus. Deus responde com a Palavra, torna tudo mais alvo que a neve e que exorta, mas não castiga ninguém. Já o diabo castiga quem deixa o Terreiro, acama, quebra perna, pois as pessoas estão longe da proteção de Deus.

⁵¹ Esse texto me remete aos meus interlocutores, que freqüentemente chamam de espiritismo tudo o que se refira a Kardec, mas também à umbanda, xangô etc.

⁵² Grão-sacerdote. No Brasil assumiu os nomes de Quibanda, Quimbanda, Umbanda, Embanda, Banda. Toda essa terminologia poderia corresponder ao grão-sacerdote, feiticeiro, sacerdote, macumba ou o próprio processo ritual (RAMOS 2006:369).

⁵³ Já comentado por Motta (2005:156) e transcrito em página anterior nesta Tese.

O xangô, outra palavra sempre presente nos rituais neo-pentecostais, aparece com dois significados nas leituras que fiz. Um deles é como um dos Orixás que integram o panteão das religiões africanas, “o deus das tempestades dos negros yoruba” (CARNEIRO 2006:354). Essa perspectiva pode ser confirmada em Landes (2006:376)⁵⁴, em que ela acentua ser ele um filho muito querido de Oxalá⁵⁵ e identificado com São Jerônimo da igreja Católica. Em antigas esculturas de madeira da tradição *yoruba*, ora é representado como homem ora como mulher. O outro significado de xangô⁵⁶ é a designação que se dá em Pernambuco aos “grupos de culto fortemente influenciados pelas tradições religiosas da África Ocidental”, segundo Ribeiro (1982:123). São os “terreiros de Xangô”, conforme Motta (2005:157). Para ficar mais claro como se configura o Xangô visto por esse prisma transcrevo Ribeiro (*ibid* 124-125):

Constituem os XANGÔS grupos de culto independentes entre si, polarizados em torno da figura de um sacerdote-advinho, com uma infra-estrutura de dignitários e auxiliares hierarquicamente qualificados, fiéis ritualmente iniciados, candidatos à iniciação e “apreciadores”. [...]

Seu culto exige iniciação ritual do fiel, coroada com a possessão deste pela divindade a cujo serviço se tenha dedicado especialmente; apresentação periódica de oferendas e sacrifícios propiciatórios perante os seus “assentos” ou altares; participação regular em toques, ou sejam, cerimônias públicas comemorativas nos dias dedicados a essas divindades, com danças, cânticos e possessões rituais; frequência assídua à casa de culto e obediência a uma série de obrigações rituais e tabus de conduta.

Brandão e Motta (2002), na cidade do Recife, *lócus* da minha pesquisa, reconstituem dois líderes religiosos de importância fundamental no xangô pernambucano. “Em termos weberianos”, representavam o *carisma* – pai Adão⁵⁷ – e a *tradição* – Badia⁵⁸. Os autores afirmam que “o surgimento do xangô propriamente dito, como religião autônoma ainda que conservando (como até hoje conserva) vínculos sincréticos com o catolicismo, é praticamente contemporâneo ao surgimento da ciência social em nosso país”. Em realidade, surge no espaço deixado pelo declínio da igreja Católica, mas não necessariamente com posturas hostis ao catolicismo e nem com a compreensão integral de sua autonomia. Por isso

⁵⁴ Diz a autora que é “representado como um grande guerreiro e grande namorador e é o herói de lendas escandalosas”. Às vezes é considerado “o rei de toda a África” e outras vezes “o rei conquistador de uma cidade-Estado *yoruba*. Conta, ainda, que após a sua morte reapareceu no relâmpago (encarregado dos raios) e reina nos céus. Seu símbolo é um machado de meteorito, sua cor emblemática é o vermelho da paixão. Sua popularidade é muito grande e “desce em muitos médiuns” (*ibid* 376).

⁵⁵ Pais dos deuses, mas não é o Criador. Identificado com Cristo (a grande divindade católica) (LANDES 2006:375).

⁵⁶ “CANDOMBLÉS (Bahia), CASAS DE MINA ou NAGÔ (Maranhão), TERREIROS (Pará, Pernambuco, Bahia), MACUMBA (Rio de Janeiro), constituem a sinonímia do XANGÔ de Pernambuco e Alagoas” (RIBEIRO 1982:123).

⁵⁷ Felipe Sabino da Costa (1877-1936).

⁵⁸ Maria de Lourdes da Silva (1915-1991).

os dois líderes – contemporâneos em pelo menos duas décadas – são referências nesse processo de ocupação de um espaço religioso facilitado pela retração da igreja Católica.

Os autores destacam a fé que caracterizava o pai Adão⁵⁹ e que ele transmitia não só aos que o conheceram, mas também era passada pelos que o conheceram aos que não o conheceram. Sua liderança carismática foi testemunhada pelo povo-de-santo e por pesquisadores, a exemplo de Gilberto Freyre. Aderiu ao *Sítio*, quando estava sob a liderança de Inês Joaquina da Costa (considerada fundadora desse terreiro). Depois que assumiu a chefia do *Sítio* transformou-o no que veio a ser considerado o “principal terreiro afro-ricifense”, mas que era ao mesmo tempo um “centro de devoções católicas”.

Quanto a Badia, que se declarava *católica, graças a Deus*, era devota do mês de maio e assegurava que jamais se afastaria da religião dos orixás. A *Casa do Pátio do Terço* correspondia ao que havia de mais arcaico no xangô de Pernambuco. Os autores do artigo registram que ela “era eminentemente uma especialista de formas de aconselhamento, para não dizer terapia ou psicoterapia, com forte conteúdo mágico”. Realizava sacrifício de animais (*matança* ou *obrigação*) de forma a atrair as bênçãos dos santos, mas também como “terapia de alívio na religião afro-pernambucana, prescrita a doentes e angustiados”. Oferecia freqüentemente seu *bori* (ou *ebori*)⁶⁰. A clientela de Badia ultrapassava as fronteiras do Bairro de São José, onde tinha a sua *Casa*. Usava os métodos de adivinhação. As condições de atendimento eram o pagamento – os clientes lhe pagavam na proporção de sua condição sócio-econômica – e a disposição de cumprir o que fosse por ela prescrito. A sua clientela era composta pelos comerciantes – pequenos e grandes –, mas também pelos “proprietários e gerentes de hotéis e pensões que lá não faltam, sem falar nas agremiações carnavalescas”. Os autores a consideravam “uma magopsicoterapeuta do maior destaque”.

Esse breve relato dos dois assentamentos afro-pernambucanos se propõe a mostrar na prática o funcionamento de terreiros comparativamente ao que venho desenvolvendo a partir das informações dos autores.

Passo, então, para o panorama quantitativo das religiões afro-brasileiras expresso no Censo 2000. Assim como fiz com as igrejas de missão e pentecostal, utilizo esses dados

⁵⁹ Motta (2005:157) mostra que o Sítio de Pai Adão vem do modelo banto e reencontra-se na base de cultos como catimbó, jurema, macumba.

⁶⁰ Segundo os autores, “de acordo com o sentido literal do termo em ioruba, significa a *comida da cabeça*, [...] indispensável para aqueles ou aquelas que fazem grande dispêndio da força colocada em suas cabeças, realizando *trabalhos*, *ebós*, *despachos* e assemelhados”. Os autores ainda esclarecem que “Com o sentido original de comida na língua nagô, *ebó* veio a significar, em linguagem afro-pernambucana, praticamente o mesmo que sacrifício ou *obrigação*, adquirindo também, por metonímia, o sentido de “despacho”, isto é, de conclusão de alguma cerimônia ou sacrifício”.

para situar essas religiões na atualidade brasileira. Não sem antes comentar outros elementos que aparecem com frequência nos cultos neo-pentecostais, como os omolus, exus e outros.

Para isso conto com Landes (2006:376-378) que, ao descrever o panteão africano, mostra Omolu como um dos três grandes deuses, filhos de Oxalá (identificado com Cristo) com Nanã⁶¹. É tido como deus das pestes, principalmente da bexiga. Cura moléstias, se solicitado corretamente. Identificado no catolicismo com São Lázaro e São Roque. Embora antipático “exerce horrível fascinação sobre homens e mulheres”⁶².

Quanto a Exu, intensamente citado na igreja neo-pentecostal, utilizo-me ainda dos registros de Landes (*ibid* 375,377). Primeiro a autora afirma que “comparar Exu ao diabo completará a tábua das identificações” com os santos da igreja católica. Em seguida diz que os exus são servos de Ogum⁶³, deus da guerra, de caráter enérgico e controlador dos desastres, da guerra, do ferro e do mal. Sua cor é o azul-marinho. No catolicismo identifica-se com o soldado Santo Antônio. A cada vez que Ogum é invocado faz-se acompanhar pelos exus para fazer o mal.

1.5.2 As religiões afro-brasileiras no Brasil contemporâneo

Primeiramente quero assinalar que as religiões afro-brasileiras são encontradas no Censo 2000 na categoria “Outras religiões” (**TABELA III** adiante), ao lado das espíritas, neocristãs, orientais, judaísmo, islamismo, indígena, que juntas representam quase 4,7 milhões de adeptos. Ou seja, um número menos significativo que os mais de 26 milhões de protestantes ou os 125,5 milhões de católicos (JACOB 2003:15,44,73,103). No entanto, é sempre bom lembrar que está se falando em termos de milhões. E isso não é desprezível.

O retrato que o Censo 2000 faz das religiões afro-brasileiras é, no mínimo, inusitado. Em primeiro lugar distingue três categorias e assim as intitula: Mediúnica Umbandista, Mediúnica Candomblecista e Outras religiões afro-brasileiras. Juntas representam pouco mais de 500.000 adeptos, entre os quais 397.000 estão vinculados à Umbanda. O Rio de Janeiro concentra o maior número deles (113.000), seguido de Porto

⁶¹ Mãe de Omolu, Loko e Oxumaré. Identificada com Sant’ana, mãe de Maria. Às vezes é considerada a mãe de todos os deuses. É mais temida e antipatizada que amada e respeitada. Suas cores: branco e azul-claro (simbolizam sua sensibilidade e a água em que vive) (LANDES 2006:375-376).

⁶² “Seus media o representam como um velho paralítico, horrorosamente contorcido, emitindo constantemente pipilos agudos”. Chamado “rei dos treze raios do Sol”. Suas cores são o vermelho e o branco ou preto e na sua vestimenta inclui uma máscara de palha que vai da cabeça ao peito (*ibid* 377-378).

⁶³ Ogum foi abandonado pela sua mulher Iansã, que se uniu a Xangô numa batalha e conquistou seu coração (LANDES 2006:376).

Alegre (60.000) com influência estendida ao sul do Rio Grande do Sul. São Paulo aparece em terceira posição com 41.000 fiéis. Enquanto o Candomblé destaca-se também no Rio de Janeiro (51.000 fiéis), seguido por São Paulo e Salvador com contingentes bem menores. JACOB (*ibid* 101), ao comentar a ausência da Umbanda e do Candomblé no Nordeste, sugere que se trate de dificuldades pessoais de seus adeptos declararem suas práticas religiosas que ele considera paralelas. Em segundo lugar o Censo não inclui informações sócio-econômicas sobre os integrantes desse grupo religioso, a exemplo do que faz com as outras religiões que compõem a **TABELA III**.

Com seus 2,2 milhões de fiéis, os espíritas, basicamente de origem kardecista, constituem um grupo importante e localizam-se principalmente no Estado de São Paulo (na capital: 340.000), em Santos, Campinas, São José dos Campos e microrregiões mais distantes da capital como Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Franca. O Estado do Rio de Janeiro assume a segunda posição – na capital, com 270.000 – e em microrregiões do Vale do Paraíba Fluminense. Em Minas Gerais ele é mais expressivo na capital, Belo Horizonte, e no Triângulo Mineiro. Fiéis também se destacam em Brasília, Goiânia, Salvador e Recife, além de Porto Alegre e microrregiões da metade-sul do Rio Grande do Sul, de Pelotas a Uruguaiana. Seu nível de educação é superior ao da média brasileira (segundo grau, graduação, mestrado e doutorado). São na maior parte “empregadores” com rendimentos muito elevados, o que os insere entre as camadas altas da sociedade (*ibid* 101).

Eximo-me, no entanto, de tecer comentários sobre as outras religiões que integram a **TABELA III**. Para meu objetivo são suficientes os números que retratam as religiões afro-brasileiras e a espírita, uma vez que para meus interlocutores elas constituem uma mesma categoria.

A **TABELA III**, a seguir, resume o que foi aqui comentado.

TABELA III - Outras Religiões no Brasil – 2000

Religiões	População
Mediúnica Espírita	2 262 378
Mediúnica Umbandista	397 421
Mediúnica Candomblecista	118 105
Outras religiões afro-brasileiras	9 485
Neo-Cristã / Testemunha de Jeová	1 104 879
Neo-Cristã / Mórmon	199 641
Neo-Cristã / LBV	12 115
Oriental Budista	214 861
Oriental Messiânica – Seicho No Ie	151 082
Hinduísmo	2 908
Judaica ou Israelita	86 819
Islamismo	27 233
Esotérica	58 443
Espiritualista	25 892
Indígena	17 092
Total	4 688 354

Fonte: Censo Demográfico de 2000, IBGE.

CAPÍTULO 2 - ITINERÁRIOS DA PESQUISA

Nestes Itinerários da Pesquisa busco apresentar os caminhos metodológicos que trilhei para atingir os objetivos a que me propus. Meu primeiro passo consistiu em como entrar na situação de pesquisa ao adentrar as igrejas estudadas (JUNKER 1971:42).

Eximi-me de estabelecer de imediato relações sociais (*ibid* 40,42) – deixei-as para um segundo momento –, mas observar como se desenvolviam os rituais, qual a relação recíproca entre ambiente físico, fiéis e rituais e, o mais importante, de que forma as pessoas participavam daqueles rituais, tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo. Afinal são os rituais que mais expressam cada religião. São considerados por Radcliffe-Brown (*apud* CARDOSO DE OLIVEIRA 1998:22) como “o elemento mais estável e duradouro”, se comparados às crenças.

Eles se apresentam – e aqui me reporto a Giumbelli (2003:211) quando analisa a teoria de Geertz que trata religião e cultura num permanente processo simbiótico –, como

... um momento privilegiado para o estudioso, pois representa o ponto no qual os aspectos disposicionais/motivacionais e conceituais/ideacionais da vida religiosa convergem para o crente.

Dessa forma, ele reafirma a idéia de que os rituais têm um caráter estritamente religioso e que fora deles o crente passa a viver no mundo do senso comum, muito embora este, no cotidiano, receba o impacto da religião.

E para ratificar minha disposição inicial de fixar-me essencialmente nos ritos, inspirei-me em Durkheim (1996:XVI) ao identificar a sua função estruturadora de manter os fiéis unidos entre si e de sublimar a tensão que existe em favor da luta pela sobrevivência do grupo. Este autor assim se expressa:

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter, ou refazer alguns estados mentais desses grupos.

Nesse sentido, tentei maximizar as possibilidades das observações na percepção do conjunto dos comportamentos, das cerimônias, das falas, dos cânticos, dos gestos, das expressões corporais (inclusive faciais) passíveis de registro e de interpretação, como alerta Clifford (1998:29).

Passo, em seguida, a expor os Cenários Quantitativo e Qualitativo que compuseram minha pesquisa.

2.1 Cenário Quantitativo

Inicialmente dou uma idéia do panorama cromático do segmento evangélico ou protestante na população brasileira, pondo em destaque a região Nordeste e dentro desta, o Estado de Pernambuco – onde realizei minha pesquisa –, a fim de verificar o quanto significa do ponto de vista quantitativo essa população. Não o faço criticamente, uma vez que reproduzo no **ANEXO I (TABELA IV)** e na **TABELA V** a situação populacional identificada pelo IBGE⁶⁴ como um referencial de início de estudo e teço alguns comentários. Classifico como acrítica minha posição por não questionar esta categorização – branca, negra, parda, amarela, indígena –, apropriando-me das três primeiras, pois por elas e nelas está baseado meu trabalho.

Comecei, pois, a pesquisar sobre as relações raciais com consciência dos obstáculos que enfrentaria num país onde historicamente se nega a existência do racismo, mas que tem no seu processo interativo fatos inequívocos da presença desse fator que inibe, que separa, que humilha, que contribui enfim para inserir as pessoas na sociedade de formas desiguais.

Minha hipótese inicial foi que

os protestantes brasileiros reproduzem o mesmo fenômeno social que se encontra na sociedade brasileira no que se refere às relações raciais, em particular no que se refere ao negro.

Na medida em que imergi na pesquisa emergiu a pergunta:

O racismo encontrado entre os protestantes manifesta-se pela recusa de uma cultura religiosa por eles demonizada, e cuja gênese está no continente africano?

Como era de meu interesse detectar a configuração cromática do universo estudado, na maioria das vezes em que participei das reuniões fiz uma rápida contagem e constatei nos aspectos biológicos das pessoas presentes, o multicromatismo reinante em cada igreja. Multicromatismo que se expressa nas diferentes matizes de cor de pele e de tipos de

⁶⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

cabelo, mas que exibe a predominância daquele que o IBGE chama de pardo, o qual abarca os mais variados fenótipos.

Construí minha própria tipificação para este primeiro momento de observação, mas esta seria dada, de fato, mais tarde pelos meus interlocutores em sua auto-identificação. Usei a terminologia do IBGE – preto, pardo e branco –, mas alijeí o amarelo e o indígena por não encontrar no universo estudado nenhum representante desses segmentos. Considerei preto aquele que tem a tez muito escura e os cabelos crespos; pardo o que tem a pele em tonalidade mais clara e os cabelos crespos ou não; branco o da pele muito clara e cabelos lisos ou mais tendentes a lisos.

Do Censo de 2000 divulgado pelo IBGE retirei dados estatísticos relativos à população de cor branca, parda e preta, no Brasil, na região Nordeste e no Estado de Pernambuco. Em cada um desses estratos verifiquei a população evangélica e dentro desta a da igreja de missão e a da igreja pentecostal, uma das classificações usadas para distinguir as vertentes evangélicas no Brasil⁶⁵. Esses dados além de contribuírem para mapear a população evangélica serviram, na sua essência, de suporte para corroborar as minhas observações nas igrejas estudadas. O resultado está expresso no **ANEXO I (TABELA IV)** e na **TABELA V**, a seguir. No primeiro verificam-se os números absolutos e percentuais. Na segunda arredondam-se e expressam-se apenas os percentuais.

⁶⁵ O IBGE limita-se às igrejas de missão, pentecostal e outras, sem especificar estas últimas. Não utiliza a classificação que contempla o segmento neo-pentecostal, onde se inclui a Igreja Internacional da Graça de Deus. Optei, pois, por considerar a Igreja Internacional da Graça de Deus compondo a vertente pentecostal unicamente para fazer a comparação com o resultado do obtido pelo Censo.

TABELA V - População do Brasil, da região Nordeste e do Estado de Pernambuco por cor ou raça e por participação em igreja evangélica, em percentuais⁶⁶

Igreja Evangélica/ População brasileira	População (%)				
	Total	Branca	Preta	Parda	Preta + Parda
População total	100	54	6	38	44
• Evangélicos	15	56	6	39	45
1. Evangélicos de missão	27	61	5	32	37
• Evangélicos Batista	46	52	6	40	46
2. Evangélicos pentecostal	67	49	7	42	49
3. Outros evangélicos	7	54	7	38	45
População do NE	28	33	8	58	66
• Evangélicos	19	34	7	58	65
1. Evangélicos de missão	20	37	7	54	61
• Evangélicos Batista	27	36	8	55	63
2. Evangélicos pentecostal	19	32	7	59	66
3. Outros evangélicos	10	33	8	58	66
População de Pernambuco	17	41	5	53	58
• Evangélicos	22	39	5	53	58
1. Evangélicos de missão	22	46	4	49	53
• Evangélicos Batista	24	44	5	51	56
2. Evangélicos pentecostal	22	36	5	57	62
3. Outros evangélicos	15	44	5	49	54

Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE.

O Censo de 2000 registra no Brasil uma população de predominância branca (54%), e mesmo que se agregue a de cor preta e a de cor parda elas não ultrapassam os limites dos 44%. Para o Censo o universo evangélico está dividido em igreja evangélica de missão, de origem pentecostal e outras igrejas evangélicas. Limite-me nesse momento à igreja Batista – incluída entre as igrejas de missão –, à igreja pentecostal e a outras igrejas evangélicas, uma vez que a Igreja Internacional da Graça de Deus não faz parte nominalmente do

⁶⁶ Os percentuais referentes à região Nordeste estão calculados com relação à população brasileira enquanto os correspondentes ao Estado de Pernambuco estão calculados tomando por base a região Nordeste, ou seja, a sua significação dentro da região e não com relação ao Brasil como um todo.

desdobramento previsto pelo Censo para as igrejas pentecostais ou para outras igrejas evangélicas.

Somam 15% os evangélicos na população brasileira, que em números absolutos correspondem a aproximadamente 26 milhões de habitantes entre os quase 170 milhões que compõem a população total. Dos 15% de evangélicos em território brasileiro, 27% integram as igrejas de missão – destes, 46% a igreja Batista –, 67% as igrejas pentecostais e 7% outras igrejas evangélicas.

O universo evangélico de cor branca totaliza 56% enquanto o de cores preta e parda 45%. Fica clara a semelhança percentual cromática da população evangélica em comparação com a população brasileira. Trata-se quase de uma repetição numérica. Os evangélicos de missão, brancos, perfazem 61% enquanto os de cores preta e parda 37%; como subdivisão dos evangélicos de missão destaque os da evangélica batista (52% de brancos contra 46% de pretos e pardos); outros evangélicos somam 54% de brancos e 45% de pretos e pardos. Destacam-se os pentecostais cuja população branca apresenta-se abaixo dos outros segmentos (49%) e a soma de pretos e pardos perfaz exatamente o mesmo percentual (49%).

Constata-se a predominância da cor branca em todos os agrupamentos da população postos aqui em ênfase: população total, população evangélica, igreja evangélica de missão, igreja evangélica batista, outras igrejas evangélicas. Exceção feita à igreja pentecostal cujos percentuais de brancos coincidem com os de pretos e pardos.

Já a região Nordeste tem uma configuração inversa. É a pardização que predomina. Sua presença é nitidamente maior. Esta também se reproduz no segmento evangélico. 28% de brasileiros situam-se nessa região onde os pardos somam 58%. Ao somar os pretos e pardos obtêm-se 66%. Os brancos totalizam 33%. A exemplo da população brasileira, mas no sentido invertido, esta região repete praticamente as mesmas proporções cromáticas entre a população em geral e a população evangélica. O seu perfil mostra a presença de 19% de evangélicos dos quais 58% são pardos que somados aos pretos perfazem 65%, enquanto os brancos são 34%.

Nesta região os evangélicos de missão somam 20%. Dentre eles os de cor parda totalizam 54% (somados aos pretos são 61%) enquanto os de cor branca totalizam 37%. Os evangélicos batistas perfazem 27%, dos quais 55% de pardos (63% se somados aos pretos), enquanto os brancos se limitam a 36%. Os pentecostais significam 19% dos quais 59% de pardos (66% se somados aos pretos) e 32% de brancos. Os outros evangélicos contribuem com 10% dos quais 58% são pardos (somam com os pretos 66%) e 33% são brancos. Chamo a atenção para o percentual de 66% que se repete entre os pretos e pardos no segmento

evangélico pentecostal e no de outras igrejas evangélicas, bem como na população do Nordeste.

Depurando-se mais um pouco e enfatizando-se o Estado de Pernambuco onde se localizam as igrejas por mim estudadas, este contribui com 17% da população nordestina, dos quais 53% pardos (58% ao se agregar os pretos) e 41% brancos. Desta população 22% são evangélicos (53% de cor parda, 5% de cor preta – as duas juntas somam 58% - e 39% de cor branca). A população preta e parda evangélica e do Estado tem exatamente a mesma proporção (58%).

Em Pernambuco os evangélicos de missão somam 22% (49% de pardos e 4% de pretos – somados são 53% - e 46% de brancos); os evangélicos batistas totalizam 24% (51% pardos e 5% pretos – a soma é de 56% - e 44% brancos); os evangélicos pentecostais são 22% (percentual igual aos de missão). Dentre eles 57% são pardos e 5% negros – 62% é a soma – e 36% brancos. Por fim as outras igrejas evangélicas somam 15%, dos quais 49% de pardos e 5% de pretos – somam 54% - e 44% de brancos.

Percebe-se uma ascensão na presença do universo evangélico na população brasileira, nordestina e pernambucana. São 15%, 19% e 22%, respectivamente.

2.2 Cenário Qualitativo

Tratando-se de um trabalho de cunho antropológico, fiz observações sistemáticas e centrei meus esforços na observação-participante. Frequentei intensamente as reuniões públicas de 2ª feira a domingo, em especial as da Igreja Internacional da Graça de Deus. Utilizei gravação de reuniões, de entrevistas, mas também registrei várias reuniões e entrevistas sem gravações. Fiz registros fotográficos. Tive várias conversas informais e entrevistas semi-estruturadas com líderes e fiéis. Participei de alguns seminários. Anotei tudo o que pude captar com os meus sentidos, mesmo que aparentemente não fosse útil ao meu objetivo.

Iniciei pela observação. Somente depois de muitos meses busquei estabelecer relações sociais de maior proximidade com as pessoas. E o modo dialógico de que fala Clifford (1998:45) esteve permanentemente presente, em particular nas entrevistas realizadas e nas conversas informais. Com todas as lacunas que possam ser encontradas – e são muitas – tentei não impor a minha visão, mas me inserir numa posição de permanente interlocução, com troca não apenas de informações e de conhecimentos, mas também de sentimentos.

Exemplo dessa troca foi o que ocorreu entre mim e a Obreira Tânia⁶⁷ na igreja da Graça. Depois de algumas visitas nessa igreja, a Obreira em foco passou a me cumprimentar com um simpático sorriso nos lábios. E quanto a mim, a chamá-la pelo nome próprio desde que o aprendi. Pensei até que seria uma pessoa facilmente entrevistável. Ledo engano! Numa tarde ao abordá-la, ao final de uma reunião, ela recusou docemente e me disse que não dava entrevistas, não por não ter confiança em mim, mas porque se tratava de um “propósito”⁶⁸. Entendia ela que muitas vezes o que era dito poderia ser mal interpretado e preferia não correr o risco. Ficamos conversando e aos poucos descobrimos que tínhamos pessoas conhecidas em comum, onde se incluía um parente dela (idoso e já falecido). Foi o suficiente para que nossa conversa se estendesse por muito mais tempo e confesso que foi tão útil quanto as demais entrevistas. Assim negociamos uma visão compartilhada da realidade (*ibid* 45) dela que, em algum ponto, tinha interseção com a minha e que me levou a uma melhor compreensão da vida social do grupo e da inserção de Tânia naquele grupo.

Satisfiz, pois, a orientação de Junker (*ibid* 40) quanto à necessidade de obter informações em qualquer que seja o nível e de explorar compreensões comuns que levam os membros do grupo a viver sua vida social.

2.2.1 Os primeiros contatos com o campo de estudo

Entrei nas primeiras igrejas que tencionava pesquisar. Este é um tema tabu, sobretudo nas igrejas protestantes ou evangélicas. Nega-se nelas qualquer possibilidade da existência de racismo. A doutrina a que são submetidos os fiéis leva-os a se considerarem iguais ou mesmo melhores que outros que não pertençam àquele grupo. Daí até descobrir a presença do racismo nessas igrejas havia diante de mim um longo caminho a percorrer.

De antemão tive o cuidado de, ao lançar meu olhar sobre o campo de estudo, não ver racismo em todos os comportamentos ou nos mínimos acontecimentos. Para mim o racismo somente será assim compreendido se sua manifestação prejudica as relações entre as pessoas, se impede a ascensão de alguém na estrutura hierárquica da igreja ou mesmo se as pessoas são colocadas à margem no processo de interação social. Esta maneira de me posicionar encontra respaldo em autores (BANTON 1977:177; TAGUIEFF 1997:19;

⁶⁷ A fim de preservar suas respectivas identidades uso nomes fictícios para meus interlocutores, exceto para os Pastores principais das igrejas estudadas, para a esposa do Pastor da Igreja Internacional da Graça de Deus e para o Missionário R.R. Soares (Romildo Ribeiro Soares), este último conhecido em nível nacional através da mídia de massa, em especial da televisão.

⁶⁸ Semelhante a uma promessa, a uma determinação, a uma decisão.

GUIMARÃES 1999:9) os quais defendem a idéia do racismo como um construto social que assume características específicas em cada sociedade. Dispus-me, pois, a ver se essas sociedades, aqui representadas pelas igrejas, praticam-no nas suas micro-relações, e como o constroem no seu cotidiano.

Minha pesquisa se desenvolveu entre os anos de 2003 e 2006, entremeados por alguns intervalos. O primeiro durou seis meses, período em que participei de um estágio financiado com uma “bolsa-sanduíche” concedida pela CAPES⁶⁹, no Centro de Sociologia das Religiões e da Ética Social, da Universidade Marc Bloch (Estrasburgo/França). Naquele país fiz algumas observações comparativas em igrejas protestantes, além de algumas entrevistas (Pastor, estudantes), sem, no entanto, aprofundar o tema pela exigüidade do tempo. Usei a maior parte do meu tempo com leitura de bibliografias e aulas ministradas pelo professor Jean-Pierre Bastian, que me acolheu no Centro citado, onde é o Diretor, e pelo Professor Gilbert Vincent, Diretor da Escola Doutoral de Teologia e Ciências Religiosas. Os outros pequenos intervalos deveram-se à minha própria dificuldade de introduzir-me no campo. Essas dificuldades tiveram sua origem nas diversas formas que experimentei para conseguir informações concretas sobre o tema em foco.

Nas primeiras visitas às igrejas selecionadas nada percebi que confirmasse a presença do racismo. Nos cargos de direção ou de auxílio à ordem do culto registrei a presença, marcante, de negros e pardos. Aliás, a pardização campeou em todas as igrejas que visitei, o que confirma os dados do IBGE já descritos e comentados na **TABELA IV (ANEXO I)** e na **TABELA V**.

Minha proposta inicial era a de pesquisar três igrejas que representassem as vertentes protestantes mais significativas no Brasil: a histórica ou tradicional, a pentecostal e a neo-pentecostal. Vale registrar que alguns autores não fazem diferença entre as duas últimas (FRESTON 1994:23). Na verdade, caracterizam-nas pela presença de exorcismos, transe, glossolalia, e acrescentam para as neo-pentecostais uma intensa busca de sucesso material e uma forma bastante ostensiva de arrecadar dinheiro dos fiéis.

A escolha de igrejas que representassem os três vieses evangélicos está sustentada pela hipótese de que há diferenças entre elas. Elas exercitam de forma diversificada a sua religiosidade. Montero (1999:351) constata na análise que fez sobre os estudos direcionados para as religiões, que a trajetória protestante brasileira foi voltada para si mesma e por isso era atrelada à alienação, ao estrangeirismo, ao isolamento (reflete a histórica ou tradicional).

⁶⁹ Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão ligado ao Ministério de Educação.

Tinha na mudança de comportamento social uma evidência de conversão, e dessa forma passava o fiel a diferenciar-se da sociedade mais ampla, tornando-se cada vez mais distante dela. Mas que o pentecostalismo (sobretudo o neo-pentecostalismo), eclodiu principalmente nas camadas populares, dialogou com a tradição africana ao promover em seus cultos exorcismos de entidades próprias daquela tradição, buscando um combate face-a-face, o que o fez identificar-se de forma mais direta com a sociedade brasileira. Ora, diante desses comentários fiquei com a firme impressão de que elas poderiam viver as relações raciais também de formas variadas.

Minha escolha recaiu sobre igrejas que se localizavam no centro ou próximas ao centro da cidade. Por que? É que parti do princípio de que as igrejas assim localizadas eram representativas da população do Recife. Em geral, igrejas de centro de cidade congregam não só pessoas que moram nas suas proximidades ou que estão de passagem pela cidade, mas também as que moram em outros bairros, mas se deslocam para o centro. A etnografia que fiz confirmou essas pressuposições.

As minhas incursões concentraram-se inicialmente aos domingos, dia em que o fluxo de fiéis é mais intenso. Nessas visitas comecei minhas observações. Primeiro pela configuração cromática daquele universo. Observei a presença de brancos, negros e pardos, usando aqui as categorias utilizadas pelo IBGE (desprezei os amarelos e indígenas por não identificar quem pudesse ser classificado nesses fenótipos e por não serem razão do meu estudo), mas sob a perspectiva do meu próprio olhar. E numa vista d'olhos nada vi que diferisse da população brasileira retratada no Censo. Em realidade a pardização que impera na população brasileira, em especial na região Nordeste, me saltou aos olhos. E nas três, a presença hegemônica de negros e pardos na estrutura hierárquica, além de poucos brancos.

Passei, então, a freqüentar com regularidade essas três igrejas. Tive como objetivo familiarizar-me com os rituais, observar a participação das diversas categorias, levando em conta os fenótipos representados pelos negros, pardos e brancos. Fixei-me, portanto, nos rituais. É neles onde melhor se observam as religiões (GIUMBELLI 2003:211). E foi justamente nos rituais que observei intensa e sistematicamente a participação dos fiéis. Gente de todas as cores, que abrangiam todo o leque cromático populacional brasileiro. Não somente entre os fiéis, mas também entre os que auxiliam a ordem do culto.

2.2.1.1 Um campo mutante

Depois de algumas visitas à Igreja Universal do Reino de Deus, decidi que não continuaria a pesquisa nessa igreja. A sua grandiosidade tanto em termos físicos como em termos quantitativos das pessoas que a freqüentavam – o templo comportava simultaneamente mais de mil pessoas sentadas – impelia-me a não continuar. Deduzi imediatamente que se quisesse realizar um trabalho com maior profundidade não poderia dedicar-me a três igrejas simultaneamente. Reservei-me, então, o direito de limitar a pesquisa a duas igrejas, a Batista e a Internacional da Graça de Deus. Eram igrejas menores, se comparadas à igreja Universal, e estariam representando as vertentes protestantes, histórica e pentecostal, respectivamente, mesmo que a segunda estivesse mais corretamente classificada como neo-pentecostal. Considerei que a igreja da Graça poderia ser analisada como pentecostal. E isto se confirmou na medida em que fiz a pesquisa, pois esta é uma dissensão da igreja Universal, da qual herdou muito da sua forma de atuar. Portanto, a minha decisão em nada prejudicou o conteúdo da pesquisa.

Na igreja Batista segui o mesmo caminho. Em primeiro lugar freqüentei várias vezes o chamado Ministério do Ensino, seguido do culto nas manhãs dos domingos. Esse Ministério funciona em classes simultâneas e separadas de adultos, jovens, crianças e algumas com jovens e adultos. Fui também aos domingos ora aos cultos das 17h, com presença hegemônica de adultos, sobretudo idosos, ora aos cultos das 19h com marcante presença jovem; estive ainda em reuniões diárias semanais entre 12h30 e 13h30.

Concentrei as minhas atividades na tentativa do que Berreman (*ibid.* 142-143) chama de “revelação do interior do sujeito estudado”. Se em alguns casos não consegui um desvendamento integral, fiquei com as “revelações oficiais”, nas palavras do mesmo autor. Mas fiz o possível para um desvendar mais íntimo.

2.2.1.1.1 A Primeira Igreja Batista do Recife – PIBR

Nessa igreja (**ANEXO II**) iniciei meu campo de estudo, num dia de domingo. Surpreendi-me com a pouca quantidade de gente no templo. Minha expectativa era a de encontrar uma animada escola bíblica dominical (depois aprendi que se chama Ministério do Ensino), idéia que me vem da igreja presbiteriana, em muitos rituais semelhantes à Batista. Sentei-me no último banco na busca de um privilegiado ponto de observação.

Vi dois pequenos grupos que supus serem classes de ensino. Um deles formado por adultos dos dois sexos. Um homem de aproximadamente 60 anos, de pele negra, cabelos

brancos, dirige o grupo. Os bancos arrumados uns atrás dos outros e o professor, à frente, ensinava lições bíblicas. O velho modelo educacional onde o professor fala, o aluno escuta. O homem discorria sobre a doutrina da predestinação, explicando que não admitia a idéia de que Deus escolheria uns e outros não, mas os que criam tornavam-se predestinados, e os que não criam, não. Além do professor, dois homens e duas mulheres, negros, todos idosos.

O outro grupo – também estudando a Bíblia – era integrado por cinco jovens, sentados em dois bancos localizados um de frente para o outro. A posição dos bancos aparentava outra dinâmica. Paralelamente alguns jovens do sexo masculino, no púlpito, preparavam, cuidavam de instrumentos musicais e ensaiavam baixinho. Ocupando outros bancos, mas sem participar de nenhum grupo, algumas pessoas, na maioria mulheres, sentadas sozinhas, e uma dupla conversando intermitentemente.

Pouco a pouco pessoas chegavam (maioria mulheres) e espalhavam-se pela nave do templo. Algumas chegavam com crianças e sumiam por uma porta à esquerda que dava acesso a um oitão que mais parecia um corredor. Algumas pessoas conversavam o tempo todo.

Os pequenos grupos que estavam na nave do templo terminaram seu estudo, o fluxo de pessoas aumentou vindo do lado da rua e da porta lateral da esquerda, inclusive crianças maiores, e espalhou-se pela igreja. Aos poucos a igreja foi se enchendo e algumas cadeiras de plástico foram colocadas atrás do último banco onde eu estava.

Simultaneamente, em alto volume, alguns hinos do CD “*Calmo, sereno e tranqüilo*” começaram a tocar. Inicialmente “*Conheci um mundo mal e com ele seus ardis...*”, continuando com “*Quero Senhor tua vontade fazer...*” e por fim “*Seguir a Cristo, oh! quanto anelo...*”. Eu conhecia todos.

Fui cumprimentada por uma mulher jovem que distribuía o Boletim da igreja entre os presentes para que todos seguissem a programação. Recebi também um Boletim. Um homem passou por mim, cumprimentou-me e tocou de leve no meu braço. As pessoas continuavam entrando e o templo ficou completamente lotado, inclusive as várias cadeiras colocadas atrás do último banco. Os instrumentos musicais continuavam sendo testados. O CD parou de tocar. O barulho de vozes era muito grande, pois a maioria das pessoas conversava muito. Algumas delas cumprimentavam-se efusivamente. Continuou chegando muita gente. Embora em atitude de observação, nada do que aconteceu naquele recinto me era estranho. Diante das semelhanças com a igreja presbiteriana, nessa igreja tive de construir o estranhamento.

Em meio ao barulho reinante um homem de pele clara, barba e cabelos um pouco grisalhos, calça e camisa social e gravata, com um aspecto moderno, subiu ao púlpito, saudou e elogiou a comunhão entre os irmãos e pediu aos visitantes para se colocarem de pé. Fui uma das que ficaram de pé. Os que estavam mais próximos de mim cumprimentaram-me, ou seja, o mesmo ritual de boas-vindas aos visitantes da igreja presbiteriana.

Depois o homem – era o Pastor da igreja – pediu que todos se levantassem e se cumprimentassem. O êxtase instalou-se. Todos ficaram de pé, muitos saíram dos seus lugares, abraçaram-se, alguns se beijaram. Fui também cumprimentada – sem muita efusão, é claro, não pertencio ao grupo – por várias pessoas. Ao mesmo tempo o grupo de jovens, à frente, começou a tocar e cantar um cântico cuja letra estava projetada em transparência na parede do púlpito. A zoadinha continuava imensa. Aos poucos o barulho deu lugar a um cantar alegre, com leves balanços corporais. Seguiram-se vários cânticos entremeados por orações. Ao término, uma mulher informou sobre o Ministério Água Viva (Projeto Semear), de evangelização, que está se desenvolvendo no Alto da Bondade. Este foi o momento intitulado “Flash Missionário”.

Mais algumas cadeiras foram colocadas atrás do banco onde eu estava e espalharam-se até a porta de entrada. Não vi crianças na nave do templo, apenas alguns pré-adolescentes e adolescentes.

Chegou o momento de oferta e gratidão. O Pastor da igreja chamou à frente os que tinham razões para agradecer a Deus. Várias pessoas deslocaram-se para perto do Pastor, que fez uma oração de gratidão.

O Pastor fez, em seguida, sua pregação sobre o tema “Dar frutos”. E o fez com muito entusiasmo. A entonação da voz em alguns momentos é dramática, em outros, brincalhona e, em outros mais, com muita autoridade. Após a pregação cantou-se sobre o tema “Amor”. As músicas eram sempre acompanhadas pelos instrumentos musicais que estavam à direita do púlpito (teclado e percussões). Passou-se à “Celebração da Ceia do Senhor”. O Pastor convidou a participar da Ceia todos os que pertenciam a qualquer igreja evangélica. Um mito caiu para mim naquele dia: aprendi a vida toda que apenas os presbiterianos permitiam a participação na Ceia de membros de outras denominações. Participei. A distribuição do pão e do vinho foi feita por homens e mulheres, entre eles um jovem negro. Os hinos cantados (agora são os hinos e não mais os cânticos espirituais) integravam o “Hinário Cantor Cristão” (da denominação batista) e estavam sob a batuta de um regente, negro.

Terminou o culto e as pessoas começaram a sair. Cumprimentavam-se muito, conversavam, beijavam-se, abraçavam-se. Continuei sentada no banco. Várias pessoas

cumprimentaram-me e me convidaram a voltar. Pelos meus cálculos havia mais de 300 pessoas na igreja naquele momento. Contei cerca de vinte pessoas da pele escura (que classifico como negras). O restante estava na pardização que caracteriza a sociedade brasileira. Pessoas brancas, louras, praticamente nenhuma.

2.2.1.1.2 A Igreja Universal do Reino de Deus – IURD

Fui a essa igreja (**ANEXO III**) pela primeira vez no mesmo domingo que fui à Batista pela primeira vez. No enorme pátio havia uma grande quantidade de carros estacionados, mas ainda com muitas vagas.

À esquerda, estacionada, uma carreta sem o cavalo do carro, com enorme letreiro identificando-a como a carreta da evangelização, e o nome do Deputado Estadual Cordeiro de Deus. Mais dois carros também com o nome dele. Próxima à carreta uma concentração muito grande de barraquinhas, como uma feira, e muita gente vestida com uma blusa amarela.

Optei por primeiro entrar no templo. Gigantesco! As cadeiras alcochodadas trouxeram-me à mente os grandes cinemas de outrora. Entrei pela porta principal, timidamente. Não sabia ainda como me comportar nessa igreja (a Batista tem tanta semelhança com a Presbiteriana que me senti em casa). Tudo para mim era novidade. À direita da porta principal um balcão de venda de bíblias, quadros com versículos bíblicos etc. Perto do púlpito, à esquerda, uma meia parede com aspecto semelhante a um castelo medieval, e nela, várias palavras escritas, tais como desemprego, angústia, aflição, tristeza, separação, batalha espiritual etc.

Já havia terminado a programação, mas algumas pessoas continuavam sentadas, outras circulando, outras tirando fotografias. Algumas moças vestidas como recepcionistas de empresa e alguns rapazes com calça e camisa social, e gravata, davam-me a impressão de terem uma função específica, o que foi confirmado mais tarde. Muitas pessoas negras, mas não sei ainda se esse quantitativo é significativo no contexto mais global. Fiquei durante alguns minutos olhando ao meu redor. Próximo a mim um grupo de rapazes conversava animadamente (entre eles um negro). Tentei escutar a conversa. Girava em torno de mostrar a uma pessoa conhecida de um deles que ela estava errada e que ele tinha autoridade, dada por Deus, de mostrar-lhe seu erro. Ao conversar com aquela pessoa dizia a ela que, embora ela só quisesse escutar o que lhe agradava, ele não estava ali para agradá-la, mas para agradar a Deus. E, portanto, mesmo se suas palavras fossem duras, elas vinham de Deus e precisavam

ser ditas. Eis a encarnação de Deus nas pessoas, auto-investindo-se de autoridade originada, segundo elas, do próprio Deus. Perguntei-lhes os horários de culto daquela igreja. Um deles me respondeu, agradeceu e saiu.

Do lado de fora, à direita da saída, algumas pessoas sentadas e várias vendendo bolos, salgados, refrigerantes, num lugar determinado e organizado. Pareceu-me ser oficialmente da própria igreja. Ofereceram-me lanches para comprar e recusei delicadamente. Andei em direção à feira. Lá estava Cordeiro de Deus⁷⁰, animado, falando com um e com outro. Realmente era uma feira, com cerca de trinta barraquinhas, onde se podia encontrar uma grande variedade de produtos. Muita coisa artesanal, como toalha de prato bordada, pintada, flores de espuma ou de náilon, arranjos de flores artificiais, comida, sucos etc. As pessoas me abordavam (são principalmente jovens com hegemonia feminina) para que eu desse a preferência a elas na compra, mas disse-lhes que estava apenas olhando. Na camisa amarela de malha que todas vestiam estava escrito “Feira Beneficente da EBI”. Em resposta à minha curiosidade responderam-me que era para arrecadar dinheiro para a escola bíblica infantil da igreja, mas que não acontecia todo domingo e por isso era preciso que eu comprasse logo. Sorri e continuei caminhando.

A carreta da qual falei tem sua lateral aberta para o lado da feira. Na parede interna está pintada uma grande pomba, símbolo da paz. Cerca de três homens estão nela com um sistema de som, um aparelho de televisão. Sortearam alguém que agora está lá em cima cantando karaokê.

No fundo senti-me incomodada em ver aquela mistura dos chamados sagrado e profano. Naquele momento lembrei que deveria controlar esse sentimento para não me imiscuir na construção da realidade do sujeito em estudo nem emitir juízo de valores. Lembrei que estava ali para entender como são construídas as relações raciais entre as pessoas que integravam aquela igreja. Ficou claro naquele momento que naquela igreja iria defrontar-me com o estranho constantemente.

2.2.1.1.3 A Igreja Internacional da Graça de Deus - IIGD

Nas minhas primeiras incursões nessa igreja (**ANEXO IV**) confesso que meu estranhamento foi total. Tenho toda uma vida – desde minha adolescência – de pertencimento a uma igreja histórica (presbiteriana) e esse fato me fornece certos parâmetros para a

⁷⁰ Então Deputado.

caracterização de uma igreja protestante. O grande desafio, portanto, constituiu em não me deixar levar por idéias preconcebidas.

Encontrei os portões fechados – foi preciso que alguém acionasse o controle remoto para que eu pudesse entrar. O ir e vir estava sob controle. No recinto do culto o telefone de vez em quando tocava, mas era atendido prontamente. No mesmo ambiente uma pequena livraria e uma lanchonete que somente funcionaram ao término da reunião. Homens de terno e gravata – alguns sem paletó, mas de camisa social e gravata – e mulheres com fardas semelhantes às recepcionistas de empresas. A maior parte deles, jovem, sobretudo os homens. Pouquíssimos de meia-idade, nenhum velho.

O Pastor, perto dos 40 anos, pardo, falava numa linguagem bastante coloquial: - *Eu já tô na pindaíba* – referia-se a alguém que não estava muito bem, que estava passando por problemas. Faz uma longa prédica e quando fala em ousadia diz várias frases para mostrar que o crente não precisa ter medo: - *Não tem capeta que segure tua bênção. Ao invés de orar de cabeça baixa tem que ser ousado. Pode vir quente que eu estou fervendo. Mesmo que alguém diga: - Você tá é doido.* São frases que podem ter efeito na auto-estima do fiel, levá-lo a se sentir poderoso, como se recebesse uma injeção de dignidade.

Para compreender essa dinâmica reporto-me à Fry (2005:122) – no seu artigo “O Espírito Santo contra o Feitiço e os Espíritos Revoltados: ‘civilização’ e ‘tradição’ em Moçambique”⁷¹ – ao “traduzir” a reflexão moçambicana sobre a proliferação das igrejas pentecostais naquele país. Assim interpreta o autor usando três perspectivas:

A primeira, que chamo de ‘funcionalista’, atribui a força das igrejas à necessidade que a população sente de viver em ‘comunidade’ após a desintegração social provocada pela guerra civil. A segunda, a ‘manipuladora’, atribui o sucesso das igrejas à esperteza e ambição política e econômica dos pastores e bispos. A terceira interpretação é estritamente teológica e parte de dentro do campo protestante. Afirma que o Espírito Santo é mais poderoso que todos os outros espíritos e que somente ele pode aliviar de modo eficaz e permanente o sofrimento humano.

O Pastor, em seguida, chama os que estão doentes porque vai fazer oração de cura. Várias pessoas de todas as idades deslocam-se para perto do Pastor. Ele diz: - *Eu tenho fé para abençoar. Você tem fé para ser curado.* Começa a orar. Há um fundo musical (tecladista à direita do púlpito). O entusiasmo do Pastor vai num crescendo. Paralelamente um Obreiro se aproxima de uma jovem senhora, próxima a mim, que está com um filho, coloca a mão sobre a cabeça dela e ora em voz alta. Durante a oração o Obreiro abre e fecha os olhos

⁷¹ Publicado originalmente em Mana, vol. 6, no. 2, 2000.

várias vezes como se quisesse ver o seu entorno. Procuro crianças. São poucas e estão acompanhadas de adultos. Não vejo crianças muito pequenas.

As orações são ditas pelo Pastor e fiéis em voz alta simultaneamente. Vejo na minha frente, à esquerda, um homem de porte atlético, com sua mulher, orando vigorosamente de mãos para cima, quase pulando. O Pastor continua orando. Agora as pessoas repetem a oração dele. Há sempre um cântico acompanhado de um teclado entremeando estes momentos. As emoções se acentuam. O Pastor agora anuncia que as pessoas vão entrar em batalha espiritual. Orienta para que pisem o mau, a doença, coloquem a mão sobre a enfermidade. Incita-as a acreditar. Enquanto isso o cântico entoado afirma: “*Vai dar tudo certo...*”.

Durante as orações e os cânticos, os Obreiros andam o tempo todo pelo templo, de olhos bem abertos em todas as direções e orando também em voz alta. O Pastor na sua oração, neste momento, exorcisa *os exus, os omolus, o capeta, o tranca-rua*” etc. E começa a gritar e a fazer gestos de expulsão: - *Sai, sai, sai*. Os fiéis o seguem repetindo suas palavras, gestos e, algumas vezes, com gritos. Alguns se viram de um lado para o outro de olhos fechados e sempre gritando - *Sai, sai, sai*. O Pastor diz várias vezes - *Eu proíbo em nome de Jesus. Eu ordeno em nome de Jesus*. A música toca no mesmo diapasão frenético do momento. Depois todos batem palmas. O Pastor pergunta a algumas pessoas lá da frente se o mal foi curado. Várias respondem que sim. As doenças eram hérnia, gripe (o Pastor brinca: - *Gripe é doença chique*), dores no pé, no ovário, nas pernas, nas varizes, nas costas. Todas doenças comuns. Depois o Pastor passa a perguntar a quem não foi lá para frente. O homem de porte atlético diz que tinha renite alérgica e foi curado. Um homem diz que não foi curado. O exorcismo passa a ser individualizado. Com a mão sobre a cabeça daquele homem o Pastor grita - *Sai, sai, em nome de Jesus. Toma posse, tudo é pela fé*. Repete várias vezes, pergunta de novo se houve cura, o homem diz que melhorou um pouco, o Pastor continua no exercício de exorcismo até que o homem diz que ficou bom. Todos aplaudem.

Um homem quer dar o seu testemunho público. O Pastor cede-lhe o microfone. O homem havia perdido todos os seus documentos, tinha vindo na 6ª feira passada falar com o Pastor (este interfere e diz que orou e garantiu que seriam achados), e agora informa que os encontrou. O Pastor pede para ver os documentos e começa a fazer gracejos: - *Olha que retrato bonito! Ainda namora, vô, com a sua coroa?* Dirige-se a uma mulher na platéia: - *Ele namora?* Ela responde algo imperceptível para mim e o Pastor diz: - *Que é isso, vô?* Depois incita o público a aplaudir Cristo. Aplausos. Sinto a sensação de apresentação, de show.

Chega o momento mais estranho para mim: a hora das ofertas em dinheiro. O Pastor convida todos a darem o dízimo ou uma oferta especial. Os Obreiros circulam e recolhem os poucos envelopes e colocam-nos numa sacola que uma Obreira segura à frente, próxima ao Pastor.

Enquanto isso o Pastor propaga um livro e o oferece como “presente”, acompanhado de um CD de cânticos, uma revista GRAÇA e um Novo Testamento. Precisa apenas a pessoa dar uma “oferta” de R\$ 50,00, R\$ 40,00 ou até R\$ 30,00. Os Obreiros circulam expondo todo o material anunciado. Ninguém faz a oferta. O Pastor diminui o preço e a quantidade de “presentes”. Agora com R\$ 20,00 a pessoa recebe a revista GRAÇA e um livro. Ninguém se aventura. Baixa um pouco mais. Com R\$ 10,00 a pessoa leva o livro ou a Revista. Novamente nenhum movimento dos fiéis. Baixa ainda mais. Por R\$ 5,00 o Novo Testamento ou a Revista. Cerca de 4 a 5 pessoas “compram” o “presente”. Agora, por R\$ 4,00, R\$ 3,00 ou R\$ 2,00, a pessoa pode levar uma outra Revista. Ninguém se aventura. Finalmente a menor oferta. Quem quiser vai à frente e coloca R\$ 1,00 ou uma moeda na sacola que está na mão da Obreira. Mais de 50 pessoas levantam e colocam sua “oferta”. Enquanto isso o grupo canta *“Te darei, te darei, Jesus”*. Cada momento do ritual tem música específica para reforçar o tema. A música, em geral, integra os rituais religiosos e exercem grande influência nas emoções dos fiéis.

O Pastor anuncia que no dia seguinte haverá a reunião das Causas Perdidas. Diz: - *Eu já tenho uma mensagem forte para vocês*. Pergunta quem tem um “sherazim” (?), mostra um (estou muito distante, não diviso do que se trata), pede para trazerem amanhã a fim de que ele possa ungi-lo. É a presença de “fetiches” nesse tipo de reunião.

Depois pergunta quem vai orar pelo Pastor X? (não entendi o nome). Poucos levantam a mão. Diz em tom de brincadeira: - *Tem nada não, vocês me aguardem. Tô fazendo minhas malas*. Pela reação dele deduzo que o Pastor era ele mesmo. Anuncia, então, que nesse mesmo dia o culto da tarde será com o Pastor Hélio. - *Eu vou estar fazendo oração sobrenatural*. Promessa de magia, de submissão da natureza aos seus próprios poderes, aos poderes do mágico.

Neste momento saem algumas crianças (não chega a 10 o número) da porta de grade lá da frente. Paralelamente os Obreiros distribuem envelopes para novos dízimos. Encerramento do culto. Todos levantam as mãos cantando: *“Obrigado, pois tu fizeste tudo outra vez”*. O Pastor ora. Aplausos.

Esse foi meu primeiro contato com esta igreja. Saí dali tentando entender como essa fé, esse ritual atingem pessoas e não posso me furtar ao pensamento de como elas podem

estar sendo enganadas. Embora o ritual assemelhe-se em tudo à igreja Universal, acho mais ostensivo o momento de “arrancar” dinheiro das pessoas⁷² que, me parece, por fé, por acreditarem no que o Pastor diz, entregam dinheiro na esperança de alcançar bênçãos. É uma nova forma de indulgência. A história se repete. As necessidades humanas são as mesmas de sempre e as religiões estão aí para oferecer e satisfazer as expectativas dos crentes.

Entrei e sai da igreja sem ser notada, sem ser abordada por ninguém. Essa foi minha impressão. Muitos meses depois, ao entrevistar o Pastor responsável pela música, fiquei sabendo que ele me via desde o tempo em que a igreja estava localizada na Soledade. Eu não estava tão anônima quanto pensei. Junker (*ibid* 41) considera determinante a avaliação recíproca entre o pesquisador e o pesquisado. Imagino que eu era vista através das câmeras de vídeo instaladas naquele local, direcionadas prioritariamente para o público.

Comecei, pois, a freqüentá-la aos domingos regularmente. Após os seis meses de ausência em que estive fazendo o estágio em Estrasburgo, retornei à igreja e percebi diferenças de imediato. A quantidade de pessoas tinha aumentado proporcionalmente à quantidade de carros estacionados nas suas proximidades. Mas um dia, ao chegar lá encontrei uma faixa anunciando que ela havia se mudado para outro endereço. Era o campo fugindo de mim. Fui atrás dele e no novo endereço intensifiquei minhas visitas.

Participei, além das reuniões dos domingos, das que se realizavam durante a semana – diariamente –, ocasiões em que o número de fiéis era menor. As pessoas, sobretudo as que integravam a hierarquia, passaram a ser minhas conhecidas. Suas feições me eram totalmente familiares. Passei a ser olhada e às vezes abordada como candidata a pertencer ao grupo, pelo menos até me identificar como pesquisadora.

Somente depois de alguns meses de observações fiz contato com o Pastor dirigente (2º na hierarquia), informando-o sobre meu objetivo naquela igreja. Esta minha atitude foi proposital, queria me identificar somente depois de muito observar o grupo. Demonstrou bastante receptividade e identificou-se como tendo formação de professor, o que, segundo ele, fazia com que ele entendesse bem o meu objetivo. Foi de imediato falar com o Pastor principal. Este não me recebeu naquele momento e pediu que eu levasse um documento identificador da minha condição de pesquisadora, além de um roteiro das perguntas que deveria fazer.

As primeiras dificuldades surgiam, pois num trabalho antropológico não se tem, necessariamente, perguntas fechadas, definidas *a priori*. A metodologia mais utilizada, a

⁷² Coisa que o Pastor adjunto, desta Igreja, entrevistado em julho de 2005, discorda. Diz que já pertenceu à igreja Universal e saiu por causa da sua agressividade em tirar dinheiro das pessoas sob a promessa de bênçãos.

observação participante, não facilita esse procedimento. Elaborei um roteiro simplificado (**ANEXO V**) e entreguei a ele. Não seria esse o motivo que impediria a realização da minha pesquisa. Paralelamente elaborei dois roteiros mais detalhados (**ANEXOS VI e VII**) para minha orientação, a fim de darem suporte às entrevistas semi-estruturadas.

2.2.2 A observação direta e sistemática

Começarei por explicar minha trajetória de observação nas três igrejas selecionadas. Minha tentativa foi de fazê-la simultaneamente. Não deu certo. Fixei-me, pois, primeiro na igreja Universal, em seguida na igreja Batista e paralelamente na igreja da Graça.

Inicialmente freqüentei os cultos dos domingos, alternando-me entre as três igrejas. Depois de um certo tempo, participei também dos que se realizavam durante a semana, com maior intensidade na igreja da Graça e menor na Batista.

Anotei rituais, gestos, comportamentos, comunicações, conteúdo das prédicas, cânticos, frases dos fiéis (incluem-se as lideranças) antes, durante e depois das reuniões. Pouco a pouco os ritos tornaram-se familiares, previsíveis. As pessoas também. Já não me eram desconhecidas nem eu tampouco a elas, exceto na igreja Universal onde, depois de três visitas, decidi não continuar o trabalho⁷³, sendo que minha participação não foi além das observações. Seria o que comumente se chama de participação observante. Mesmo o momento da “Ceia do Senhor”, recusei, pois não me senti à vontade para participar.

Na igreja Batista minhas observações tiveram um prolongamento bem maior. Foram nove participações, inclusive durante a semana, mas também limitadas a observações. Nessa igreja participei da “Ceia” e isso se justifica pela semelhança com a igreja presbiteriana. Mas diante da abundância de atividades da igreja da Graça que praticamente ocuparam todo o meu tempo, não tive como dar continuidade ao trabalho naquela igreja. Ainda assim considero que nela fiz importantes observações, inclusive a partir de conversas informais com algumas pessoas e de participação em cultos, reuniões e em classes dominicais no Ministério do Ensino.

Em compensação, na igreja da Graça passei a estar presente quase que diariamente. Em alguns momentos participei da “Ceia” depois de muita resistência da minha

⁷³ Justifico no item 2.2.1.1 desta Tese. Mostro que para garantir a qualidade do trabalho reduzi a quantidade de igrejas. Além do fato de a igreja Universal, em termos de rituais, se assemelhar à igreja da Graça, o que funciona como argumento para não oferecer prejuízo à pesquisa.

parte. Hesitava entre a minha própria fé, a idéia preconcebida que tinha daquela igreja e a posição de pesquisadora.

Freqüentei também Seminários especiais daquela igreja, a exemplo de um, especificamente para mulheres, num sábado. Contou com a presença de visitantes importantes para aquela comunidade (uma médica e Pastoras de outras igrejas da mesma denominação). Fui também a outro que se realizou no Fator Palace Hotel, em Boa Viagem. Este último – com duração de vários domingos – tinha o objetivo declarado de abrir nova igreja naquele bairro, o que não se consumou até eu ter terminado meu trabalho de campo.

Acompanhei a transformação física daquela igreja. Inicialmente no prédio na Rua da Soledade e depois no galpão de uma ex-concessionária da Volkswagen. No lugar onde antes era a oficina dos carros, agora era o grande salão de reuniões, ocupado pelas mesmas cadeiras alcochoadas de vermelho, na tonalidade vinho, que vieram da antiga Sede da Soledade, ventiladores de parede, púlpito semelhante a um palco, janelas em forma de venezianas verticais, mas construídas em cimento armado. Depois as janelas foram fechadas, vedadas com cimento, uma vez que os vizinhos da Catedral da Fé (Universal do Reino de Deus) reclamaram que a igreja da Graça fazia muito barulho.

Aqui cabe uma pequena explicação. Em conversa informal com o Pastor principal, em entrevista com o 2º Pastor na hierarquia, em entrevista com um Pastor auxiliar e em conversa com um homem que vende pipoca em frente à igreja, recebi informações sobre a perseguição que a igreja Universal impõe à igreja da Graça. Há, segundo eles, uma atitude permanente de belicosidade por parte de alguns Pastores daquela igreja e, sempre que podem, acionam órgãos públicos para desestabilizar a igreja da Graça.

Após quase 2 anos, a mudança sempre anunciada – de transformar aquele espaço em uma igreja até certo ponto confortável – começou a se consolidar, inclusive com a vinda do Missionário Soares ao Recife, a fim de pessoalmente autorizar as obras. A parte da frente – onde antes estavam instalados os escritórios da concessionária – teve algumas paredes derrubadas, foram introduzidas paredes não definitivas, e colocada uma película nas partes envidraçadas para escurecer o ambiente, mas também por causa do ar-condicionado recém-instalado. Agora se glorifica a Deus com conforto.

Fica claro, então, que a maior parte das informações colhidas foi na Igreja Internacional da Graça de Deus. Na análise dos dados, portanto, reconstruí a perspectiva racial dentro, sobretudo dessa igreja. O uso do método quantitativo contribuiu para comparar a população recenseada por órgãos oficiais federais com o estado do meu campo. Dei ênfase

aos elementos auto-identificatórios dos meus interlocutores, o que quase sempre coincidiram com as minhas percepções.

Os dados qualitativos – a partir de uma densa etnografia – foram comparados com as teorias já consagradas das relações raciais e as teorias sobre a religião enquanto gabarito de comportamento individual e coletivo e enquanto elemento influenciador da estrutura social. Nesse sentido, apliquei a lógica do conhecimento identificando a vinculação entre relações raciais e religião, mostrando a sua *justificação* ou *validade* (POPPER 1975:31).

As minhas hipóteses foram testadas. A primeira assim se exprime:

Os protestantes brasileiros reproduzem o mesmo fenômeno social que se encontra na sociedade brasileira no que se refere às relações raciais, em particular no que se refere ao negro.

Para alguns estudiosos, esta pode ser uma afirmação tautológica. Não para mim. Somente pude comprová-la através de expressões, frases e opiniões com conteúdos ora indutores da dignidade humana, ora reconhecendo diferenças em detrimento do negro, ou às vezes soltas ao léu. A possível igualdade entre os fiéis se expressa de forma aparente – minhas observações são testemunhas – e também oficial, a partir das percepções das lideranças das igrejas. Refleti também se a presença de negros na direção da igreja implicaria necessariamente na ausência de preconceito. Sabia que podia ou não ter este significado. Mas entendi também como um indício da ausência ou mesmo da leveza do preconceito. No entanto, estudos posteriores ou mesmo já realizados em outro local podem refutá-la.

Enquanto fazia a pesquisa alguns elementos afluíram levando-me a elaborar uma nova hipótese

O racismo encontrado entre os protestantes manifesta-se pela recusa de uma cultura religiosa por eles demonizada, e cuja gênese está no continente africano.

Esta hipótese foi também comparada com teorias existentes e com a etnografia realizada.

2.2.3 As entrevistas individuais

As entrevistas foram realizadas exclusivamente na igreja da Graça, como já dito anteriormente. Parti de dois roteiros (ANEXOS VI e VII) – um para a liderança e outro para

os Obreiros e para os fiéis em geral – a fim de balizarem as entrevistas que classifico como semi-estruturadas. No primeiro (**ANEXO VI**), busquei identificar a organização da igreja, sua localização geográfica por todo o Brasil, a quantidade de adeptos – incluindo sua escolaridade – e um pouco da história da própria igreja. As informações sobre o entrevistado eram integradas por cargo que ocupa, características físicas, etária, bem como a escolaridade. Incluí a auto-identificação em termos cromáticos, além de aspectos ligados à infra-estrutura de que se beneficia onde mora (saneamento básico, moradia, transporte, lazer). Colhi também dados profissionais referentes a sua situação anterior ao pertencimento à igreja e a atual. Dessa forma pude situá-lo na estrutura social que caracteriza a sociedade brasileira.

Em seguida, imergi nos aspectos mais pessoais como conceitos e escolhas de amizade, de diferenças ou igualdades entre homem e mulher, de relações sociais que se constroem pelo namoro e pelo casamento. Inseri perguntas sobre tipo ideal de beleza e investimentos pessoais no físico com vistas a se tornar mais belo. Para chegar a sua opinião sobre o negro, tentei estimulá-lo a se posicionar sobre ações afirmativas, passando por idosos, deficientes físicos, mulheres e, finalmente, negros.

A origem religiosa foi outro tema abordado. Mas não somente. Quis também saber as razões do entrevistado ter escolhido esta e não outra igreja e o tempo passado nessa e em outra igreja, a fim de identificar a possibilidade de uma rotatividade.

Os critérios para ser escolhido como líder e o preparo para exercer a liderança através de cursos e capacitações, foram também motivos de algumas perguntas. Enfim, a mensagem da igreja que mais atraiu a atenção do entrevistado.

O segundo roteiro (**ANEXO VII**) difere do primeiro apenas no acréscimo que fiz para identificar os seus familiares que também integram essa ou outra igreja evangélica, bem como a forma de se construir as amizades. Por outro lado, não inseri nesse roteiro perguntas sobre a organização e a história da igreja, nem a quantidade e escolaridade de seus membros.

As entrevistas giraram em torno de sua vida pessoal e sua inserção e participação na igreja. Mantive sempre uma atitude de igualdade com o sujeito em estudo (em alguns momentos, durante as reuniões, também adquiri “presentes” como forma de me tornar igual), mesmo consciente de que meu interlocutor me vê como eu o vejo, diferente. Busquei a polifonia que advém de ouvir vozes diferentes, com perspectivas diferentes, com interpretações diferenciadas para os mesmos fenômenos vividos pela própria comunidade.

Para selecionar meus interlocutores – não me fixei em um somente, como pode ser feito num trabalho antropológico – levei em conta em primeiro lugar a sua participação na hierarquia da igreja (Pastores, Evangelistas e Obreiros). Fixei-me, prioritariamente, naqueles

que na taxonomia construída por mim considerava negros ou pardos, ou seja, se caracterizavam pela tez escura e/ou cabelo crespo.

Elaborei um roteiro com possíveis abordagens e providenciei o documento identificador. Estava autorizada a fazer a pesquisa. Comecei por entrevistar o Pastor adjunto. Fiz também entrevistas com Obreiros e Obreiras (voluntários), Evangelistas (em preparação para Pastores), Pastores auxiliares. Uma Obreira recusou-se a ser entrevistada, mas conversou tanto comigo que equivaleu a uma entrevista. Nessa conversa, ela expôs-se mais do que, talvez, se tivesse sido entrevistada. Registro que a maioria dos fiéis e dos Obreiros e das Obreiras dessa igreja é parda como a população nordestina.

Fica, portanto, registrado neste **CAPÍTULO** da Tese a metodologia utilizada para obtenção dos dados da pesquisa, bem como minhas primeiras impressões em cada igreja que pesquisei. Mostrei como encaminhei as entrevistas e como escolhi os entrevistados. Embora, como bem assinala Berreman (1990:140-143), sendo uma intrusa naquele ambiente, correndo o risco de não ser aceita pelo grupo, vivenciando revelações e ocultações recíprocas, propus-me ao mesmo tempo compreender que mesmo se não conseguisse revelações interiores dos meus interlocutores, aceitar suas versões oficiais, uma vez que estas expõem o que o grupo aprova diante de estranhos, dos que a ele não pertencem. Mas fiz o possível para um desvendar mais íntimo. Levei em conta a proposição de Zaluar (1990:10), ao afirmar que ao interagirmos com o sujeito em estudo devemos estar em alerta para o fato de que, tanto quanto nós, ele age, pensa, interpreta e explica a realidade em que vive. Nesse processo dialógico construí a realidade junto com ele, o que resulta não em um sujeito no singular, mas em um sujeito no plural.

Essa construção conjunta da realidade ficou evidenciada posteriormente. Ao realizar algumas entrevistas tomei conhecimento de que em paralelo às minhas observações ainda não participantes, eu estava também sendo observada. O Pastor Ednaldo – responsável pelo Louvor – disse-me que me via desde quando a igreja estava na rua da Soledade, o que significa que foi desde meus primeiros passos nessa igreja. Lembro que desde que freqüentava o outro templo havia várias câmeras direcionadas para o público presente.

Outro que registrou minha presença, já quando eu realizava a observação-participante, foi o Obreiro Walter. Disse-me que observava que eu estava sempre anotando e comentou com o Pastor Hélio. Disse que me admirava muito porque eu estava sempre escrevendo e que ele deveria fazer o mesmo, deveria anotar o que o Pastor estava dizendo. Na concepção dele, minhas anotações eram somente ligadas aos ensinamentos contidos nas prédicas.

A inserção no *trabalho de campo* assemelha-se, guardadas as devidas proporções, aos ritos de passagem registrados, segundo Da Matta (1981:151), por Van Gennep. De fato, a tomada de consciência de uma nova forma de sociedade é indiscutível. Estar durante meses freqüentando um mesmo ambiente onde reinam determinados rituais e certas relações sociais, no caso na igreja neo-pentecostal, inaugurou em mim um modo novo de ver as religiões. Afinal, como disse anteriormente, não nego meu pertencimento à mesma igreja presbiteriana. Esta condição, longe de facilitar minha inserção no meio neo-pentecostal, constituiu um relevante desafio, pois me encaminhou duramente para o que normalmente leva o trabalho do antropólogo: “transformar o exótico em familiar e/ou transformar o familiar em exótico”, e desse modo mediar dois universos de significação (*ibid* 157). A rigor, ainda segundo esse autor (*ibid* 158), o exótico jamais poderá ser familiar e o familiar jamais poderá deixar de ser exótico.

Uso os termos *exótico* e *familiar* na significação de Da Matta (*ibid* 159) que dá a seguinte explicação:

Quando usei (e ainda estou usando) a noção de exotismo e de familiaridade, busquei exprimir exatamente isso, ou seja, a idéia de que fatos, pessoas, categorias, classes, segmentos, aldeias, grupos sociais etc., poderiam ser parte de meu universo diário; ou não. O exótico, como termo inverso, significaria precisamente o oposto: um elemento situado fora do meu mundo diário, do meu universo social e ideológico dominante.

E acrescento ainda o alerta de Velho (1978):

O que *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico, mas até certo ponto, *conhecido*.

As condições de pesquisa não foram as ideais a exemplo das comentadas por Da Matta (1981:151) sobre esses ritos de transição. Não houve de minha parte uma saída total do meio da parentela, e menos ainda das atividades profissionais que exerço normalmente. Vivi todo o tempo de pesquisa numa dualidade permanente, dividindo-me entre o meu *campo* e o dia a dia pessoal.

No entanto, essas condições não exerceram influência negativa na qualidade da pesquisa. O padrão clássico de “morte”, “liminaridade” e “ressurreição” social manifestou-se no papel que assumi (*ibid* 151). Evitei reificar meus conhecimentos sobre o protestantismo e procurei entregar-me como *matéria-prima* para novos aprendizados, vivenciar as relações sociais e, como não poderia deixar de ser, renasci com novas formas de “relacionamento

social, por meio de uma socialização controlada”. Tudo isso se traduz como um permanente exercício de controle dos meus próprios preconceitos (*ibid* 152).

Baseio-me ainda em Da Matta (*ibid* 153) para fortalecer a idéia de passagem que o antropólogo faz do desconhecido para o conhecido em consequência do seu trabalho de campo. Para ele essa transição

... implica, realmente, num exercício que nos faz mudar o ponto de vista e, com isso, alcançar uma nova visão do homem e da sociedade no movimento que nos leva para fora do nosso próprio mundo, mas que acaba por nos trazer mais para dentro dele.

Essa experiência me atingiu em cheio. Surpreendi-me com os ritos sem a dinâmica da igreja neo-pentecostal, ao voltar a freqüentar a igreja a qual pertença. Dei-me conta, então, de que continuava impregnada com o novo modelo de ritual com o qual já havia me acostumado, ou seja, ele agora é que me era familiar. O estranhamento, pois, manifestou-se agora de forma invertida. O familiar tinha se tornado exótico.

CAPÍTULO 3 - AS IGREJAS ESTUDADAS

Comecei minha pesquisa visitando três igrejas: a Primeira Igreja Batista do Recife – PIBR, a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD (sede) e a Igreja Internacional da Graça de Deus - IIGD (sede). A primeira, no centro do Recife – Avenida Conde da Boa Vista, a segunda na Rua da Soledade, próxima ao centro da cidade, e a terceira na Avenida Mário Melo, no bairro de Santo Amaro. Nessas três igrejas fiz minhas primeiras observações.

Como já registrei anteriormente, permaneci efetivamente na igreja da Graça. Algumas reações se evidenciaram durante minha trajetória naquela igreja, onde fiz o campo com o tempo muito mais extenso e onde as relações sociais aconteceram com maior intensidade. A Obreira Tânia recusou ser entrevistada. Alegou receio com a interpretação de sua fala. O Pastor Anderson manifestou resistência primeiro ao perguntar se eu era jornalista, depois interrompendo a entrevista, pois “estava muito ocupado”, e por último ao me deixar esperar cerca de quarenta minutos na continuação da entrevista em horário marcado por ele mesmo. Quando finalmente veio falar comigo, disse que tinha apenas oito minutos, uma vez que ia dirigir a reunião daquele horário. Conversamos durante mais ou menos trinta minutos.

Outro que se comportou num primeiro momento com desconfiança foi o Pastor Ednaldo. Em uma ocasião eu entrevistava uma Obreira e ele chegou por trás de mim sem que eu o visse e ficou escutando. E exclamou: - *Essa história eu já conheço*. Enquanto os Pastores Alonso e Hélio – 2º e 1º na hierarquia, respectivamente – pediram um roteiro da entrevista para autorizar meus contatos com os integrantes daquela igreja. Sintomas de prudência, talvez.

Relato esses fatos para mostrar como as variáveis podem interagir para afetar os papéis sociais dos observadores, a partir de experiências do grupo observado, anteriores à minha entrada como pesquisadora, conforme explica JUNKER (*ibid* 48). As reações podem vir da quantidade de pesquisa tendo as igrejas pentecostais ou neo-pentecostais como objeto de estudo, expondo-as ao público em geral em forma de críticas ou vitimizandolas. Tais fatos podem contribuir para sua retração, ou, por outro lado, para insistirem, quando entrevistados, que tudo que lá acontece tem transparência, nada existe a esconder.

3.1 Primeira Igreja Batista do Recife – PIBR

O registro de organização dessa igreja data de 04 de abril de 1886⁷⁴. Como congregação batista é de fins de 1885. Para SILVA (2003:21) a sua localização pode ter sido a mesma do “sobrado da Rua Direita, nº 120, onde, em abril de 1886, seria organizada a Igreja”, embora a sua trajetória mostre que houve várias mudanças de local até fixar-se definitivamente onde está hoje, na Avenida Conde da Boa Vista, 163, Bairro da Boa Vista.

O templo, um pequeno prédio bastante antigo (**ANEXO II**) – mas que se estende para trás em uma construção mais nova –, não sofreu modificações durante o período em que o freqüentei. Exceção feita à troca recente da porta de entrada (em 2006) com vistas à instalação de ar-condicionado, em substituição aos ventiladores.

Na nave do templo cerca de sessenta bancos de madeira escura, cada um comportando cinco pessoas (seis com um pouco mais de aperto), organizam-se em três fileiras (uma de cada lado encostada na parede e uma no meio). Dois tapetes de alcatifa vermelha recobrem as duas passagens entre as três fileiras e estão ligados a um maior na entrada. Dois pilares sustentam a galeria que está sobre a entrada da igreja e cujo acesso se dá por uma escada, também recoberta por alcatifa vermelha, à direita da porta de entrada. Duas portas (uma à esquerda e outra à direita) dão acesso aos oitões. Seis janelas de um lado, seis do outro e duas na frente. Todas elas com basculantes verticais, vitrais brancos e azuis e na parte mais superior uma rosácea em vitrais vermelhos. Em cada uma das paredes laterais quatro caixas de som e cinco ventiladores. Mais dois ventiladores na parede da galeria voltados para a nave.

No púlpito há um tanque⁷⁵ envidraçado até a metade, tendo na parede do fundo uma paisagem pintada de cachoeira e plantas. Observa-se ainda um arranjo artificial de flores vermelhas e brancas, além do suporte usado pelos pregadores para colocarem a Bíblia. À esquerda um piano de calda, à direita instrumentos de percussão (agogô, tambores, bateria etc.) e um teclado.

3.1.1 Funcionamento da igreja

As edições dominicais do Boletim da igreja Batista (**ANEXOS VIII e IX**) mostram o funcionamento dessa igreja. Um slogan diz “Cada Crente: Um Discípulo, Um

⁷⁴ Boletim da Igreja – Edição nº 32 – 21 de agosto de 2005 – ano 119.

⁷⁵ Os batistas batizam por imersão, daí a necessidade do tanque para o ritual.

Adorador, Um Ministro, Um Missionário”. Alguns indícios do uso do planejamento⁷⁶ estão expressos no Boletim, pois se identificam tanto informações fixas, a exemplo das que transcrevo a seguir, como informações variáveis, que são as programações dominicais e os avisos dos diversos Ministérios:

“Pastores: Joel de Oliveira Bezerra, Reidson Andeson de Mesquita, Hélio Vidal de Freitas (em memória)

Visão:

- Uma comunidade terapêutica e acolhedora onde Deus se manifesta através de relacionamentos comprometidos e saudáveis.
- Uma comunidade comprometida com a palavra de DEUS, onde cada membro se reproduz na pessoa de JESUS CRISTO, no propósito de ganhar o mundo para ELE.

Missão:

- Glorificar a DEUS
- Edificar o Corpo de CRISTO
- Alcançar o mundo para ELE”.

A igreja se divide em Ministérios: de Missões, de Celebração, de Assistência Social, de Ensino (Universidade da Vida), de Casais, Infantil, de Celebração, da Mulher Cristã, da Juventude, Diaconal e de Discipulado. Há Cultos sob os títulos: Dominicais, Alvorecer, Oásis de Paz, de Oração. Um Serviço de Patrimônio também está previsto na estrutura organizacional. Cada uma dessas atividades tem seu dia ou dias e horários específicos de funcionamento. Os Pastores e a Secretaria também estão disponíveis para atendimento em dias e horários determinados.

Particpei várias vezes do Ministério de Ensino que corresponde à Escola Dominical na igreja Presbiteriana, dos Cultos aos domingos, além do Culto Oásis de Paz que funciona diariamente das 12h30 às 13h30 (a este fui apenas uma vez).

No Ministério de Ensino os estudos são realizados em pequenos grupos que formam classes. Nas minhas visitas procurei variar de classe: de homens e mulheres idosos, só de mulheres, mista para iniciantes (faixa etária variada). O estilo de aula é quase sempre igual⁷⁷, com o professor falando e os alunos escutando – eventualmente fazem uma pergunta e o professor responde – mesmo quando se tenta dar um ar mais moderno como colocar as

⁷⁶ Várias igrejas históricas na década de 1980 curvaram-se ao planejamento de atividades, com base no planejamento científico muito em voga nos órgãos públicos e nas empresas. Essa igreja ao que me parece permaneceu com essa influência, ao menos no que se refere à linguagem (Visão, Missão).

⁷⁷ Certa vez o professor perguntou se todos estavam satisfeitos com seu método de ensino (o professor expõe, faz perguntas, os alunos respondem, fazem perguntas ou dão exemplos do seu repertório). Em caso contrário ele buscaria outros. Alguns alunos dizem que estão gostando, outros nada respondem.

cadeiras em círculo. Há uma Revista que baliza o estudo, mas não é a mesma para todas as classes⁷⁸.

Os cultos matinais, às 10h, obedecem a um padrão. Começa pela Adoração onde se inclui prelúdio, convite à adoração, boas vindas e confraternização e cânticos congregacionais. E termina pela Proclamação constituída de flash missionário, mensagem, ofertório, oração dedicatória, comunicações, oração final e poslúdio. Quanto aos vespertinos, às 17h, e noturnos, às 19h, são iguais entre si. A frequência de fiéis é que muda um pouco. Nos primeiros há predominância de idosos e nos segundos de jovens. Semelhantemente aos matinais, são divididos em Adoração e Proclamação. Na primeira parte incluem-se prelúdio, boas vindas e confraternização, cânticos, leitura bíblica, hino, ofertório, oração dedicatória e música especial. A segunda parte contém mensagem, cântico, oração final, comunicações e poslúdio. Cada culto se caracteriza pelos temas das pregações, pela escolha dos cânticos, pelos tipos de avisos. No entanto, algumas vezes têm inserções diferenciadas. Essas variações ficam por conta de momentos especiais a exemplo de alguns dos que assisti: Consagração de Diáconos, Celebração da Ceia do Senhor ou presença de convidados especiais (Pastores, grupos musicais etc.).

Nessa igreja o recolhimento de ofertas está a cargo dos diáconos e das diaconisas que circulam calmamente pelo templo no momento adequado. No envelope, o doador escolhe para onde a igreja deve direcionar a sua oferta (Dízimo, Missões, Desafio Jovem, Hospital Evangélico, Lar do Ancião, Ação Social, Outras ofertas) (**ANEXO II**).

Assisti certa vez num culto noturno a consagração de diáconos e diaconisas eleitos (cinco homens – três negros, e seis mulheres, jovens, de meia idade e idosos). O Pastor chama todos à frente. A Mesa Administrativa Examinatória é composta por duas mulheres e um homem. A reunião é relatada ao público. A Presidenta da Associação dos Diáconos de Pernambuco dirige todo o ritual, exceto a consagração que foi feita pelo Pastor da Igreja. Registro a presença incontestada das mulheres tanto como diaconisas como presidindo os Concílios, mas não vi nenhuma Pastora durante toda a minha estada nessa igreja. O Pastor, em seguida, faz uma prédica dirigida, sobretudo aos líderes. Alerta-os sobre as dificuldades de continuarem fiéis. Cita um escritor norte-americano que diz que 70% dos líderes não terminam bem. E discorre sobre as principais razões: perdem a postura do aprendizado, a atratividade do seu caráter declina, param de viver conforme suas convicções, deixam para trás pessoas que foram decisivas em sua vida, perdem a consciência da sua influência e do seu

⁷⁸ Informação dada, sem demonstrar muito interesse, em resposta à minha indagação, pela moça que distribui o Boletim da igreja. Não deixa claro o critério de diversificação (tema, faixa etária, nível de conhecimento etc.).

destino, muitos perdem a convivência com Deus (daí a necessidade de estar cheio do Espírito Santo), e por fim a desonestidade como fator que faz os líderes caírem.

Em um culto vespertino, no seu término, havia um homem, negro, Mário Sérgio Pinheiro, autor de “O Cárcere da Ilusão”, cujo tema é a recuperação de viciados. Ex-aluno do Desafio Jovem⁷⁹, estava naquela igreja para fazer a divulgação do seu livro. Ficou à porta e sobre uma pequena mesa colocou seus livros à venda. Conversei um pouco com ele sobre o tema. A sua presença estava registrada no Boletim da igreja e durante o culto houve o fortalecimento do aviso.

Em outro culto, também vespertino, um grupo de jovens da JOCUM (Jovens com uma Missão) de cinco países diferentes⁸⁰, compartilha a experiência de viajar pelo mundo e da sua convivência, sendo originário de países tão diferentes e, portanto, com culturas distintas. Depois apresenta uma coreografia para *exaltar o nome do Senhor*. Um *play-back* o acompanha. Todos os jovens têm molejo no corpo, exceto o escocês. Quando terminam se faz ouvir efusivos aplausos e assobios como se o público estivesse assistindo a um show artístico. E era mesmo, pela reação dos ali presentes. Em seguida, o brasileiro acompanha ao violão, primeiro a australiana e o escocês que cantam em inglês três cânticos, depois os argentinos e o peruano em castelhano e por fim todos em português. O público acompanha o cântico em português.

Uma novidade um dia: o conjunto musical começa a cantar – duas moças e um rapaz vocalistas, quatro rapazes – sax, bateria, guitarra e teclado – e uma moça canta na linguagem dos surdos-mudos. A letra do cântico está projetada, como sempre, na parede frontal.

Freqüentei também o Culto Oásis. Fui numa 4ª feira. Tinha apenas dezessete pessoas. Um jovem pardo, de cabelos cacheados e curtos, acompanha ao piano uma jovem de pele clara, cabelo aparentemente pintado de louro amarrado em um “rabo de cavalo”, vestida numa calça comprida e blusa preta. Postada no púlpito, de lado para a platéia, cantava acompanhando a letra do cântico projetada na parede frontal (uso de retroprojector). A letra clamava pela presença do Espírito Santo na vida das pessoas e um fragmento dizia “*Espírito Santo ore por mim, leve pra Deus tudo aquilo que eu preciso...*”. Muitos cânticos são entoados. O Pastor faz a prédica, ora e pede para que fique de pé quem sentiu que Deus tocou o seu coração. Uma mulher levanta e uma mulher da igreja vai para o lado dela, a conduz ao

⁷⁹ Uma instituição filantrópica evangélica que se propõe a recuperar jovens viciados em drogas e que funciona a partir de contribuições financeiras de diversas pessoas.

⁸⁰ Três da Argentina, um da Escócia, uma da Austrália, um do Peru e um brasileiro de Campinas (São Paulo).

púlpito e ora de mãos dadas com ela. Após a oração silenciosa está terminada a reunião. A cantora entoia: *“Só de ouvir tua voz, de sentir teu amor, só de pronunciar o teu nome os meus medos se vão, minha dor, meu sofrer. Pois de paz tu inundas meu ser...”*. A reunião se encerra. Entrei e saí sem ser cumprimentada, assim como outras pessoas que estavam presentes.

Mas não foi sempre assim. Em geral eu era cumprimentada formalmente por alguns integrantes daquela igreja e me chamavam para voltar sempre. Num culto vespertino, certa vez, duas mulheres idosas que estavam de saída param ao meu lado e uma delas me pergunta se sou da família Paes. Diante da minha negativa, comenta que sou muito parecida com a família. A outra, que depois se identifica como Alana, conversa muito. Pergunta-me se sou evangélica e diante de minha afirmativa de que sou presbiteriana ela anima-se mais ainda e conta-me muita coisa sobre sua vida. Conversa sobre os filhos, sobre o marido que já morreu e sobre as cidades do interior de Pernambuco onde morou quando o marido era vivo. Nelas freqüentou sempre uma igreja e diz que em cada uma tem uma família. Disse, enfim, que gosta muito mais da família da igreja do que da própria família, pois com esta última não tem muitas afinidades espirituais, não tem o que conversar, os seus interesses são antagônicos. Eu só escutava aquele jorrar de informações. Isso também acontece quando se está pesquisando.

3.1.2 Tipificação do fiel

Nessa igreja, como nas outras que freqüentei, o que predomina é a pardização. Os negros estão presentes inclusive na hierarquia. São professores do Ministério de Ensino, é a regente de música da igreja, é o líder do conjunto musical, são diáconos. Na primeira vez que fui, havia mais de 300 pessoas na igreja naquele momento. Cerca de 20 pessoas da pele escura (que classifico como negras). O restante está na pardização que caracteriza a sociedade brasileira. Pessoas brancas, loiras, pouquíssimas.

As idades variam e contemplam todas as faixas etárias.

Os cânticos são dirigidos por um grupo de jovens (não muito jovens), duas moças e dois rapazes cantam (um deles é negro – líder do grupo –, tem bela voz e toca violão elétrico), um rapaz toca saxofone, outro teclado e um terceiro bateria. Desde a primeira música, o líder do grupo anuncia os cânticos, entremeia-os com orações, com palavras de

estímulo e de orientação e, em determinado momento, incita os fiéis a se abraçarem, a se cumprimentarem.

Fui certa vez na parte que se estende por trás do templo. Um edifício de primeiro andar. No térreo um grande salão, uma lanchonete, pequenas salas. No primeiro andar várias salas. Pela manhã é onde funcionam várias classes do Ministério do Ensino, inclusive as das crianças. O momento é entre o culto vespertino e o noturno. O grande salão está cheio de mesas, cada uma com quatro cadeiras, todas de plástico. Algumas pessoas estão tomando sopa. Compreendo que todo aquele salão vira um grande refeitório. Mulheres velhas conversam animadamente com mulheres novas. Parece não haver distância de idade. Vejo também a miscigenação expressa em cada pessoa. As pessoas conversam, comem, riem. Verdadeiro momento de socialização, de encontros e reencontros. Percebe-se uma maior descontração que na Igreja Internacional da Graça de Deus, onde o Pastor é o centro de tudo.

Numa das vezes, no culto matutino, uma mulher negra entra pela porta lateral e chama minha atenção: vestida simplesmente, saia justa mal acomodada no seu corpo gordo, sandália rasteira e lenço amarrado na cabeça, com ar de dona de casa simples. Destoa do restante da igreja. Pareceu-me estar só. Dirigiu-se para um banco lá atrás. Sentou-se bem no canto. Só. Desloquei-me também, pois queria vê-la, observá-la durante o culto. Sentei-me no último banco.

Chegou a hora (sempre há esse momento nos cultos) dos cumprimentos e abraços coletivos. A mulher negra foi cumprimentada por último entre os que estavam próximos a ela. Uma moça, um homem, e somente depois a moça que estava mais perto dela a cumprimentaram. Enquanto isso se entoa um cântico que fala em UNIÃO. Novo cântico. Aquele que fala *“Quero que você valorize o que você tem, você é um ser importante para Deus... Eu venho falar do valor que você tem. Ele está em você, o Espírito Santo se move em você... Você tem valor”*. Este cântico é sempre um estímulo para os que se sentem inferiores se sentirem importantes, além de sempre levar as pessoas a se cumprimentarem. Mais uma vez a mulher negra foi cumprimentada pela mesma moça que estava mais perto dela, por uma mulher mais jovem e por uma mulher idosa. Mais um cântico: *“Perto quero estar junto aos seus pés, pois prazer maior não há que me render e te adorar/ Tudo que há em mim quero te ofertar mais ainda é pouco eu sei se comparado ao que ganhei/ Não apenas servo teu amigo me tornei/ Te louvarei! Não importam as circunstâncias. Adorarei! Somente a ti Jesus”*.

Minha curiosidade pela mulher negra, simples, permanece. Ao final do culto vou para junto dela e pergunto-lhe se ela é da igreja. Diz-me que integra aquela igreja há mais de trinta anos, que vinha com a mãe dela desde pequena. Disse-lhe que eu não era dessa igreja,

mas que estranhei ela estar só. Esperava, com minha abordagem, descobrir algum indício de sua marginalização por ser negra. Disse-me que estava esperando a irmã que não veio hoje. Insisti nas minhas pré-concepções. Perguntei-lhe se ela participava dos Ministérios da igreja. Disse-me que não, porque morava longe. Ao que tudo indica, minha suposição de seu isolamento por preconceito caiu por terra. De toda forma não a vi se comunicando com os outros ao final do culto. As pessoas falavam alegremente umas com as outras, mas ela continuava sozinha.

3.2 Igreja Universal do Reino de Deus – IURD

Data de 1977 seu início, no Rio de Janeiro⁸¹, no bairro da Abolição (zona norte da cidade). Considerada o maior fenômeno religioso das últimas décadas no Brasil. Seu fundador, Edir Macedo, de origem religiosa católica e com passagem pela umbanda. Converteu-se ao pentecostalismo na Igreja Nova Vida, liderada por um missionário canadense. Em 1975, sai dessa igreja por considerá-la elitista e, com outros pastores, funda a Cruzada do Caminho Eterno. Dois anos após, retira-se dessa igreja e participa da fundação da Universal do Reino de Deus, tendo como líder principal o seu cunhado R. R. Soares. Mas com seu estilo dinâmico, pragmático e centralizador, Macedo logo superou a liderança de Soares. Em realidade no seu programa evangelístico na *Rádio Metropolitana*, agia no sentido de aumentar e solidificar seu poder institucional. Para isso mobilizava fiéis e pastores. Ascendeu e Soares se retirou, dando início a uma denominação semelhante à Universal, a Internacional da Graça de Deus. Outro fundador da Universal, Roberto Augusto Lopes, também rompeu com Macedo, e em 1987 retornou à igreja Nova Vida. Macedo assumiu completamente a liderança, adotou o governo eclesiástico episcopal e assumiu “o posto de bispo primaz e o cargo vitalício de secretário-geral do presbitério, o mais elevado da denominação” (MARIANO 2003).

Aqui no Recife, minha rápida passagem pela sede da Universal (**ANEXO III**) – três visitas apenas – me impede de ter informações precisas sobre o seu surgimento. Passo, então, às minhas observações.

Tudo tem grandes dimensões físicas nessa igreja. Dez caixas de som (cinco de cada lado), doze molduras douradas enormes (seis de cada lado) vazias. As paredes do lado são de madeira do chão até quase a metade, a outra metade é em chapisco branco. Nelas tem

⁸¹ Ver também Jacob (2003:42-43).

quarenta e quatro saídas de ar-condicionado (vinte e duas de cada lado). O chão é todo em granito. Na parede da frente, onde fica o púlpito, uma cruz e uma frase douradas “Jesus Cristo é o Senhor”. De cada lado dessa parede uma grande saída de ar-condicionado. No meio uma paisagem pintada atrás do lugar em que o Pastor fica. O móvel do púlpito é em madeira, na frente uma parte branca com uma cruz em cor de madeira. Do lado direito um teclado e o tecladista. Do lado esquerdo sobre uma mesa, um candelabro semelhante ao do judeu, um arranjo de flores, uma jarra e dois copos dourados.

3.2.1 Funcionamento da igreja

As reuniões nessa igreja acontecem de 2ª feira a sábado, às 8h, 10h, 15h e 17h; no domingo às 7h, 10h, 15h, 19h.

Os cultos são centrados no Pastor que detém o monopólio da fala. Ele fala, lê a Bíblia, faz a prédica, canta. Enquanto se canta, os Obreiros circulam ordenadamente pelos corredores. Dão a entender que de uma forma planejada. Alguns oram em voz alta enquanto andam. Sempre que a igreja está em oração, os Obreiros circulam olhando bem na direção dos bancos. A oração do Pastor começa de forma racional, aos poucos cresce numa emoção que vai tomando conta dos presentes. E quanto mais o Pastor se emociona dando entonações diferentes à sua voz, mais a emoção do público cresce, tornando audível um leve murmúrio de orações, mas nada muito alto. Ao fundo uma música suave (ambiente propício para grandes emoções aflorarem).

Na oração, o Pastor chama à frente os angustiados, os que têm problemas de toda ordem. Muita gente se desloca à frente. A oração tem como objetivo tirar o medo e pedir libertação das forças do mal. Aumenta o murmúrio dos presentes, algumas orações em voz alta se fazem ouvir.

À oração, junta-se um cântico sempre puxado pelo Pastor e seguido pelo público. Na hora de “invocar o Espírito Santo” todos levantam as mãos, inclusive algumas crianças. O Pastor pede para que repitam: - *O Senhor já me libertou*. Todos repetem. Ouve-se muito barulho. De repente silêncio total pela ação do Pastor. Ele leva o público a grandes emoções, mas também o controla pela sua própria entonação de voz. E diz que o “nascido de novo” tem a fé e a força que o mundo não tem. E que dentro da Igreja tem gente com o “homem velho” e por isso tem medo e sente angústia. Quando a oração do Pastor fala no diabo, ele próprio incentiva a todos a pisarem no diabo. Ouvem-se as pessoas darem murros nas próprias mãos e

sapatearem como se estivessem esmagando o diabo. O Pastor e o público cantam mais uma vez. Finda com um *Amém* e muitos aplausos.

Assim se repetem os cultos nessa igreja. Muita emoção e a cada vez elementos novos são incorporados, a exemplo da Fogueira Santa, copo com água abençoada, cajado *com água do Mar Vermelho*.

O culto da Fogueira Santa tem um grande efeito pirotécnico. Uma imensa cortina de tule ou filó branco cobre todas as paredes, do piso ao teto. O mesmo tipo de cortina envolve o púlpito, e no alto da cortina há uma espécie de bandô dourado, modelo muito usado em cortinas domésticas. O Bispo está na parte alta do púlpito, mas do lado de fora da cortina. A parte dourada segura uma abertura na cortina, onde se vê claramente uma espécie de fogueira acesa, como se fosse construída de tijolos e cimento. Não há fumaça. Por sobre a fogueira, mas não sobre o fogo, alguns Obreiros colocam uma espécie de saco de plástico. Cobrindo toda a parede frontal do púlpito há um painel com uma paisagem diurna, ensolarada e montanhosa. No alto está escrito: O MONTE SINAI É O SINAL DA REALIZAÇÃO DOS SEUS SONHOS. Abaixo da paisagem o versículo “*Deus lhe respondeu: eu serei contigo; e este será o sinal de que eu te enviei: depois de haveres tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte*” (Êxodo 3:12).

As pessoas estão em pé desde que eu cheguei. O Bispo chama os Obreiros à frente para orarem com ele. Vários atendem ao seu chamado quase correndo dentro do templo. Finalmente, a uma ordem do Bispo, as pessoas sentam. Uma das Obreiras volta ainda enxugando as lágrimas por conta da oração emotiva feita pelo Bispo. O Bispo olha para o relógio e diz: - *Ninguém pode dizer que o Bispo não buscou o Espírito Santo. Passamos 55 minutos nessa busca. Eu alcancei. E vocês?* Quase todos respondem que sim. Ele se mostra cansado, suado.

Começa, então, outro momento daquele culto. Ele pede para que todos abram a Bíblia em Hebreus 10:1, que diz “*Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das cousas, nunca jamais pode tornar perfeito os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem*”. As pessoas que tinham Bíblias ficaram com elas abertas. Ele não leu imediatamente o texto. Começou a comentar sobre o dia 13 (na sua fala vinha estimulando a curiosidade de todos para esse dia). E disse que ele entregaria tudo, *mas tudo mesmo*, naquele dia. Ficaria vinte e um dias em oração e passaria sete dias no altar. Traria um colchonete e dormiria ali todas as noites. E entregaria tudo o que tinha, ficando apenas com sua mulher e com seu filho. Mas não explicou quem ou como seria administrado tudo o que fosse recolhido naquele dia.

Tudo isto foi antecedido pela Ceia do Senhor, cujo caráter é de transubstanciação, que transcorreu de forma admiravelmente organizada. Pede, então, para que ninguém machuque o copinho do vinho (até porque, segundo ele, não é vinho, é o sangue de Cristo). Diz que deixe uma gota e dentro dele coloque sua oferta, seu envelope, que os Obreiros irão recolher em grandes sacos (o sentimento das pessoas é atingido imediatamente pelo fato de crerem que o vinho é o sangue de Cristo, então nada mais normal que darem suas ofertas com abundância). Percebo aos poucos aonde ele quer chegar: ao máximo que as pessoas possam ofertar em dinheiro⁸². Sua linguagem coloquial conquista. As pessoas ao meu lado dialogam baixinho com ele. Respondem sempre ao que ele pergunta, ou confirmam o que ele afirma. Ele diz ainda que se a Fogueira Santa não trouxe mudança para a vida das pessoas é porque elas não se lançaram realmente. Aí sim, ele lê o versículo e comenta que ninguém pode ofertar o mesmo valor que ofertou na última Fogueira. Há necessidade de ofertar cada vez mais. O sacrifício deve corresponder ao que cada um tem. A eficácia da Fogueira Santa é o mínimo que alguém tem para receber o máximo de Deus. O desafio, portanto, é oferecer mais do que ofereceu na fogueira anterior. Investir, para receber (dom e contra-dom levado ao extremo ou barganha com Deus: só recebe bênção se der dinheiro). A meta mínima de cada um é de R\$ 240,00. A meta geral é de R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais). E faz um comentário auto-intitulando-se homem de Deus: diz-se incontestável quando usa argumentos bíblicos, e que somente quando estiver dando seu próprio ponto de vista pode ser contestado. Isto se referindo à obrigação das pessoas de se sacrificarem a Deus (o sacrifício que fala se refere às doações monetárias).

Depois de perguntar quem já tem o envelope para a Fogueira Santa e verificar que muitas pessoas não têm, chama todas à frente e convoca alguns Obreiros para ficarem em torno delas. E começa a falar de forma a convencer àquelas pessoas a participarem daquela campanha (uma forma de constrangê-las). Chega a ponto de mostrar que as pessoas que aderem são inteligentes.

Pergunta ainda quem tem fronha e envelope (aí percebo que os plásticos que estão sobre a fogueira contêm fronhas com envelopes). Estes reproduzem as palavras e a paisagem que estão no painel do altar (eficiência na comunicação): O MONTE SINAI É O SINAL DA REALIZAÇÃO DOS SEUS SONHOS. As pessoas levantam as fronhas, retiram-nas dos sacos, por orientação do Bispo, alguns Obreiros passam com um copinho plástico de café com algo dentro (creio ser uma espécie de óleo) que passam nas fronhas. O Bispo diz que durmam

⁸² Aqui está ratificada a crítica do Pastor Alonso, da Igreja Internacional da Graça de Deus, em entrevista a mim concedida em 27.07.2005. Segundo ele, saiu da Universal porque ela priorizava o dinheiro.

a semana toda com aquela fronha e estejam atentos aos sonhos. E acrescenta: - *Não contem a ninguém seus sonhos, nem mesmo a mim.* As pessoas que não têm envelope continuam na frente enquanto o Bispo fala.

As luzes do teto apagam-se e permanecem acesas algumas das paredes dos lados. Acendem-se as do altar. As pessoas que se convencem a pegar uma fronha e um envelope, entram por uma porta à direita do púlpito e já as vejo de sapatos na mão passando por junto da fogueira, orientadas por vários Obreiros, e pegando um saco com a fronha (tem um envelope dentro). Todo o ritual nesse momento é direcionado para que as pessoas se sensibilizem e sejam generosas nas ofertas.

De repente, um grito de mulher. Como estou sentada (somente deveriam ficar em pé os que tinham fronha e envelope) não vi quem foi. O Bispo então, disse: - *Estão vindo porque vocês estão resistindo a participar da Campanha? Olhem só quem está aqui!?* (quis ele insinuar que o demônio estava impedindo as pessoas de abrirem seus corações e participarem da Campanha para fazer doações que o Bispo chama de *sacrifício*).

Depois desse momento o Bispo começa a orar e induz as pessoas a orarem também. Ouvem-se, então, orações simultâneas do Bispo e dos fiéis, aos gritos. Rostos, vozes, gritos de choro, de emoção, de tristeza, de alegria. As frases mais ouvidas eram: - *Não aceito mais ser humilhado. Não quero mais ser indigno.* Quando o Bispo pára, todos param instantaneamente. Ele diz que até o dia da Fogueira Santa, ninguém deve faltar nenhum domingo; que cada um deve beber durante sete dias a água de Jesus que o Bispo diz ter trazido diretamente do Egito; que deve dormir sobre a fronha; que cada um perceba seus sonhos; que cada um deve trazer no próximo domingo a fronha (antes deve lavá-la sem estragá-la).

Em um dos cultos, o Bispo fala que é a hora da oferta e que Jesus não precisa de esmolas, mas do melhor de cada um dos presentes. Aos que dão os dízimos, os Obreiros irão entregar os envelopes. E comenta que os que não dão 10% do que ganham não acreditam que Deus existe. Muitas pessoas vão à frente entregar suas ofertas aos Obreiros que estão lá na frente e, simultaneamente, outros Obreiros circulam e entregam envelopes para o dízimo.

Embora o Pastor fique sozinho no púlpito durante todo o culto (apenas o tecladista do seu lado), observam-se mais de 100 pessoas mobilizadas para garantir o seu perfeito funcionamento. E de forma bastante ordenada. A engrenagem é muito bem montada.

Lembra o Pastor que na próxima Sessão de Descarrego os dizimistas serão consagrados com *água santa*, trazida por ele do Mar Vermelho. Diz que levará os cajados (houve a distribuição de um papel, vermelho e branco, em forma de cajado com coisas

escritas às quais não tive acesso, com um espaço para cada pessoa colocar sua própria fotografia) *para jogar no Mar Vermelho*. Ele mesmo, enquanto falava, segurava na mão um grande cajado, com um cabo cor de madeira e o restante todo transparente com água dentro. Dizia ele ser água do Mar Vermelho.

O Pastor faz um alerta aos dizimistas: os 10% a serem trazidos não deverão estar abaixo de R\$ 50,00, mesmo para aqueles que ganham menos de R\$ 500,00, uma vez que os R\$ 50,00 corresponderão aos 10% do que eles sonham ganhar como um salário digno para um trabalhador com família. Portanto, dar os R\$ 50,00 significa que a pessoa quer ganhar R\$ 500,00, mesmo que não ganhe. Mesmo que eu custe a acreditar no que estou ouvindo é exatamente isto que ouço. Não vejo nenhuma indignação nos rostos próximos a mim. Diz ainda que naquele dia distribuirá *óleo gratuito que trouxe do Monte Sinai*. Terminou o culto desejando a todos para irem em paz após ter recitado o Pai Nosso.

Por cima das portas de saída havia uma grande faixa amarela com os dizeres: MONTE SINAI. PASSAGEM OBRIGATÓRIA PARA QUEM QUER REALIZAR OS SEUS SONHOS.

3.2.2 Tipificação do fiel

Cerca de cento e vinte Obreiros participam da ordem de cada culto. Verdadeiro exército. Pelo menos vinte podem ser classificados como negros. A maioria é parda. As idades são as mais variadas possíveis: jovens, meia-idade, velhos, estes últimos em menor quantidade. Seu vestuário difere do público presente. As mulheres de blusa branca, saia reta azul marinho, cinto preto, lenço azul marinho com bolas brancas no pescoço, meias finas, sapatos pretos fechados de salto número três, mais ou menos. Os cabelos da maioria estão presos em um coque atrás amarrado com um laço azul marinho. Algumas têm cabelos alisados. Os homens todos de camisa de manga comprida, maioria branca, mas algumas azuis, outras verde quase escuro. Pouquíssimos com camisa de outra cor. Todos de gravata, a maioria de calça azul marinho de modelo clássico, cinturão preto, sapato preto fechado.

Entre os fiéis vejo também uma quantidade significativa de negros. Maior ainda é a de pardos.

Como já deixei evidente, frequentei essa igreja nos primeiros passos do meu trabalho de campo. Ao reencontrá-la à distância – quando intensifiquei meu trabalho de campo na igreja da Graça –, ela já não estava instalada no grande imóvel da Avenida Mário

Melo⁸³, mas no gigantesco templo construído na Avenida Cruz Cabugá (ANEXO III) muito próximo ao anterior.

3.3 Igreja Internacional da Graça de Deus – IIGD

A história da igreja da Graça se confunde com a do seu fundador, Romildo Ribeiro Soares, conhecido como R.R.Soares⁸⁴, rótulo que lhe dá uma aura diferenciada, pois na igreja-sede do Recife, as pessoas a ele se referem como *o Missionário*, reforçando um mito criado por ele mesmo. No site da igreja⁸⁵ a história do começo da igreja da Graça é contada como algo excepcional:

Mas tudo começou com um menino, que apesar de não ter condições financeiras nenhuma, acreditou no sonho que Deus plantou no seu coração de usar a televisão como um veículo de evangelização da nação brasileira. Essa criança cresceu, se tornou um pregador do evangelho e, hoje, é conhecido em todo o país como o missionário R. R. Soares.

E continua enfatizando aspectos que reforçam o mito:

Em abril de 1964, o jovem Romildo Ribeiro Soares chegou ao Rio de Janeiro e, em 1968, começou verdadeiramente o início da vida espiritual de R. R. Soares. [...] No primeiro dia de novembro de 1977, iniciou-se, pela rede Tupi de Televisão o maior ministério de evangelismo pela televisão brasileira. Nesse dia, cumpriu-se um desejo que há muitos anos, mais precisamente em 1958, surgiu no coração do garoto Romildo, então com 11 anos.

Romildo Ribeiro Soares foi criado na pequena cidade de MUNIZ FREIRE, no Espírito Santo. Um dia, ele teve a oportunidade de conhecer uma cidade vizinha, Cachoeiro do Itapemirim e, na praça Jerônimo Monteiro, viu pela primeira vez em sua vida um aparelho de televisão, exposto numa loja. Romildo notou que todos os que estavam ali ficaram fascinados com o que acontecia na tela e, naquele momento, dentro do seu coração, pronunciou um voto ao Senhor: “Não tem ninguém falando do Senhor nesse aparelho. Ah, Senhor, se o Senhor me der condições, um dia eu estarei aí, falando só do Senhor”.

Além desses aspectos outros são destacados que contribuem para mitificar cada vez mais a trajetória do Missionário Soares:

⁸³ Segundo informações de um Obreiro da igreja da Graça continua pertencendo à igreja Universal, mas com outras utilizações a exemplo de gráfica.

⁸⁴ Considerado “prolífico escritor, Soares não cursou seminário ou faculdade teológica, mas bacharelou-se tardiamente em direito na Universidade Gama Filho, Rio. Em 1990, lançou-se candidato a deputado federal em São Paulo. Aventura política em que foi malsucedido” (MARIANO 1999:99).

⁸⁵ www.ongrace.com (acesso em 30.07.2005).

Após ler o livro de T. L. Osborn, intitulado “Curai os enfermos, expulsai os demônios”, ele sentiu o impulso para o ministério, e desistiu do que antes fora o seu sonho, que era estudar Medicina, pois lhe tinha sido prometida uma bolsa de estudos no curso de Medicina na Universidade Patrici Lovouba, em Moscou, na Rússia. [...] O início foi muito difícil. Após muitas privações e humilhações, Romildo foi preso por simplesmente anunciar o Evangelho. Mesmo assim, o mensageiro de Deus continuou firme no propósito de anunciar o Evangelho a todos.

A igreja teve seu início em 1980⁸⁶, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Atualmente conta com um programa diário na televisão brasileira (BAND), em horário nobre, intitulado “Show da Fé”. O programa tem a mesma configuração das reuniões que participei no Recife: cânticos, prédicas, testemunhos, curas, “ofertas”, dízimos etc. “Determinação”⁸⁷ é uma das palavras mais usuais nessa igreja. E é insistindo nessa palavra – determinação – que o site da igreja informa que, depois de realizar o sonho de ter um programa em horário nobre – primeiro na rede CNT de Televisão, em 1997, e hoje na BAND –, Soares lutou para ter um canal de televisão somente voltado para a divulgação de mensagens evangélicas. Conseguiu esse intento em 2002. Trata-se da Rede Internacional de Televisão (RIT). Além da Rede conta também com a revista GRAÇA e a Graça Editorial (fundada em 1983) que já publicou centenas de livros, muitos dos quais do próprio Soares. Conta ainda com algumas Rádios como a Rádio Relógio (de alcance nacional), a Nossa Rádio FM – com estações no Rio (89,3), São Paulo (91,3) e Minas Gerais (97,3). Tem também ao seu dispor a Graça Music que já lançou mais de 70 títulos de CD’s. Cerca de 500 mil pessoas – intituladas Patrocinadoras – sustentam essa igreja, no Brasil e no mundo. Tem mais de mil templos espalhados pelo mundo, dos quais mais de cem no Rio de Janeiro (www.ongrace.com)⁸⁸.

A Revista Carta Amiga⁸⁹ conta o início dessa igreja no Recife como sendo em 1997, no ginásio de esportes do Colégio Americano Batista, bairro da Capunga. As primeiras reuniões contaram com a presença do Missionário Soares. O Pastor atual – Pastor desde 1994

⁸⁶ Como já registrei ao tratar da Igreja Universal do Reino de Deus, no item 3.2, Mariano (2003) informa que inicialmente Soares integrou o grupo de Pastores que fundou a Cruzada do Caminho Eterno, para depois sair e formar a Universal do Reino de Deus juntamente com Edir Macedo, seu cunhado. Teve sua liderança suplantada por Macedo e em 1980 iniciou a Internacional da Graça de Deus “um clone da anterior, embora menos bem-sucedido”. Diz que essa igreja “possui novecentos templos no Brasil. Sua expansão institucional resulta, em parte, de um extenso proselitismo nos meios de comunicação de massa, sobretudo na televisão”. Em consulta que fiz ao site da igreja da Graça, em 30/07/05, havia o registro de um total de 1410 igrejas no Brasil (226 no Sul, 820 no Sudeste, 165 no Nordeste, 47 no Norte e 152 no Centro-Oeste) e 19 no exterior (Portugal, Japão, EUA, Inglaterra, Peru, México).

⁸⁷ “Em 02 de dezembro de 1984, após ler o livro de Kenneth Hagin, O Nome de Jesus, a Igreja da Graça começou a pôr em prática a Determinação, e a partir daí, foram bênçãos atrás de bênçãos” (site www.ongrace.com).

⁸⁸ Acesso em 30.07.2005.

⁸⁹ Revista Carta Amiga, Salvador (BA), julho/agosto 2004, pp. 8-10.

e à frente da igreja no Recife desde 1999 – é tido como fator fundamental para o sucesso da igreja ou nas palavras da Revista, a igreja “tomou um rumo diferente e passou a prosperar”.

Até abril de 2005, sua sede se localizava na Rua da Soledade, no bairro da Boa Vista, local onde já funcionou uma grande loja de venda de tapetes e de tecidos especiais. A partir daí transferiu-se para a Avenida Cruz Cabugá, bairro de Santo Amaro, ocupando as instalações onde fora a SAEL, concessionária da Volkswagen (**ANEXO IV**).

3.3.1 Os meios de comunicação

Através de uma Obreira que como eu esperava para falar com o Pastor Alonso tomei conhecimento do programa do Missionário R.R.Souza na televisão, principal referência nacional dessa denominação. Informou-me o canal de televisão (o 9) e os horários (diariamente às 21 horas, exceto aos domingos)⁹⁰.

Assisti, então, o Programa “Show da Fé”. Ao vê-lo percebi que o conhecia, já o tinha visto outras vezes, mas antes deste estudo não me havia chamado a atenção em especial. Fala mansa, tranquilo, com grande capacidade de comunicação. Sem estardalhaços, sem agressividade. Com firmeza e convicção. Usa todas as técnicas para se comunicar. Roupas, cabelo, pele impecáveis (seria um Sílvia Santos em edição bastante melhorada, inclusive sem brincadeiras). O Programa – transmitido do Rio de Janeiro – tem formato semelhante à Reunião do domingo na Igreja em que tenho ido (ou ao contrário, a Reunião da igreja assemelha-se ao Programa de TV). Cânticos, sermão, ofertas, testemunhos.

É no Programa que conheço um novo elemento que se chama Patrocinador. São pessoas que contribuem financeiramente de forma sistemática. No Programa como na igreja são escolhidas pessoas para darem testemunhos. No caso do Programa, como efeito demonstração, os Patrocinadores que alcançaram bênçãos a partir dessa condição, divulgam-nas e assim influenciam outros que queiram também se tornar Patrocinadores. São escolhidas pessoas que falam fluentemente, o que me faz inferir que a escolha não foi aleatória, na hora do programa.

O local da gravação do programa é um grande auditório, lotado, com Pastores, Evangelistas, Obreiros e Obreiras espalhados pelos corredores. No palco, ficam o Missionário, uma banda de música e um cantor. O móvel do púlpito, em material branco

⁹⁰ Em uma das últimas entrevistas, a do Obreiro Walter, ele me informou que os programas de Souza são diariamente às 17h10, no canal 9 (exceto no sábado) e às 21h10, no canal 6 (exceto no domingo).

transparente, e atrás dele, uma paisagem de céu azul com nuvens brancas. Um cantor, negro, apresenta-se como um *showman*. Canta e movimenta-se bastante no palco. Na banda musical, vários negros. É anunciado um evento para o dia 06 de agosto próximo (2005) em Belém/PA. Deverá contar com a participação do Missionário (é assim que o chamam) e do cantor. Um *clip* mostra o Missionário em vários momentos, como alguém muito especial.

O Pastor Hélio tem nesse Programa um tempo bem reduzido. Um dia ele comenta:
- *Quem assiste o Missionário? Quem assiste o Pastor Hélio? 1 minuto e 50 segundos contadinhos. Estou orando para ter mais.* Muitas pessoas levantam a mão para confirmar que assistem o programa.

Alguns dos meus interlocutores se aproximaram dessa igreja primeiramente através da mídia televisiva. Quando ainda nem tinha igreja no Recife os programas já chegavam através da televisão. A Obreira Mariana confirma:

- E desde que eu comecei a ouvir, assim, não deixei mais de acompanhar, acompanhei sempre todos os dias. Gostei demais, sabe? E [...] aí pronto eu fiquei determinada, queria me batizar nesse ministério. [...] Liguei pra saber onde é que era o endereço em Recife. Aí disseram assim: - Infelizmente ainda não temos em Recife, mas estamos nesse propósito de abrir logo em Recife. Aí eu acompanhando o programa eu via o Missionário R.R.Souares, ele vinha todo ano aqui. Fazia o culto no Americano Batista.[...] Toda vez que ele fazia o culto aqui em Recife aí eu ia. A gente sempre pedia: - Missionário quando é que vai abrir aqui em Recife?[...] .. no ano que abriu eu tava grávida da 2ª filha. Aí eu vi: inauguração da igreja em Recife. Meu Deus, eu vou. Eu tava prestes a ter [a filha] e eu tava em repouso por causa das pernas que tavam muito inchadas. Aí minha mãe fazia: - Mariana, onde é que você vai desse jeito? Aí eu disse: - Não, eu vou, eu vou de todo jeito. Eu sei que cheguei aqui minha pequenininha tava recém-nascida.

Outro que teve sua conversão influenciada pelo programa de Soares foi o Obreiro Walter. Suas declarações confirmam:

O programa, aí aquilo foi colocando no meu coração, e eles colocaram o endereço e tinha lá a rua da Soledade. Aí eu saí procurando, aí eu encontrei, entrei na Soledade – na Igreja – e saí completamente diferente. Ninguém fica lhe forçando a nada, cada palavra foi entrando no meu coração.

De acordo com Freston *apud* Mariano (1999:100) a cúpula da igreja da Graça tem preferência pelo uso da TV. A sua “estratégia proselitista está visceralmente centrada no televangelismo, cuja audiência é majoritariamente feminina, pobre, idosa e de pouca escolaridade”.

3.3.2 A ideologia do sucesso

Não há como dissociar essa igreja da ideologia do sucesso, da prosperidade, da vida material abundante. De fato, o discurso dos Pastores gira em torno de se *apossar das bênçãos que Deus dá, de fazer a vontade de Deus, de tomar a própria cruz*. E que tudo isso só lhe trará sucesso na vida.

Segundo Freston (2006a)

a teologia da prosperidade se baseia na idéia de que Deus quer que todo o seu povo desfrute da prosperidade. E se os crentes tiverem fé suficiente para reclamar o que deveria lhes pertencer, e demonstrarem essa fé com doações generosas a Deus, ele as devolverá com juros.

Faz-se, pois, necessário optar pela bênção da prosperidade e isso é uma decisão pessoal, que cada um deve buscar. Um dos caminhos é escolher em que igreja quer servir a Deus. Se na Assembléia de Deus, se na Graça, se na Universal ou em outra igreja, pois cada uma tem uma orientação diferente sobre cada problema.

Em um dos sermões do Pastor Alonso ele alerta para que os fiéis sejam fortes e não falem muito a outros dos seus projetos de vida. E diz: - *Assim deve ser o cristão. Quem abre muito a boca, dá oportunidade a outro a ter inveja e a saber a sua vida*. E grita: - “Ôião” (creio que se refere a “olho grande”, “olho gordo”). - *E aí perde bênção porque abre muito a boca, conta o que vai fazer. Ou às vezes fica chateado com qualquer coisa dentro da igreja*. Nesse caso surgem resquícios de superstição. Parece admitir a existência de uma outra força tão grande quanto a de Deus. E alerta: - *Não obedecer é cravar de novo Jesus na cruz. Você nasceu para ser feliz, para reinar*⁹¹.

Em uma prédica do Pastor Hélio ele pergunta: - *Por que a vida de muitos tem sido um fracasso?* E ele mesmo responde: - *Porque você só tem profetizado o que não presta. Você profetiza só o que é ruim: eu não consigo, tudo é ruim pra mim*. E reforça suas palavras citando Mateus 12:37⁹². - *Nossas palavras podem nos levar ao sucesso, à cura ou ao fracasso, à doença. Pensar positivo é pensar na Palavra de Deus. Confesse vitória. Estou bem com a graça de Deus*. E diz: - *Não é o Pastor Hélio quem faz milagres. É você quem determina*. E a explicação que ele dá: - *Quando você começa a profetizar cada coisa começa*

⁹¹ Frases desse tipo sempre se repetem. Elas reforçam a auto-estima dos fiéis. Baseio-me em Fry (2005:122), como já fiz páginas atrás (item 2.2.1.1.3) quando classifica as igrejas pentecostais de Moçambique e interpreta-as sob três ângulos. Um deles é o “funcionalista” que enquadra a necessidade que as pessoas têm de viver em “comunidade”.

⁹² “Porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1118).

a encaixar: sua vida financeira, pessoal. Mas você tem que fazer sua parte. São as promessas terapêuticas de paz, de harmonia, de fim da angústia, de esperanças satisfeitas de que trata Alves (1999:12-13).

A palavra do Pastor é convincente. Cai como uma luva nas necessidades das pessoas. Traz ensinamentos que ajudam a enfrentar dificuldades e a buscar o sucesso: – *Deus quer você de pé, quer tirar você dessa sepultura. Quando estamos bem com o Senhor, onde estivermos, onde pisarmos, nossa vida florescerá.*

No Seminário de Mulheres na Graça de Deus, em outubro de 2005, as falas das Pastoras foram sempre para estimular as mulheres a serem curadas e a terem seus problemas resolvidos. E tudo isso em voz alta, em alguns momentos aos gritos de *Amém, Aleluia, Glória a Deus.*

3.3.3 O espaço físico como símbolo de prosperidade

Na igreja da Graça, durante o tempo em que lá estive como meu campo de estudo, identifiquei três momentos específicos da transformação porquê passou o ambiente físico, não somente com mudança de local, mas também com mudanças internas de *lay-out*. O primeiro foi na rua da Soledade, o segundo, na Avenida Cruz Cabugá no grande galpão e o terceiro na mesma localização, mas agora com mais refinamento: sala com ar-condicionado, isolamento do som e da luz do sol.

Inicialmente, na rua da Soledade (bairro do mesmo nome), palco outrora de uma grande loja de tapetes e de tecidos especiais⁹³. Na minha primeira visita encontrei o portão fechado, não havia ferrolho de modo que eu pudesse abri-lo. Fato inusitado na minha percepção de igreja. A circulação das pessoas estava sob um controle acionado de dentro da igreja, próximo de um birô onde havia um homem sentado e dois em pé. No pátio alguns carros, uns dez no máximo, estacionados. Na rua da igreja outros poucos carros. Era um domingo.

No salão, à direita, uma pequena lanchonete (com uma geladeira, um balcão, uma vitrine vazia para expor alimentos), um filtro com água mineral e copos plásticos. Do lado esquerdo, com o mesmo formato da lanchonete, uma livraria com um balcão e livros e revistas expostos em prateleiras. As duas entraram em funcionamento – muitos fiéis a elas acorreram – ao final da reunião.

⁹³ No item 2.2.1.1.3 já havia feito uma pequena descrição dessa Igreja.

Um circuito interno de TV é visível. Pequenas câmeras postas dos dois lados do templo voltadas para o público e para o púlpito. As paredes em tom claro (um creme quase branco). No meio do templo duas fileiras, cada uma de sete pilares, com arranjos de flores artificiais sobre suportes de ferro. Quatro caixas de som de cada lado afixadas em cada parede lateral e vinte e quatro ventiladores espalhados pelas paredes e pilares.

No púlpito uma grande paisagem de céu azul com nuvens brancas, pintada no meio da parede, com um arranjo de flores artificiais de cada lado. O móvel do púlpito onde é colocada a Bíblia durante os sermões, é em madeira com a parte frontal clara e uma cruz em tonalidade escura no meio da parte clara. Dos dois lados do púlpito cortinas de mais ou menos quatro metros de largura em cor creme com um franja azul escuro.

O telefone toca de vez em quando, mas é imediatamente atendido.

Cerca de vinte e oito fileiras de cadeiras da porta de entrada até o púlpito, divididas em quatro blocos. As cadeiras, alcochoadas em vermelho vinho, são atreladas umas às outras em grupos de quatro ou de seis, totalizando em torno de 560 assentos. Menos da metade ocupada neste dia.

Depois de 6 meses ausente⁹⁴ retorno à igreja e encontro-a completamente diferente. A quantidade de pessoas tinha crescido proporcionalmente à quantidade de carros estacionados nas suas proximidades. O crescimento numérico da igreja fez com que ela implantasse um sistema de segurança com homens mais ou menos jovens, de calça e camisa cáqui, colete preto com a inscrição “Grupo de Apoio” e rádio de comunicação à distância. Não somente fazem a segurança das pessoas e dos carros dos fiéis estacionados na rua da igreja e nas ruas laterais, mas também evangelizam os transeuntes.

Mas um dia, ao chegar para o Culto de Libertação, encontrei uma faixa na parede frontal externa: “*Mudamos para a Av. Cruz Cabugá, 165 – Antiga SAEL*”. Era o campo fugindo de mim. Fui atrás dele. Encontrei-o onde antes eram as instalações de uma concessionária da Volkswagen, composta por uma parte de escritórios e um enorme galpão dividido ao meio por uma meia parede. O novo endereço é na avenida que apelidei de “Avenida da Fé”. Nela encontram-se as sedes – sempre enormes templos – das principais igrejas pentecostais: a Assembléia de Deus, a Catedral da Igreja Universal do Reino de Deus, agora a Internacional da Graça de Deus e outras menores. A igreja Universal e a igreja da Graça estão lado a lado separadas apenas por uma rua. Entre elas uma grande diferença: a Universal foi planejada para ser igreja com estacionamento próprio, hospedagem para

⁹⁴ Passei 6 meses em Strasbourg (França) num estágio através de uma bolsa-sanduíche concedida pela CAPES.

pastores e outras utilidades, enquanto a da Graça aproveita as instalações de uma concessionária de veículos tendo, portanto, uma estrutura de escritório e galpões.

Reencontrei o campo. Considero o primeiro momento em termos de modificação do aspecto físico. O salão de reuniões ficou sendo no grande galpão. Eram as mesmas as cadeiras em tom vermelho vinho e os arranjos de flores em cor laranja que ficavam na igreja da rua da Soledade. O espaço é bem maior. O púlpito improvisado sobre um tablado alto, revestido de alcatifa que combina com o assento e encosto das cadeiras. Um jovem pardo veio ao meu encontro. Cumprimentou-me com *Graça e paz*. Apertou minha mão e se colocou à minha disposição, julgando talvez que eu estivesse atrás de bênçãos de libertação, pois o culto que tinha acabado era justamente o “de libertação” e havia algumas pessoas ali aguardando para um atendimento individualizado. À minha indagação das razões de haverem se mudado para o novo imóvel, respondeu-me com o entusiasmo dos que têm fé ou dos que precisam convencer o outro de alguma coisa, que a *obra de Deus precisa ter mais espaço, pois a quantidade de gente que precisa de salvação é muito grande e, por isso, é preciso que haja grandes espaços para acomodar tanta gente*.

Na opinião desse homem que comigo conversou, para uma cidade como o Recife, com cerca de 1,5 milhão de habitantes, são insignificantes igrejas onde cabem 4 mil pessoas, mesmo que se leve em conta as outras igrejas onde cabem 2 mil, 1 mil, 200 etc. e que ao se somar toda essa capacidade, torna-se ínfima diante das necessidades de evangelização da cidade.

Nesse novo imóvel, a previsão é de acomodar em torno de quatro mil pessoas (no espaço anterior ele disse que cabia cerca de mil pessoas). Disse ainda *que tinha havido um pequeno problema com o outro imóvel, mas que a direção da igreja já estava resolvendo e que continuaria a ser uma igreja da Graça*⁹⁵. Neste novo prédio o plano do Pastor era transformar os dois galpões em apenas um, fechar os lados, colocar ar-condicionado e ajeitar o estacionamento para maior conforto dos fiéis.

Observo que o circuito interno de TV (três câmeras visíveis) já está instalado nesse imóvel. Sobre o lugar onde os Pastores falam há dois cálices enormes (mais de um metro de altura), dourados, um de cada lado do palco. O púlpito é branco e transparente. Na medida em que passo a intensificar minha frequência nessa igreja, percebo que o estacionamento interno nunca está totalmente ocupado, salvo em raras exceções. O salão

⁹⁵ Até eu ter concluído meu trabalho de campo isto não aconteceu.

maior (o galpão) é usado mais amiúde aos domingos quando há mais freqüentadores. Durante a semana quase sempre se usa a pequena sala envidraçada próxima ao hall de entrada.

Há sempre uma tentativa de tornar mais confortável o ambiente físico. No grande salão são dezoito ventiladores distribuídos nas paredes laterais e treze no teto, o que não impede a alta temperatura nos dias quentes de verão, uma vez que o galpão está coberto por telhas de alumínio. Nota-se também uma tentativa de dar um aspecto estético mais agradável com a colocação de dez arranjos de flores artificiais – cinco de cada lado – cor de laranja.

No plano de reforma da igreja, somente no ano de 2006 algumas modificações se fizeram notar. Identifico como o segundo momento de alterações físicas. O galpão em que há reuniões teve a parede que fica do lado da rua onde está a igreja Universal vedada com cimento. A informação que obtive é que houve denúncias por parte de vizinhos, inclusive da igreja Universal, de que a igreja da Graça era muito barulhenta e incomodava os que moravam perto dela.

O ano de 2006 representa ainda um marco mais significativo no que concerne ao espaço físico. Chamo-o de terceiro momento. O investimento com isolamento do som e a instalação de ar-condicionado se deu na parte térrea da frente do imóvel, onde antes estava o escritório da concessionária. Hoje o antigo hall onde ficavam a vitrine com livros à venda e uma pequena sala envidraçada onde ocorriam pequenas reuniões semanais, teve algumas paredes derrubadas para haver mais espaço; as paredes laterais em vidros foram revestidas com um material que isola o som; os vidros frontais onde se localiza a porta de entrada, tiveram a aplicação de uma película escura (à porta fica sempre um Obreiro ou Evangelista para abri-la e fechá-la) e com vários aparelhos de ar-condicionado. O conforto agora é bem maior, mas a quantidade de pessoas diminuiu por reunião. Em compensação tem mais uma reunião aos domingos (cinco ao invés de quatro).

Essas modificações fazem parte de um plano de expansão da igreja anunciado várias vezes nas reuniões em que estive, como forma de estimular os freqüentadores a serem participantes do plano e, em consequência, serem mais generosos nas “ofertas”.

Diante de toda essa transformação evidencia-se o crescimento não somente numérico, mas um visível crescimento físico. O templo aumenta. Não como previsto inicialmente, mas ao menos no conforto dos fiéis (antes um galpão muito quente apesar dos ventiladores, agora uma sala menor, mas com ar-condicionado). Evidencia-se que faz parte do objetivo da igreja crescer numericamente, mas também crescer em termos de tamanho e conforto de templo.

3.3.4 O funcionamento da igreja

A hierarquia dessa igreja é simples e centralizada. Desde as primeiras informações que obtive ficou evidente a estratificação entre os Pastores. O Pastor Hélio Góes – o principal da igreja-Sede e líder da denominação no Estado de Pernambuco – é a figura mais importante e se reporta diretamente ao Missionário Soares, no Rio de Janeiro, que deve ser informado de tudo o que ocorre em Pernambuco. Neste Estado, ocupa o topo da pirâmide. Abaixo dele, os os Evangelistas (auxiliares de Pastores, em preparação para Pastores)⁹⁶ e Obreiros⁹⁷.

Segundo o Pastor Ednaldo há uma sequência a ser seguida para ocupar o posto de Pastor:

- Tem os Evangelistas que são auxiliares de Pastores, que moram na Igreja, e são solteiros. Estão estudando junto com os Pastores que já são cadastrados, Pastores com mais experiência. Vão passando um período de 3 a 4 anos. Esse rapaz que era só auxiliar de Pastor já é um forte candidato a Pastor.

Na Igreja Internacional da Graça de Deus as reuniões são diárias. De domingo a domingo. E no mínimo três por dia. Não é por acaso que há uma grande equipe que trabalha para o seu funcionamento. Nunca consegui saber o número total de Pastores, menos ainda de Obreiros.

Logo que comecei o campo os horários eram: aos domingos às 8h, 13h, 18h, depois mudou para os mesmos horários das reuniões das 2^{as} 4^{as} e 5^{as} feiras, ou seja, 8h, 15h 19h. As da 6^{as} feiras eram às 7h, 9h, 15h, 19h. Depois de algum tempo em campo recebi um folheto especificando o tipo de reunião e os novos horários⁹⁸. As reuniões, na verdade, variam de tipo a cada dia.

Meses depois um folheto anunciava as reuniões de forma diferente, embora com a mesma base⁹⁹. E ao comparar as mudanças tem-se a seguinte configuração:

⁹⁶ Na primeira entrevista com um Pastor – Pastor Alonso –, fui informada de que há três Pastores nessa Igreja: Hélio (o principal), Alonso (o 2º na hierarquia) e Ismael (o auxiliar).

⁹⁷ Voluntários que constituem um grupo de apoio. Escolhem os dias e horários para darem o seu plantão.

⁹⁸ Assim se distribuem durante a semana: 2ª Feira – 9h, 15h, 19h – Cura Divina; 3ª. Feira – 9h, 15h, 19h – Prosperidade; 4ª. Feira – 9h, 15h, 19h – Busca do Espírito Santo; 5ª. Feira – 9h, 15h, 19h – Sagrada Família; 6ª. Feira – 7h, 10h, 12h, 15h, 19h – Libertação; Sábado – 8h – Resposta de Deus; 15h – Reunião dos Jovens; Domingo – 8h, 15h, 19h – Busca do Espírito Santo.

⁹⁹ Segunda: 9h, 15h – Cura Divina e 19h – Interseção; Terça: 7h, 9h, 15h, 19h – Prosperidade; Quarta: 09h, 15h, 19h – Família; Quinta: 9h, 15h, 19h – Causas Impossíveis; Sexta: 7h, 9h, 12h, 15h, 19h – Libertação Total; Sábado: 8h – Resposta de Deus e 15h – Louvor Jovem; Domingo: 7h, 10h, 15h, 19h – Louvor e Adoração.

QUADRO III - Distribuição das reuniões da Igreja Internacional da Graça de Deus durante a semana

Dia da Semana	Tipo de Reunião			
	Antes	Horário	Hoje	Horário
2ª feira	Cura Divina	9h, 15h, 19h	Cura Divina	9h, 15h
			Interseção	19h
3ª feira	Prosperidade	9h, 15h, 19h	Prosperidade	7h, 9h, 15h, 19h
4ª feira	Busca do Espírito Santo	9h, 15h, 19h	Família	9h, 15h, 19h
5ª feira	Sagrada Família	9h, 15h, 19h	Causas Impossíveis	9h, 15h, 19h
6ª feira	Libertação	7h, 10h, 12h, 15h, 19h	Libertação Total	7h, 9h, 12h, 15h, 19h
Sábado	Resposta de Deus	8h	Resposta de Deus	8h
	Reunião dos Jovens	15h	Louvor Jovem	15h
Domingo	Busca do Espírito Santo	8h, 15h, 19h	Louvor e Adoração ¹⁰⁰	7h, 10h, 15h, 18h

Essas mudanças caracterizam a dinâmica dessa igreja. Os horários mudam conforme a necessidade do próprio grupo. Ao final do meu trabalho de campo, depois da reforma no ambiente físico da igreja – que diminuiu o espaço para as reuniões públicas, limitando-o a uma sala com ar-condicionado, onde cabe cerca de 400 pessoas – aumentou o número de cultos aos domingos. Passaram a cinco ao invés de quatro, nos seguintes horários: 6h, 8h, 10h, 15h e 18h.

Dessas reuniões as mais concorridas são as da Família (4ª feira), as de Libertação (6ª feira) e as de Louvor e Adoração (domingo). Nas duas primeiras, mesmo acontecendo durante a semana, já contabilizei em alguns momentos, à tarde, entre 200 a 250 pessoas e na

¹⁰⁰ Depois que houve a reforma física da igreja e diminuiu o salão de reuniões acrescentou-se mais um horário ao domingo, ficando da seguinte forma: 6h, 8h, 10h, 15h, 18h.

última, até em torno de 700 pessoas. Nas reuniões dedicadas à Família as pessoas levam toda sorte de objetos de uso pessoal delas ou de seus familiares, tais como carteira de identidade, carteira profissional, lençol, caneta, fotografia, roupa, chave de casa, chave de carro. Colocam-nos sobre o lugar onde está o púlpito e durante a reunião há várias orações para restaurar a vida espiritual, material, intelectual ou social do dono daquele objeto. Trata-se da eficácia objetiva de que trata Evans-Pritchard (1978). A da Cura Divina (2ª feira) é sempre pouco freqüentada. Às vezes não passam de 15 pessoas.

Assinalo que as reuniões mais freqüentadas são as lideradas pelos Pastores hierarquicamente mais importantes. Isto corrobora a empatia do fiel com tais Pastores, mas também o lugar que a hierarquia tem nessa igreja. Pode-se aqui dialogar com Godelier ao analisar a religião como “fonte de legitimação das relações de poder” (PRANDI 1990:122-124)¹⁰¹

A rotina é pouco usual nessa igreja. Embora haja uma estrutura básica que dá o balizamento das reuniões, novidades são sempre acrescentadas, de forma que o fiel está constantemente esbarrando em coisas diferentes integrando os rituais e levando-o a não participar da mesmice.

Em uma das reuniões de Cura Divina, numa 2ª feira, a Obreira de plantão entrega a todos nós um pequeno papel branco com linhas horizontais encimadas pela figura de uma igreja redonda com o nome Igreja Internacional da Graça de Deus e pelo título “O meu Clamor a DEUS” (**ANEXO X**), para que cada um o preencha e, a convite do Pastor, traga-o na próxima 6ª feira, dia de Libertação Total.

Na 6ª feira seguinte as pessoas vão à frente ou entregam às Obreiras os seus papeizinhos preenchidos ou os colocam dentro de dois grandes cálices dourados postos em cima do púlpito (um de cada lado). Isso se repete durante várias 6as feiras, sempre com novos formulários sendo distribuídos.

Finalmente em uma dessas reuniões de Libertação Total chegou o dia de se fazer a oração pelos pedidos dos fiéis. O Pastor o faz ajoelhado, não sem antes explicar aos que vêm pela primeira vez a essa reunião a razão de colocarem aqueles papéis dentro das grandes taças dourados sobre o púlpito. Reporta-se, então, ao Apocalipse 5:8¹⁰².

E não fica por aí a dinamicidade dessa igreja. Na 2ª feira, dia da Cura Divina, já anuncia coisas diferentes. Avisa que no próximo sábado haverá a reunião dos Milagres

¹⁰¹ Item 1.2 desta Tese.

¹⁰² “E, quando tomou o livro, os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1533).

Urgentes. Nessa reunião as pessoas poderão tratar de dívidas, problemas com a justiça, com a família etc. A Obreira Tânia distribui um papel com os presentes onde existe uma mão desenhada e acima dela escrito: *Milagres Urgentes*. O Pastor Anderson alerta: - *Quem receber deve vir sábado*. As pessoas deverão escrever dentro das mãos o problema que quer resolver.

3.3.5 Tipificação do fiel

A maior parte dos que fazem a hierarquia dessa igreja é parda. Alguns poucos negros e apenas um que pode ser considerado branco. Usando a terminologia deles próprios têm morenos, morenos claros, cafuzos. Os Pastores, ou aprendizes de Pastores, são sempre muito jovens¹⁰³ e magros. Os homens usam invariavelmente calça social, camisa de manga comprida e gravata. As mulheres usam uma farda que variou bastante durante minha estada no campo. Não tanto quanto variou a do conjunto musical. Mas isto abordarei em outro item.

O entusiasmo é uma constante em todos os que me aproximei para conversar. O Pastor Alonso (2º na hierarquia) recebeu-me com o mesmo entusiasmo do primeiro contato. Ao informar-lhe o objetivo da minha visita, disse-me imediatamente que *por ser um homem de Deus acreditava nas pessoas até prova em contrário*. Compreendia bem a minha linguagem porque também era professor, atividade abandonada para se dedicar totalmente à igreja (exemplificou que naquele dia chegou à igreja às 6h30 e somente sairia às 22h).

O fenótipo dos Pastores e dos Evangelistas se repete. São jovens entre 19 e 40 anos – embora tenha um, negro, adolescente, que usa a farda dos Obreiros e participa de todo o ritual –, pardos, magros, cabelo cortado curto, vestem-se de modo formal. O Pastor Hélio tem atualmente 42 anos. A única Pastora daquela igreja, Isabel, veste-se sempre de conjunto de saia justa e casaco da mesma cor com uma blusa por dentro e sapato alto, bico fino. Diferencia-se totalmente das Obreiras que usam farda azul marinho e dessa forma está demarcada a distância hierárquica com relação às outras mulheres. Os tipos de vestimentas também manifestam o *status* de quem as usa.

Entre os Obreiros e Obreiras encontram-se jovens¹⁰⁴ – até mesmo o adolescente de que já falei –, pessoas acima de 40 ou 50 anos. Entre as Obreiras se encontram as pessoas

¹⁰³ Mariano (1999:100) confirma que essa igreja “concede oportunidade para o exercício do pastorado majoritariamente a jovens leigos...”.

¹⁰⁴ Segundo o Pastor Edivaldo (Pastor auxiliar, solteiro, morava na própria igreja) ele trabalhava com os jovens. As reuniões eram programadas para os sábados à tarde. Mas quanto o entrevistei as reuniões estavam desativadas. Ele disse: *Inclusive talvez eu retorne a trabalhar com eles*. Constatei que esse Pastor, ao final do meu trabalho havia sido designado para liderar uma igreja em Peixinhos (subúrbio da cidade de Olinda).

mais velhas. Sobretudo entre as mulheres. Aparentemente, acima de 60 anos não identifiquei nenhum. Algumas delas lembram, na sua simplicidade, donas de casa de classe social mais pobre. Os modelos das fardas nem sempre são adaptadas aos seus corpos.

Há uma espécie de coordenador dos Obreiros, negro, com um *talk-stock* na mão. Chama-se Walter. Ele organiza a distribuição de Obreiros pelo salão, inclusive na hora da distribuição dos elementos da comunhão (pão e suco de uva). E às vezes acontecem coisas inusitadas. Certa vez ao designar um Obreiro para ficar em determinado local do salão, este foi lá para perto do palco e entrou imediatamente no clima da oração, orando também em voz alta, olhos fechados e braços para cima, enquanto o Pastor estava orando. A impressão que me passa é que “pegou o bonde no meio do caminho”, mas faz de conta que já estava ali orando. Há momentos, na minha percepção, que os comportamentos tendem a representação, a ostentação. Parece apenas o cumprimento de um dever, de uma tarefa, de um papel, para não receber reclamação do Pastor.

Importa assinalar que as coisas funcionam e vão dando certo. É por isso que volto a Evans-Pritchard (1978:163-164) que questiona a veracidade e a possibilidade de se detectar, não somente a maneira, mas também a intensidade dos efeitos da religião na vida humana. Mas uma coisa fica cada vez mais evidente e penso que ele tem toda a razão: “a religião é o que a religião faz”.

A voz do Pastor Hélio tem mais potência, é mais firme e mais convincente que a do Pastor Alonso. Além de demonstrar mais animação e dominar com mais competência as técnicas de comunicação. Tem mesmo um físico mais elegante e veste-se também com mais bom gosto, com tipos de roupas aparentemente mais caras. O próprio corte de sua roupa é mais bem feito, parece ser de melhor qualidade. Tem uma caneta preta no bolso diferente das canetas BIC comuns. Ele costuma dar maior dinâmica às reuniões. É quem mais inova. Diz a letra dos cânticos para facilitar as pessoas cantarem, em alguns momentos pede para que todos se dêem as mãos. Comenta que é para não cair na rotina dos cultos tediosos. Em uma dessas reuniões em que ele inovou bastante, dirigi-me no final a uma Obreira, jovem, magra e comentei: - *Hoje foi diferente o culto*. Ela me respondeu: - *É, hoje o Pastor Hélio resolveu mudar, fazer diferente. É o Espírito Santo*. E assim tudo é espiritualizado.

Quanto aos fiéis são na maioria mulheres e, em menor número, homens. As idades variam, mas a maioria está na faixa acima de 40 anos. Registro como significativa a presença de jovens, sobretudo do sexo feminino. Durante a semana, constata-se a presença maior de mulheres e de idosos, exceto nas 6^{as} feiras, dia de maior diversificação etária.

A presença de lumpens não altera o comportamento do público. Um dia tinha uma mulher nessa situação, com uma camisa estampada sobre a cabeça, blusa quase toda aberta, apenas um botão fechado. De repente levanta-se e sai como se totalmente indiferente ao que está sendo dito. Sai arrastando os pés. Um Obreiro, dos mais velhos, acompanha-a com o olhar e depois segue-a na direção da saída.

Algumas pessoas já conheço de tanto vê-las. Uma delas, um homem idoso numa cadeira de rodas que se faz presente nas reuniões de Libertação Total. Há sempre um Pastor ou Obreiro que na oração de cura coloca a mão sobre a cabeça dele. A presença de um adolescente negro, ao que tudo indica, com um certo retardamento mental, com sua mãe, também negra, foi por mim notada. Eles sentam sempre no último banco. Acompanhei o crescimento físico dele. Mas nunca vi melhoras no seu comportamento. Ele mexe nos ventiladores, ele grita, deita no banco, mas sempre acompanhado da sua paciente mãe, que faz o possível para impedir suas travessuras. Flagrei muitas vezes pessoas olhando na sua direção com ar de censura. Nas últimas vezes em que estive lá percebi também que Obreiros lhe davam atenção especial, brincando com ele.

O público que frequenta essa igreja varia de pessoas muito simples a uma classe média inferior em ascensão. No entanto, ao participar do Seminário *Como tomar posse da bênção*, no Fator Palace Hotel, no bairro de Boa Viagem, organizado por essa igreja, estavam no primeiro dia cerca de 100 pessoas de uma aparente classe média. A maior parte do sexo feminino, vários casais, poucos jovens. Negro, apenas um de meia idade. Algumas pessoas são frequentadoras da igreja-sede. O método do Pastor Hélio é o mesmo. Define seu próprio conceito de fé – *lutar contra as evidências* – e tem no público o mesmo comportamento verificado na igreja, ou seja, diz frases para serem completadas.

As crianças têm também seu lugar na igreja. Durante as reuniões da semana a presença delas é diminuta – cinco a seis crianças, no máximo. No imóvel da rua da Soledade não cheguei a conhecer o espaço físico reservado para elas, mas nesse da Avenida Cruz Cabugá, sim.

Aos domingos elas contam com uma estrutura apropriada. Vão chegando com os adultos e sendo deixadas na parte de trás da igreja e ao final os adultos vão buscá-las. É uma pequena sala com cadeiras e mesas de tamanho apropriado. No primeiro dia em que vi este ambiente estava repleto. Na parede frontal bolas de encher coloridas e letras formando “Aniversário Yasmin e Cyntia”. Junto à parede uma mesa com bolo, refrigerante e pipoca que estavam sendo distribuídos por cerca de cinco professoras, vestidas com farda cinza (conjunto de calça comprida e blusa até abaixo da cintura, sem manga, com letras bordadas na altura do

peito “IIGD – Escola Dominical – Professora”). A farda constitui um dos símbolos de pertencimento à hierarquia da Igreja. Um adolescente, negro, vestido de modo semelhante aos Obreiros (camisa branca de manga comprida, gravata e calça azul escuro, crachá) ajuda na distribuição dos alimentos.

Os adultos aguardam para levar suas crianças. Um Obreiro e uma Obreira estavam de plantão no local. Um jovem pai, negro, come o bolo de sua filha menor. Um painel – ao que tudo indica foi a lição de hoje – encimado pela frase “Frutos [sic] do Espírito Santo” e alguns desenhos servindo de ilustração para mansidão, domínio próprio etc.

Visitei em outra ocasião o local das crianças. Com muito cuidado, pois fica muito estranho uma adulta que não pertence aos quadros da igreja ou que não tem criança ali, permanecer por muito tempo no local. Observo o movimento das professoras de crianças. Duas delas estão passando um pano em cada cadeira onde as crianças vão sentar. Está lá o adolescente negro que se veste como os Obreiros adultos.

Ouçõ, então, a locução de um homem falando sobre o diabo que está inserido nos desenhos animados infantis, tais como “A bela e a fera”, “A pequena sereia”, “101 Dálmatas”, “Hércules”, “Robin Hood”, “Aladin”, “Cinderela”, “Pocahontas” e o “Rei Leão”. O seu linguajar lembra as traduções literais do inglês para o português. Não há a captação do espírito da língua. Ele fala que a Disney significa Mundo de Fantasia e fantasia é igual a mentira; que se os pais prestarem atenção nos desenhos animados, há estímulo às relações sexuais com e entre crianças; que o Rei Leão tem jeito efeminado porque foi idealizado por um homossexual; que em um dos desenhos animados a palavra sexo aparece formada em uma fumaça. Na minha percepção seria um CD dirigido aos pais e não às crianças. Mas o CD continua em execução enquanto as professoras arrumam o ambiente. Vou até o balcão e pergunto se posso ver a capa do CD. O adolescente, negro, pede a uma das professoras, Ana. Ela me entrega e posso ler um pequeno resumo sobre cada desenho animado citado identificando a presença, e conseqüente influência, do diabo nesses desenhos. O título é “É já a última hora” (ANEXO XI). Peço-lhe uma cópia da capa e ela diz que no próximo domingo me entregará, não antes de me mostrar o volume 2 do CD. Quando peço para tirar a cópia o adolescente diz para a professora: - *Por que não copia e vende?* Como se pode perceber esse aprendiz de Obreiro já tem nele introjetado os princípios capitalistas de que tudo pode ser vendido e de tudo pode se obter lucro. Diante do meu espanto e da professora ele se justifica: - *Eu sou do bem.* O texto do CD é do Pastor Josué Irion e o locutor é Tavares. Os CDs têm a

marca da Rádio Tamandaré¹⁰⁵. Quando saio dali o adolescente coloca a mão sobre o meu ombro e vai comigo até perto do salão, como quem quer se desculpar pela frase indevida.

Apesar de ter local próprio para doutrinar as crianças, com professoras designadas para tal, de vez em quando tem crianças soltas pelo salão. Uma vez vi uma criança bastante irritada, que enfrentava sua mãe, que estava brava. A criança queria ficar no salão e a mãe que ficasse com as outras crianças. No embate a mãe voltou para o seu lugar, a criança ficou longo tempo no salão, bebeu água, depois foi para junto das outras crianças. Nenhum Obreiro interveio.

Esses são fatos se repetem. Tem sempre uma criança que não se adapta a ficar longe de sua mãe. O que me chama atenção é que as mães ficam bravas e praticamente obrigam as crianças a irem para junto das outras crianças.

3.3.6 Vestuário

A forma de se vestir é uma das maneiras de situar as pessoas na estrutura social. Na sociedade de maneira geral e nessa igreja também. Simboliza seu pertencimento na hierarquia social. Destaco em primeiro lugar os Pastores. Vestem paletó, gravata, calça e camisa social sempre que são os responsáveis pela direção das reuniões, em particular aos domingos. Eventualmente dispensam o paletó. Usam cores discretas em geral combinando calça, camisa, gravata, sapato e cinturão. Frequentemente *ton-sur-ton*. Quanto ao fenótipo percebe-se uma recorrência: magro, jovem, estatura mediana, cabelo curto, o que denota uma certa preferência por determinados tipos físicos. A ponto de, às vezes, serem fisicamente parecidos. Aparentam uma tranquilidade que se transforma em grande entusiasmo quando falam ao seu público. Quanto à Pastora Isabel já tive ocasião de registrar que o seu modo de vestir a faz diferenciar-se de todas as outras mulheres, sejam Obreiras, sejam fiéis comuns. Costumeiramente ela usa conjunto de saia justa e casaco de cor igual, blusa por dentro da saia e sapato bem alto com bico fino. Assim demarca a hierarquia com relação às outras mulheres. Uma Pastora convidada para o Seminário para Mulheres que aconteceu nessa igreja, também se vestia de terno (saia justa e casaco de manga comprida), azul piscina.

¹⁰⁵ Tenho informações de fontes fidedignas que a concessão dessa Rádio – considerada evangélica – foi dada a uma pessoa não evangélica, mas que ganha dinheiro com os evangélicos. Ana me diz que o CD que está sendo executado é distribuído pela Rádio Tamandaré e se eu quiser um CD são R\$ 6,00 e terei que buscar lá, mas se quiser dois CDs são R\$ 12,00 e a Rádio entrega em casa. Tenta me dar a localização da Rádio para o caso de eu querer sintonizá-la, mas não lembra.

Em segundo lugar os Obreiros e Obreiras. Os primeiros vestem sempre camisa branca social, gravata e calça social escura. Em dias de festa usam paletó e calça pretos ou escuros, camisa social branca (raramente tem um de manga curta), e gravata combinando com o paletó e calça; sapato social, cinturão nem sempre novo. O Obreiro adolescente que vi ajudando as professoras das crianças, também usa paletó, já curto, talvez porque esteja na fase de crescimento que caracteriza os adolescentes. Segundo o Obreiro Walter cada Obreiro compra sua própria farda.

Quanto às Obreiras há uma diversidade maior no fardamento. Durante a semana usam um conjunto de cor cinza (saia e colete) e blusa branca. Em dias de festa, em especial em dias de domingo, o fardamento é diferente. Uma das vezes elas usavam terno azul escuro quase preto (saia e casaco de manga comprida), blusa branca por dentro e um laço azul claro. No laço escrito, repetidamente, Igreja Internacional da Graça de Deus, em letras azul escuro. O laço ocupa o lugar de uma gravata e enlaça a gola do casaco. Os sapatos pretos de salto alto e as meias, longas e finas. Um crachá com sua foto, preso na lapela, as identificam.

No dia do *Seminário de Mulheres na Graça de Deus* havia várias Obreiras sem farda, mas com crachá. Algumas dessa Igreja e outras de outras igrejas. Nesse Seminário havia uma grande parte de mulheres vestida de terno que lhe dá uma arrumação razoável na sua simplicidade, embora lhe falte aparente hábito de usar esse tipo de roupa e nem sempre se ajusta ao seu tipo físico. No entanto, como símbolo de *status*, vejo-o como indispensável. Faz-me lembrar o Pastor Alonso, o primeiro a ser entrevistado nessa Igreja, que disse *gostar de estar bem vestido como se fosse um empresário*.

O Pastor Edivaldo confirma a importância do uso da farda: *Todo o fardamento existe mais porque é organizado, tudo deve ser feito com ordem e decência, diz a Bíblia. [...] Obreiro é o espelho. [...] o povo [...] não vai olhar pra Jesus, vai olhar para o Obreiro*.

Em outra ocasião as Obreiras usavam outra nova farda: um conjunto de saia justa e casaco de manga curta, cinza claro, um lenço cinza escuro por debaixo da gola, deixando à vista o *ton-sur-ton*. Sapatos pretos de salto não muito alto e meias finas. Boa parte dos Obreiros com calça azul marinho (parece o antigo tropical), camisa de manga comprida branca e gravata da cor da calça.

A estética corporal tem semelhança com a dos Obreiros da igreja Universal. A roupa, o sapato, o penteado, tudo mostra uma assepsia, uma tentativa de bom gosto ao modo deles, uma saída da simplicidade de sua classe social tendo como espelho uma classe social mais alta. Daí, em virtude da padronização e como se trata de farda – sobretudo entre as mulheres –, nem sempre a escolha se adapta ao tipo físico de cada uma.

Há um terceiro grupo que atira minha atenção: o conjunto musical. Formado por jovens – moças e rapazes – cantores e musicistas, posiciona-se sempre do lado direito do púlpito. Constitui um dos maiores termômetros de diferentes tipos de fardamento, quase sempre como se estivesse preparado para ir a uma festa. Nota-se de forma mais acentuada entre as jovens. Durante todo o tempo em que estive no campo de estudo, os seus integrantes exibiram grande variedade de vestimenta.

Dele participa uma jovem Obreira negra que estava de plantão num outro dia. Há ocasião em que as moças usam um conjunto de calça comprida acetinado, cor de mel. Em outro dia elas usam calça comprida preta e blusa branca com manga $\frac{3}{4}$ por dentro da calça, tendo um cinto metálico pendurado abaixo da cintura. Enquanto isso os rapazes vestem-se iguais aos Obreiros.

Num dia de domingo, de programação especial, onde houve estímulo do Pastor Hélio para que todos buscassem o batismo do Espírito Santo, ou seja, o falar em línguas estranhas (glossolalia), os rapazes estavam completamente de preto e as moças com blusa preta e calça comprida vermelha.

Em outro domingo as moças vestiam uma blusa cinza claro com bordados brilhantes e calça comprida preta; os rapazes de camisa de manga comprida cinza escura e gravata e calça pretas. É o famoso *ton-sur-ton*.

O segundo domingo de cada mês é o dia do batismo das águas. Torna-se de certa forma um dia especial. Lá está novamente o conjunto musical “desfilando” com roupas diferentes. Estas são apropriadas para festas noturnas. E é de manhã. Os vestidos são em tecido fino, de linha reta, drapeado nos ombros, cor rosa bebê, sandálias de salto alto e bolsa da mesma cor e tecido dos vestidos. Os rapazes portam terno e gravata pretos e camisa da mesma cor dos vestidos das moças.

Em outro dia as moças vestem blusa fina com forro e com um bordado que utiliza material com brilho. A calça comprida é preta. Os rapazes acompanham as moças nas cores da camisa e calça. De outra vez as moças usavam calça preta e blusa vermelha, ambas de tecido fino, o que mais uma vez dava a impressão de roupa de festa. Em outro domingo, a blusa era verde de tecido fino, bordada com brilhos, e a calça comprida preta.

Ainda em outro domingo os integrantes do conjunto musical estão mais uma vez com um vestuário diferente. As moças de calça comprida e blusa de manga $\frac{3}{4}$, pretas, sandália alta e bolsa cor de rosa (diferente da usada em outro dia), xale de ponto de crochet, bem aberto, semelhante à uma rede de pescar, cor de rosa, com aplicações de pedras brilhosas furta

cor, enlaçando a cintura e caindo pelos quadris. Bem maquiladas, com ares de artistas que estão em plena apresentação. Os rapazes de calça e gravata preta, repetindo camisa rosa.

A variedade de vestuário do conjunto musical me chama a atenção. A mim me parece que faz parte da apresentação teatral. Essa minha impressão se fortalece na medida em que raramente vejo seus componentes participando efetivamente dos cultos. Aparecem sempre na hora de se apresentar, mas somente alguns eventualmente participam do restante do culto. Quanto a este comportamento comento com mais detalhes no item que trata de Reverência¹⁰⁶.

3.3.7 Socialização

Essa é uma igreja em que não se percebe uma socialização extensa entre as pessoas que a freqüentam. Frequentemente, ao final de cada reunião, ela esvazia-se rapidamente. Os carros estacionados também desaparecem com semelhante rapidez.

Com relação ao seu entorno também não se vê um envolvimento maior. Uma das vezes em que estava lá houve um pequeno acidente de moto do outro lado da rua. Uma moto estava parcialmente embaixo de uma camionete da Polícia Científica. Tinha muita gente olhando, havia outro carro da mesma Polícia, e umas duas ou três pessoas com pranchetas fazendo anotações.

Enquanto estava eu a observar aquele cenário, um Obreiro veio na minha direção e perguntou-me se eu esperaria pelo culto das 12h. Respondi-lhe que não, que estava esperando para falar com o Pastor Hélio. Perguntei-lhe sobre o acidente e ele respondeu-me sem muito interesse que não foi nada, ninguém se feriu (ele estava o tempo todo do lado de fora junto com outras pessoas olhando na direção do acidente e conversando animadamente). Não pude deixar de pensar: Existe interesse real das pessoas dessa Igreja com relação ao que está ocorrendo na rua? Ajudaram o acidentado nos aspectos materiais? Ou seu interesse se reduz a aspectos espirituais? Pelas minhas observações, aquele acidente em nada mudou a rotina daquela Igreja, ou seja, ninguém se envolveu com o fato.

De vez em quando durante as reuniões os Pastores estimulam os fiéis, em determinado momento do ritual, a cumprimentarem-se mutuamente ou para cantarem de mãos dadas em sinal de união. Às vezes, além do cumprimento, cada um deve dizer ao outro: - *Você é importante para Deus.*

¹⁰⁶ Item 5.1.8.

No Seminário para Mulheres na Graça de Deus, pude observar sinais de cumprimentos efusivos, e pareciam verdadeiros, entre as Obreiras Tânia e Maria que se abraçavam com muito carinho.

Não obstante, encontrei indícios de que participar dessa igreja é restringir-se às suas atividades de rotina. A igreja não oferece condições para que haja também interação a partir da convivência social entre os seus participantes. As pessoas estão sempre muito ocupadas com a *obra* e *não têm tempo* para o lazer, por exemplo.

Enveredei, pois, pela construção das relações pessoais e depois cheguei ao lazer. Relato a reação de alguns interlocutores.

O Pastor Alonso ao ser indagado sobre os critérios de escolha de suas amizades, reagiu com o célebre *dize-me com quem andas e te direi quem és*. Ainda assim diz que, embora possa ter amizade com qualquer pessoa, não anda com elas, pois isso poderia afetá-lo espiritualmente. Sua opção é conviver com pessoas da mesma fé que a sua, de preferência da mesma igreja. Orienta, pois, a igreja quanto às amizades, mas também quanto à escolha do par para o namoro. Diz que o comum e correto é que a escolha recaia sobre pessoas que ele chama da mesma “linhagem”, ou seja, da mesma igreja. Dessa forma, mesmo sendo evangélicos não irão no domingo para igrejas diferentes, coisa que separaria as famílias. Cerimônias de casamento são realizadas na igreja, mas somente depois dos nubentes levarem para a igreja a certidão de casamento. *Para estar em dia com a lei dos homens*, completa.

Outro Pastor, Anderson, diz que seus amigos estão todos na igreja. Terminou um namoro porque ela pertencia a outra denominação e isto faria *o reino dividido*.

O Pastor Edivaldo resume assim seus critérios de escolha de amizade e de namoro:

- Um amigo é aquele que você tem que contar com ele, pau pra toda obra. Então esses amigos eu tenho poucos. São aqueles que vivem e praticam a palavra de Cristo e que demonstram o caráter de Deus em suas vidas. [...] Aquela pessoa que é forte, aquela pessoa que com certeza vai me ensinar algo para que eu possa crescer junto com ela. Então, os meus verdadeiros amigos são esses que têm uma comunhão com Deus, que temem a Deus, como o próprio Jesus falou, eu sou amigo das pessoas que têm o mandamento de Deus. [...]

- Olhe, aqui na igreja têm algumas [pessoas amigas], mas são poucas, porque geralmente essas pessoas estão fora, são, veja bem, umas da igreja da Graça e outras são até da igreja Presbiteriana [...]. Têm pessoas aqui que eu conheço há muito tempo, mas não tenho essa intimidade...

- Primeiro critério para namorar: que ela seja da mesma fé, que viva e guarde os mandamento de Deus. [...] Não, eu não vou dizer que não olho [aspectos externos da candidata]. De fato eu olho, porque isso é fundamental, mas não como prioridade não. Porque na medida em que você namora uma pessoa bonita você faz um monte

de besteira. Você tem que olhar a espiritualidade da pessoa, a sua fé em Cristo. Daí Deus está no sistema.

A ausência de lazer na vida dos integrantes dessa igreja repete-se nos discursos. O Pastor Anderson gosta de cinema, futebol – joga e assiste na TV, mas não vai ao campo por *falta de tempo*. Gosta de fazer ginástica e usa o próprio pátio da igreja para fazê-lo. O Pastor Edivaldo, apesar de ter sido campeão pernambucano de uma modalidade esportiva integrante das artes marciais, não pratica mais. Também por *falta de tempo*.

A Obreira Mariana diz que seu lazer restringe-se à praia e visitas aos seus familiares. A Obreira Guida diz que seu lazer é fazer *a obra na igreja*, evangelizar.

O Pastor Ednaldo diz que gosta de jogar futebol, mas não *tem tempo de praticar*. Diz ele: - *Com o lazer deixa muito a desejar. Quase não se tem lazer. Mais trabalho mesmo na obra do que lazer. Gosto muito de futebol, mas das vezes que a gente marca sempre não dá.*

O Obreiro Walter, que já foi jogador amador de dois clubes do Recife (Sport e Santa Cruz), diz sobre suas atividades consideradas de lazer: - *Na verdade eu sinto muita falta, porque eu sempre malhei, fiz musculação e eu sinto hoje essa falta.*

Os visitantes são sempre acarinhados com algum presente. Quem vem pela primeira vez a essa Igreja ganha sempre alguma coisa. Seja a Revista “Missionário”, seja uma Bíblia, seja um livro, seja um CD. Essa atitude ajuda no sentido das pessoas se sentirem reconhecidas, bem recebidas e contribuem para que elas voltem outras vezes. Nas reuniões dominicais há uma frequência de, no mínimo, onze pessoas que visitam a Igreja pela primeira vez.

3.3.8 A autoridade do Pastor

Quase todos os Pastores ao darem início às reuniões o fazem ensaiando uma “entrada apoteótica”. O Pastor Anderson é um dos que fazem esse *mise-en-scène*. Numa das reuniões de Cura Divina sob sua direção, as pessoas o esperavam na pequena sala envidraçada para o início da reunião. Ele avisou que seria no grande salão. Lá ele próprio colocou música de fundo enquanto o Pastor Ednaldo preparava o teclado. Tinha apenas 16 pessoas presentes (9 mulheres, 3 homens, 2 moças, 1 rapaz e 1 criança de colo). O Pastor Anderson faz uma entrada triunfal. Sobe abruptamente no púlpito e com uma voz bem forte brada: - *Boa tarde!* Todos levantam e alguns respondem. O ato de levantar me parece um sinal de respeito.

Começa a cantar de imediato e somente depois de alguns instantes o Pastor Ednaldo o acompanha ao teclado.

No *Seminário de Mulheres na Graça de Deus*, a cena se repetiu com uma Pastora. O público era feminino, de todas as idades. Uma mulher sobe ao palco no mesmo estilo dos Pastores, como se fosse uma grande artista em busca do seu momento de glória. Veste um terno verde – saia justa e casaco com manga $\frac{3}{4}$ - cabelo bem penteado e pintado de louro. Lê Lucas 13 que fala sobre a mulher que tinha um fluxo de sangue há muitos anos e que foi curada por Jesus. E comenta: - *Tudo o que está torto Jesus vai endireitar. – Amém? – Amém!* – respondem. - *Glória a Deus? – Glória a Deus!* – respondem mais uma vez em coro.

Embora o Pastor mantenha uma aura de autoridade incontestável, o coloquialismo com que ele se comunica torna-se um fator coesivo dentro daquela comunidade. O Pastor é perito nisto. Quanto mais ele usa uma linguagem de fácil compreensão ou mesmo gírias usuais – *É ruim, é?* – mais se aproxima de seu público. Essa atitude durante as reuniões estimula uma permanente interação social. O Pastor faz perguntas e pede para que as pessoas levistem uma de suas mãos como resposta afirmativa ou negativa, conforme o caso. Faz sempre muita gracinha, imita choro, imita mulher, faz enfim qualquer esforço para que seu público decodifique aquilo que ele quer transmitir. De fato, ele possui uma didática de animador de palco, ou para atualizar a linguagem, de pastor televisivo: lê a Bíblia, desloca-se de um lado para outro do púlpito, dialoga com o público, fala e espera que o público complete as suas frases, canta, pede para que digam *Graças a Deus, Amém*. Ou mesmo faz uma releitura dos textos bíblicos a partir de uma linguagem que não deixe dúvidas nos seus ouvintes. Chega mesmo a dramatizar, representar, gritar, falar como as pessoas simples falam. Por exemplo: - *Tu num tá vendo, não? É o Senhor Jesus, Pedro*¹⁰⁷.

Mesmo na hora do recolhimento das ofertas o Pastor Hélio brinca e ri. Ao achar que os Obreiros estavam muito lentos para recolher as ofertas exclama: - *Vou comprar patins para meus Obreiros*. Neste momento, ao olhar para trás vê um Obreiro sentado e diz: - *Bora, meu irmão*¹⁰⁸, *levanta. Todo mundo trabalhando*. O Obreiro levanta imediatamente e integra o exército de distribuição de novos envelopes.

¹⁰⁷ Aqui ele se refere à passagem bíblica em que Pedro e outros discípulos viram alguém andando por sobre as águas e Pedro duvidou de que fosse Jesus. Este texto está registrado no evangelho de Mateus, capítulo 14, versículos 24 a 33 (*Bíblia de Estudo de Genebra* 1999:1122). Importa registrar que às vezes o Pastor entra num coloquialismo tão forte que distorce um pouco o texto bíblico.

¹⁰⁸ Mais uma vez se confirma o fato de não saberem os nomes uns dos outros. Os Pastores chamam sempre de Obreiro ou Obreira, jamais pelos seus nomes.

Em outra ocasião, ao falar na promessa de Abraão ter filho e ser pai de muitas nações¹⁰⁹, mesmo numa idade – 100 anos – que do ponto de vista humano seria impossível, imita-o como um velho de mãos e voz trêmulas, desdentado, passos lentos e fala envelhecida. Enfeita bastante a história. Diz que Abraão pulou (ele próprio dá pulos), sentiu uma coisa diferente nos órgãos reprodutores (simula uma tremedeira). E quanto a Sara, mulher de Abraão, diz que passou a sentir-se uma menina, mesmo que antes tenha duvidado da idéia de ser mãe em idade tão avançada. Nesse momento ele diz que vai falar abertamente. Diz que a mulher tem desejo pelo marido se seus hormônios estiverem equilibrados. E que em Sara já tinha passado o *costume das mulheres* que é a menstruação, tendo cessado, portanto, qualquer possibilidade de engravidar. Ele sempre dramatiza bastante as situações. Faz parte de uma competente estratégia de comunicação. E realmente as pessoas riem, se divertem, como se num teatro estivessem. A mensagem, portanto, é repassada e é compreendida. E este é o objetivo principal.

A autoridade do Pastor manifesta-se sob outras formas. Conta o Pastor Alonso sobre um certo jovem que se preparava para Pastor. Era um homem que jejuava. Morava na igreja junto com outros jovens. – *E onde têm jovens tem momentos de brincadeira*, justifica ele. Diante do excesso de brincadeiras dos outros, o que se preparava para Pastor foi tomado de uma ira tão grande que cravou um facão num banco de madeira com tanta força – e quiçá raiva – que o facão quebrou. O Pastor Alonso diz que então perguntou ao outro Pastor: - *Já o mandou embora?*

Como se vê não há espaço para justificativa, para negociação ou para defesa de quem errou. A reação do Pastor é imediata e definitiva. O Pastor Alonso agora se dirige ao público presente: - *Uma pessoa dessa se converteu?* Ele próprio responde: - *Não, não se converteu*. Percebe-se, então, que as evidências, os símbolos de conversão são monitorados pelo Pastor. Isto se confirma nas várias entrevistas que fiz.

Os Pastores costumam também colocar a si próprios como referência: - *Tudo o que o Pastor Hélio ensina a vocês eu faço primeiro. Se ensino sobre o dízimo¹¹⁰, sobre primícia¹¹¹, eu faço primeiro*. Frequentemente eles falam sobre eles próprios na 3ª pessoa do singular como se fossem uma entidade, uma outra pessoa ou alguém distante. Isso contribui para mitificá-los, para torná-los próximos, mas inatingíveis.

¹⁰⁹ Gênesis 17:15-18:15 (*Bíblia de Estudo de Genebra* 1999:34-36).

¹¹⁰ A entrega à igreja de dez por cento de tudo o que recebe.

¹¹¹ Separar o equivalente a um dia de salário, antes mesmo de dar o dízimo, e entregar na igreja.

Esse é outro ponto a considerar sobre a autoridade dos Pastores: o processo de mitificação que eles impõem a eles mesmos. Dizem que não é igual à vida secular, que não é estável, dormem às vezes na própria Igreja. Simultânea e contraditoriamente desmitificam-na: - *Mas que também comem filé, galinha, “zóinhão”*. Sempre os tons de brincadeiras para comunicarem-se melhor.

O Pastor Hélio diz que gravou algumas mensagens num CD. – *Eu dou todo o dinheiro do CD para o Grupo de Louvor, não quero nada pra mim. – Pra eles gravarem um CD*. Insiste no seu ato como se fora de desprendimento total, por ser um trabalho dele que está sendo doado. Não deixa de ser interessante constatar a mercantilização da fé ser tratada com tanta naturalidade.

O Pastor Anderson¹¹² não age de forma diferente. Ao dirigir uma reunião de Cura Divina, faz oração, grita, diz palavras em tom bem alto e forte. Chega mesmo a usar um linguajar chulo ao se referir à atuação dos Pastores para pedir “ofertas” aos fiéis. – *Em São Paulo é cacete. Aqui no Nordeste a gente fala devagar, mas em São Paulo os Pastores chamam mesmo*.

O Pastor Alonso segue no mesmo diapasão. Ao subir no palco dá um alegre e sonoro – *Bom Dia!*, enquanto todos ficam de pé em sinal de respeito e ele faz uma oração seguida de aplausos. Todos utilizam a 3ª pessoa do singular como a seguirem uma mesma cartilha. O Pastor Anderson diz em uma determinada reunião: - *Pastor Anderson gosta, ama você*.

A grande autoridade continua concentrada no Pastor Hélio e quando não, no Pastor que estiver levando a mensagem aos ouvintes. Alguns fatos confirmam minha afirmação.

As reuniões ou cultos são verdadeiras vitrinas para se perceber o *status* do Pastor. Ele permanece único sobre o púlpito – raramente outro o acompanha e quando isso acontece é em momentos especiais para provocar mais impacto, a exemplo de um continuar a oração do outro ou para lançar uma nova campanha –, centraliza todas as atenções, divididas apenas com os cânticos liderados pelo conjunto musical e muitas vezes por ele mesmo. Não há cadeiras para sentar como se pode verificar nas igrejas históricas, onde há sempre um coadjuvante (outro Pastor, Presbítero, Diácono etc.) que participa do ritual, alternando-se com o Pastor. Ele passa todo o culto em pé, deslocando-se de um lado para outro, para frente e

¹¹² Este é o Pastor jovem que tinha um discurso extremamente agressivo, que realizava o batismo nas águas, depois foi tomar conta de uma igreja no Ibura, voltou de imediato e ao final do meu trabalho tinha mudado de igreja, já não estava na igreja da Graça (ver **item 3.3.9 desta Tese**).

para trás. Não é por acaso que se trata de gente jovem e que faz questão de demonstrar todo o vigor físico da juventude. Num palco menor, ao lado do maior, estão os cantores, os músicos e seus instrumentos musicais. Aos cantores quero dedicar um item à parte. Sua participação é exclusivamente na hora de cantar. Ao terminarem sua apresentação retiram-se do ambiente de culto, ficando eventualmente alguns no salão de reunião. Voltam na hora de cantar novamente.

Testemunhei certa vez insatisfação por parte do Pastor Hélio com relação aos responsáveis pela música. Terminou sua prédica e ao olhar de lado perguntou: - *Cadê os Pastores, o pessoal da música?* Pediu a alguém para chamá-los, depois disse que não, que eles estavam em pecado, pois deveriam estar ali ouvindo a Palavra. Voltou atrás e disse que sim, que deveriam ser chamados: - *Depois vou dar uma bronca neles.* Chamados, foram entrando um a um e o Pastor Hélio pediu que os aplaudissem como forma de constrangê-los. Estes tomaram posição e durante a oração riam bastante. Atitude comum naquele grupo e que já havia chamado muito minha atenção.

A sala ocupada pelo Pastor Helio mantém todos os símbolos administrativos de *status* que indicam sua posição nessa comunidade: um grande birô, cortina, ar-condicionado, telefone, *fax-simile* etc.

Emoção é um estado de espírito que aflora sempre nas reuniões. Quase sempre estimulado pelos próprios Pastores. Um dos domingos em que estive nessa igreja cheguei na hora em que o Pastor Hélio estava pedindo ajuda para pessoas carentes. Nunca tinha visto a Igreja tão cheia como naquele dia. O Pastor, para fazer seu apelo, engole seco, embarga a voz e demonstra grande emoção. Depois pede aos que se comprometeram em ajudar que levantem as mãos. Mais uma vez evidencia-se uma forma de expor os que assumiram o compromisso, mas também estimular ou constranger outros a fazerem o mesmo.

Induzir o ouvinte a repetir frases ditas pelos Pastores constitui também maneiras de introjetar a aprendizagem, com a expectativa de mudança de comportamento. O Pastor Hélio, encontra respaldo no texto bíblico que escolheu¹¹³ para a seguinte afirmativa e fazer todos repetirem-na: - *Mente renovada, vida transformada.* Em outro momento – o de ofertar dinheiro – leva as pessoas a repetirem: – *Hoje todos vão dar a maior oferta e a melhor oferta.* Este método de aprendizagem e simultaneamente de convencimento é usual nessa igreja.

¹¹³ Carta do Apóstolo Paulo aos Romanos, capítulo 4, versículo 2: “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1323).

Como em toda comunidade, podem surgir problemas de relacionamento entre as pessoas. Essa não é diferente. O Pastor Alonso conta que certa vez havia problema de relacionamento entre alguns Evangelistas. Para ele havia necessidade de que eles *quebrantassem a carne*. Mandou, pois, suspender o almoço e obrigou-os a jejuar. Segundo ele, foi um *santo remédio*. Ficaram *mais calmos e quebrantados*. Esse exemplo fornece indícios do tipo de organização que permeia essa igreja. Da autoridade para o autoritarismo muitas vezes o caminho é curto.

O mesmo Pastor conta ainda o caso de um Pastor egresso de outra denominação que chegou nessa igreja e com postura arrogante queria falar com o Pastor Hélio, mas chamando-o de Hélio. Diz que um irmão da igreja o corrigiu instando-o a chamar de Pastor Hélio, e não apenas Hélio. E comenta: - *Parabenizei o irmão pela sua reação e dei ordem para que todo Pastor que chegasse de outra igreja passasse primeiramente um ano sentado no banco ouvindo para aprender*. A reação indica o *status* superior de Pastor, cujo papel inclui o de dar ordens que, se desobedecidas, podem provocar marginalização ou mesmo exclusão.

Os casos são intermináveis. Um dos Pastores fala de uma mulher com *espírito de divisão*, que *queria colocar Pastor contra Pastor*. Em visitas que fazia a outras igrejas estimulava o Pastor a fazer sua própria Igreja. E diante da recusa do Pastor, dizia que ele poderia ter um carrão como o do Pastor Hélio (ao dizer as frases da mulher, fala como uma mulher, brinca).

É costume no final das reuniões os fiéis procurarem o Pastor dirigente para um atendimento individualizado. Ele ouve os problemas e ora por eles. Eu mesma, quando me demorava mais um pouco realizando minhas observações, era sempre abordada pelas Obreiras sobre se eu queria falar com o Pastor. Os Obreiros auxiliam no encaminhamento de pessoas que querem falar com o Pastor.

São pequenas filas que se formam – 10 a 20 pessoas – que às vezes ficam em pé ou sentados em bancos perto do birô de atendimento. Os Pastores atendem também em pé. Dependendo da quantidade de pessoas que querem uma atenção individual, vários Pastores são mobilizados. Quando o Pastor Hélio está presente é o mais procurado. Talvez por ser o mais importante do ponto de vista da hierarquia.

Noto que o ato de se colocar à disposição dos fiéis é indispensável, pois muitos querem ser ouvidos e querem receber orientações em particular. Não é por acaso que tem sempre gente esperando para ser atendida após a reunião.

De fato, as pessoas buscam oração individualizada para problemas que elas contam aos Pastores naquele momento. Eles ouvem suas queixas, oram por cada uma delas, impõem às vezes a mão sobre suas cabeças e é comum alguns concluírem suas orações aos gritos de: - *Sai, Sai. Eu determino. Abandona este corpo. Eu anulo, cancelo todo mal.*

Ocorre também muitas vezes que o Pastor pede que organizem uma fila para passar diante do púlpito ao final da reunião para que ele coloque a mão sobre a cabeça de cada um enquanto ora. Nisso vejo uma necessidade humana de estar submetida a um ser hierarquicamente superior, mesmo que seja um ser humano. Passa também pela esperança de receber uma bênção especial, já que é feita diretamente pelo Pastor.

Mas tudo isso varia de acordo com a conveniência ou “inspiração” do Pastor. Às vezes ele quer mesmo é evitar as orações ou as conversas individuais ao final da reunião. Em uma das vezes em que isso ocorreu o Pastor Hélio disse: - *Orar de novo é duvidar da oração que foi feita aqui. Não vou orar de novo.* Outra vez foi o Pastor Alonso. Ao final da reunião avisou: - *Vou sair às 5 em ponto. Tenho compromisso.* Não há, portanto, um padrão a seguir. É muito menos um cuidado efetivo com o rebanho. É nesta aparente instabilidade que os Pastores se fortalecem. Ora se aproximam, ora se distanciam e os fiéis ficam mais submissos.

O contrário também é passível de acontecer. Certa vez o Pastor Hélio disse que o seu coração pedia para ele fazer uma coisa e que ele iria fazê-lo naquele momento. Tudo assume um ar de mistério. E dessa forma atiga a curiosidade e a necessidade de todos. Pede, então, para que todos façam uma fila da esquerda para a direita, pois ele quer abençoar um por um, impondo as mãos sobre suas cabeças de forma individualizada. Imediatamente forma-se uma fila enorme e todos passam lentamente diante do palco. Exceto eu e um homem que foi embora sem passar pela fila. Na verdade todos querem receber a *bênção especial* do Pastor. Afinal é para isso que eles acorrem a essa igreja que oferece bênçãos e curas sem limites. E a figura do Pastor é o grande símbolo. Os trabalhos coletivos findam, mas não os atendimentos individuais.

Em outras ocasiões são trazidas pelos familiares pessoas com problemas específicos, como o caso de um pálido jovem acompanhado por uma jovem e uma mulher, as quais durante toda a reunião estavam abraçadas com ele como se estivessem a dar-lhe algum apoio especial.

Para corroborar a importância atribuída ao Pastor, principalmente o primeiro na hierarquia da igreja, registro a homenagem que ele recebe no seu aniversário. Participei de dois aniversários do Pastor Hélio. Na primeira vez na rua da Soledade. Quem comandou o processo foi o Pastor Josafá. Pediu que todos sentassem, pois os Obreiros dariam um pedaço

de bolo a cada um e que todos se sentissem sentados à mesa com o Pastor aniversariante¹¹⁴. As pessoas sentaram e realmente os Obreiros passaram bandejas repletas de fatias de bolo (de noiva) confeitado num pequeno saco plástico de lanche. Houve pessoas que ficaram pedindo um pedaço do bolo, mas os Obreiros estavam organizados para se responsabilizarem por determinadas filas, o que fez com que todos fossem servidos. Em seguida o Pastor Josafá fez uma oração e todos aplaudiram Cristo.

O aniversário em 2005 é anunciado pelo próprio Pastor Hélio. Será no dia posterior à vinda do Missionário Soares, e não haverá o culto da manhã. Haverá apenas um culto às 16h, onde ele comemorará seus 42 anos e convida todos a comparecerem. Pede para que cada um traga um presente de R\$ 10,00 ou R\$ 5,00. – *Você não vem de mãos vazias, não é?* Como é o seu aniversário diz que o maior presente que quer receber é a oração dos irmãos.

No dia do aniversário, chama ao púlpito sua filha Larissa e sua esposa Isabel. O Pastor Alonso fala sobre Hélio como o amigo mais achegado que um irmão. Ora, colocando a mão sobre a cabeça de cada um (Isabel, Larissa, Hélio). Quatro Obreiros retiram o móvel do púlpito e deslocam para o meio do palco alguns arranjos de flores. Uma moça canta e três fazem coreografias (semelhante às que fizeram no Seminário sobre a mulher em outubro último). O Pastor Hélio, Larissa e a Pastora Isabel descem do palco. Luna, uma das Obreiras entrevistadas por mim, com voz embargada de emoção lê um texto sobre e para o Pastor Hélio. Ouve-se um fundo musical. Uma mulher, bem velhinha dá dinheiro para o Pastor Hélio comprar um presente para ele. Ele, publicamente, dá aquele presente à *Casa de Deus*. O som está horrível. O Pastor Hélio, numa magistral presença de espírito, pergunta onde estão suas avós, avôs, mães, pais, irmãs e irmãos (as pessoas levantam suas mãos na medida em que se enquadram e se identificam com cada categoria). Todos cantam “*Parabéns pra você...*” Várias pessoas trouxeram presentes para o Pastor Hélio.

A humanização do Pastor também se revela em alguns discursos. O Pastor Edinaldo reconhece que os Pastores trabalham de forma integral e isso pode levá-los a uma grande fadiga. Comenta ele:

- Não tem férias e nem feriados. Já foi discutido isso aqui em debates. Porque o Pastor, ele é mais do que todo trabalhador. É merecido as férias (sic), mas sempre as instituições dependem de quem faz a obra [...]. Na minha linha de raciocínio diz que para com Deus tem tempo pra tudo. Há tempo para todo propósito debaixo da terra. Tempo de trabalhar e tempo de comer. Há tempo de plantar e tempo de

¹¹⁴ Um ano depois estava eu novamente presente no aniversário do Pastor Hélio. Só que desta vez não teve bolo. Pelo contrário, algumas pessoas levaram presentes para ele.

colher. E há tempo de descansar¹¹⁵. E o Pastor se preocupa com vários tipos de problemas. Pastor ele tem que estar bem em casa, bem na igreja, porque chega aqui uma pessoa com um problema familiar e dentro da palavra de Deus ele tem que orientar aquela pessoa. Se o problema da pessoa for financeiro, o Pastor tem que estar bem. Seja o que for o problema, ele tem que orientar. E como você passa um ano só resolvendo problemas dos outros a pessoa fica sobrecarregada.

Finalmente registro que o Pastor principal, como disse em linhas atrás, é quem decide quem está apto ou não para ser Pastor. Depende, sobretudo, de uma conversa com ele e em segundo plano da aprovação dos outros Pastores. O Pastor Ednaldo confirma: - *Essa iniciativa é da liderança mesmo. Para ele ser pastor ninguém pode impedir ele de querer ser pastor. Agora aprovar mesmo ele vai depender do desempenho e da visão do nosso líder.*

3.3.9 A trajetória de um jovem Pastor

Quando entrevistei o Pastou Edinaldo, este me informou que alcançar o *status* de Pastor dependeria de passar por um curso – a GRADE – e ficar sendo treinado em serviço durante um ano ou mais¹¹⁶. Esse período probatório, ao que parece, nem sempre é cumprido. Verifiquei isso conversando e depois entrevistando o Pastor Anderson, um jovem de 21 anos, vindo de Natal, capital do Rio Grande Norte, onde ocupava o posto de Obreiro numa igreja Universal. Começou a frequentar a igreja da Graça ainda em Natal aos 19 anos de idade. Disse-me que estava no Recife há mais ou menos dez dias¹¹⁷. No Recife entrou em contato com a igreja da Graça através do programa de televisão do Missionário Soares, “O show da fé”. Solteiro, morava na igreja e sua família morava no bairro de Afogados. Desconhecia o que era a Universidade Federal de Pernambuco. Tem o 1º grau de escolaridade e disse-me que o Pastor Hélio – a quem considera um pai – quer que todos estudem e vai colocá-lo para estudar o Supletivo. Fiquei curiosa em conhecer melhor esse jovem.

¹¹⁵ Ele cita parte do texto que se encontra no livro de Eclesiastes 3:1-8: “*Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de agastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar. Tempo de amar e tempo de aborrecer. Tempo de guerra e tempo de paz*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:771).

¹¹⁶ Mariano (1999:100) relata que o treinamento teológico dado ao pastorado dessa igreja, intitula-se Curso Bíblico e compõe-se “de oito matérias e um ano de duração”.

¹¹⁷ O dia em que falamos era 27.07.2005. A entrevista começou no dia 26.08.2005 e continuou em 12.09.2005.

Tentei uma entrevista que se deu em dois momentos distintos: no primeiro ele estava mais descontraído, mas interrompeu abruptamente porque disse que deveria ficar de plantão na ante-sala do Pastor Hélio. No segundo, que aconteceu por insistência minha, ele marcou uma hora que antecedeu a reunião da Cura Divina que ele iria dirigir. Foi avisado da minha chegada, mas esperei em torno de 45 minutos. Quando veio lá de dentro, ignorou-me num primeiro momento, somente depois me chamou para entrar na sala. Disse-me que só tinha 8 minutos disponíveis e não sabia que eu o estava esperando. Percebi sua feroz resistência e naturalmente não acreditei que ele não sabia que eu estava ali, mas entendi toda a sua dificuldade. Era como se eu oferecesse perigo para a sua estabilidade. Não levei nada disso em conta e comecei a perguntar-lhe a partir de detalhes que queria entender da entrevista que começou há quase um mês atrás.

Disse-me que para alcançar o patamar de Pastor, primeiro *ouviu o chamado de Deus*, uma vez que vivia uma vida errada, em pecado. Esse *chamado*, diz, *é algo que toca o coração*. Começou a freqüentar a Igreja cada vez com mais assiduidade. E o *chamado* deu-lhe o desejo de *fazer a obra do Senhor* o que o levou a ser Obreiro, e depois o desejo de ser Pastor. E o “desejo” é sinônimo de *chamado*. Para ser Obreiro e em seguida Pastor, teve que ser batizado pelo Espírito Santo (glossolalia), a partir do que passou a ser guiado e dirigido por Deus. Para ele, Deus deu-lhe oportunidade de fazer Sua obra aqui em Recife e ele o faz exclusivamente por amor. Ser assíduo na Igreja, mostrar a Deus e aos líderes (acho que aqui está o credenciamento principal, pela concentração de poder dos Pastores e, sobretudo, do Pastor principal) o seu interesse pela Obra o credenciou a ser candidato a Obreiro. O Pastor percebeu seu interesse e perguntou se ele queria assumir essa responsabilidade. Ele aceitou e fez o Seminário de candidato a Obreiro durante cerca de três meses. Diz que, a exemplo de Abraão, que largou sua parentela, ele também largou pai e mãe e desta ele sente muita falta. Vai vê-la na sua folga semanal. É filho único.

Para ser Pastor, diz ele, dependeu de sua vontade: - *Quero gastar minha vida com Jesus*. O Pastor o abençoou e tornou-se Pastor. Perguntei-lhe se havia algum ritual. Disse que sim, mas somente com a direção da Igreja, que eu não poderia participar salvo se houvesse ordem do Missionário Soares. Ao responder-me o que achava dele próprio disse: - *Diferente, separado, santo. Depois do encontro com Deus não sacio mais a vontade da carne. Não tenho vontade de fazer o que os jovens da minha idade fazem por aí: brincar de carnaval, dançar, beber, fumar*.

Assisti muitas vezes as suas prédicas. Ele se mostrava completamente despreparado do ponto de vista doutrinário, mas bastante entusiasmado na sua fala,

principalmente quando se tratava de exorcizar, expulsar as entidades que ele considerava demoníacas e que compunham o panteão afro-brasileiro. Ele sempre foi um dos mais incisivos nesse sentido.

Essa *performance* se manifestou em várias ocasiões. Uma vez ele queria citar um versículo bíblico para dar sustentação ao seu sermão e não achou a referência bíblica. Depois de alguns instantes de procura, encontra o “culpado”: - *Marquei, o diabo desmarcou. Está amarrado!* Mesmo “amarrado” ele não encontrou a referência que procurava e disse que a divulgaria no próximo sábado.

Outra vez na ânsia de fazer o que os outros Pastores faziam imergiu por coisas para ele incompreensíveis. Disse em uma ocasião que as pessoas deveriam contribuir com uma *oferta alçada*¹¹⁸. Reconheceu, no entanto, não ter certeza do termo e como era coisa nova pediu a ajuda do Pastor Ednaldo, responsável pelo louvor. Isso demonstra claramente o despreparo de alguns que exercem o papel de Pastores e estão apenas repetindo o que os outros dizem, sem convicção do que se trata.

Minhas tentativas de entrevistá-lo às vezes foram frustradas. Quando quis continuar a entrevista já iniciada em outro dia disse-me que não era possível, uma vez que o Pastor Hélio havia viajado e *ele estaria muito ocupado*. Interpretei como receio, desculpas ou mesmo uma certa má vontade. Foi assim o nosso diálogo: - *Como vai a senhora?* Digo-lhe que está tudo bem e pergunto-lhe se esta semana poderemos continuar nossa conversa. Ele propõe um sábado, depois diz que pode ser amanhã, 2ª feira, às 14h, antes da Reunião das 15h. Concordo e caminhamos juntos na direção do salão. Ele me pergunta: - *O que é mesmo esse trabalho, heim?* Explico-lhe mais uma vez do que se trata. Ele responde: - *É que às vezes a gente tem medo dessas pesquisas*. Posso compreendê-lo. As igrejas pentecostais têm sido alvo de muitas críticas não somente de estudiosos, mas também da imprensa que busca sempre uma forma de expô-las, de ridicularizá-las, de mostrá-las como um mal para a sociedade.

O comportamento desse Pastor com relação a mim tem algumas especificidades. Ele nunca me vê. Suponho que eu esteja numa moldura que o ameaça ou ele quer me dar a entender que tem mais autoridade do que a que tem efetivamente. Depois da entrevista que me concedeu, um dia o vejo conversando com um rapaz. Toco no seu braço e o cumprimento. Por incrível que pareça responde-me alegremente e diz que não está mais nessa Igreja, agora está na igreja do Ibura, no UR-5. Parabenizo-o e pergunto-lhe se é no mesmo horário daqui.

¹¹⁸ Seria um tipo de oferta pré-determinada. O seu valor é previamente decidido.

Responde-me afirmativamente e tenta me dizer onde se localiza a Igreja: - *Chegando no UR-5, pergunta onde é a Praça. Tem uma Igreja Universal, uma Assembléia e um Posto de Saúde. É lá.* Pergunto-lhe: - *Agora você toma conta de lá? Virá pouco por aqui?* Responde-me muito satisfeito: - *É. Digo-lhe Deus lhe abençoe, e vou embora. E saio pensando: - Como é que pode um rapaz dessa idade, com um preparo tão precário, tomar conta de uma Igreja, orientar vidas sedentas e famintas de soluções para seus problemas existenciais?*

Exatamente uma semana depois o vejo na platéia. Admiro-me. Ele não devia estar na igreja do Ibura? Por que está aqui? Ao terminar a reunião encontro-o sentado na beira da piscina plástica utilizada para o batismo nas águas, vestido numa bata azul e as pernas na água. Desconsolado? Talvez. Aguarda os batizáveis. Cumprimento-o e pergunto-lhe: - *E a Igreja do Ibura?* Responde-me: - *Saí, só passei 15 dias. Estou de novo com o Pastor Hélio.* Fiquei desconcertada sem saber o que dizer. Ainda disse: - *Ah! É? Tão pouco tempo? E quem é o Pastor que está lá agora?* Pensou, pensou e depois de alguns instantes disse: - *Pastor Júnior.* Não fiquei sabendo exatamente de imediato o que aconteceu. Uma coisa se evidenciou: ele não tinha realmente o preparo que gostaria de ter para ocupar o *status* que lhe era atribuído. *Outras reflexões me vieram à mente: que critérios são esses para designar alguém para dirigir uma igreja? Se o Pastor Hélio centraliza as decisões, como não percebeu a performance desse rapaz? Afinal, ele lida com vidas.*

Ele era também o Pastor que com mais frequência batizava nas águas os novos convertidos. Tempos depois assumiu uma igreja no Ibura. Ao final do meu trabalho de campo não o encontrei mais. Foi-me dito que ele teve problemas com a igreja e agora integrava a Igreja Mundial, em frente à estação principal de metrô do Recife. Um Obreiro disse que não queria comentar nem escandalizar, mas diz com muito cuidado que ele fora infiel, e o justifica: - *Anderson é solteiro e não resistiu às atrações. Estava se enxerindo.*

Essa pequena história contradiz o tempo de preparação para ser Pastor explicado pelo Pastor Ednaldo que comento no próximo item.

3.3.10 Pastores e Obreiros

Entre os Pastores alguns são cadastrados, sendo, por isso, sustentados pela própria igreja e não exercem, em paralelo, atividade secular. Esse sustento se chama *ajuda ministerial*

¹¹⁹. Segundo o Pastor Ednaldo, a decisão do cadastramento está sobretudo nas mãos do Pastor principal. Aliás, esta é uma centralização evidente, pois tanto Pastores como Obreiros deixaram clara essa função do Pastor principal, inclusive na escolha de quem será Pastor ou Obreiro.

A explicação é dada pelo Pastor Ednaldo:

*- Temos uma ajuda de custo, sim. Eles não chamam bem de salário e sim uma ajuda ministerial, para você manter sua pequena família, sua água, sua luz, pra comprar o seu gás [...]*¹²⁰

- Como um pastor se torna cadastrado? Quando ele mostra pra Igreja ações de ser aprovado, como um bom obreiro, um pastor aqui pra ser bem aprovado ele passa no máximo um ano ou mais pra poder ter o reconhecimento da Igreja, da Instituição. Aí a Instituição agora vai se preocupar com ele e vai manter esse pastor. Então para onde ele for e as ações que ele fizer estão voltadas para casa de Deus ele vai ter os recursos da Igreja. Se ele pensar em desviar, ou tirar o coração dele pra o que ele está fazendo, tanto ele não vai ter o reconhecimento de Deus e dos homens. Então é assim que funciona a cadeia, não tem carteira assinada.

As igrejas que estão espalhadas pelos bairros e em outras cidades¹²¹ contam com seus próprios Pastores. Estes têm autoridade limitada, mas podem incluir ou excluir Obreiros, cuidar do orçamento de pequenos gastos. De resto se subordinam ao Pastor Hélio. As figuras dos Pastores são determinantes e me parece, de certa forma, absolutas.

Os Pastores em estágio preparatório, se forem solteiros, moram na própria igreja. Quantos aos Obreiros, não recebem dinheiro da igreja, seu trabalho é voluntário. Mantêm suas atividades seculares, paralelas ao seu trabalho na igreja, e delas retiram seu sustento financeiro. Na igreja, cumprem uma planilha de plantão.

¹¹⁹ Recorro mais uma vez a Mariano (1999:100). Esse autor diz que nessa igreja os Pastores são divididos em duas categorias: consagrados – uma minoria – e os comissionados. Estes últimos exercem a função de auxiliares, enquanto os consagrados devem ser casados “e ter vocação pastoral”. Devem dar tempo integral à igreja e sua “remuneração varia entre três e cinco salários mínimos. Não têm autonomia administrativa. E, para impedir cismas e evitar que se acomodem, volta e meia são remanejados das congregações e até enviados para outros Estados”. De fato, o Pastor Ednaldo, por exemplo, já esteve em Petrolina e São Paulo. O Pastor Hélio veio da Bahia. O Pastor Edivaldo foi remanejado para Peixinhos (Olinda) e o Pastor Alonso para o bairro do Fundão (Recife).

¹²⁰ Este mesmo Pastor tem um carro financiado.

¹²¹ No “Seminário de Mulheres na Graça de Deus”, realizado nessa igreja em 01/10/2005, consegui finalmente saber os lugares em Pernambuco onde a igreja da Graça está plantada. Ela espalha-se por alguns bairros do Recife (San Martin, Arruda, Boa Viagem e Sede em Santo Amaro), pela área metropolitana do Recife (Piedade, Prazeres, Totó, Olinda) e outras localidades como Sirinhaém, Arthur Lundgren, Caetés, Vitória, Cruz de Rebouças, Carpina, Caruaru, sendo esta última a mais distante da cidade do Recife, em torno de 220km. Portanto, é uma igreja que se limita à área urbana e em cidades próximas ao Recife.

Pastores e Obreiros passam por uma capacitação dada por outros Pastores. A preparação dos Pastores é diária, segundo o Pastor Alonso, pois eles têm que estudar todos os dias, mas há também um curso ministrado por, no mínimo, dois Pastores, e inclui Teologia, Hermenêutica¹²² (com postura de Pregador), Escatologia, Jornalismo (Comunicação) e Psicologia. Não ficou muito claro se é um curso estruturado, pois ele foi citando as disciplinas ao acaso.

O curso é mais conhecido como a GRADE. Quem faz o curso pode ser nele aprovado, mas não necessariamente no Ministério.

Assim explica o Pastor Ednaldo:

- Hoje o nosso curso aqui em Pernambuco, no estado de Pernambuco não está sendo realizado por conta que a nossa Igreja vai entrar em reforma, mas a nossa Igreja, o nosso ministério existe o curso de teologia, que é a GRADE, você já deve ter ouvido. [...]

- É um curso que pertence a Igreja da Graça, são pessoas qualificadas, aí fazem uma formação de quem quer fazer o ministério de Pastor. Mesmo que aquela pessoa seja aprovada no curso de teologia pode não ser aprovada para o ministério. Por quê? Porque é necessário que aquela pessoa se volte por inteiro para Deus, é negar-se a si mesmo, pra poder fazer contato com Deus. Não é fácil, nem todos estão prontos a negar muitas coisas pra seguir a Deus.

Para ser Obreiro, Pastor ou Evangelista não basta o batismo das águas¹²³, primeiro passo para a salvação da alma porque na verdade somente será salvo se praticar a Palavra, mas também o batismo no Espírito Santo. Isto significa já ter experimentado o falar línguas estranhas – a glossolalia – e buscar o poder do Espírito Santo para poder expulsar demônios e ajudar outras pessoas. O batismo do Espírito Santo dá força espiritual e física. – Imagine alguém que não tenha o poder de Deus, como poderá sustentar nos braços o outro? – disse o Pastor Alonso Ao perguntar-lhe como saber se a pessoa tem o batismo do Espírito Santo, respondeu-me: - *Pelo fruto os conhecereis*¹²⁴. Disse mais: - *Nós observamos, por exemplo, se era uma pessoa agressiva e tornou-se mansa.* Essas observações são feitas na igreja, ele não costuma ir à casa das pessoas. Diz que não há tempo para isto senão relaxa o trabalho na própria igreja. Diz que o que não for verdadeiro é fraude e logo isto se explicita. A maior

¹²² “1 ciência, técnica que tem por objeto a interpretação de textos religiosos ou filosóficos, esp. das Sagradas Escrituras 2 interpretação dos textos, do sentido das palavras 3 SEMIO teoria, ciência voltada à interpretação dos signos e de seu valor simbólico 4 JUR conjunto de regras e princípios us. na interpretação do texto legal” (HOUAISS 2001:1519).

¹²³ Ritual que assisti várias vezes e está descrito no item 5.1.9 desta Tese.

¹²⁴ Os versículos bíblicos fluem naturalmente na conversa, como demonstração de que a Bíblia é seu grande referencial. Faz isto nesta entrevista e de forma mais intensa durante a Pregação. Citou, pois, o fruto do Espírito Santo: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” que se encontra em Gálatas 5:22-23 (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1397).

evidência, no entanto, do poder do Espírito Santo, segundo ele, *é o falar em línguas estranhas*. Chamo a atenção mais uma vez para o poder que o Pastor tem sobre os outros integrantes da hierarquia da igreja. Ele lida com a subjetividade todo o tempo, além de monitorar os comportamentos dos seus subalternos.

Os Obreiros e as Obreiras constituem um grupo de apoio e se submetem a um Curso com duração de três domingos. Em seguida são entrevistados por um dos Pastores, a fim de serem detectados o aproveitamento, a vocação (*Deus dá talento a todos*), o comportamento, e a cada quinze dias um Pastor reúne-se com eles para uma espécie de manutenção e orientações. O Pastor Ednaldo prometeu que eu poderia participar de uma dessas reuniões¹²⁵.

Esse grupo de apoio não somente cuida das pessoas que chegam manifestando suas necessidades espirituais ou dificuldades físicas, de deambular, por exemplo, principalmente pessoas idosas, mas também se mostra indispensável antes, durante e depois das reuniões.

Há jovens também exercendo essa função, mas a maioria já passou dos 35 anos, é casada, às vezes tem filhos, tem profissão definida ou no caso de algumas mulheres cuida do seu lar. Durante as reuniões está sempre atento, em pé dos dois lados e no meio da igreja, oferece os “presentes” em troca de dinheiro, recolhe ofertas, dízimos e primícias, distribui os elementos da Comunhão (pequeníssimos pães com formato semelhante à bolinha de salgadinho de queijo e suco de uva), faz orações individuais pelas pessoas ao final das reuniões, atende necessidades das pessoas durante o culto (mal-estar físico, necessidade espiritual), distribui óleo de unção bem como objetos simbólicos, a exemplo de pequenos travesseiros e alianças que objetivam fortalecer e facilitar o acesso mais imediato às bênçãos. Cuida ainda da limpeza da igreja, como uma espécie de zelador. Ao final de cada reunião varre, limpa e mantém o salão em ordem para a próxima reunião. Os Obreiros são o sustentáculo dos Pastores para que os cultos e o espaço físico se mantenham em permanente ordem.

Parece-me, no entanto, que não há rigor em estarem presentes durante todo o desenrolar da reunião, quando ficam poucos e surge um maior número em momentos precisos, como o do recolhimento de ofertas. Estas observações são aplicáveis aos Evangelistas.

¹²⁵ Fiz várias vezes contato com ele, mas ele sempre me informava que não havia nenhuma reunião marcada ainda, embora sempre que os Obreiros falam sobre essa reunião me dizem que acontece quinzenalmente.

Os Obreiros cuidam da ordem do culto, da limpeza física do ambiente, além de se ocupar das coisas espirituais como *expulsar demônios*. Essas pessoas, na verdade, constituem a base e o sustentáculo para a boa ordem dos cultos da igreja, além de serem muito úteis ao fazerem um trabalho voluntário que não implica em receber qualquer dinheiro. Ao contrário são elas que doam o seu trabalho. E com muito prazer como expressou a Obreira Luna: - *Ganha as bênçãos de Deus*.

Essa satisfação se manifesta como uma grande vitória na vida. A Obreira Mariana conta como chegou a ser Obreira. Ela desejou muito quando o Pastor Hélio fez um apelo, mas como estava com uma filha muito pequena e não tinha com quem deixá-la, não se arvorou a assumir essa responsabilidade. Seis meses mais tarde não resistiu ao novo apelo:

- A gente tava tudo em pé, tinha terminado uma oração. Aí eu em pé pensando: - Se você quer, se você tem tanta vontade vem aqui na frente, não fique pensando que vai ter mais dificuldades, não. Porque pra tudo Deus dá jeito. Se Deus tá lhe chamando ele dá uma solução pra essa sua dificuldade. Aí eu digo: - Ah! Jesus, o Senhor tá vendo (risos) como é as coisas... quais são minhas condições. Então se o Senhor tá me chamando, então eu vou. Agora só falta... agora é com o Senhor. Aí eu fui lá pra frente. Aí me ungiu, tudinho, assim, ungiu não, orou né, com a gente, abençoou, a gente fez o curso de Obreiro, é... teve a entrevista com o Pastor Hélio, ele perguntou se a gente já era batizada no Espírito Santo, eu graças a Deus já tinha sido.

Esses desejos e vontades se repetem. Foi assim com o Obreiro Walter. A disponibilidade para contribuir com trabalhos físicos pode ser também abrir as portas para participar da hierarquia da igreja.

- Então toda 6ª feira o Pastor me observava lá na Soledade. E quando acabava o culto depois o pessoal ia fazer a faxina e eu olhava e sentia o desejo. E teve um dia que eu cheguei junto e disse: - Posso ajudar vocês na faxina, a varrer. Aí eles responderam sem problema nenhuma, e disse pode pegar a vassoura. Sendo que varrendo e fazendo a obra surgiu a oportunidade pra fazer o curso de Obreiro. E na entrevista ficou mais fácil. Porque ele já sabia o que eu vinha fazendo, e quando ele me viu disse: - Está liberado. [...] – Pode botar a farda e trabalhar.

O Obreiro Walter diz que no curso preparatório os Obreiros recebem orientações para expulsão de demônios:

- Nenhum obreiro ou pastor tem que estar entrevistando aquela pessoa que está manifestada. Por quê? Colocou a mão em nome de Jesus... Na bíblia não entrevistava, [...] botava a mão e expulsava. Então a gente não tem o direito de colocando a mão perguntar: - Ei, quem é você aí? Não. Colocou a mão em nome de Jesus sai e expulsa. E depois a gente chama aquela pessoa pra conversar, fala para ela buscar mais a Deus. – Espero que você busque com oração e jejum mais a Deus. Orienta aquela pessoa para buscar mais a Deus.

Do ponto de vista de gênero na igreja existem Pastoras também. As mulheres participam de igual modo na hierarquia, dizem eles. *Deus não faz acepção de pessoas*, frase sempre dita e que serve para justificar a possível igualdade. De fato, conheci uma, mas apenas uma Pastora nessa igreja e assim mesmo é esposa do Pastor Hélio, talvez por isso tenha chegado à função mais facilmente. E por várias vezes vi que ela tem uma função específica: instruir os que vão se batizar nas águas. O Pastor Alonso me informou que a sua esposa, Vitória, também é Pastora. Tanto a Pastora Isabel quanto a Pastora Vitória pregam a Palavra e cuidam de grupos específicos, ainda segundo o Pastor Alonso. Mas a Pastora Vitória nunca a ouvi falar nem se apresentar em público. As outras Pastoras, segundo ele, estão na igreja de Cruz de Rebouças (Marta) e em Serinhaém (Cláudia), embora as informações não convirjam para um ponto comum. Para dar essas informações ele contou com a ajuda de Rebeca, espécie de secretária. Há sempre incoerências nas informações de quantas existem e onde elas estão. Alguns apenas *já ouviram falar*. Das mulheres que entrevistei, uma sequer reconheceu o seu *chamado* para ser Pastora. Talvez se sintam bem na condição de apoiadoras, o que de certa forma reproduz a estrutura social em que vivem. A Obreira Guida admitiu: – *O homem tem realmente que ter essa autoridade de dono de casa, de chefe de família. E tem que ter respeito, entendeu? Isso é uma coisa, não tenho que ser igual.*

Defendem o ponto de vista de que as mulheres são iguais aos homens e afirmam que quem discrimina *são os próprios homens, pois há tanto homens quanto mulheres ungidas por Deus* e que *estas podem assumir as mesmas responsabilidades dos homens*.

Posso assegurar, no entanto, que num Seminário exclusivo para mulheres que aconteceu nessa igreja contava-se com a presença de Pastoras convidadas, mas quase sempre esposa de algum Pastor.

Fica claro que a *igreja cresce na dependência da dinâmica do Pastor que a lidera, da sua capacidade de arrebanhar fiéis*, conforme os meus entrevistados evidenciaram e, de acordo com minhas observações, acrescente-se a sua capacidade de arrecadar dinheiro.

A centralização hierárquica de que trato em algumas linhas atrás se expressou logo que me identifiquei como pesquisadora naquela igreja. O Pastor que me atendeu reagiu, quando lhe perguntei sobre a possibilidade de falar com o Pastor dirigente, dizendo-me que existem vários Pastores à disposição para ajudar as pessoas (julgando ele talvez que eu tivesse em busca de solução para algum problema espiritual). E que o Pastor principal tem também ao seu encargo as questões de ordem administrativa e problemas somente são levados a ele se

os outros não puderem de forma alguma ajudar aos que os procuram. Eram indícios de uma organização hierarquizada, centralizada. Quando lhe perguntei o nome do Pastor que estava fazendo o atendimento individualizado após a reunião que havia terminado, não lembrou imediatamente¹²⁶. Somente depois de pensar alguns instantes, disse: - *Pastor Alonso*. Agradei e esperei minha vez. E refleti: *que estrutura organizacional grandiosa é essa cujo Pastor de plantão, que está recebendo pessoas, não sabe de imediato o nome do outro (mais importante do que ele e o segundo na hierarquia) que está atendendo e aconselhando pessoas?* Somente mais tarde, na medida em que aprofundei o conhecimento do campo, percebi que existe uma rotatividade entre os integrantes da hierarquia de modo que dificulta todos se conhecerem pelos nomes, além de uma distância significativa entre os diversos estratos da pirâmide social representada pelos patamares hierárquicos.

O Pastor Alonso, após minha identificação como pesquisadora e minha disposição de entregar-lhe uma apresentação oficial da Universidade, disse-me que *era um homem de Deus e que acreditava nas pessoas até prova em contrário*. Falou que a igreja era transparente, diferentemente das outras que existem por aí, *não tinha subterfúgios nem nada a esconder*. Avocou a si autoridade para permitir que eu fizesse esse trabalho, mas que se o Pastor Hélio (o primeiro na hierarquia) estivesse lá naquele momento ele teria de consultá-lo, pois, nesse caso, quem decidiria era ele. E o Pastor Hélio estava lá naquele momento. Comentou ainda que a sociedade tem curiosidade em saber o que se passa na igreja. Retruquei dizendo-lhe que se tratava de um estudo e não de uma curiosidade. Sabiamente ele respondeu: - *Todo conhecimento da ciência se origina em uma curiosidade e para satisfazê-la é preciso estudar*.

Ele foi falar com o Pastor Hélio e o esperei na ante-sala. Significou para mim que não era tão fácil assim falar com o Pastor principal, há uma proteção em torno dele da qual participam Evangelistas e Obreiros.

Antes de serem Pastores alguns desses homens tiveram atividades seculares específicas. Pastor Alonso foi professor de literatura, Pastor Anderson trabalhou num lava-jato, Pastor Ednaldo foi contramestre da construção civil, cabeleireiro (diz que cortou cabelo de muito policial em São Lourenço da Mata, cidade da região metropolitana do Recife), vigilante patrimonial (fazia segurança de pessoas importantes), professor de música para

¹²⁶ Não saber o nome um do outro. Este foi um fato recorrente nessa igreja. Em uma ocasião, o Pastor que liderava a reunião de Cura Divina, numa 2ª feira, fazia sua pregação quando um celular tocou. Ele disse: *Aí, Obreira*. Dessa forma pediu a Obreira Tânia para atender o telefone que estava sobre uma prateleira depois da grade que fica por trás do púlpito.

particulares e em colégios públicos, além de ter sido aprovado em um concurso para integrar a banda musical da Polícia Militar. Desta ele desistiu de imediato. Esse Pastor insiste que sua *carreira sempre foi como compositor*. Naquele momento da entrevista estava acabando de gravar um CD com composições evangélicas suas.

Enquanto os Obreiros e Obreiras permanecem em seus trabalhos seculares paralelamente às suas atividades na igreja. As Obreiras Mariana e Guida são donas de casa. A Obreira Luna estava desempregada quando a entrevistei. Tinha saído do emprego de cobradora de ônibus uma semana antes. O Obreiro Walter trabalha como autônomo. Vende água mineral e gás de cozinha. Faz a entrega numa moto de sua propriedade. Antes foi operador de máquinas na ALCOA e foi onde aprendeu a lidar com as pessoas.

Importa assinalar esses detalhes para que se tornem concretos os seres humanos que compõem essa igreja, como pessoas comuns, passíveis de serem encontradas em qualquer lugar.

3.3.11 Relação com outras igrejas

Ao que parece “a pedra no sapato” da igreja da Graça é a igreja Universal. Nunca é demais lembrar que a igreja da Graça é uma dissensão da igreja Universal. R.R.Soares e Edir Macedo começaram juntos. Depois cada um foi para seu lado. Soares fundou a igreja da Graça e Macedo continuou com a Universal.

Quando conversei com o Pastor Hélio, à semelhança do Pastor Alonso, comentou que a igreja Universal é bem mais agressiva com relação a dinheiro. Informou-me que a igreja da Graça vem sofrendo naquele local uma certa repressão daquela outra denominação. Disse, inclusive, que algumas pessoas ficam próximas ao muro impondo as mãos em oração para acabar com o trabalho da igreja da Graça, o que denotaria uma campanha contrária a ação dessa igreja. O Pastor Anderson dá informações mais radicais: até pedras são jogadas no prédio da igreja da Graça. Fica, então, evidenciado que há um conflito surdo entre as duas igrejas, uma concorrência (desleal?) – localizadas praticamente uma ao lado da outra –, separadas apenas por uma rua. De toda forma é sintomático que a igreja da Graça venha se instalar, depois de sua saída da rua da Soledade, exatamente ao lado da igreja Universal cujo novo prédio foi construído e habitado depois que comecei meu trabalho de campo em 2003. Fiz meus registros sobre a igreja Universal quando ela ainda se localizava na Avenida Mário Melo.

Nessa conversa, o Pastor principal soltou uma frase que dizia saber que *eu não estava ali para ir contra o ministério daquela igreja*. Para que esta frase? Acho que na verdade estava receoso. Tomava-me, talvez, por alguém a serviço da igreja Universal.

Durante o campo algumas modificações no prédio foram acontecendo, e ao que tudo indica, para atender aos que estavam se sentindo prejudicados com a presença da igreja da Graça naquele local. Uma das providências foi fechar com cimento as fendas das janelas que se posicionavam para a rua do lado da igreja Universal. O Pastor comenta esse fato e diz que os que se sentem incomodados querem criar obstáculos ao trabalho dessa igreja. Parece-me claro que se refere à igreja Universal, pois outros Pastores (Alonso e Anderson) já me falaram sobre esse assunto. E diz o Pastor: - *Por isso oro por essas pessoas*.

O Pastor Anderson me disse que a igreja da Graça naquele local quase fecha por pressão da igreja Universal. Um juiz chegou a proibir o uso de bateria (instrumento musical) e exigiu o funcionamento da igreja de portas fechadas para não incomodar a vizinhança. Assinala que houve um abaixo-assinado de pessoas que moram num prédio da rua em frente (aponta o prédio), reclamando do barulho, mas que o prédio é habitado exclusivamente por Pastores da igreja Universal. Há sempre referências negativas à igreja Universal.

Certo domingo, após o término do culto, me demorei um pouco no hall. E ao ver vários rapazes, de gravata vermelha, passarem na direção da igreja Universal perguntei ao pipoqueiro (ele guarda o carrinho de pipocas dentro das instalações da igreja): - *Esses rapazes são da Universal?* Ele me responde: - *Sim, são mais ou menos 200 rapazes. Aqueles três prédios de apartamentos são da igreja* (indica-me alguns prédios que estão do outro lado da Igreja e outros que estão na diagonal, mas também do outro lado). - *Há também apartamentos na Igreja*.

Nas suas auto-referências, o Pastor Hélio fala do tempo em que morava em Ilhéus/BA. Ao chegar naquela localidade passou dificuldades financeiras enormes. Foi ajudado por alguém que não era crente. Havia um Pastor de outra denominação que morava perto, mas nunca se propôs a ajudá-lo. Em Alagoinhas, também na Bahia, tinha um programa de rádio. Conta que a cada vez que começava o programa, o Pastor de uma denominação diferente da dele, que o antecedia em outro programa, orientava os ouvintes a desligarem o rádio. Diz que vários integrantes da igreja daquele Pastor vieram para a dele, pois entenderam que enquanto ele pregava a união, o amor, o outro Pastor pregava a desunião. E ainda quando ele terminava o seu programa estimulava as pessoas a continuarem com os rádios ligados, pois logo depois estaria começando o programa de outra igreja.

Embora o Pastor não esclareça a denominação a que ele se refere, a mensagem que ele quer passar é que outras denominações não são objeto de resistência de sua parte. A igreja Universal, de fato, é a mais citada quando se trata de questões ligadas à ocupação de espaço religioso. As duas denominações têm como público alvo pessoas dos mesmos estratos sociais. Possivelmente, as atitudes mútuas – vistas por mim somente a partir das informações dos integrantes da igreja da Graça – sejam herança de uma ruptura, que se renova a cada dia.

CAPÍTULO 4 - PROCESSO DE RACIALIZAÇÃO

Neste **CAPÍTULO** busco um diálogo com autores que estudam o processo de racialização¹²⁷ que grassa nas sociedades. Suas contribuições dão um caráter “científico” ao racismo e, dessa maneira, fortalecem os comportamentos rracicos que se manifestam e que “naturalizam” as relações de superioridade e inferioridade entre e intra-grupos humanos. Outros autores exercem um papel contraditório e, com seus estudos, expõem o racismo como um construto social. Discordam da “naturalização” das diferenças que levam uma pessoa ou um grupo a por “o outro” em posição de subalternidade pelo seu diferencial, qualquer que seja¹²⁸.

“Racismo”, “racista”, são termos que passaram a identificar uma doutrina, cujo núcleo era “a raça determina a cultura”. Depois foram utilizados para se contrapor às doutrinas de desigualdades em voga e adquiriram conotações pejorativas, ou seja, eram usados para acusar ou identificar os que assumiam posturas racistas. Nos EUA, no decênio de 1960, passaram a identificar-se com “colonialismo interno”, “opressão”, “exploração”, “revolta” e outras expressões da mesma ordem, manifestando uma idéia de subordinação de um grupo racial sobre outro (BANTON 1977:174-175,177,188).

Faz-se necessário, então, definir objetivamente as conotações que o racismo assume no universo a ser estudado, pois a elasticidade do emprego desse termo dá-lhe significados diferentes em cada lugar: nacionalismo, cultura, imigração, classe social, e muitos outros.

Guimarães (1999:9,30) resume “raça” e racismo do seguinte modo:

‘Raça’ é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Ao contrário, trata-se de um conceito que apenas mostra uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa diante de certos grupos sociais, e informada por uma noção específica da natureza, como uma coisa intrínseca. A realidade das raças tem um limite, entretanto, ao mundo social.

¹²⁷ Tomo a racialização no sentido que lhe dá Guimarães (1999), ou seja, como um sistema doutrinário classificatório das raças, o que corresponde a uma ideologia ou teoria taxonômica.

Sansone (2003:16) comenta que substituir “raça” por processo de racialização é uma forma que os antropólogos encontraram de desconstruir “raça”. E acrescenta que o termo racialização indica que “‘raça’ é uma das muitas maneiras de expressar e vivenciar a etnicidade”, com ênfase no fenótipo.

¹²⁸ Taguieff, Miles, Gilroy *apud* Guimarães (1999:23), chamam a atenção para o fato de que “racializar” e “naturalizar” a cultura de grupos que estão numa situação de desvantagem é fenômeno muito comum na Europa, hoje. Emprega-se “o eufemismo ‘imigrantes’ para referir-se aos seus novos grupos raciais e étnicos (árabes, turcos, antilhanos, indianos, assim como seus descendentes), e cultiva, em relação a eles, um diferencialismo cultural, que transforma o conceito de cultura em algo absoluto, fixo e natural”.

O racismo é [...] uma maneira muito específica de ‘naturalizar’ a vida social, ou seja, de explicar as diferenças pessoais, sociais e culturais como se fosse natural. [...] Reduz o natural ao biológico.

Ainda de acordo com esse autor (*ibid* 28), o termo raça expõe diferenças de fenótipos entre indivíduos e grupos e as diferenças intelectuais, morais, culturais são atribuídas às diferenças biológicas. Alerta, pois, que a cor, por exemplo, só tem importância porque tem significado, porque está presente nas ideologias raciais.

No caso da igreja estudada reafirmo o que já disse em páginas atrás¹²⁹. Penso que o racismo somente será interpretado como tal se sua manifestação interferir nas relações sociais a ponto de impedir que alguém ascenda social, intelectual, economicamente ou se ela for posta à margem no processo de interação social. De fato, se alguém, por ter um fenótipo negro for preterido, por exemplo, de se inserir na hierarquia da igreja, torna-se um indício da presença de um comportamento racista.

Reforço meu argumento na citação a seguir (MEMMI *apud* DE FONTETTE 1997:116):

Le racisme est la valorisation généralisée et définitive, de différences, réelles ou imaginaires, au profit de l'accusateur et au détriment de sa victime, afin de justifier ses privilèges ou son agression¹³⁰.

O racismo, pois, se manifesta por uma valorização exagerada das diferenças de alguns em prejuízo de outros. “Recusa aceitar o outro como diferente” (*ibid*), recusa a *alteridade*. A sua construção em cada sociedade se dá de acordo com os valores e princípios aos quais ela própria atribui mérito ou demérito.

Assinalo que a etiqueta “raça” tem sua origem na teoria da hierarquia das raças, que admitia “tal raça é superior, esta outra é inferior”, e nada podia mudar essa situação (*ibid* 5). O pertencimento a uma “raça” determinava a cultura, o comportamento, o nível de inteligência, o grau de desenvolvimento de alguém. Tratava-se de um determinismo biológico. Negava-se a existência de uma só raça humana e estabeleciam-se “raças” no sentido taxonômico.

¹²⁹ **CAPÍTULO 2, item 2.2.1.**

¹³⁰ O racismo é a valorização generalizada e definitiva, de diferenças, reais ou imaginárias, em benefício do acusador e em detrimento de sua vítima, a fim de justificar seus privilégios ou sua agressão.

Para se compreender esses códigos e valores retomo certos nomes, como Carl Von Linné¹³¹ e Arthur Gobineau¹³² que, entre outros, influenciaram diversas gerações com seus estudos.

4.1 Teorias racistas

Segundo Taguieff (1997:25-28), Linné expôs uma classificação onde o gênero *Homo* compunha a ordem dos Primatas e estava colocado no topo do reino animal. Dividiu o *Homo* em *Homo sapiens* (homem diurno) e *Homo troglodytus* (homem noturno). Este último “parecia designar o orangotango ou *Homo sylvestris*”. Subdividiu ainda o *Homo sapiens* em, de um lado, *Homo feras* ou homem selvagem e *Homo monstrosus* ou homem monstruoso; e de outro lado, quatro espécies, identificadas primeiro pela cor da pele: branco (o homem europeu), vermelho (o homem americano), amarelo (o homem asiático) e negro (o homem africano). Para descrever o que considerava as variedades humanas, Linné misturava “características físicas, mentais, sociais e culturais”. Por exemplo, a “apatia” ou a “preguiça” eram atribuídas à “raça negra” “como uma de suas características fixas e hereditárias...”, mesmo se esse aparente comportamento nas sociedades escravagistas dos séculos XVII e XVIII tivessem sua origem na resistência dos escravos negros ao sistema de trabalho imposto pelos “seus mestres brancos”.

Essa classificação persistiu por muitos decênios (até mais ou menos 1831). Os epígonos de Linné colocaram os negros “no último degrau da hierarquia dos humanos ‘normais’ e como intermediários entre os primatas e a raça branca” Durante longo tempo os negros foram colocados “na mais baixa escala”, carregaram sobre si uma “inferioridade hereditária”, eram “considerados como imperfeitos, ausentes da história do progresso humano, fora da ‘civilização’”. Enquanto os brancos ocupavam “o topo” da escala dos humanos.

Quanto a Gobineau, propôs que a chave do fim das civilizações repousava “essencialmente sobre a raça”. Para ele “a mistura das raças era a melhor e a pior das coisas...”. A *melhor* porque ela “é um fator da civilização”, ou seja, “a civilização somente se desenvolve quando uma nação conquista outra”, o que permite “ao homem sair da barbárie”; e a *pior* porque ela provoca o declínio das civilizações “em razão da degenerescência das suas qualidades hereditárias...”. Ele adotou a divisão das “raças” corrente no seu tempo – negra,

¹³¹ (1707-1778). Naturalista, antropólogo, autor de *Système de la Nature* (1ª edição em 1735 e 2ª em 1758).

¹³² (1816-1882). Autor do *Essai sur l'inégalité*, escrito entre 1853 e 1855.

amarela e branca – e fez a apologia da raça branca como a mais inteligente, a mais bela, a mais forte, a mais capaz de dominar as outras (DE FONTETTE 1997:42-44,46). Adepto do determinismo racial absoluto, Gobineau lamentava a fertilidade das populações mestiças “que herdavam freqüentemente as características mais negativas das raças que se cruzavam” (SHWARCZ 1993 *apud* AQUINO 2001:45).

A partir de uma visão modernizadora, o emprego da palavra racismo somente tem sentido “para caracterizar um fenômeno ideológico e sóciopolítico emergido na Europa e nas Américas na idade moderna” (TAGUIEFF 1997:19).

Como fenômeno moderno, a teoria do racismo tem três variantes intituladas “modernizadoras” (*ibid* 22-23). A primeira, “*restrita*”, identifica o racismo “como sucessor imediato da atividade de classificação das ‘raças humanas’ as quais têm caracteres morfológicos supostamente fixos e hereditários”. A segunda, “‘*ultrarestrita*’”, reduz o racismo à doutrina explícita do determinismo racial das aptidões, às vezes das aptidões e condutas, fornece um fundamento científico à tese da ‘desigualdade das raças humanas’ e uma chave da história ou da evolução humana”. A terceira, “*alargada*”, apresenta-se sob três tipos distintos de “protoracismo”: i) o mito do “sangue puro”, sobretudo na Espanha e em Portugal, nos séculos XV e XVI; ii) “as legitimações européias do escravagismo e da exploração coloniais dos ‘povos de cor’” e iii) “a doutrina aristocrática francesa dita das ‘duas raças’”. O nome “raça” nesse caso significa “linha”, “linhagem”. As “raças” eram constituídas na população francesa, onde se identificavam “os descendentes dos vencedores, os Francos, encarnados pela nobreza, e os descendentes dos vencidos, quer dizer os Gauleses ou os Galo-Romanos, encarnados pelos marginalizados, ou o terceiro estado”. Com efeito, o mito sangue encontra-se sob não importa qual tipo de “protoracismo”. A “pureza do sangue” era “inseparável da vergonha da perda da pureza por misturas ou mestiçagens, provocando sujeira ou degradação irremediável”. Essa perda teria consequências na classe ou na casta à qual pertencia o indivíduo.

Para Gould (1999:18), a influência exercida pela ciência nos conceitos relativos a raça, nos séculos XVIII e XIX, forneceu elementos para que não pairassem dúvidas sobre a sociedade, os líderes e os intelectuais da época, quanto à hierarquização social, em que os brancos apareciam no topo, os índios em posição intermediária e os negros abaixo dos dois. Posições diferentes se solidificavam: umas afirmavam a inferioridade do negro e justificavam

a escravidão¹³³ e a colonização pela sua condição biológica; outras ratificavam essa inferioridade, porém defendiam a liberdade pessoal como algo que não dependia do nível de inteligência. Nos que integram o segundo grupo, as opiniões divergiam apenas quanto à origem da inferioridade dos negros: para umas, educá-los e elevar seu padrão de vida poderiam colocá-los no mesmo nível dos brancos; para outros, era imutável a sua incapacidade. Na verdade os argumentos não colocavam em contraste igualdade com desigualdade. O ponto de convergência era a inferioridade, não importava se biológica ou cultural.

Uma das muitas formas de racismo é através da violência, da destruição física do outro. Mas ele pode, sem dúvida, apresentar-se de maneiras menos evidentes, o que dificulta sua identificação: implícito e silencioso, ambíguo, como uma falsa tolerância, mascarado ou mesmo através de brincadeiras. Entretanto ele reforçará sempre a idéia de subordinação de um grupo com relação a outro como se fosse uma coisa natural. E é de fato natural para os atores sociais porque se trata de uma construção social. Tudo o que se constrói, no entanto, é passível de ser desconstruído.

O que se constata é que as chamadas teorias racistas continuam presentes na vida de alguns povos ou mesmo de alguns grupos dentro de sua própria sociedade. Os bárbaros, para os gregos – os que não pertenciam à cultura helênica – ou os primitivos – para os que estavam conhecendo novos povos com costumes diferentes nos séculos XV, XVI –, passaram no século XX a ser chamados de subdesenvolvidos, terceiro mundo, em desenvolvimento e hoje alguns são classificados como emergentes.

Estudos e teorias, de caráter científico ou pseudocientíficos, portanto, permearam o pensamento não somente de intelectuais e de estudiosos, mas também do chamado homem comum, uma vez que essas idéias eram disseminadas de diversas maneiras. Esses estudos e teorias convergiam para o determinismo biológico. Vários foram os esforços para provar que os diversos tipos de povos têm características diferentes porque têm qualidades inatas também diferentes.

4.2 Desconstrução de algumas teorias racistas

¹³³ Alguns teólogos defendiam a escravidão, tinham-na como “uma instituição ordenada por Deus” e defendiam a idéia de que “o negro era descendente de Cam, amaldiçoado por Deus para ser sempre o servo dos servos de seus irmãos” (RIBEIRO *apud* AQUINO 2001:50).

No seu livro *A falsa medida do homem*, Gould (1990:5) se propõe a “demonstrar a debilidade científica e os contextos políticos dos argumentos deterministas”. Alerta para o pensar do ponto de vista do determinismo biológico, cujas afinidades com contextos políticos específicos e ideologias conservadoras, torna-o útil principalmente para os detentores do poder. Limito-me neste texto a algumas das suas contestações.

Para começar trago à luz a sua explicação sobre alguns aspectos do pensamento dos deterministas biológicos (*ibid* 4,17):

[...] as normas compartilhadas, bem como as diferenças sociais e econômicas existentes entre os grupos humanos – principalmente de raça, classe e sexo – derivam de distinções herdadas e inatas, e que, nesse sentido, a sociedade é um reflexo fiel da biologia”.

[...] as pessoas das classes mais baixas são construídas de um material intrinsecamente inferior (cérebros mais pobres, genes de má qualidade, ou o que quer que seja).

São idéias que pretendem justificar a inserção de um indivíduo na estratificação social de sua sociedade ou mesmo de um povo na estratificação social global, a partir dos temperamentos individuais, dos graus de desenvolvimento (na concepção ocidental) ou de outros signos que possam aparentemente comprovar o nível de superioridade ou inferioridade (sempre na perspectiva de quem os vê).

Esse autor mostra a sustentação da hierarquia racial sob dois pilares: o primeiro, a *monogenia*. Defendia a idéia da origem humana proveniente de uma só fonte, Adão e Eva, o mito judaico-cristão, descrito na Bíblia. Por esse viés, a diversificação das raças é consequência da degeneração humana no Paraíso, em menor intensidade entre os brancos e em maior intensidade entre os negros. O fator climático foi apontado como principal causa da diferenciação racial. A versão degeneracionista tornou-se uma idéia bastante disseminada, mesmo porque não contrariava o que diziam as Escrituras Sagradas. Vale registrar que a religião, à época, exercia maior poder que a ciência na legitimação da ordem social. O segundo pilar, representado pela *poligenia*, ignorava a versão bíblica e explicava a diversidade humana como espécies biológicas separadas e advindas de mais de um Adão. Para os partidários desta idéia, os negros eram considerados outro tipo de vida, não participando, portanto, da “igualdade do homem” (*ibid* 26-27,62)¹³⁴.

¹³⁴ Fry (2005:107,114-115) conta que um bispo de uma igreja cristã em Moçambique apresentou-lhe uma versão poligenista do livro do *Gênesis*. Interpretava que os negros e brancos foram criados por Deus separadamente, “condenando os primeiros a uma vida assolada pela ambição e pela inveja, manifestadas e postas em prática por meio do feitiço e da ação de ‘espíritos revoltados’”. Argumentou que Deus criou o homem duas vezes: primeiro criou o homem (*Gênesis* 1:26) e somente depois criou Adão e Eva no Jardim do Éden (*Gênesis* 2:8 e 21-25). Os

O principal porta-voz da poligenia nos EUA chamou-se Agassiz¹³⁵. Contrário à escravidão sem pôr em dúvida a hierarquia racial. Defende que o relato bíblico referente a Adão dá conta apenas da origem dos caucásicos, estando os negros excluídos. Ainda assim insiste na criação separada das raças, apesar de todos os homens se unirem por uma estrutura comum e por um vínculo de afinidade. Esta posição não o impede de aceitar a hierarquia das raças onde insere o negro no último degrau. Até a forma de educá-los – diz – deve respeitar suas habilidades inatas, ou seja, o trabalho manual, diferentemente dos brancos que devem ser educados para o trabalho intelectual, em virtude de sua habilidade específica. Nega ao negro qualquer possibilidade de lhe ser concedida igualdade social – deve sempre viver sob controle e restrições –, pois entende que o contrário pode enfraquecer a raça branca. Posiciona-se também contrário à miscigenação racial, uma vez que, no seu entendimento, esta debilitaria a raça branca que para conservar o seu vigor deveria isolar-se. Atribui à herança negra qualquer elemento que considere degeneração humana, como debilidade de caráter, física, intelectual etc., fazendo, sim, a apologia da raça branca atribuindo-lhe virilidade por descender de “nações consangüíneas”. Quanto aos mulatos com “seu físico doente e sua fecundidade debilitada”, achava que sumiriam quando libertos da escravidão, pois já não poderiam fazer

primeiros homens criados eram negros e Adão e Eva eram brancos. Explicou que “a serpente simbolizava os primeiros homens negros que sabiam muito bem se multiplicar. O homem negro levou uma criança no colo para mostrar a Eva. Ela, curiosa, quis saber como fazer uma coisa tão bonita. O homem negro/serpente ensinou-lhe. Em seguida, Eva ensinou a Adão e os dois foram expulsos do Jardim por um Deus furioso. O primeiro filho de Eva, Caim, fruto da sua primeira experiência sexual com um homem negro, nasceu, evidentemente, “misto”, mulato. O segundo, Abel, branco. O primeiro era sovina e ofereceu um sacrifício pequeno a Deus (o bispo utilizou o termo ‘cerimônia’ para evocar os ritos religiosos africanos contemporâneos), enquanto seu irmão Abel foi generoso. Deus favoreceu o segundo, que foi morto pelo irmão mulato por ciúme. Rejeitado e expulso pelos pais, Caim saiu para morar com os negros, parentes do seu genitor. Seus descendentes são os profetas. Em seguida nasceu Seth, que, mantendo relações sexuais com suas irmãs, tornou-se o antepassado de todos os brancos”. Esse mito, comenta Fry, legitima a ordem social vigente naquela localidade.

¹³⁵ Louis Agassiz (1807-1873), criacionista e anti-evolucionista. “...grande naturalista suíço, conquistou sua reputação na Europa principalmente por ter sido discípulo de Cuvier e pelo seu trabalho como estudioso de peixes fósseis. Na década de 1840, emigrou para os Estados Unidos e isso imediatamente elevou o prestígio da história natural americana. Pela primeira vez, um grande teórico europeu se interessava tanto pelas possibilidades oferecidas pelos Estados Unidos a ponto de se estabelecer no país. Agassiz tornou-se professor de Harvard, onde fundou e dirigiu o Museu de Zoologia Comparada, cargo que ocupou até sua morte em 1873)” (*ibid* 30).

“Georges Cuvier, unanimemente aclamado na França como o Aristóteles de sua época, um dos fundadores da geologia, da paleontologia e da moderna anatomia comparativa, referia-se aos nativos africanos como ‘a mais degenerada das raças humanas, cuja forma se aproxima da do animal e cuja inteligência nunca é suficientemente grande para chegar a estabelecer um governo regular’” (*ibid* 25). No Brasil, Agassiz apresentou argumentos ao Imperador a fim de justificar “a necessidade de ‘uma melhor classe de brancos’ para povoar o Amazonas. Destilou críticas aos portugueses quanto à sua adaptabilidade e degeneração, ao se misturarem com os povos por eles colonizados e assimilarem comportamentos ‘selvagens’. O que não aconteceria, segundo ele, com os ingleses e americanos, os quais poderiam até ser injustos com os índios, mas não se degradavam ao nível dos portugueses” (VIEIRA *apud* AQUINO 2001:41).

“cruzamentos antinaturais”. Embora poligenista convicto, nunca captou dados que respaldassem sua teoria (*ibid* 30,33-38).

Diante de suas idéias e pela sua importância, pode-se imaginar a sua influência nos meios intelectuais. Segundo Gould (*ibid* 30), os círculos sociais e intelectuais foram bastante receptivos a Agassiz, que tinha não só qualidades sedutoras, mas também entusiasmo com a ciência e apresentava grande capacidade para tornar a biologia americana prestigiada no século XIX.

Outro fiel à *poligenia* foi Morton¹³⁶, empírico dessas idéias pela sua coleção de mais de mil crânios humanos. Tinha objetivo definido: provar a hierarquia racial a partir das características físicas do cérebro, em particular do seu tamanho. Defendia a idéia de que determinadas raças humanas – sobretudo aborígenes australianos e caucásicos – dificilmente teriam herdeiros férteis. Explicava essa provável infertilidade pelo que chamou “disparidade da organização primordial”. Demonstrou “objetivamente a hierarquia das raças”, a partir do exame de desenhos do Antigo Egito. Ao ver servos serem sempre representados por negros, conclui que sua posição social correspondia ao seu papel biológico, sem levar em conta que esses negros haviam sido aprisionados na guerra o que os levava a condição de escravos (*ibid* 39-41).

Sua importância, no entanto, está diretamente ligada ao seu estudo dos crânios. Como a cavidade craniana revela o tamanho exato do respectivo cérebro, Morton estabeleceu a hierarquia das raças pelo tamanho médio do cérebro. E o fez reproduzindo os preconceitos em vigor na maior parte da população norte-americana da sua época: brancos no patamar mais alto, índios na parte intermediária e os negros abaixo dos dois. Entre os brancos identifica também uma hierarquização: teutônicos e anglo-saxônicos acima, judeus no meio, indianos abaixo. Em realidade, tanto a posição social quanto o acesso ao poder nos EUA reproduziam essa classificação, a qual atribuía diferentes méritos a cada raça (*ibid* 41-42).

Gould (*ibid* 43,58-59) desconstrói a cientificidade de seus dados mostrando-os como um conjunto de fragmentos falsos que se propõem, sobretudo, a testar crenças previamente existentes. Ainda que não encontre em Morton indício de deliberada manipulação de dados, refuta-o, expondo-o sob quatro perspectivas: a primeira é que naqueles estudos encontra desencontros tendenciosos e o uso de critérios desiguais, ou seja, ora inclui ora elimina amostras parciais de maneira que as médias dos grupos possam adaptar-se às expectativas dos resultados. A segunda é o direcionamento da subjetividade para se obter

¹³⁶ Samuel George Morton, aristocrata, médico famoso e cientista da Filadélfia (*ibid* 39).

resultados preconcebidos. Ou seja, as diferenças encontradas nos resultados das medições serviam sempre para ratificar preconceitos correntes. A terceira se refere à omissão de procedimento, pois se as diferenças de capacidade craniana eram iguais às diferenças inatas de habilidade mental, nunca foram feitos cálculos onde fossem levados em conta o sexo ou a estatura, por exemplo. Às vezes incluía elementos que apenas o ajudavam a comprovar o que ele queria. E a quarta e última trata-se de convenientes erros de cálculo e omissões que sempre favoreciam as próprias idéias de Morton.

O confronto entre os monogenistas e poligenistas foi amenizado pela suplantação do criacionismo pelo evolucionismo, este com uma amplitude que lhe dava um perfil monogenista e racista, ainda que os monogenistas continuassem a aplicar uma taxonomia às raças de acordo com seus aspectos mentais e morais, e os poligenistas passassem a absorver a idéia de um ancestral único, mas que as diversas raças, por estarem separadas por longo tempo, desenvolveram diferenças de inteligência e de talento legados aos seus descendentes (*ibid* 65).

O que se deduz é que o século XIX foi povoado de estudos que se propuseram a demonstrar a origem das diferenças. A craniometria constituiu naquele século, a ciência numérica que mais subsidiou o determinismo biológico (*ibid* 9). E a tentativa foi de combinar números com rigor para se ter respostas precisas. Unir evolução e quantificação contribuiu para a primeira teoria racista “científica” amplamente aceita. Isto se ciência for aceita como abundância de números. E essa objetividade confirmava os preconceitos introjetados na sociedade da época: “os negros, as mulheres e os pobres ocupam posições inferiores graças aos rigorosos ditames da natureza” (*ibid* 66).

Galton¹³⁷(*ibid* 67-69) afirmou-se um dos adeptos incontestes da medição. Baseava-se sempre nas peculiaridades e engenhosidade dos seus próprios métodos. Era convicto de que quase tudo que se poderia medir era hereditário e afirmava que essa medição seria a base do estudo científico. Propôs-se a fazer um “mapa da beleza” das Ilhas Britânicas a partir dos seus próprios valores do que é ser belo. Noutro momento quantificou o aborrecimento a partir de sinais de inquietação. Fixou-se no caráter hereditário da inteligência utilizando-se da medição de crânios e corpos. Asseverou que não somente o caráter mas também a capacidade de trabalho era tão hereditário quanto qualquer outra faculdade do indivíduo.

¹³⁷ Francis Galton (1822-1911), primo de Charles Darwin, rico, independente, pioneiro da moderna estatística, achava que tudo poderia ser medido; inventou o termo “eugenia” (*ibid* 66-67).

Bean¹³⁸ foi mais um estudioso que investiu nas cifras. Assim como outros o fizeram, seus números se prestavam a ratificar seus próprios preconceitos. Deteve-se especialmente no corpo caloso¹³⁹. Com base no que a craniometria defendia¹⁴⁰ hierarquizou as raças a partir dos tamanhos relativos das partes que formam o corpo caloso. Expôs seus preconceitos como verdades científicas. Como resultado, classificou o negro de afetuoso, emocional, exibicionista, sem gosto e sem capacidade artística, bom artesão e trabalhador manual, de caráter instável, sem domínio próprio principalmente no tocante às relações sexuais, presunçoso. Justificava todas essas “qualidades” pelo tamanho da parte posterior do cérebro (grande) e a anterior (pequena). Suas idéias tiveram alcance público através de publicações técnicas¹⁴¹ (*ibid* 69-72).

Gould (*ibid* 74) tem suas próprias teses para contraditar trabalhos dessa ordem. A primeira é que os trabalhos que refletem a posição dos “racistas e sexistas científicos” infligem a um grupo já à margem, a pecha de inferior. Justificam assim que a situação desses grupos na sociedade reflete a própria natureza. A segunda é que as conclusões a que chegam não se originam de exames de grande quantidade de documentos, mas dos seus próprios preconceitos que antecedem quaisquer conclusões que poderiam ser consideradas científicas. A terceira é que “a autoridade dos números e dos gráficos não aumenta com o grau de exatidão da medição, com o tamanho da amostragem ou com a complexidade de elaboração dos dados”. E a quarta é que a craniometria ultrapassou as fronteiras acadêmicas e passou a ser de domínio público na imprensa popular. As idéias eram absorvidas sem que fosse consultada a documentação original, ou seja, se distanciavam cada vez mais da sua gênese e, portanto, davam lugar a especulações diversas. Mall¹⁴² suspeitou dos resultados da pesquisa de Bean e refez o seu caminho metodológico encontrando discrepâncias que colocavam por terra aquele trabalho. Eliminou um dogma em construção, mas em compensação recomendou “a supressão do direito de voto dos negros por causa da sua estupidez inata”.

¹³⁸ Robert Bennett Bean, médico da Virgínia publicou um artigo onde comparava cérebros de negros e brancos dos Estados Unidos (*ibid* 69).

¹³⁹ “Uma estrutura interior do cérebro que contém um conjunto de fibras através das quais são conectados os hemisférios direito e esquerdo”.

¹⁴⁰ “As funções mentais superiores localizam-se na parte anterior de cérebro e as capacidades sensorimotoras na posterior”.

¹⁴¹ Em 1907, a *American Medicine* dedica-lhe um editorial onde registra o fracasso das escolas negras de nível superior, compara o cérebro do negro ao de um cavalo, alerta para os partidos políticos reconhecerem o erro da igualdade humana e conclama a todos a corrigirem o erro eliminando a ameaça à prosperidade uma vez que “uma larga fatia do eleitorado [é] carente de cérebro” (*ibid* 69-72).

¹⁴² Franklin P. Mall, mentor de Bean na Johns Hopkins University (*ibid* 72).

Broca¹⁴³, um dos mais importantes defensores do volume do cérebro como elemento distintivo do grau de inteligência do ser humano e assim estabelecer o valor de cada raça, era taxativo ao afirmar a superioridade dos adultos sobre os anciãos, do homem sobre a mulher, dos homens eruditos sobre os medíocres, das “raças superiores sobre as inferiores”. Associava o tipo de rosto projetado para a frente (prognático), a cor da pele escura e o cabelo crespo com a inferioridade intelectual e social em contraste com o rosto reto (ortognático), a cor da pele clara e o cabelo liso com superioridade intelectual e social. E assinalava que o primeiro grupo nunca teve capacidade de subir na escala da civilização (BROCA *apud* GOULD 1999:76). Rigoroso no seu trabalho analisou sistematicamente os métodos dos que o antecederam para estabelecer a capacidade craniana. No método que desenvolveu começava pelas conclusões, em seguida chegava às idéias hegemônicas entre os indivíduos brancos do sexo masculino que naturalizavam o fato de eles próprios ocuparem posições mais elevadas na sociedade e de as mulheres, os negros e os pobres, se situarem em posição mais baixa. Embora Gould reconheça a fidedignidade dos dados usados por Broca, afirma que este o fez seletivamente com o intuito de reforçar suas idéias prévias sobre o assunto. Os fatos eram usados como ilustrações e não como documentos ilibados. O caminho circular que seguia – conclusões, comparação das conclusões com seus dados, retorno às mesmas conclusões – aliava a aprovação da ciência e o prestígio dos números. Critica-o, no entanto, por “fazer passar por objetividade o que é apologia” (*ibid* 77-78).

4.3 Racismo no Brasil

Após a 2ª Guerra Mundial, a UNESCO reuniu *experts* para discutir e elaborar documentos que pudessem: i) dar conceitos de raças e mostrar “...a não-coincidência dos grupos políticos, religiosos, e culturais com os grupos raciais”, ii) atenuar a força das classificações raciais, tratando-se de caracteres mensuráveis e iii) buscar minimizar toda relação entre grupo racial e teste psicológico. Tinha como finalidade explicar as diferenças entre os povos e a intenção de dar ênfase às explicações culturais em detrimento das explicações biológicas ou genéticas como antes (DE FONTETTE 1997:12). Diversos estudiosos brasileiros participaram desses estudos.

¹⁴³ Paul Broca (1824-1880), professor de cirurgia clínica na Faculdade de Medicina, fundador, em 1859, da Sociedade Antropológica de Paris. Fez escola e Paul Topinard foi o seu principal epígono (*ibid* 75-76).

Essa iniciativa, em 1951, resultou em estudos sociais e etnológicos e inaugurou o Programa de Pesquisas sobre Relações Raciais no Brasil¹⁴⁴. Este país era considerado como um “laboratório da civilização”. Dizia-se que poderia oferecer com o seu exemplo “a solução mais científica e mais humana para o problema da mistura das raças e das culturas”. O Brasil era considerado um caso neutro de manifestação do preconceito racial e seu modelo poderia servir de inspiração para outras nações onde as relações raciais eram menos “democráticas”. Esse Programa reconhecia mesmo as profundas desigualdades raciais e o “preconceito de cor” existentes nesse país e contemplava as expectativas dos cientistas sociais europeus e norte-americanos preocupados com as concepções ideológicas e políticas sobre raça e cultura que haviam de certa forma resultado no nazismo (SCHWARCZ 1998:265-325).

Bastide (2000) mostra que foram quatro as linhas de pesquisa perseguidas pelo Programa. A primeira sobre o Brasil rural do Norte e Nordeste, a segunda sobre mecanismos de ascensão social na Bahia, a terceira sobre a ação do componente religioso vinculado ao comportamento étnico no Recife, a quarta sobre a situação racial na capital do Brasil (na época a cidade do Rio de Janeiro) e em São Paulo. No Brasil considerado tradicional foram usados métodos de antropologia cultural e técnicas de estudo de comunidade, enquanto no Brasil moderno foram usados quadros sociológicos. Esse autor questiona se as diferentes doutrinas dos pesquisadores influenciaram os resultados de seus trabalhos e se o produto das pesquisas dos dois Brasis (tradicional e moderno) foi consequência dos diferentes métodos.

O autor em foco (*ibid*) sintetiza a conclusão dos estudos e destaca que, por vezes, elas apresentaram-se contraditórias: o preconceito de cor se identifica com o de classe; há no interior do proletariado preconceito de cor; a miscigenação comprova a ausência de preconceito; há preconceitos em tudo o que se mistura (preconceitos estéticos, sexuais, raciais); presença de discriminação, mas não de preconceito; o paternalismo como técnica de sujeitar o outro.

Fixo-me no preconceito de marca, de aparência, razão pela qual baseio-me em Nogueira (1998) para alimentar essa idéia. Cavalcanti, a autora¹⁴⁵ que faz a apresentação do livro *Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga*, de Nogueira – um dos autores convidados a participar do Programa da UNESCO –, destaca alguns aspectos da pesquisa desse autor. Primeiro é que ela desvenda o “preconceito racial de marca”, válido

¹⁴⁴ Segundo Bastide (2000), por solicitação de Artur Ramos, a UNESCO decidiu fazer uma extensa pesquisa sobre a situação racial no Brasil. O responsável pelos estudos de relações raciais naquela instituição, Alfred Métraux, decidiu que a pesquisa abrangeria “o Brasil arcaico” (onde se mantém os valores tradicionais) e o “Brasil moderno” (mais urbanizado e mais industrial).

¹⁴⁵ Livro apresentado e editado por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (NOGUEIRA 1998:9-19).

para todo o país, para em seguida mostrar que no Brasil o preconceito racial não é mais brando e nem tem efeito indireto do preconceito de classe. Trata-se de outro tipo “...diferente do ‘de raça’ e irreduzível ao ‘de classe’ – pois atingiria pessoas (negras e pardas) das chamadas ‘classes superiores’”. A sua intensidade se apresenta na proporção da variação da cor, ou seja, mais escuro mais preconceito. Ele “opera antes pela preterição que pela exclusão” e sua manifestação mostra-se “...ambivalente, pois ao fenótipo se misturam outros princípios classificatórios, tais como pertencimento de classe e a distância social, porém, diferentemente do preconceito de origem, não gera antagonismo e ódio racial profundo”¹⁴⁶. Cavalcanti registra a inovação das conclusões do autor em foco, ao antecipar-se à perspectiva antropológica contemporânea, expondo com nitidez a percepção das relações raciais como uma construção social¹⁴⁷.

Em sua pesquisa Nogueira (*ibid* 195) deixa claro que a ideologia brasileira de relações raciais se apresenta

...ostensivamente miscigenacionista e igualitária, ao mesmo tempo que encobre, sob a forma de incentivo ao branqueamento e de escalonamento dos indivíduos em função de sua aparência racial, um tipo sutil e sub-reptício de preconceito (*ibid* 196)

Por isso a realidade difere do que se afirma na linguagem corrente. Há de fato restrições à mobilidade social de negros e mulatos, humilhações e dissabores mais para negros e mulatos e que os brancos, sob as mesmas condições, estão isentos (*ibid*). Os indivíduos se classificam e são classificados pela ausência ou concentração de traços negróides, como densidade de pigmentação, contextura e cor dos cabelos, formato do nariz e dos lábios etc. (*ibid* 199).

Resume, assim, o preconceito racial no Brasil:

...como parte integrante do sistema ideológico do grupo branco, contribui para a manutenção do *status quo*, nas relações entre os elementos brancos e de cor da população, pela sua dupla atuação: 1. sobre o conceito e a atitude dos primeiros em relação aos últimos; e 2. sobre a autoconcepção e o nível de aspiração destes últimos” (*ibid* 197).

...o preconceito tende, antes, a situar os indivíduos, uns em relação aos outros, ao longo de um *continuum* que vai de extremamente “negróide”, de um lado, ao completamente “caucasóide”, de outro (*ibid* 199).

¹⁴⁶ Nogueira (1998:199) lembra que nos EUA, à época, o preconceito racial dividia a sociedade em duas, com consciência própria, “como duas castas ou dois sistemas sociais paralelos, em simbiose, porém impermeáveis um ao outro, apesar de participarem, fundamentalmente, da mesma cultura”.

¹⁴⁷ Confirmado posteriormente por outros autores a exemplo de Guimarães (1999:9,30).

É ainda Nogueira (*ibid* 200-203) quem levanta aspectos fundamentais para a compreensão do que ele chama de ideologia brasileira de relações raciais integrada pelo preconceito e pelos ideais de igualitarismo racial e de miscigenação. Em primeiro lugar registra que obstáculos se opõem à mobilidade social (objetivamente) dos que ele intitula “indivíduos de cor” e o seu desencorajamento diante da ameaça de humilhação cuja possibilidade aumenta na medida em que ele se torne mais ousado (subjetivamente). Ou, diria eu, na medida em que ele “não reconheça o seu lugar”, frase ainda hoje repetida por pessoas que mantêm um comportamento racista. O autor reconhece que pode haver uma situação inversa, de o indivíduo contra-atacar os efeitos da discriminação, mas a tendência da maioria se manifesta na auto-inibição ou na moderação no seu nível de aspiração.

Em segundo lugar, e nesse caso ele enfatiza a consciência de classe social, que seja substituída “a ideologia da ascensão social individual por uma ideologia de reivindicações de massa” e defende a idéia de que provavelmente o preconceito de cor atue como força propulsora “da integração dos elementos de cor na luta de classes”. Essa posição tem sido defendida contemporaneamente por alguns Movimentos Sociais em defesa da inserção igualitária do negro na sociedade brasileira.

Em terceiro lugar, a ideologia brasileira dá ao “homem de cor argumentos em que basear suas reivindicações e seus protestos, nas situações em que se sente preterido” e ao mesmo tempo a opinião pública se posiciona contra manifestações ostensivas de preconceito, sobretudo quando estas não são somente formas disfarçadas de preterição, mas evidente exclusão ou sonegação de direitos (desafio aos princípios de justiça e equidade).

Uma frase de Thomas¹⁴⁸ *apud* Nogueira (1998:195) amplia o que se possa compreender sobre o racismo: “Quando os seres humanos consideram uma situação como real, ela se torna real em seu comportamento”.

O que se vê, de fato, é que entre os autores brasileiros há um certo acordo em torno de dois caminhos que os estudos sobre o racismo seguem no Brasil. O primeiro sublinha sua fragilidade ou mesmo sua inexistência; melhor explicado defende a crença numa democracia racial. O segundo reconhece uma forte presença do racismo, se bem que seja negado. Nesse caso ele se apresenta de muitas maneiras. Pode-se, por exemplo, não admitir que se é racista, mas que o outro o é (o que manifesta ou o que recebe o impacto). Ao lado de um racismo explícito há também um “racismo silencioso”. Os séculos de escravidão deixaram

¹⁴⁸ Autor clássico da sociologia da chamada Escola de Chicago, que desenvolveu o conceito de “*definição de situação*” (*ibid* 195).

marcas indestrutíveis. Com efeito, ele se manifesta sob não importa qual forma e à sua origem de ordem biológica incorporam-se algumas vezes *status* e classe social.

Mas é bem evidente a desigualdade da inserção da população negra na sociedade com relação à população considerada branca. A precariedade da inserção da população negra se revela, por exemplo, no mercado de trabalho. Se se compará-la com a população branca observa-se que ela tem mais desempregados, ela é mais presente nos trabalhos menos protegidos, ela tem salários mais baixos, ela tem menos acesso aos cargos de chefia, seu Índice de Desenvolvimento Humano – IDH¹⁴⁹ é mais baixo. Esses são sintomas de uma doença que ainda não foi extirpada do corpo da sociedade. Na raiz dessas constatações há toda uma razão histórica que não se constitui objeto do meu trabalho.

O Obreiro Walter conta uma pequena ocorrência, anterior à sua entrada na igreja Internacional da Graça de Deus e que dá a dimensão, na prática, desse preconceito:

- Quando eu era mais jovem – porque eu andava com meus amigos –, na hora da balada, quando eu ia chamar uma menina pra dançar, só em pensar que a gente via aquela discriminação, só no olhar [...], a menina não dava atenção [...]. E quando ia chamar pra dançar aí é que era um fora que levava. [...] Eu acredito que sim, que era preconceito¹⁵⁰.

4.3.1 Estudos recentes sobre discriminação racial

¹⁴⁹ “O IDH é um indicador que sintetiza três variáveis básicas: renda, longevidade e alfabetização. O índice varia entre 0 e 1. Quanto mais próximo de 1 maior é o desenvolvimento humano do país. [...] Segundo dados de 1998, o valor do IDH para o Brasil foi calculado em 0,748, o que lhe dá o 74º lugar no *ranking* mundial. Este índice coloca o Brasil entre os países de desenvolvimento “médio-alto”. Quando o IDH brasileiro é desagregado pelas populações brancas e negras, encontram-se valores muito diferentes o que atesta, mais uma vez, a desigualdade racial no Brasil. O IDH da população branca brasileira chegou a 0,796. Se se considerar somente essa parcela da população, o Brasil estaria em 48º lugar no mundo, classificado entre os países de desenvolvimento humano médio-alto. Os brancos brasileiros, em média, estão mais próximos de populações que têm IDH alto, que têm os índices de 0,800, no mínimo. Por outro lado o IDH da população negra brasileira foi calculado em 0,680. Se se considera somente essa parte da população, o Brasil cairia para a 108ª posição e seria classificado entre os países de desenvolvimento humano médio-branco” (DIEESE 2002:9).

Em 2003 o Brasil ocupava o 65º lugar no *ranking* mundial (<http://noticias.terra.com.br/Brasil/galeria>).

Atualizando esses dados, se em 2005 se fizesse a desagregação em população branca e população negra no Brasil, a primeira estaria no 44º do ranking mundial do IDH e a segunda em 105º lugar (FINOTTI 2005:27). Sem uma análise mais profunda há indícios de melhoras nas duas posições se comparadas às de 1998.

¹⁵⁰ A resistência à participação do homem de cor em algumas atividades da sociedade já havia sido registrada por Nogueira (1998:201) como resultado de sua pesquisa em Itapetininga/São Paulo (Projeto UNESCO). Em ordem decrescente: maior restrição ao casamento com pessoas de cor branca, preterição em associações recreativas e por último em associações religiosas.

Assim começa o texto do IBGE (www.ibge.org.br)¹⁵¹ em que divulga o estudo especial da Pesquisa Mensal de Emprego¹⁵² sobre Cor ou Raça, referente ao mês de setembro de 2006:

População declaradamente preta e parda tem menos escolaridade e um rendimento médio equivalente à metade do recebido pela população branca, na média das seis regiões metropolitanas investigadas pela Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE. Já a taxa de desocupação dos pretos e pardos (11,8%) é superior à dos brancos (8,6%).

No que se refere à educação os pretos e pardos têm, em média, 7,1 anos de estudo, enquanto a população branca tem, em média, 8,7 anos de estudo. Dos que estão com mais de 18 anos de idade, na população branca, 25,5% freqüentavam ou já haviam freqüentado cursos de nível superior, enquanto pretos e pardos contabilizavam apenas 8,2%. O estudo revela que nesse item houve uma evolução entre os pretos e pardos, pois em setembro de 2002 apenas 6,7% estavam nessa condição.

Entre os que procuram trabalho os pretos e pardos estão na dianteira. Mesmo somando 42,8% da população em idade ativa, representam 50,8% da população desocupada, em busca, portanto, de colocação no mercado de trabalho.

Entre os que estão empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado, ou seja, com maiores proteções legais e melhores remunerações, somam 59,7% os brancos e 39,8% os pretos e pardos. Os brancos estão também à frente entre os empregados sem carteira assinada (54,5%) e trabalhadores por conta própria (55,%). Enquanto os pretos e pardos respondem por 57,8% dos trabalhadores domésticos. Em realidade, o estudo registra que os trabalhadores brancos constituem maioria em todas as categorias de ocupação, tanto nas regiões de maioria branca como nas regiões de maioria preta e parda.

Quando o assunto é rendimento médio recebido o dos brancos dobra com relação ao dos pretos e pardos. Estes últimos recebem 51,1% do que os brancos recebem. A desigualdade se revela inclusive “dentro do mesmo grupamento de atividade, ou da posição na ocupação ou de faixa de escolaridade”.

Pesquisa realizada em São Paulo, pela Secretaria Estadual de Saúde, concluiu que a AIDS mata duas vezes mais negros do que brancos. Mostra ainda que a taxa de mortalidade

¹⁵¹ Acesso em 19.11.2006.

¹⁵² A pesquisa restringe-se à PIA – População em Idade Ativa, que inclui a população com 10 anos de idade e mais. FONTE: IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego.

de gestantes negras é seis vezes maior que as de cor branca. Os homens negros morrem três vezes mais que os brancos em virtude do alcoolismo. Morrem também mais por razões violentas, como homicídio causado por arma de fogo. Algumas doenças como tuberculose, diabetes, hipertensão, contribuem também como causa de morte de maior quantidade de negros que de brancos. O pesquisador Luís Edivaldo Batista identifica nessas diferenças causas sociais e não diferenças biológicas (BRITO 2005).

Na cidade do Recife, estudo epidemiológico realizado pela Secretaria de Saúde, mostra que morrem mais negros que brancos e amarelos, levando-se em conta as principais causas de óbito entre a população. 84,3% dos óbitos por violência ocorreram entre a população negra e 12,6% entre a não-negra. A gerente operacional de Informações e Mortalidade da Secretaria de Saúde, Sony Santos, explica essa disparidade pelo poder aquisitivo menor e por habitarem áreas consideradas mais vulneráveis para violência, além de ter menos acesso à informação sobre a prevenção em saúde. Outro fato é que proporcionalmente morrem mais crianças, adolescentes e adultos negros que os não-negros, resultado que se inverte na população acima de 60 anos (*Diário de Pernambuco* 2006).

Tais pesquisas são citadas para que se confirme a situação da população negra no Brasil. Não desço a análises mais profundas, limito-me a registrá-las como forma de se ter uma idéia aproximada do que se passa no Brasil e quais são os resultados dos estudos.

4.4 Ações minimizadoras do racismo

O racismo, no Brasil, é proibido por lei. A Constituição brasileira classifica-o como crime inafiançável. Segundo Maggie e Fry (2002:167-182), na *II Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância*¹⁵³, a delegação oficial brasileira propôs, entre outras ações de “‘tratamentos preferenciais’ em benefício da ‘população afro-descendente’ [...], o reconhecimento oficial da legitimidade de reparações minimizadoras dos efeitos da escravidão e a criação de quotas para negros nas universidades públicas”. Paralelamente o governo anunciava que 20% das funções no serviço público estavam reservadas aos negros. O Estado do Rio de Janeiro instaurou uma quota de até 40% das vagas nas duas Universidades para a população negra e mestiça. O estudo desses autores mostra que muita gente desaprovou essa decisão. As questões são sempre as mesmas: Quem são os brancos? Quem são os negros? Quem são os mestiços? Ou

¹⁵³ Realizada em 2001, na África do Sul (Durban).

como estabelecer fronteiras no heterocromatismo brasileiro? Se bem que a maior parte dos estudos considera um mito o que se chama de “democracia racial” brasileira, não se pode conceber uma dicotomia rígida: de um lado os brancos, do outro lado os negros. Esta não é uma realidade brasileira.

Os debates e os estudos sobre o racismo se intensificaram, sobretudo a partir do crescimento dos Movimentos Sociais identificados com a questão dos negros no Brasil, bem como pela presença cada vez maior de intelectuais negros que são, ao mesmo tempo, militantes de ditos movimentos. Não por acaso o presidente do IBGE¹⁵⁴ informou em entrevista na televisão – em 2003 – que há um sensível aumento nos números da população que se declara negra neste país. Explica que esse aumento tem sua origem nas ações dos movimentos de valorização dos negros, que lutam por igualdade e que lhes dá orgulho de serem negros.

4.4.1 Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR

O Governo Federal, na primeira gestão do Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva – 2003-2006 –, criou a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR¹⁵⁵, com *status* de Ministério, apresentada como “um desafio combinado com conquista, visto ser a primeira resposta efetiva oferecida por um governo a uma antiga formulação do Movimento Negro, no sentido da implementação de uma política de promoção da igualdade racial”. Essa Lei reconhece do “papel Estado na promoção da igualdade racial” e ao mesmo tempo a sua ação indutora na participação de outros agentes sociais. Ao lado da oficialização do ato foi estabelecida a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial, cujo objetivo “consiste em reduzir as desigualdades raciais no Brasil, com ênfase na população negra”. As ações que operacionalizam essa Política se propõem a: i) implementar “um modelo de gestão da política de promoção da igualdade racial”; ii) apoiar as “comunidades remanescentes de quilombos”; iii) estabelecer “ações afirmativas”; iv) promover o “desenvolvimento e inclusão social”; v) incluir o tema nas “relações internacionais”. Pretende por meio desse instrumento político reverter “os efeitos perversos de séculos de discriminação” da população negra brasileira, resultante de “400 anos vividos sob

¹⁵⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

¹⁵⁵ Medida Provisória nº 111, de 21 de março de 2003, convertida na Lei nº 10.678, de 13 de maio de 2003.

o regime de escravidão e apenas 115 anos de liberdade – ao menos formal – ...” (*Política Nacional...*). A criação da SEPPIR veio ao encontro das aspirações dos Movimentos Sociais.

4.4.2 Ações Afirmativas

Na opinião de José Vicente¹⁵⁶, presidente da ONG Afrobras, cuja finalidade é a de “buscar o desenvolvimento social dos negros”, não há interesse das universidades em reduzir as desigualdades sociais. Essa idéia o levou a fundar a faculdade Zumbi dos Palmares, em 2002, no centro de São Paulo, com o intuito de “oferecer ensino superior a afrodescendentes, para que eles próprios [negros e pobres] busquem mecanismos que permitam uma ascensão social” (TAKAHASHI 2005).

A faculdade já conta com 650 alunos, dos quais 87% afrodescendentes e, segundo o reitor, é “a primeira da América Latina a ter mais de 80% de alunos negros”. Ela reserva 50% das vagas aos que se autodeclaram afrodescendentes e se a cota não for preenchida usa o “sistema universal”, ou seja, preenche com alunos de fenótipos diversos (*ibid*).

Reservar cotas em universidades tem criado muita celeuma. Tanto entre o público em geral quanto entre intelectuais. Os argumentos convergem em duas direções: i) se se quer privilegiar os negros menos favorecidos haverá injustiça com os brancos pobres; ii) melhor seria investir na educação das classes mais pobres onde os negros são mais numerosos. Nesse caso, somente em “três decênios brancos e negros serão iguais no que concerne ao ensino...”. Esta é a opinião de dois antropólogos, Maggie e Fry¹⁵⁷. Observam-se as dificuldades de se encontrar soluções de igualdade sobre as desigualdades construídas pela sociedade brasileira.

Esse tema tem criado algumas polêmicas públicas, inclusive entre estudiosos. Acirrou-se quando veio à luz a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial cuja previsão era a de destinar 20% das vagas para negros em cargos em comissão e assessoramento de nível superior na administração pública (meta que seria aumentada para 50% na área do Governo Federal) e “reserva de 50% das vagas nas universidades federais destinadas a alunos que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas”. Propôs ainda, para a valorização da

¹⁵⁶ Formação superior em direito e em sociologia, e reitor da faculdade Zumbi dos Palmares.

¹⁵⁷ “A partir das projeções do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)” afirmam eles, “e o ensino brasileiro continuar a progredir no mesmo ritmo de hoje, dentro de 13 anos os brancos atingirão a média de 8 anos de estudos, enquanto os negros somente chegarão a esse número daqui a 32 anos. Somente em três decênios, portanto, brancos e negros serão iguais quanto ao ensino e em condições de disputar de modo equitativo um lugar no ensino superior público. Assim o Brasil seria obrigado a suportar a perda dos talentos de quase totalidade de mais de uma geração de jovens negros” (Ant-Br-Forum Internet d’Anthropologie du/au Brésil, <http://listhost.uchicago.edu/mailman/listinfo/na.br>) (MAGGIE e FRY 2002:175).

“herança cultural e a história do País”, a presença nos meios de comunicação de “imagens de afro-brasileiros não inferior a 20% dos figurantes” (<http://ultimosegundo.ig.com.br/matérias/Brasil>)¹⁵⁹.

Com relação não somente ao projeto da Lei de Cotas, mas também do Estatuto da Igualdade Racial, surgiram dois manifestos assinados por intelectuais. Um “contra”, alerta para um possível acirramento da tensão entre os diferentes fenótipos da população brasileira e para o perigo da oficialização da invenção das raças. Na opinião dos signatários isso pode “semear esse perigoso tipo de racismo, como demonstra a história, e bloquear o caminho para a resolução real dos problemas da desigualdade”. Um dos que assinaram o manifesto “contra” foi Peter Fry¹⁶⁰. Este “aponta para uma evolução positiva do negro na nossa sociedade” e defende a idéia de uma campanha intensa anti-racista nas escolas, além da produção de material que dê ênfase às igualdades e não sobre “a suposta diferença” (STRECKER 2006).

O manifesto “a favor” defende, entre outras, a idéia de que a Lei e o Estatuto corroboram as decisões tomadas em Durban, evitam a condenação de “uma geração inteira de secundaristas negros a ficar fora das universidades”, além de as universidades estarem cumprindo sua “função republicana em uma sociedade multiétnica e multirracial”. Um dos signatários, Luis Felipe de Alencastro¹⁶¹, afirma que esse debate chega ao Brasil com muito atraso. Questionado se isto não provocaria tensão e conflito, mostra que estes já estão presentes todo o tempo na sociedade brasileira. Basta contabilizar as “vítimas da polícia nos ataques recentes em São Paulo [15/5], eram jovens e negros” (*ibid*).

Tratar de desigualdades torna-se sempre polêmico, mas todo essa discussão e arcabouço aqui comentados têm frágeis rebatimentos na igreja que estudei mais amiúde a fim de compreender as relações raciais.

Em algumas entrevistas, ao introduzir o tema ações afirmativas, as reações foram:

Pastor Alonso: - *É válida, mas depende das intenções. Se for uma atitude só para se posicionar politicamente, sou contra.*

Obreiro Walter: - *Eu acho que só vai complicar mais. [...] ...tem que deixar do jeito que está se não vai virar mais confusão ainda. [...] Na verdade se todas as pessoas se convertessem e buscassem a Deus, a Palavra [...] não era necessário ter advogados, juízes. [...] ...tem que juntar um ao outro, ter amor um pelo outro.*

¹⁵⁸ Acesso em 04 de julho de 2006.

¹⁵⁹ Acesso em 04 de julho de 2006.

¹⁶⁰ Presente na Bibliografia desta Tese.

¹⁶¹ Professor titular de história do Brasil na Universidade de Paris-Sorbonne e autor de “O Trato dos Videntes” (STRECKER 2006).

CAPÍTULO 5 - O EXERCÍCIO RELIGIOSO NA COMUNIDADE NEO-PENTECOSTAL

Para o estudo dos sistemas religiosos, a recomendação de Radcliffe-Brown é fazê-lo observando os rituais. Para ele, “no empenho de compreender uma religião, devemos primeiro concentrar atenção mais nos ritos que nas crenças”. O que equivale a dizer que “a religião podia ser mais rigorosamente observável na conduta ritual por ser esse ‘o elemento mais estável e duradouro’, se a compararmos com as crenças” (RADCLIFFE-BROWN *apud* CARDOSO DE OLIVERA 1998:22).

Referir-se a ritos é também recorrer mais uma vez a Giumbelli (2003:211) que, ao analisar a teoria de Geertz sobre religião e cultura, mostra-os como “um momento privilegiado para o estudioso, pois representa o ponto no qual os aspectos disposicionais / motivacionais e conceituais / ideacionais da vida religiosa convergem para o crente”.

Enquanto Durkheim (1996:XVI) – de quem aqui repito o que já comentei no **CAPÍTULO 2** desta Tese –, identifica nos ritos além de uma função aglutinadora, uma função estruturadora de manter os fiéis unidos entre si e sublimar, em benefício da sobrevivência do próprio grupo, a tensão que porventura possa surgir para desestabilizá-lo. É o mesmo autor (*ibid* 24) que mostra os ritos como padrões de comportamento do fiel diante do que ele considera sagrado.

Não por acaso gasto boa parte desta Tese para a descrição e comentários dos seus ritos que me conduziram a conhecer melhor o universo estudado.

5.1 O ritual

Os tipos de reuniões dessa igreja não somente variam de título, mas a sua dinâmica exige que troquem os nomes, não permaneçam sempre os mesmos apesar de não haver praticamente nenhuma mudança no seu conteúdo. Do momento que comecei a freqüentá-la até o final do meu trabalho de campo elas passaram respectivamente de “Cura Divina”, “Prosperidade”, “Busca do Espírito Santo”, “Sagrada Família”, “Libertação”, “Resposta de Deus”, “Reunião de Jovens” e “Busca do Espírito Santo” para “Cura Divina” e “Interseção”, “Prosperidade”, “Família”, “Causas Impossíveis”, “Libertação Total”, “Resposta de Deus”, “Louvor Jovem”, “Louvor e Adoração”.

As mudanças em alguns títulos – não ocorreram em todos – não resultaram necessariamente em mudanças nos conteúdos das reuniões. A cada uma delas o ritual se repete, dando-lhes um formato semelhante. Assim, a seqüência das reuniões, salvo em raríssimos casos como em dias especiais de festas, segue a seguinte trajetória:

- Entrada “triunfal” do Pastor, emitindo um sonoro cumprimento aos presentes, que respondem com o mesmo entusiasmo enquanto se põem de pé.
- Orações alternadas com vários cânticos. O Pastor canta ora sozinho, ora acompanhado pelo conjunto musical, ou o próprio conjunto musical lidera os cânticos.
- Aplausos. Estes sempre acontecem após algumas orações, alguns cânticos, algumas prédicas. É dito que são aplausos para Jesus.
- Leitura bíblica. Esta nem sempre acontece como simples leitura, quase sempre vem acompanhada de interpretações gestuais e de uma tradução para uma linguagem mais simples, mais ao nível da compreensão do público.
- Prédica, mensagem ou sermão. Esta não dura menos que 60 minutos. Trata-se do que os Pastores da igreja costumam chamar “A Palavra”, e dizem eles que isto a diferencia de outras igrejas. Normalmente está plena de orientações morais, mas também espirituais.
- Orações e cânticos.
- Avisos. Quase sempre o Pastor usa um pequeno instante para falar sobre programações especiais ou para dizer qual o tema que abordará no próximo domingo, ou os temas e/ou as campanhas a serem desenvolvidas durante a semana.
- Testemunhos de bênçãos alcançadas. Estes, em geral, antecedem as Ofertas. São pessoas que querem publicamente dizer que pelo poder da determinação (que inclui a oração) conseguiram atingir uma meta desejada. Acontece mais amiúde nas reuniões da Cura Divina, da Prosperidade, das Causas Impossíveis, da Libertação Total, Resposta de Deus. Mas aos domingos, de vez em quando também acontece, sobretudo quando se trata de alguém aparentemente de classe média que sabe falar mais corretamente.
- Ofertas. Esse é um dos momentos mais importantes da reunião. Antecede-o toda uma preparação para sensibilizar as pessoas a assumirem a responsabilidade do sustento da igreja. O tempo é elástico. É nesse momento que são oferecidos “presentes” em troca de dinheiro, os fiéis são estimulados a dar a melhor e maior oferta que tiverem; são recolhidas as primícias, os dízimos, as ofertas especiais, as ofertas da Santa Ceia do Senhor¹⁶² (**ANEXOS**

¹⁶² Para estes tipos de oferta há envelopes especiais. As primícias equivalem ao valor de um dia de trabalho (por exemplo: quem ganha R\$ 300,00 mensais, divide-os por 30 dias e oferta R\$ 10,00. Isto deve anteceder a retirada do dízimo); os dízimos representam 10% de tudo o que se recebe; as ofertas especiais podem ser dirigidas,

XII e XIII) e as ofertas livres que não dependem de envelopes. Novos envelopes para futuras ofertas também são distribuídos. Os cânticos que induzem a generosidade dos fiéis na entrega do dinheiro se fazem ouvir durante todo o momento das ofertas. E muitos aplausos ao final.

- Tudo disso deságua nos cânticos e por fim oração.

À primeira vista pensei que havia uma certa desordem no ritual dessa igreja, mas aos poucos percebi o ordenamento que se repetia e que atendia às necessidades dos fiéis.

Minhas observações encontram apoio em Durkheim (*ibid* VII) que assim se expressou quando analisou religiões que chamou de primitivas:

Certamente, quando se considera apenas a letra das fórmulas, essas crenças e práticas religiosas parecem, às vezes, desconcertantes, e podemos ser tentados a atribuí-las a uma espécie de aberração. Mas, debaixo do símbolo, é preciso saber atingir a realidade que ele figura e lhe dá sua significação verdadeira. Os ritos mais bárbaros ou mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual ou social.

No ritual, observado durante vários meses, destaco alguns aspectos que considero mais relevantes. Começo com a oração, ação que ocupa papel central, não somente no cristianismo, mas também no islamismo e no judaísmo de acordo com o já citado KÜNG (2004:250). Nessa descrição faço a vinculação aos poderes mágicos invocados por alguns Pastores.

5.1.1 Orações e Poder Mágico

As orações integram o ritual de uma maneira forte e intensa. Acontecem a todo momento. O que chama a atenção é que os dirigentes das reuniões, bem como os Obreiros e Obreiras que estão na atividade de apoio, enquanto oram, fecham e abrem os olhos várias vezes como se quisessem ver em seu entorno. Não aparentam uma introspecção durante esse ritual. Mas não somente isso. Durante a oração é comum o Pastor que está no púlpito parar a oração para falar, receber ou entregar algum objeto a outro Pastor ou fazer sinal para o Pastor responsável pela música, ou para um Obreiro. E sem que os fiéis percebam a interrupção, continua a oração.

Outro fato comum é a simultaneidade da oração dos Obreiros. O Pastor lá no púlpito ora e os Obreiros andam de um lado para outro no salão orando em voz alta, mas de

conforme alternativas inscritas no envelope, para rádio, TV, aluguel, reforma, socorro, missão; a oferta da Santa Ceia do Senhor é livre.

olhos abertos observando a platéia. Observei que isso também acontece na igreja Universal, mas não na igreja Batista.

Durante as orações alguns Obreiros conversam longamente entre eles como se não fosse um momento importante.

Todos esses fatos ocorrem num curto espaço de tempo sem que os fiéis nada percebam, pois a orientação é para que todos permaneçam de olhos fechados. Como, particularmente, tenho que estar de olhos bem abertos, toda a movimentação se desenrola diante dos meus olhos.

Ocorre também, no meio das orações, o Pastor falar diretamente ao povo e dizer para cada um fazer chegar sua voz a Deus, o que induz a todos orarem em voz alta e simultaneamente. E quando o Pastor para, todos param instantaneamente, como se houvesse uma vinculação direta com o tempo da oração de cada um com o da oração do Pastor.

Certa vez um homem, ao meu lado, de mais ou menos 65 anos, orava muito alto. Um Obreiro chegou junto dele e com jeito pediu para que ele diminuísse o volume de sua voz. Imediatamente o homem passou a orar mais baixo sem dar nenhum sinal de que a intervenção o tenha desagradado.

Adjetivar a oração de forte e sobrenatural, também é recorrente nessa igreja. O Pastor Hélio disse certa vez: - *Eu vou estar fazendo oração sobrenatural*. Seria promessa de magia, da submissão da natureza aos seus próprios poderes, aos poderes do mágico?

Outra vez vi uma mulher passar mal. Sua amiga estava preocupada. Uma Obreira foi chamada, levou a mulher para uma cadeira perto da porta, enquanto a abanava. Em seguida levou-a para perto de um ventilador dizendo-lhe que aguardasse a hora da oração. Mais uma vez a promessa de uma oração milagrosa.

O anúncio de que logo fará a oração da fé, a oração sobrenatural, bem forte, se configura sempre como algo que fará acontecer um milagre. Em outros momentos o Pastor pede que os fiéis coloquem a mão sobre o coração ou que levantem a mão direita. Tudo isso configura a eficácia objetiva de que fala Evans-Pritchard (1978a).

Essa eficácia se repete quando os Pastores resolvem impor as mãos sobre as cabeças dos fiéis, às vezes um a um passando numa fila indiana diante do púlpito ao término da reunião. Outras vezes simultaneamente para todo o público e acompanhado no gesto pelo próprio público. Os Pastores muitas vezes se emocionam e embargam a voz, enquanto colocam a mão sobre a cabeça dos fiéis e os declaram curados, abençoados, libertos do diabo.

As orações de cura não podem faltar. Vale ressaltar que essa analogia que se faz das doenças com o espírito do mal tem base neo-testamentária conforme posso citar algumas referências bíblicas¹⁶³.

Por vezes a oração de cura começa num tom suave e num crescendo chega aos berros. A música acompanha a variação tonal do Pastor e corrobora o tema: “*Milagres acontecem...*”. O Pastor grita: - *Eu amarro, quebro, determino, desmancho qualquer coisa do diabo*. Refere-se às enfermidades e a outras adversidades comuns a qualquer pessoa. No entanto ao amarrar, ao quebrar, fica evidente que essas enfermidades são originadas por outra entidade, o diabo. E continua com voz plena de ousadia: - *Nós amarramos miséria, doença, pecado, tudo, tudo. A gente vai amarrar a miséria*. Todos repetem, e tanto mais ele estimula mais aumenta o volume até que as vozes saem aos gritos. As orações também pedem pelas finanças, são contra o desemprego, por causas na Justiça e, por fim, repreendem o mal. E aí entra com o seu poder de convencimento, de magia, de domínio das divindades: - *Eu repreendo, eu anulo e cancelo toda força do mal. Espíritos do vício, das drogas, das brigas, da frigidez, do adultério, da promiscuidade. Digo à dor, sai, aos caroços, sai. Faça uma operação invisível*. Cita, então, várias doenças que são comuns e plausíveis de serem encontradas em qualquer grupo: fibroma, próstata etc. E acrescenta macumba, olho grande e noite no cemitério. A promessa de oração forte está sempre em evidência. A partir dela acena com a certeza de expulsar o capeta, Maria Padilha, exu, pomba gira etc. Expõe-se, assim, a “afinidade eletiva” com elementos da umbanda, do xangô, do catimbó, mas sempre vinculando-os ao mal. Depois grita: - *Solta, dê o fora agora, em o nome do Senhor Jesus. Sai, sai, sai e não retorne mais*. Declara-os curados e abençoados.

Normalmente essas orações são feitas de pé, mas em algumas vezes os Pastores se ajoelham e são seguidos por quase todos os fiéis.

Ao final das reuniões algumas pessoas permanecem no recinto a fim de terem orações individualizadas, a partir de problemas pessoais que contam aos Pastores, os quais quase sempre se colocam à disposição para ouvi-las e fazerem as orações.

Outro fato comum é a continuidade de oração entre os Pastores. Um começa, outro sobe ao púlpito e continua sem que abale o comportamento do fiel.

No hall de entrada, sobre um birô, um livro de capa preta – Livro da Oração – fica permanentemente. Ao chegarem ou saírem, as pessoas inscrevem seus nomes para que sejam contempladas com orações durante as reuniões, na esperança de terem seus desejos atendidos.

¹⁶³ Algumas dessas curas podem ser lidas em Mateus 4:23-25, 8:1-4, 9:19-33; Marcos 2:1-12 (*Bíblia de Estudo de Genebra* 1999:1105-1106,1110-1112,1113-1114,1149-1150).

Há uma tendência à mistificação dos poderes da oração, tendo como contrapartida a frequência à igreja, criando-se uma relação de dependência do fiel com a igreja. É como se em tudo isso houvesse um poder mágico que protegesse esse comportamento. Do ponto de vista da antropologia está claro: é a submissão das forças da natureza ou mesmo dos próprios deuses ao homem como se fosse de forma transcendental.

Ocorre de fato, em vários momentos, o anúncio do mágico. – *Quem vem à casa do Senhor volta com uma bênção*. E o Pastor entrega a mensagem sob o título *O verdadeiro alimento do crente*. Busca base em João 4:34¹⁶⁴. Em outra reunião o Pastor principal anuncia: - *Eu vou estar fazendo oração sobrenatural*. É a promessa de magia, de algo fora do comum, dos poderes talvez de mágico.

Paralelamente a igreja recusa qualquer forma de magia que não passe por ela mesma. O Pastor Helio conta que uma mulher de outra denominação recebeu instruções para fazer uma “simpatia” para reconquistar seu marido. Deveria por mel na sua cueca, colocá-la no refrigerador, partir uma maçã em quatro pedaços, escrever o nome do casal, amarrar tudo e jogar no mar. Chama tudo isso de fábula e diz que não vale nada. Não obstante, no fim da reunião, ele próprio avisa que *vai fazer uma oração para limpar a mente das pessoas*. Parece que a promessa é de uma oração que tem mais poder que as outras. E, então, está nele o poder da oração? Parece que sim, pois ele acrescenta: - *Vou fazer uma oração bem forte*.

A “oração forte” apresenta-se de forma semelhante às outras: o Pastor, com o microfone na mão, caminha de um lado para outro do palco, abre e fecha os olhos quando lhe convém e grita que *determina, ordena, impõe* que aconteça aquilo que ele está exigindo e orienta para que as pessoas repitam as palavras dele. Em seguida anuncia que fará sozinho uma oração, e a intitula *a oração do Pastor*. A ênfase à *oração do Pastor* tem um sentido valorativo, pois dá a idéia de ser mais poderosa, mais eficaz. Com essa atitude centraliza no Pastor um poder maior a ser reconhecido pelos fiéis.

Em outros momentos ele usa conceitos de outras religiões para doutrinar os seus fiéis. Registro que alguns dos meus interlocutores colocam o espiritismo, a magia e o xangô como pertencentes a uma mesma categoria¹⁶⁵. E o Pastor inicia seu sermão através de Oséias 4.6a¹⁶⁶. Quando se refere à falta de entendimento diz que alguns assim reagem às

¹⁶⁴ “Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1236)

¹⁶⁵ Esse modo de categorização Motta (2005:156) confirma ao identificar alguns aspectos das crenças umbandistas que se assemelham ao sistema de crenças dos seguidores do kardecismo, como já sublinhei no item 1.5.1 desta Tese.

¹⁶⁶ “O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1010).

adversidades da vida: - *Deus está me provando*. Ou: - *É um karma. Meu avô, meu pai já passaram por isso. É hereditário*. E afirma o Pastor Hélio que *ser provado* não é verdadeiro do ponto de vista cristão. Por outro lado, *para que haja vitória*, diz ele: - *Você se sujeita aos desígnios de Deus*.

Mas os milagres estão sempre sendo anunciados. Um dos anúncios é que no sábado próximo haverá a reunião dos Milagres Urgentes. Estes serão dirigidos a dívidas financeiras, problemas com a justiça, desunião na família etc. Ou seja, adversidades que podem fazer parte da vida de qualquer ser humano, especificamente daqueles mais carentes materialmente que não contam com o Estado suprimindo as suas necessidades ligadas aos seus direitos. Para ser aquinhado com o Milagre cada um deve escrever “a afronta” contra a qual pede uma solução de Deus. E todos recebem um papel cujo título é “Resposta de Deus” (ANEXO XIV).

5.1.2 Cânticos/Músicas

As religiões costumam utilizar os cânticos para disseminar e reforçar a sua doutrina. Os cânticos fazem parte dos ritos que fortalecem os mitos.

Nessa igreja não é diferente. Em primeiro lugar, um cântico, uma música contribuem freqüentemente para acentuar as emoções. Por exemplo, o Pastor anuncia que as pessoas vão entrar em batalha espiritual. Orienta para que pisem o mal e a doença, e coloquem a mão sobre a enfermidade. Incita-as a acreditarem. Enquanto isso o cântico entoado diz “*Vai dar tudo certo...*”.

Em outra ocasião indaga quem já é de Jesus, mas tem estado distante e quer reconciliar-se com ele. Quase todos se levantam. Durante esse apelo o tecladista toca música suave, contribuindo assim para criar um ambiente propício à reflexão pessoal.

Uma música alegre executada pelo conjunto musical, em outro momento, já não faz parte do culto, mas serve de fundo musical para as pessoas se retirarem ou ficarem a conversar em pequenos grupos.

Os cânticos também são entoados alternando-se com emocionadas orações. Eles são utilizados nos momentos do apelo à conversão e dizem “*Limpe o meu coração, Jesus...*”. Ou para reforçar certas orações “*Em tua presença, Senhor, eu quero estar e mergulhar, descansar em teus braços...*”.

Em segundo lugar, a música contribui para preparar o ambiente material e sensibilizar psicologicamente as pessoas a darem suas ofertas durante as reuniões. Trata-se da música exercendo uma função indutora na sensibilidade das pessoas. Algumas vezes, durante a oferta, ouve-se uma alegre música acompanhada pelos cantores.

Muitas vezes, enquanto o Pastor estimula os fiéis a darem suas ofertas os cânticos executados dizem¹⁶⁷:

“Pai..., derrama sobre mim o óleo precioso da unção... faz de mim verdadeiro adorador... vem ungir minha oferta de amor...”

“Eu venho trazer para meu Senhor a minha oferta de fé e de amor. Eu venho trazer, eu venho trazer pra meu Salvador. Aceita meu senhor, minha oferta de amor”

“Milagres acontecem em minha.... enquanto os anjos cantam lá na glória eu dou louvores aqui na terra...”

“Eu tenho, tenho, tenho, eu tenho fé em Jesus de Nazaré...”

“O nosso Deus é o Deus de Abraão, Isaque e Josué...”

“Quem dá com alegria irá prosperar e Jesus o abençoará... abençoando o pão de cada dia”.

“A unção de Deus chegou aqui, aonde Deus está o mal tem que sair, a unção de Deus aqui chegou...”

“De coração, dá de coração...”

A letra de cada cântico pode contribuir para abrir o coração, as bolsas e os bolsos das pessoas. O próprio Pastor diz: - *O pirangueiro canta assim: “...aceita Senhor, minha oferta eu não dou”*. Todos riem. E é sabido de todos como a música é instrumento de ratificação de doutrinas, de exacerbação de emoções, de se atingir o êxtase. Os cânticos exercem seu papel de selar a fé e confirmar cada momento do ritual.

A reação do público é sempre positiva. Envolve-se facilmente com a postura do Pastor, sobretudo quando se trata do Pastor Hélio. Este tem carisma, comunica-se com facilidade, dá a impressão de estar todo exposto para o público, pula, dança, faz gestos ilustrativos da sua própria fala, aborda assuntos que tocam de perto cada pessoa que está ali,

¹⁶⁷ Transcrevo fragmentos de alguns cânticos executados enquanto se faz o recolhimento das ofertas.

não parece ter distância do público. Pelo contrário, comporta-se como qualquer um dos que estão ali nesse momento.

Quase sempre as ofertas são pedidas depois que são dados testemunhos de vitórias alcançadas. E essa seqüência tem consequência. Todos estão com a sensibilidade à flor da pele pelos testemunhos dados, sejam de cura, sejam de bênçãos materiais alcançadas. Portanto, dá para perceber: ofertas após os testemunhos constituem uma estratégia competente e sempre dá resultados positivos. Pega todos fragilizados. Dificilmente alguém negaria uma oferta depois de receber ou ver alguém receber bênçãos.

Em terceiro lugar há divisão de trabalho nessa igreja. Um grupo musical, liderado pelo Pastor Ednaldo e formado por rapazes e moças, tem a função de não somente executar as músicas, mas também liderar para que todos os fiéis acompanhem quando for o caso. Não é sempre que acontece isto. O mais comum é o conjunto cantar.

O tipo de música tem uma diversidade limitada, mas não há melodias lentas. A maioria é bastante ritmada, às vezes acompanhada por palmas para dar uma maior dinâmica, e existe até o chamado forró santo. Coisa simples e nada incomum: melodia de forró para cantar letra evangélica. Ouvi esse tipo de música apenas uma vez enquanto estive nessa igreja. Um Pastor achando que as pessoas estavam sem muita animação pediu ao tecladista para *tocar um forró santo para que as pessoas se alegrassem e se mexessem*. E realmente funcionou. As pessoas começaram a balançar seus corpos ao ritmo da música, mas não conheciam a letra para cantá-la.

5.1.3 Prédicas e frases recorrentes

Ao abordar o tema cultura, Geertz (1989:56-58,61,105-106,108,143) o faz mostrando que ela é transmitida através de padrões, como se fossem gabaritos que modelam o comportamento público do indivíduo. Chama-os de “mecanismos de controle”. Essa espécie de programa reconhece os “símbolos significantes”. Transpõe, então, essas idéias para a religião como um sistema de símbolos que estabelece “disposições e motivações” no homem. Símbolos esses que podem abranger atos, objetos, acontecimentos, relações, desde que constituam elos de uma concepção a qual é o “significado” do símbolo.

Desse ponto de vista podem ser captadas as mensagens pastorais e as frases constantemente repetidas que contribuem para regular o modo de viver do ser humano, fiel dessa igreja.

As prédicas constituem um momento de atenção e reverência. Não para todos, como, por exemplo, o conjunto musical que se retira todas as vezes, permanecendo no salão eventualmente um ou outro musicista ou cantor. Mesmo alguns Pastores se retiram ou Obreiros conversam.

De fato, há um cuidado para que se tenha reverência nesse momento. O Pastor Hélio, ao dirigir uma reunião de Libertação Total, onde os fiéis traziam seus pedidos por escrito para se livrarem do “mal”, pediu para que parassem naquele instante, pois ele estava começando a pregação. – *Sou muito ciumento da Palavra*, disse. Muito embora naquele mesmo instante escutava-se um grande barulho provocado por um homem que consertava um ar-condicionado atrás do púlpito e que em seguida passou pelo salão com a peça retirada do ar-condicionado, sem o menor constrangimento pela zoadia que fazia.

O mesmo Pastor Hélio, um dia, após transmitir o sermão, retirou-se porque *tinha problemas a resolver* e deixou a continuidade do culto a cargo do Pastor Alonso. E disse com ar de mistério: - *Deus sabe porquê*. Pediu aplauso para Alonso e saiu. As contradições se expõem em todos os momentos. Talvez seja justamente o motor da dinâmica da igreja.

Alguns aspectos chamam atenção nas prédicas pastorais. Nos que agora destaco não estão incluídas as afinidades eletivas com o panteão religioso afro-brasileiro. Deixo-os para um item específico.

Primeiro quero dar ênfase às **orientações morais** que exalam das palavras dos Pastores. Elas recheiam as prédicas. Dirigem-se à censura ao uso de roupas sumárias das jovens com o intuito de se tornarem sensuais, ao sexo fora do casamento, ao uso de bebidas alcoólicas e conseqüentes estragos para a saúde, a se juntar com quem bebe, a fim de não ter a *aparência do mal*¹⁶⁸. Para firmar sua posição utiliza a Bíblia¹⁶⁹ e reforça seus argumentos. Como contrapartida exalta o corpo como *templo do Espírito Santo* – frase repetida à exaustão pelos meus interlocutores – e que por isso exige cuidados especiais.

Lembra que o fiel deve ser – *Santo no procedimento; no olhar, andar, vestir, falar; mudar o linguajar, abandonar as gírias. As pessoas observam seu novo procedimento.*

¹⁶⁸ Reporto-me aqui à Teoria da Associação Diferencial, em Sociologia. As pessoas podem ser discriminadas por andarem com alguém que tenha determinado comportamento rejeitado pela sociedade. Mesmo que a pessoa não faça a mesma coisa poderá adquirir o mesmo “rótulo” por andar com quem tenha aquele comportamento, depreciado pela sociedade.

¹⁶⁹ II Coríntios 5:17 – “*E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas*”.

I Pedro 1:15-16 – “*Pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede Santos, porque eu sou santo*”.

Romanos 12:9-11 – “*O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal apegando-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra. No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999: 1378, 1495-1496, 1338).

A natureza divina está dentro da pessoa, ela tem santidade. Alerta, na verdade, para o exemplo de vida que o crente deve dar para as outras pessoas.

Uma das histórias ilustrativas do Pastor Hélio foi relativa a uma viúva que não participava da Comunhão porque tinha um companheiro, não sendo, portanto, casada oficialmente. Houve, então, o seguinte diálogo no afã de receber orientação:

Pastor Hélio: - *Quer fazer a vontade de Deus ou a sua vontade? E por que não casa?*

Viúva: - *Se eu casar perco a pensão do meu marido.*

Pastor Hélio: - *E se você escolheu um novo companheiro, ele não pode lhe sustentar?*

Viúva: - *Não, o salário dele é muito pequeno.*

Pastor Hélio: - *Mas ele não é o homem que você escolheu? Então é melhor ficar sozinha que não fazer a vontade de Deus.*

Ele conclui a sua pregação naquele dia dizendo ser *necessário fazer a vontade de Deus para não viver sob a sua ira*. E busca mais uma vez a base bíblica¹⁷⁰, acrescentando: - *Quando você faz a coisa certa, muito mais Deus tem pra lhe dar*. No conselho dado à fiel, não leva em conta se ela é feliz ou não, o que importa é o que é formal, é cumprir as regras estabelecidas.

As **orientações espirituais** – às vezes confundem-se com as orientações morais – como não poderia deixar de ser, têm também lugar reservado nos sermões dos Pastores. Uma das prédicas tinha como título “O jugo desigual”. Baseado, é claro, em versículos bíblicos¹⁷¹. Desfia estímulos diversos ao fiel:

– *A ser a casa de Deus, a ter domínio próprio.*

– *Enquanto você estiver do lado de fora, no mundo, você não vai escutar a voz de Deus.*

– *Muitas vezes você não entende a Palavra de Deus porque continua no meio dos ímpios.*

– *Estando fora da Palavra não recebe as bênçãos de Deus.*

Estas são algumas das frases do Pastor Alonso. E didaticamente continua enumerando as lições que quer repassar naquele dia:

¹⁷⁰ Cita II Crônicas 25:27: “Depois que Amazias deixou de seguir ao Senhor, conspiraram contra ele em Jerusalém, e ele fugiu para Laquis; porém enviaram após ele homens até Laquis, e o mataram ali” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:522).

¹⁷¹ 2 Coríntios 6:14,17 – “Não vos ponhas em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? [...] “Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor: não toqueis coisas impuras; e eu vos receberei” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1379).

A primeira lição que lança para sua platéia é que “*Deus proíbe que tenhamos comunhão com os ímpios*”¹⁷². Diz o Pastor Alonso: – *Não ter vínculo é não praticar a mesma coisa que eles praticam. O homem de Deus e a mulher de Deus não podem viver de sentimentos. Insiste para que não convivam com os que não pertencem à igreja, embora não seja para deixar de falar com eles. Para reforçar seu discurso, cita vários textos bíblicos*¹⁷³ e diz que – *Deus tem pressa em nos abençoar, nós é que somos rebeldes. Ou seja, tem que acabar com tudo que ligue ao passado.*

É na ênfase que dá à ruptura com “o de fora”, “o que não pertence” que essa igreja se propõe a modelar pessoas que se sintam diferentes das outras e, sobretudo, diferentes do que eram antes do seu pertencimento a essa comunidade. Dessa forma garante uma nova vida, longe daquilo que antes as aprisionava. Essa reflexão se dará com maior intensidade quando eu abordar a abominação que têm do seu passado, os que já pertenceram às religiões afro-brasileiras.

Na segunda lição ele faz a assertiva de que “*A comunhão com o ímpio ou com o mundo leva ao pecado*”, e, como não poderia deixar de ser, encontra na Bíblia textos que validam suas palavras¹⁷⁴. Estimula que namorem, casem com pessoas da mesma igreja e de preferência da mesma denominação. Os exemplos que dá sobre sexo são sempre com mulheres desesperadas, que querem casar de qualquer maneira. Essa abordagem não deixa de chamar minha atenção para a posição subordinada da mulher, embora o discurso seja diferente. Isto se repete com o Pastor Anderson, quando se refere às mulheres crentes: – *Quem tem encontro com Deus não perde tempo com fofocas. Hoje ela [a mulher] cuida do seu marido, faz o café dele, faz carinho, senão outra toma ele dela.* Mais uma vez evidencia-se a posição de inferiorização da mulher que tem que fazer o esforço para “segurar” o marido e por isso tem que fazer concessões. Assemelha-se ao que ocorre na sociedade em que a igreja está inserida.

¹⁷² Êxodo 23:32-33 – “*Não farás aliança nenhuma com eles, nem com os seus deuses. Eles não habitarão na tua terra, para que te não façam pecar contra mim; e servires aos seus deuses, isso te será cilada*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:107).

¹⁷³ Salmos 1:2 – “*Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores e nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes o seu prazer está na lei do Senhor e na sua lei medita de dia e de noite*”.

Êxodo 34:11-13 – “*Guarda o que te ordeno hoje: eis que lançarei fora da sua presença os amorreus, os cananeus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus. Abstém-te de fazer aliança com os moradores da terra para onde vais, para que te não sejam por cilada. Mas derribareis os seus altares, quebrareis as suas colunas e cortareis os seus postes-ídolos*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:615, 121).

¹⁷⁴ Deuteronômio 7:3-4 – “*nem contrairás matrimônio com os filhos dessas nações; não darás tuas filhas a a seus filhos, nem tomarás suas filhas para teus filhos; pois elas fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do Senhor se acenderia contra vós outros e depressa vos destruiria*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:210).

E aqui abro um pequeno espaço para confirmar como essas idéias estão internalizadas nas pessoas, tomando como referências algumas entrevistas que fiz. O Pastor Anderson tem o homem como *mais cabeça*. Justifica pela ausência de ciúme do homem por ser mais seguro. Quanto à mulher acha-a ciumenta, infantil e insegura. Na igreja, como em casa, o homem é o chefe da casa, o cabeça. Diz ainda que a mulher pode até ser mais inteligente, mas o homem é mais importante.

O Pastor Edivaldo se exprime assim quanto às diferenças entre homem e mulher:

- Ela tem o caminho das ilusões e é guiada pelo que ouve. A parte mais sensível da mulher é emoção e do homem é a visão. Então o homem é a cabeça, então os dois se completam. [...] Diante de Deus não, diante de Deus todos são iguais. Tanto é que ele falou: tanto macho como fêmea foi criada à imagem de Deus, e Jesus já falou isso em Gálatas, homens, mulheres, servos e líderes todo ser são iguais diante de Deus (sic).

Mas não somente nos homens encontram-se idéias desse porte. As mulheres não ficam atrás. A Obreira Guida admite a autoridade masculina sem pestanejar:

- Eu acho que no casamento o homem tem realmente que ter essa autoridade de dono de casa, de chefe de família e tem que ter respeito, entendeu? Isso é uma coisa, não tenho que ser igual. Eu acho assim: o homem na minha casa ele faz assim, eu dou permissão ao meu marido, ele é o chefe da família, sustento da casa. [...] Embora é você quem faz, ele deixe por sua conta, mas eu sempre procuro o que ele...(...) [Quanto à igualdade entre homem e mulher] não tem não, por mais que a mulher queira, não tem. E é bíblico também, [...] o homem é a cabeça, é ele quem vai dar conta, é mesmo.

A Obreira Mariana diz:

- Falando assim em capacidade a mulher é mais inteligente e o homem motivado. Porque a mulher ela age muito com a razão, ela pensa muito antes de tomar uma atitude. E o homem não, é mais motivado por aquilo. Até em relação mesmo... quando o homem quer deixar a família ele não pensa duas vezes, ele é mais motivado pra aquilo que ele quer. E a mulher não, ela pensa muito em relação a isso.

Volto ao sermão do Pastor. Censura fortemente o comportamento hoje comum entre os jovens – “ficar”¹⁷⁵ –, assim como os encontros dos casais em motéis ou a manutenção de relações sexuais logo ao se conhecerem. - *É sem-vergonhice! A mulher, ou ela levanta ou ela destrói*. Diz isso depois de comentar que os homens se deixam levar pelas aparências –

¹⁷⁵ Os jovens ficam juntos, por exemplo, durante uma festa, trocam carinhos e carícias e terminada a festa não há necessariamente nenhuma continuidade na relação e nenhum compromisso. Numa só noite podem “ficar” com vários pares.

rosto e corpo bonitos – para ter determinada mulher. – *A Bíblia não foi feita para discutir, mas para obedecer.*

Como terceira lição nesse dia, lança a idéia de que “*A comunhão com o mundo tem sérias conseqüências*”. Esse termo “o mundo” é dirigido aos que não pertencem à igreja, e que, portanto, em princípio, têm um comportamento moral diferente daqueles que a ela pertencem. Alerta, pois, para que as pessoas tenham cuidado com sua alma, para não caírem na tentação de voltar para o mundo ou ser por ele esmagado¹⁷⁶.

Durante as prédicas os Pastores sempre interagem com o público. Uma das maneiras de fazê-lo é dizendo: - *Quem entendeu diga glória ao Pai, glória ao Filho, glória ao Espírito Santo.* A maior parte repete. Fim da pregação. Depois o Pastor pede: – *Palmas para Jesus.* Aplausos.

As mensagens, portanto, reforçam um comportamento pautado na interpretação que o Pastor dá à Bíblia. O Pastor Alonso em outra ocasião diz que buscar refúgio em Deus¹⁷⁷ é *vir às reuniões da igreja.*

Para reforçar essa doutrinação o Pastor Hélio, em um de seus sermões, lembra que – *Para quem é de Jesus*, o primeiro passo é ter a certeza de que – *Não somos mais deste mundo.* Em seguida deve-se – *Aprontar a lavoura do campo.* Para fazer seus ouvintes compreenderem o significado do que está dizendo leva-os a buscar na Bíblia uma série de versículos¹⁷⁸. Diz que há pessoas que sempre têm desculpas para não vir à Igreja. E mais uma vez lê a Bíblia¹⁷⁹ para alertar os que não têm coragem de sair de seus afazeres para serem constantes na igreja. E explica que o espinho sufoca toda planta. E ao falar da urtiga, diz que é

¹⁷⁶ Josué 23:11-13 – “*Portanto, empenhai-vos em guardardes a vossa alma, para amardes o Senhor, vosso Deus. Porque, se dele vos desviardes e vos apegardes ao restante destas nações ainda em vosso meio, e com elas vos aparentardes, e com elas vos misturardes, e elas convosco, sabeí, certamente, que o Senhor, vosso Deus, não expulsará mais estas nações de vossa presença, mas vos serão por laço e rede, e açoite às vossas ilhargas, e espinhos aos vossos olhos, até que pereçais nesta boa terra que vos deu o Senhor, vosso Deus*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:273).

¹⁷⁷ Salmos 118:8 – “*Melhor é buscar refúgio no Senhor do que confiar no homem*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:700)

¹⁷⁸ Provérbios 24:27 – “*Cuida dos teus negócios lá fora, apronta a lavoura no campo e, depois, edifica a casa*”. I Coríntios 3:9 – “*Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós*”. Provérbios 12:11 – “*O que lavra a sua terra será farto de pão, mas o que corre atrás de coisas vãs é falta de senso*”.

Provérbios 20:4 – “*O preguiçoso não lavra a terra por causa do inverno, pelo que, na sega, procura e nada encontra*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:759,1349,742,752).

¹⁷⁹ Provérbios 24:30-34 – “*Passei pelo campo do preguiçoso e junto à vinha do homem falto de entendimento; eis que tudo estava cheio de espinho, a sua superfície, coberta de urtigas, e o seu muro de pedra, em ruínas. Tendo-o visto, considerei: vi e recebi a instrução. Um pouco para dormir, um pouco para tosquenejar, um pouco para cruzar os braços em repouso, assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como um homem armado*”.

Reforça com Mateus 13:7, 22 – “*Outra caiu entre os espinhos e os espinhos cresceram e a sufocaram*”. “*O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:759,1119).

uma planta que tocando na pele do ser humano queima e coça intensamente. Compara-a espiritualmente ao crente que, com impaciência, olha o relógio para terminar logo o culto ou que está atrás de bênçãos imediatas.

Coloca, pois, a prosperidade espiritual como a base de tudo o que acontece na vida de alguém. E cita de cor um versículo que diz “*Buscai, antes de tudo, o seu reino, e estas coisas vos serão acrescentadas*”¹⁸⁰.

E é nesse clima que exorta o crente a buscar a Palavra de Jesus, não se acomodar, ser ousado, sabendo que quanto mais prosperidade tiver mais o diabo tentará derrubar. Diz que tem gente esperando a queda dele, mas que ele não cairá porque Deus está com ele. Ouvem-se vozes de aleluia. E pergunta: - *Você tem feito a vontade de Deus? Ou está feito um iô-iô (faz os gestos) sendo jogado de um lado para outro?*

São palavras como essas que dão o tom de coragem, de busca de uma melhor auto-imagem àqueles que freqüentam essa igreja. Certo sermão¹⁸¹ girou em torno da esperança, confiança, fé, paz, alegria e ousadia, citadas como características do crente. Para isso enveredou por vários versículos¹⁸².

Quando falava em ousadia dizia várias frases para mostrar que o crente não precisa ter medo:

- *Não tem capeta que segure tua bênção.*
- *Ao invés de orar de cabeça baixa tem que ser ousado.*
- *Pode vir quente que eu estou fervendo. Mesmo que alguém diga: Você tá é doido.*

Como se pode verificar, essas frases são expressas em linguagem que comunica bem aos presentes. Minha afirmação se baseia nos gestos de aprovação das pessoas.

Há sempre mensagens que mexem com o interior e com o exterior do fiel. Ajudam-no a sair de uma possível acomodação espiritual e material. Às vezes o crente é comparado a uma lâmpada que está se apagando e que mesmo que ele prospere de nada adianta se não estiver sob a proteção de Deus. O Pastor Hélio alerta: - *De que adianta ganhar o mundo e perder a alma?*

¹⁸⁰ Lucas 12:31 (*Bíblia de Estudo de Genebra* 1999:1204).

¹⁸¹ O primeiro a que assisti nessa igreja e que já fiz referência no item 2.2.1.1.3 desta Tese.

¹⁸² Romanos 15:13 – “*E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo*”.

Isaías 28:16 – “*Portanto assim diz o Senhor Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge*”.

I Pedro 2:6 – “*Pois isso está escrito na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será de modo algum envergonhado*” (*Bíblia de Estudo de Genebra* 1999:1341,819,1496-1497).

Essa recorrência de doutrina para tirar o seu público de uma acomodação presta-se, sobretudo, a colocar sobre o próprio homem a responsabilidade pelo seu crescimento espiritual, negando completamente a doutrina da predestinação que o Pastor Hélio classifica como *uma heresia*. Ele diz que – *O reino dos céus é conquistado com esforço, com luta. E quem se esforça, consegue. Não se deve aceitar fracassos, miséria, preguiça, timidez, espírito de desavença, doença.*

O texto em que baseia seu discurso conta parte da história de Abraão que saiu de uma terra boa e foi para onde Deus o mandou¹⁸³. Com essas idéias ele quer passar a necessidade de esforço individual de cada pessoa. E conclui com – *Vamos expulsar tudo o que não presta. Vamos tomar posse. A vitória é de quem?* – Nossa – respondem todos com a mão empunhada para cima.

O sofrimento é algo que todo ser humano passa. Geertz (1989:114,119) mostra que a religião não evita sofrer, mas faz encarar o sofrimento de outra forma, torna-o suportável.

A mensagem do Pastor Alonso segue um caminho que evita qualquer tipo de sofrimento. Em primeiro lugar acena para a necessidade de revidar o mal com o bem e jamais discutir com quem critica ou zomba do fiel porque ele vai à igreja. Na verdade, o crente deve mesmo orar pelo que zomba, pois tem que ser exemplo. E o mais importante: o crente não tem que padecer nem sofrer *porque Jesus já sofreu por ele. – Você já está sarado*. Essa mesma orientação foi dada no domingo anterior. O crente não sofre porque Cristo já sofreu por ele. Estabelecem-se, pois, as regras de comportamento. Doutrina que difere completamente da igreja Presbiteriana acerca do sofrimento. Esta diz que os sofrimentos são normais, e o que difere o crente do não crente é a forma de encará-lo. É necessário apenas entregá-los a Deus e seguir em frente. No entanto a pessoa se entristece, chora, se chateia, mas sempre sob a graça de Cristo. Recebe dele o consolo e por isso logo volta a ter paz e tranquilidade de vida.

Para o Pastor Alonso é vindo à igreja que o fiel tem sua compensação. Em um de seus sermões diz: - *Quem vem à casa do Senhor volta com uma bênção*. E sob o título “*O verdadeiro alimento do crente*” entrega sua mensagem. Mais uma vez insiste em que se deve fazer a vontade de Deus¹⁸⁴. Eis algumas frases dele para reforçar seu discurso:

- *A Palavra é necessária, mas não é a principal, pois de que vale conhecer a Palavra e não obedecer?*

¹⁸³ Gênesis 13 (*Bíblia de Estudo de Genebra* 1999:20-30).

¹⁸⁴ João 4:34 – “Disse-lhe Jesus: *minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra*” (*Bíblia de Estudo de Genebra* 1999:1236).

- *A obra de Deus é repreender o mal em sua vida e se apossar das bênçãos que Ele dá, ou seja, é necessário fazer a vontade de Deus, o que é igual a “negar-se a si mesmo e tomar sua cruz”.*

- *Se você agrada a Deus nunca se sente só; 90% das nossas vontades são contra as de Deus.*

- *A derrota vem pela desobediência.*

- *Deus é Rei e cada um ali é filho do Rei, está na terra para reinar, nasceu para ser cabeça e não cauda.*

Nasceu para ser cabeça e não cauda. Frase por mim ouvida várias vezes, e não somente nessa igreja, mas nos programas de televisão da igreja da Graça e na igreja Universal. Seu significado é muito forte, uma vez que estimula as pessoas a não se deixarem humilhar, mas buscarem seu próprio espaço, sobretudo do ponto de vista material.

Contraditoriamente, há certas mensagens que estimulam o fiel a não se preocupar com os bens materiais que outros possam ter, mas que ele não tem, pois a vez dele chegará: - *O que é seu ninguém rouba.* Além do mais não deve olhar para trás, mas alimentar-se da verdade que é a palavra de Deus e procurar agradar a Deus e nele confiar de todo o coração.

Entre todos os sermões que tive oportunidade de ouvir foi raro um que desse ênfase à volta de Cristo ressuscitado. Num dia de domingo, na reunião de Louvor e Adoração, o Pastor Alonso abordou esse tema. Diz que Cristo voltará como um ladrão e por isso é preciso que todos se preparem. E não é a igreja que resolverá, mas Jesus é quem muda a vida das pessoas e estas deverão buscar comunhão e retidão com Deus para irem aos céus¹⁸⁵. Associa os crentes aos braços do Senhor porque Ele é a cabeça e os braços fazem o que a cabeça manda. Diz: - *A cabeça sozinha não pode fazer nada, ela só pode agir através do corpo que é você*¹⁸⁶. Ao dizer isso ele grita, grita muito e o povo responde *Amém* num grande murmúrio.

Eis a segunda prédica que teve como cerne a necessidade de encontrar a salvação através de Cristo, tema central do cristianismo, especificamente do cristianismo evangélico. Dessa vez ouvi através do Pastor Hélio. No seu discurso estimula que as pessoas se decidam por Cristo e se batizem. Alerta para a morte ou para a vida eterna¹⁸⁷. Mas diz que quem estiver em pecado não vai para o céu (perda da salvação por oposição à doutrina da

¹⁸⁵ Isaías 51:9 – “*Desperta, desperta, arma-te de força, braço do SENHOR; desperta como nos dias passados, como nas gerações antigas. Não és tu aquele que abateu o Egito, e feriu o monstro marinho?*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:844).

¹⁸⁶ Colossenses 1:18 – “Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as cousas ter a primazia” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1422).

¹⁸⁷ Romanos 5:9 – “*Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1325).

predestinação¹⁸⁸). Comenta, então: - *Parece que ser crente hoje é moda. Querem se batizar e fazer a coisa de qualquer jeito.*

As orientações das prédicas não se restringem às morais e espirituais. As **orientações materiais** estão presentes e bem presentes.

Primeiramente o Pastor Alonso diz para o seu público que *Deus está disposto a orientá-los a terem sucesso na vida*, mas para isso *é preciso que se fixem em alguma igreja*, eles devem escolher onde querem servir a Deus.

Para ser didático e os fiéis entenderem ou, no mínimo, se identificarem com ele, faz uma auto-referência. Durante algum tempo teve *o pecado da prostituição; gostava, enganava a Deus dando desculpas esfarrapadas de que não conseguia deixar; um dia mudou o modo de orar, foi sincero com Deus e obteve forças para deixar o pecado*. Diz, então, que cada um pode atingir esse estágio.

O Pastor Hélio corrobora essas idéias. Comenta que Deus só orienta para o bem, para o sucesso, para a vida abundante e mesmo quando Ele é duro, é para o bem dos que o aceitam. E que como as pessoas só querem ouvir o que lhes agrada, pulam de igreja em igreja.

E prosseguem as afirmações de sucesso. Em outra ocasião o Pastor Alonso afirma: - *Deus não escolheu você para ser derrotado*. Diz, então, que cada pessoa pode determinar adquirir o que quiser (guarda-roupa novo, geladeira cheia, colchão novo etc.). A mensagem incita à vitória, a não se deter nas dificuldades, a buscar bens materiais. Ele usa, então, a técnica de completar frases – muito utilizada nessa igreja – para uma melhor aprendizagem. – *Diga ao fraco que sou...?* Todos respondem: - *Forte*. E para firmar mais ainda sua posição contra os que não são firmes em fazer a vontade de Deus, diz: – *Aqueles que têm cara de mamão de papaia* (faz trejeitos, fala como uma pessoa retardada para ilustrar). E continua: - *Tem gente que quer deixar de beber, mas vai para o bar. Sem-vergonhice! Se quisesse parar não iria para o bar*. Reforça os seus comentários com os Salmos 94:12-14¹⁸⁹.

Diz que quando alguém não obedece ao profeta (atualmente o Pastor), está colocando-o no tronco. – *Deus nunca rejeita você, meu irmão, você é que rejeita Deus. Só depende de você, meu irmão. Que tipo de aliança você está fazendo?*

E reafirma não somente na necessidade, mas também no direito de ter bens materiais. - *Você tem desejo de ter casa com piscina, finanças estáveis, família feliz? Para*

¹⁸⁸ Esta doutrina diz que uns foram escolhidos para a salvação e outros para a condenação.

¹⁸⁹ “Bem-aventurado o homem, Senhor, a quem tu repreendes, a quem ensinas a tua lei, para lhe dares descanso dos dias maus, até que se abra a cova para o ímpio. Pois o Senhor não há de rejeitar o seu povo, nem desamparar a sua herança” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:683).

Deus isso não é nada. Atingir a paz é indispensável. E quando tudo estiver bem você deve aproveitar para se edificar, senão o diabo acorda de novo.

Diz que Deus tem apenas um inimigo, o diabo; e que os crentes têm dois, o diabo e a carne e que por isso é preciso jejuar não para alcançar bênção material, mas para quebrantar a carne. Contradição e mais contradição se explicitam a cada discurso. E para que coerência? Não parece ser ela a manter a dinâmica da igreja.

O assunto **família** também é constante nas prédicas. Os problemas familiares são associados a lugares assolados e desérticos. E levanta o moral dos seus ouvintes dizendo que Deus quer resolver, fazer florir o casamento, as finanças etc., que grassam nas famílias. Reforça o discurso com referências bíblicas¹⁹⁰. Como sempre o homem é colocado como o cabeça e, para minimizar, a mulher é o pescoço que leva a cabeça para o lado que quer. Só esquece de dizer que a cabeça pensa e o pescoço não.

A restauração familiar é um tema que se repete. Alerta para a necessidade de não desviar o pensamento da palavra de Deus sob pena de perda da bênção. É interessante notar que as pessoas acompanham as leituras nas suas próprias bíblias. Quando têm dificuldades de encontrar os textos, os Obreiros e Obreiras estão prontos a ajudá-las. Essas ajudas fazem com que as pessoas se sintam importantes e aos Obreiros dá a sensação de utilidade e também de importância. O estímulo da pregação é para que os presentes lutem, vençam e não desistam. Tudo isso aconteceu numa das Reuniões da Família.

Numa das mensagens do Pastor Hélio este aconselha os crentes a não divulgarem seus planos pessoais *aos quatro ventos*. Diz que às vezes *dão errados porque a língua fala demais*. Cita a Bíblia ao dizer que o *crente deve estar pronto para ouvir, tardio para falar*. Destaco a linguagem simples desse Pastor, às vezes até plena de erros de concordância, mas que leva os fiéis a se identificarem profundamente com ele. Até quando ele exclama – *Misericórdia*, expressão muito usada não somente por ele como pelos fiéis. Comenta a necessidade de fechar as brechas para edificar a vida. Tais brechas são o medo, a mentira, o espírito de fofoca. São também as murmurações. É preciso mudar o linguajar e agir. Estimula ainda a firmeza, a não ser volúvel para chegar a algum lugar, a permanecer na fé para não ser envergonhado¹⁹¹. Percebo que suas palavras encontram ressonância nas pessoas. Diz que o medo faz as pessoas verem coisas que não existem.

¹⁹⁰ Isaías 51:3 – “Porque o SENHOR tem piedade de Sião. Terá piedade de todos os lugares assolados dela, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão como o jardim do SENHOR. Regozijo e alegria se acharão nela, ações de graça e som de música” (Bíblia de Estudo de Genebra: 1999:843-844).

¹⁹¹ Hebreus 10:35-39 – “Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque,

Quando se refere à fé o Pastor Hélio tem seu próprio conceito: - *Fé é lutar contra as evidências*. Mostra que ter fé é diferente de crer. Diz que é preciso determinar. Por isso é preciso ver o que está morto em suas vidas para vivificá-lo. Mostra que Deus é um Deus de milagres, traz à existência as coisas que não mais existem.

Todo o discurso dos Pastores Hélio e Alonso quando se referem à família é para que haja uma postura de ser forte, poderosa e segura. Com isso elevam a auto-estima e dão a todos a sensação de que a força está em cada um, minimizando paralelamente qualquer sentimento de inferioridade. E além dos cânticos que reforçam as prédicas, a exemplo de “*Vou levar meus problemas pra Deus, entregar meus problemas pra Deus, abençoar minha família... eu creio no poder da oração...*”, os versículos dão a base bíblica para a resistência do crente¹⁹². E em se tratando de uma reunião de Libertação Total, o alerta é enfim para que – *Jesus pagou um grande preço para você ser forte, não perder nenhuma batalha. Jesus nem Deus nunca perderam batalha*.

Algumas frases são repetidas constantemente nessa igreja. Os educadores dizem que se aprende também pelo muito repetir. E a internalização dessas frases contribui para formar o caráter, a disposição, a ação e a reação dessas pessoas no seu cotidiano, às vezes pleno de carência material, mas também de carência emocional e social.

Primeiramente ter a certeza de que *Deus não faz acepção de pessoas*. Essa é uma frase muito repetida pelos meus interlocutores para firmar sua inserção na estrutura social seja dessa igreja seja da sociedade como um todo. Apesar da recorrência dessa frase e da unanimidade na afirmação de que as mulheres além de Obreiras, podem ser Pastoras, não foi isso que para mim ficou evidenciado.

De fato, um dos Pastores me disse que quem *faz acepção de pessoas são os homens e não Deus; que há mulheres ungidas por Deus e, que, portanto, podem assumir as mesmas responsabilidades dos homens; que na Internacional da Graça de Deus em Pernambuco e em outros Estados têm Pastoras*. Mas na realidade a única Pastora que vi nessa igreja exercendo algumas atividades (nunca a vi fazer pregações) foi Isabel, a esposa do Pastor Hélio. Às vezes ela fazia oração ou ministrava a Ceia e era sempre a responsável pela instrução aos novos convertidos para o batismo nas águas. Conheci mais duas (pertencentes a outras igrejas dessa denominação), no dia do Seminário de Mulheres na Graça de Deus, em

ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1477).

¹⁹² Tiago 4:7 – “*Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1490).*

outubro de 2005. Sempre que eu indagava a homens ou mulheres quanto à reduzida presença de Pastoras, a resposta era a mesma: - *Não recebeu ainda o chamado*. Ora, então os homens bem jovens, como alguns deles, recebiam o *chamado* e as mulheres, mesmo algumas mais antigas na fé ou na idade, não recebiam o *chamado*? O que se evidencia, na realidade, é uma estrutura social com predominância masculina e a maioria das mulheres com a função de apoio, como Obreiras.

Apesar dessas elucubrações, há outra frase que cumpre o seu papel na auto-estima dos partícipes dessa igreja: *Ser filho do rei e reinar*. Essa assertiva mostra uma diferenciação de *status* diante de outros familiares, de vizinhos ou mesmo de pessoas que professem outras religiões. Pois é assim que os Pastores doutrinam para mostrar a importância das pessoas não somente diante de Deus, mas também diante dos homens. Certa vez o Pastor Alonso, exemplificando quanto a compromissos de pagamentos que não se devem atrasar e, portanto, não permitir que venha alguém atrás do crente para cobrar, disse com toda ênfase possível:

- *Nem é pra ninguém estar atrás de você pra cobrar nada não e nem você andar atrás de Banco para conseguir cartão de crédito. É pra você pagar tudo o que deve e o gerente do Banco estar atrás de você pra oferecer vantagens bancárias, porque você é filho do Rei. Portanto, não está errado em pedir coisas materiais, mas em primeiro lugar você deve fazer a vontade de Deus. Você nasceu para ser feliz, para reinar.*

Alerta ainda para a derrota como fruto da desobediência e que Deus é Rei e que cada um ali é filho do Rei, está na terra para reinar, *nasceu para ser cabeça e não cauda*. Frase já comentada anteriormente.

Diante dessas três perspectivas – “*Deus não faz acepção de pessoas*”, “*Ser filho do Rei*” e “*Nasceu para ser cabeça e não cauda*” – o que lhes resta senão exercer o domínio, sobretudo sobre o mal? Para isso há uma doutrinação para ensinar a *amarrar o diabo*.

E mais uma vez se expõem as posições assumidas não somente contra o mal que é o *diabo*, mas também contra qualquer coisa que tenha semelhança com a religião afro-brasileira, e quase sempre numa perspectiva pejorativa: – *Não há macumba, olho grande, urucubaca; nada disso devem temer, pois estão amarrados*.

Amarrar. Esta é uma palavra também recorrente no repertório dessa igreja. Aparece em várias ocasiões. Em uma delas, o Pastor dirigente se refere a enfermidades e outras adversidades comuns aos seres humanos: - *Eu amarro, quebro, determino, desmancho qualquer coisa do diabo*. Na verdade, essa ordem pode ser direcionada às coisas mais

comuns: - *Nós amarramos miséria, doença, pecado, tudo, tudo. A gente vai amarrar a miséria.*

Ora, se o crente passa a ter poder de *amarrar* não tem porque não aprender a *determinar*, a *ordenar*, a *impor*. E é exatamente isso o que acontece. O Pastor Hélio explica num Seminário¹⁹³ o significado de *determinar*, outra palavra que se repete na linguagem corrente dessa igreja. Distribui um texto para todos acompanharem (ANEXO XV).

Primeiro faz uma releitura de João 14:13-14¹⁹⁴ de forma a incluir a palavra *determinar*. E assim relê o texto: - *Tudo quando determinarem (mandarem, exigirem) em meu nome... eu o farei.* Depois chama a atenção para o fato de que em Isaías 53:4-5¹⁹⁵ os verbos estarem conjugados no tempo passado. Argumenta, pois, que por isso o crente *determina*, não pede, porque Cristo já fez antecipadamente tudo e agora é só *exigir*. - *Pessoas são enganadas por não conhecerem os seus direitos*, conclui ele.

Uma mulher sentada próxima a ele contestou alguma coisa, mas ele a neutralizou dizendo: - *Vamos ver o que a palavra de Deus diz.* E disse mais: - *Você tem que determinar que doenças batam em retirada. Se você diz que orou e não passou, então você zerou tudo, botou tudo fora. Determinar é acreditar que o que pediu, recebeu.* Segue para Provérbios 18:21¹⁹⁶ e orienta que mesmo que a pessoa continue a sentir sintomas da enfermidade, tem que dizer que está bem, pois reconhecer que piorou ou que continua doente, está negando a fé. – *Confessar derrota é já estar derrotado. Você confessa o que Jesus JÁ fez por você.* E ele retoma: - *O justo vive pela fé*¹⁹⁷. E reforça a afirmativa citando Hebreus 11:1¹⁹⁸. E continua: – *Cristo já sofreu, não precisamos sofrer.* Segue para Marcos 11:23-24¹⁹⁹ para ratificar o seu discurso usando sempre a palavra *determinar*. – *Determinar ao monte que saia de um lugar para outro.* E reafirma sua própria definição de fé – *lutar contra as evidências* – que uma

¹⁹³ “Como tomar posse da bênção”, na tarde do domingo, do dia 07 de agosto de 2005, no Fator Palace Hotel, no bairro de Boa Viagem. Como o ambiente era pequeno houve a possibilidade de o Pastor entrar em diálogo com os presentes.

¹⁹⁴ “E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1255).

¹⁹⁵ “Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:845).

¹⁹⁶ “A morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:751).

¹⁹⁷ Hebreus 10:37 – “todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1477).

¹⁹⁸ “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1477).

¹⁹⁹ “Porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1168).

mulher ao meu lado antecipa-se a dizer em voz alta como uma boa aluna que tem se mostrado. – *Está amarrado, Satanás. Eu não duvido.*

E nas orações dos Pastores as ordens não podem estar ausentes: - *Eu anulo, eu cancelo, eu ordeno ao mal que saia em retirada, desapareça.*

Testemunhos são dados publicamente pelos fiéis para mostrarem que aprenderam a *determinar*. O Pastor Hélio chama uma jovem pelo nome (indício de que os testemunhos são combinados antecipadamente) e vai à frente dizer que os quatro pedidos que ela fez nas reuniões de Libertação Total, foram atendidos. E um deles considera milagre. Conta, então, a história recente da promoção do seu marido na Polícia, diante de uma situação praticamente impossível de acontecer. Já estava definido que ele não seria um dos promovidos, embora tenha uma história de ser o 1º classificado em tudo o que faz. A situação foi revertida, o marido foi promovido, para surpresa inclusive dos seus colegas. E, segundo ela, não houve interferência humana, mas que ela própria orou e *determinou*, e aconteceu conforme ela havia *determinado*. Aplausos.

Uma mulher, idosa, também testemunhou. Seus exames médicos atestavam determinada doença e após ela ter *determinado*, os novos exames deram negativos. Essa mulher parecia não estar no *script*. O Pastor Hélio abaixou-se para falar com ela, ela mostrava os exames que ele pegava sem muito interesse, mas deu de toda forma espaço para este testemunho. Aplausos.

Mas o Pastor Hélio coloca sobre cada um a responsabilidade do que alcançou ou do que deixou de alcançar: - *Não é o Pastor Hélio quem faz milagres. É você quem determina*. Por outro lado oferece *orações fortes, sobrenaturais* e quando está exercendo publicamente o seu papel de Pastor não hesita em demonstrar o seu próprio poder: - *Eu repreendo, eu anulo e cancelo toda força do mal. Espíritos do vício, das drogas, das brigas, da friquidez, do adultério, da promiscuidade. Digo à dor, sai, aos carcos, sai.*

As prédicas, as orações têm vínculo com as curas, além de se proporem a modelar os comportamentos dos integrantes dessa igreja.

5.1.4 Curas

Três autores, entre outros, tratam desse tema pela perspectiva da aflição. Um deles, Medeiros (2002), ao estudar a Antropologia da Saúde opta pelo caminho metodológico que estuda as redes de organização formais e informais que interligam religião/doença/saúde,

ou, se dito de outra forma, cultura/concepções de saúde e de doença, levando, pois, em conta as categorias corporeidade/doença/saúde.

Estabelece, então, um diálogo entre Antropologia Sociocultural e Psicologia Social. Nesse sentido busca, não somente identificar, mas compreender as diversas alternativas que o sujeito procura através de hospitais, clínicas psicoterápicas ou de aconselhamento e medicinas alternativas, para solucionar suas situações de sofrimento psíquico.

Faz, ainda, o autor, a distinção entre as perspectivas anglo-saxônicas e francesas. Chama a primeira de Antropologia Médica, reduzida e submetida às Ciências da Saúde, e a segunda, de Antropologia da Saúde e da Doença, cuja perspectiva da saúde emerge como o “conjunto de ações e processos que a sociedade promove para se manter saudável”. Nesse conjunto incluem-se a medicina oficial, a saúde pública e as medicinas alternativas, além dos valores e crenças que respaldam a sustentação bio-psico-sociológica, cujos caminhos podem chegar à tolerância ao sofrimento ou à busca da cura por outras vias, a exemplo de yoga, acupuntura, relax, meditação, oração, exorcismos. Em verdade, diz o autor, são as aflições causadas pela doença que levam o sujeito a procurar a cura.

Semelhantemente, outra autora, Vasconcelos (2006), pesquisando cura em um terreiro de Xangô do Recife, constata que a busca para o alívio das aflições, sobretudo as que têm as doenças nas suas raízes, constituiu-se o motivo de maior importância para justificar a primeira aproximação das pessoas à religião dos Orixás. Registra, ainda, a autora, que encontrou no universo por ela estudado, uma harmoniosa convivência entre os processos de cura ministrados “pelo mundo da religiosidade do terreiro ou pela medicina acadêmica”.

E um terceiro autor, Geertz (1989:114,119), lembra os desafios que a religião enfrenta. Primeiro diante da perplexidade do fiel na confrontação com o caos. O complexo de símbolos nele internalizado contribui para reequilibrar sua realidade individual e a realidade cósmica. Segundo ao enfrentar o sofrimento. Nesse caso a religião ajuda não a evitar o sofrimento, mas a torná-lo suportável.

Na Igreja Internacional da Graça de Deus essa busca se processa pelas orações, pelos ungüentos, pelos exorcismos, mas também pela eficácia objetiva através de objetos, a fim de dar soluções aos sofrimentos psíquicos ou físicos (manifestação de doenças) ou aos de ordem material (desemprego, falta de moradia, débitos financeiros etc). E o mais importante é que os fiéis são convencidos de que todo o sofrimento seja de que tipo for tem origem em espíritos maus, demônios. Por isso precisa ser expulso *com jejum e oração* e daí uma das razões da importância desse aspecto ritualístico.

O que seria, pois, das religiões se não fossem capazes de oferecer a possibilidade de curar os males que assolam o ser humano e que muitas vezes escapam das mãos da medicina, lado que se oferece como científico para as curas? Essa religião que estou analisando não foge à regra.

De fato, embora os Pastores dessa igreja insistam que ninguém pode negar o tempo que é gasto na pregação da Palavra – e disso sou testemunha –, eles não usam menos de uma hora a cada vez, mesmo que o conteúdo doutrinário possa estar pleno de ambigüidades – o que mais interessa aos fiéis são os momentos de alcançar bênçãos, vitórias, através das curas dos males físicos e psíquicos, e da solução dos problemas de ordem financeira, pessoal, social ou mesmo intelectual. Sem esse momento específico ficaria faltando alguma coisa no ritual.

Em uma ocasião o Pastor anuncia que vai acontecer uma *batalha espiritual* Orienta, então, para que todos coloquem a mão sobre a enfermidade e pisem o mal e a doença. Incita-os a acreditarem. Em paralelo um cântico é entoado para reforçar esse momento: “*Vai dar tudo certo...*”.

As curas são sempre acompanhadas dos testemunhos públicos. As doenças curadas se repetem em menor ou maior variedade: dores nos joelhos, na coluna, na cabeça, no pescoço, na barriga, no ombro, no estômago, na coluna, na cabeça, cólica, hérnia, ardor na cabeça, gastrite, angústia, tristeza, prisão de ventre, ouvido tampado. As curas neutralizam também a miséria, a fome, as dívidas, a falência. O Pastor grita - *Mal você não pode ficar nessa vida*. Todos se sentem curados. Para os que não se sentem curados o Pastor diz que ninguém pode duvidar da cura. E se alguém duvidou deu oportunidade ao mal se instalar e não permitiu que Deus fizesse o milagre.

Agindo dessa forma o Pastor não somente justifica como responsabiliza os que não receberam o milagre pelos seus próprios deméritos. Quanto à veracidade da cura, não me cabe duvidar. Não sei se elas resistem a um exame clínico. Mas que importância tem isso? O que importa é que “a religião é o que a religião faz” (EVANS-PRITCHARD 1978a:163). Uma mulher sentada ao meu lado disse-me: - *Fiquei curada de gastrite na 6ª feira passada. Agora como tudo, até chocolate*. Que posso mais dizer eu?

E assim as sessões de cura se repetem. O Pastor Hélio conta sobre uma criança que tinha prisão de ventre, quando ele ainda era Pastor na Bahia. Ele viu a criança sofrendo e perguntou à mãe o que ela tinha. A mãe disse que ela não defecava há dias. O Pastor chamou a criança e orou por ela e disse que quando voltasse da Igreja queria saber do resultado. A criança defecou imediatamente e quando ele voltou a mãe estava feliz e insistia para que a

criança agarrasse a perna dele e agradecesse. E a alegria se espalha pelo ambiente. O Pastor pergunta: - *Quem estava bem e ficou melhor ainda?* Várias pessoas levantam a mão. – *Palmas para Jesus*. Ora, agradecendo.

Numa das reuniões semanais observo que de repente uma Obreira chama o Obreiro Walter (negro, líder dos Obreiros) para ir junto a uma mulher que está no meio do público. Ela parece desmaiada, desfalecida. Está sentada numa cadeira de plástico. Três Obreiros carregam-na na cadeira e levam-na para fora. O Obreiro Walter faz uma vigorosa oração e grita – *Sai, sai*. Em torno da mulher quatro Obreiros, três Obreiras e uma mulher que a acompanha. Pouco a pouco a mulher “acorda” do torpor e volta andando para o seu lugar. Todos sorriem satisfeitos. Duas coisas a registrar: crendo ou não na eficácia das curas eis um exemplo de “cura”, mas também de hierarquia; foi preciso chamar o Obreiro líder, pois ao que parece os outros não se sentiram suficientemente fortes ou com autoridade para orar e verem resultados positivos.

5.1.5 Testemunhos

Dar testemunhos de vitórias alcançadas integra o ritual dessa igreja. Eles são uma espécie de *marketing* para os neófitos ou mesmo para os veteranos. O momento dos testemunhos, em geral, antecede o das ofertas. Estratégia perfeita, pois estão todos ávidos também de atingir seus desejos, suas intenções, enfim suas próprias vitórias.

Essa parte da reunião é sempre para que as pessoas contem algo de bom que aconteceu na sua vida por terem tido fé. Por outro lado, os testemunhos também são solicitados após os Pastores fazerem orações direcionadas para as curas físicas ou para problemas de ordem pessoal ou familiar.

Daí surgirem várias pessoas que divulgam seus benefícios ou os de seus familiares: aprovação em concurso público, separação no casamento sem grandes traumas etc. Observei ainda que alguns testemunhos são dados por pessoas de uma classe social diferenciada, que são chamadas pelo nome para irem à frente. – *Cadê o irmão Ricardo?*, pergunta o Pastor. Ele se apresenta, fala alguma coisa com o Pastor e fala ao microfone. É engenheiro e redator-chefe de um jornal. Conta uma longa história em que cometeu um erro na divulgação de uma notícia e o jornal já havia sido impresso. Sabia que seria chamado à atenção seriamente pelo seu chefe, sobretudo porque, como redator-chefe, lhe cabia ter detectado diretamente o erro, o que lhe deixou na certeza de que no mínimo seria advertido e

poderia mesmo ser demitido. Estava aflito e orou ao Senhor, através dos Salmos 34:19 – *“Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor de todas o livra”*²⁰⁰. Quando chegou na sala do chefe, antes que este lhe dissesse qualquer coisa, assumiu a autoria do erro. O chefe disse que ainda não tinha lido. Leu e disse que não havia problema algum, que ele estava desculpado. Saiu da sala exultando de alegria pelo acontecido, principalmente porque foi naquela edição do jornal que ele tinha introduzido pela primeira vez um versículo bíblico e foi exatamente o Salmo 34:19. Aplausos.

Outra mulher dá testemunho a respeito do seu filho que passou no teste da IBM. Diz que demorou a resposta, mas ela orou de madrugada sem cessar, *apossou-se da bênção* e Deus não a decepcionou.

Teve um outro testemunho e o Pastor Hélio se dirigiu a alguém na platéia. – *Tem um testemunho do irmão Dr. Sandro. Ele é jovem e advogado. Se você precisa de advogado não procure outro, aqui tem o irmão Dr. Sandro, excelente advogado.* Mostra um casal que quer falar depois com o advogado. Este conta a história de um rapaz acusado de estupro. O Pastor Hélio o interrompe: - *E ele não é criminalista!* Sandro continua. Diz que uma mulher o chamou para ir na delegacia, pois o filho foi acusado de ter estuprado uma moça. Embora não sendo criminalista resolveu atender a solicitação. No caminho foi parado pela polícia e mesmo seu carro estando todo correto, o policial tentou impedi-lo de seguir e foi aí que ele *determinou em nome de Jesus*, e foi liberado. Na Delegacia das Mulheres pediu para que se fizesse o exame de corpo delito. A delegada achava desnecessário, mas ele insistiu. O resultado veio de madrugada e deu negativo. O rapaz foi liberto e ele encara isso como resultado de sua *determinação*. Todos deram glória a Deus e o advogado sentou.

Por outro lado, as curas físicas acontecem praticamente em todas as reuniões, sobretudo nas de Cura Divina e de Libertação Total. Elas são inúmeras, após a oração feita pelo Pastor. Os Pastores auxiliares correm de um lado para o outro com o microfone sem fio para atender as demandas do público que quer compartilhar o acontecimento pessoal. E correr assim passa a impressão de juventude, de sucesso, de preparo físico diante dos fiéis. São curas de todo tipo: dores de cabeça, de estômago, da rótula, da coluna, no corpo todo, mas também glaucoma, agonia, alergia, tremedeira, de hérnia de disco, queimou nos pés, gordura no fígado, cisto no rim, tristeza, angústia e muitas outras. Muitas vezes o Pastor dirigente não se dá por satisfeito e demonstra uma certeza de que há mais curas, pois, segundo ele, Jesus prometeu que faria muito mais. E começa a citar outras pequenas doenças. E realmente logo

²⁰⁰ *Bíblia de Estudo de Genebra* (1999:636).

vão aparecendo pessoas que confirmam o que ele diz. No final da sessão da cura os inevitáveis e esperados aplausos para Jesus.

Assistindo um dos programas na televisão dessa igreja, “O show da fé”, conheci um novo elemento: o Patrocinador. Trata-se de pessoa que assume o compromisso de contribuir financeiramente de forma sistemática. Durante o programa são escolhidas para testemunharem as bênçãos recebidas depois que se tornarem Patrocinadores. Tem um grande efeito demonstração para estimular outros a fazerem o mesmo, pois são escolhidas pessoas que falam fluentemente, o que me faz inferir que a escolha pode não ser aleatória.

5.1.6 Ofertas

Esse é um dos temas mais interessantes porque dos mais constantes no ritual dessa igreja. Em quaisquer que sejam as reuniões, “ofertar” é importante, e ofertar em dinheiro.

Esse momento do culto é antecedido de uma preparação psicológica muito forte. Ele sempre ocorre depois que as pessoas dão testemunhos de bênçãos e vitórias alcançadas. Estão, de fato, “preparadas” e sensibilizadas para “ofertar”. Mas não é somente isso. O discurso do Pastor contribui de forma insofismável. Tentarei não me alongar muito nesse item embora tenha muita coisa a dizer.

A história bíblica preferida para estimular as ofertas é a do profeta Elias e a viúva pobre que não tinha mais ingredientes para fazer um pequeno bolo. O profeta orientou-a para mesmo assim fazê-lo e dar ao homem de Deus, o que proporcionou àquela mulher nunca mais passar por privações. Assim o Pastor prepara o seu público para ofertar e fazê-lo de coração e com boa vontade. Quase todos levantam e colocam a *oferta no altar*. Assemelham-se à *igreja primitiva*, diz ele.

Na verdade existem as várias formas de ofertar: o dízimo, as primícias, a oferta especial, a melhor oferta, a troca por um “presente”²⁰¹ (ANEXOS XII e XIII).

E o Pastor Alonso explica didaticamente. Primeiro lê em Malaquias 3.10²⁰². Depois estimula a doação de ofertas, dizendo que todos devem honrar a Deus com o que têm. Os dízimos representam 10% de tudo o que se recebe; as primícias equivalem ao valor de um

²⁰¹ Na entrada do prédio da Avenida Cruz Cabugá, nº 165, bairro de Santo Amaro (na rua da Soledade era um quiosque dentro da própria igreja) tem uma vitrine repleta de livros de autores estrangeiros e pequenos livros (vários) de R.R.Soaes. Em geral, os “presentes” que são trocados por R\$ 20,00, R\$ 10,00, R\$ 5,00, durante o momento do oferta, estão também na vitrine para serem comprados.

²⁰² “Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa. E provai-me nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênçãos sem medida” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1092).

dia de trabalho, que deve ser retirado antes do dízimo; as ofertas especiais e as da Santa Ceia do Senhor são livres e não estão incluídas nos dízimos nem nas primícias; *a melhor oferta* é o que a pessoa puder dar (cédulas de valor menor, moedas); e a troca por “presente” ocorre de forma regressiva no tocante aos valores que devem ser ofertados.

É assim que acontece mudando apenas os atores sociais, o tipo de “presente” e os respectivos valores em reais: os Obreiros andam de um lado para outro primeiro oferecendo Bíblias em troca de R\$ 20,00 ou o que – *O Espírito fala ao coração para ofertar* – acrescenta o Pastor. Dessa vez ninguém se aventurou. Os que não têm esse valor em dinheiro poderão com R\$ 10,00 receber um CD de Fernando Lima. Algumas pessoas “compram”. Com R\$ 5,00 pode receber o pequeno livro *“Como receber o batismo do Espírito Santo”*. Nesse caso aumenta o número de pessoas que faz a aquisição. Enquanto ocorre esse “troca-troca” os Obreiros e Obreiras passeiam pelos corredores exibindo os produtos e são estimulados pelos Pastores a expressarem toda a sua simpatia e presteza, exibindo um rosto bonito e risonho. Na minha interpretação, trata-se do cultivo à aparência a fim de dar melhores resultados no recolhimento de “ofertas”, ou seja, para impressionar os outros que com isso se sentirão mais propensos a “ofertar”.

Assim que recebem o dinheiro passam imediatamente para o Obreiro que estiver mais perto do púlpito. O dinheiro é colocado numa sacola. Enquanto isso, nesse dia sob a responsabilidade do Pastor Alonso, histórias de grandes doações são contadas. Agora solicita a oferta do melhor que pode ser R\$ 1,00 ou qualquer moeda. Quase todos dão a sua “melhor” oferta. O cântico que está sendo entoado ajuda: *“O óleo precioso da unção... vem ungir minha oferta de amor...”*. As sacolas com o dinheiro são colocadas sobre o púlpito.

Há nova distribuição de envelopes para futuras ofertas. O Pastor Alonso convida todos para virem no dia seguinte participar de uma hora somente dedicada à oração e pergunta: - *Quem quer bênção de prosperidade?*

Para continuar justificando o momento do recolhimento de dinheiro, o Pastor informa que são R\$ 7 mil o aluguel do Fator Palace Hotel, em Boa Viagem, onde tem início naquele dia à tarde o Seminário “Como tomar posse da bênção”. E diz que ***ora para que os maiores dízimos do Recife venham para essa Igreja.***

O ritual do dinheiro se repete. As mudanças são mínimas. Versículos são citados para convencer as pessoas a ofertar, argumentando que há necessidade de sustentar a obra, mas de fato a impressão que dá é de pura barganha com Deus: - *Se você não abre o coração para dar como quer receber bênçãos? Eu quero abençoar sua vida financeira, mas antes quero lhe pedir para contribuir para a obra do Senhor. “Deus ama a quem dá com alegria”*.

Na próxima 3ª ou 4ª feira virá um arquiteto do Rio de Janeiro para fazer uma grande reforma na Igreja. Quem tá orando para fazer essa reforma? Com esses comentários ele acrescenta que a sede da igreja da Graça, no Rio de Janeiro, está dando prioridade à igreja do Recife. Está implícito que contribuindo financeiramente a pessoa pode também ter abundância financeira. Ficar sabendo que vem um arquiteto com o projeto de reforma do prédio da igreja, algo que vem sendo bastante anunciado, também leva o fiel a se sentir responsável pela possível transformação física que implicará em maior conforto para todos. Ou seja, todo esse discurso converge para a responsabilidade financeira de quem frequenta essa igreja.

Em várias reuniões o tema reforma da igreja é reforçado. Em uma delas o Pastor Hélio mostra o interesse pessoal do Missionário Soares. Interrompe a prédica que estava fazendo, tira o paletó, pois está fazendo muito calor, e diz: - *Ontem tivemos a visita do Missionário R.R. Soares para ver a obra. Está tudo esquematizado. Ele veio com seu filho. Tomamos o café da manhã, juntos. Agora vai ou.... vai* – diz esta frase esperando que o público complemente com o segundo *vai*. E acrescenta: - *Se até o homem veio aqui?!!* Retoma a sua prédica. As técnicas de convencimento são eficazes. A mensagem que ele passa é que se o Missionário Soares esteve aqui é devido à grande importância que essa igreja tem e por consequência os seus integrantes também. A finalidade é elevar a auto-estima dos fiéis à estratosfera.

Em outra ocasião de recolhimento de dízimos e ofertas o Pastor lembra: – *Semana que vem é a última 6ª feira. Capricha no seu pedido. 6ª feira, dia 9, vamos começar campanha inédita. Não posso falar agora.* Enquanto a distribuição de novos envelopes continua, o Pastor Hélio começa a cantar “*As minhas mãos estão cheias do poder de Deus...*” e os fiéis o acompanham.

Gestos teatrais fazem parte do modo de se comunicar do Pastor Hélio. Enquanto faz uma digressão para justificar e convencer todos a darem sua colaboração financeira, cita primeiramente um versículo²⁰³ e depois sem citar a referência bíblica, acrescenta: - *Boa medida recalçada, sacudida, transbordante.* Repete essa frase diversas vezes. E nesse momento exacerba no gestual: com a palavra “recalçada” simula colocar muita coisa dentro de uma sacola e empurra para caber mais; ao dizer a palavra “sacudida” balança o corpo e a sacola imaginária de maneira que caibam mais coisas; e ao falar “transbordante” faz menção de um saco derramando. Durante toda sua digressão insiste para convencer os presentes de que *quem dá muito, recebe muito* e de que *é preciso abrir o coração na hora de ajudar.*

²⁰³ 2ª Carta aos Coríntios, capítulo 9, versículo 8: “*Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tenha sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra*”.

Um dia o pedido de “ofertas” extrapolou qualquer lógica que eu como pesquisadora pudesse acompanhar. Depois de pedir a todos para colocarem *seus envelopes sobre o altar* (chão do púlpito), o Pastor Hélio começou a entoar, acompanhado pelos presentes, o cântico: “*Eu venho trazer, eu venho trazer ao meu Salvador, a minha oferta de amor, aceita Senhor, aceita Senhor a minha oferta de amor*”. Mais da metade dos presentes entrega seus envelopes. Continua a falar: - *Vou ensinar porque você tem que trazer ofertas para a casa de Deus*. Pede para que todos abram suas Bíblias em II Coríntios 9:6-7²⁰⁴ e lê o texto compassadamente. Faz, então, todo um discurso para justificar e convencer a todos darem suas ofertas. Acrescenta o versículo 8 do mesmo texto²⁰⁵. Procura, ao máximo, falar numa linguagem que o seu público entenda e decodifica a linguagem porventura rebuscada que possa ser encontrada na Bíblia.

Em seguida faz uma série de trejeitos engraçados para ensinar como se deve ofertar. E ensina da maneira mais simples: simula colocar a mão no bolso ou na bolsa, retirar algo e colocar na sacola. As pessoas riem muito e a essas alturas estão completamente sensibilizadas para o que vem pela frente. Diz que Deus colocou no seu coração que, naquela reunião, cinco pessoas dariam uma oferta de R\$ 100,00. De minha parte achei impossível que isso acontecesse (“*Ah! Mulher de pequena fé*”).

Quase que imediatamente um homem de cabelos brancos, sentado na primeira fila, levantou-se e deu o dinheiro. Depois foi a vez de uma mulher. Houve uma pequena pausa. Ele continuou insistindo: - *O Pastor tá pedindo pra ele ou pra obra?* – *Pra obra* – respondem. Os Obreiros e Obreiras estão todos a postos, atentos. Mais uma mulher, jovem, e depois outra mulher (preenche um cheque, encostada ao palco), e – pasmem! - uma mulher de aparência muito simples, que estava perto de mim com o marido e o filho, também preenche um cheque e vai lá na frente entregar ao Pastor. O marido tinha ares de felicidade quando ela voltou (registro a simplicidade dela porque outros pareciam mais ser de classe média). O que me surpreendeu mesmo foi a rapidez com que o primeiro homem levantou. Não ficou claro para mim se era algo combinado antecipadamente. Quanto aos outros, a mim pareceu resultado da fé, da certeza de que o dinheiro estava direcionado para a “obra”, como amplamente ensinado.

²⁰⁴ “E isto afirmo: aquele que semeia pouco pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1381-1382).

²⁰⁵ “Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra...” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1382)

Os pedidos não se esgotaram por aí. O Pastor Hélio continuou e pediu que cinco pessoas doassem R\$ 50,00. Logo apareceram duas jovens mulheres, uma mulher mais madura, um homem e por fim outra mulher. Pouco a pouco foi decrescendo o valor do pedido. Agora pede aos que podem ofertar R\$ 30,00, R\$ 20,00 ou R\$ 10,00. Dezenove pessoas fizeram oferta nesses valores. E lá vem o cântico para reforçar esse momento. “*Quem dá com alegria irá prosperar e Jesus o abençoará... abençoando o pão de cada dia*”. Agora o Pastor Hélio pede doações de R\$ 5,00. Cerca de oito pessoas o fizeram. E mais um cântico se entoa: “*Eu tenho, tenho fé em Jesus de Nazaré...*”. O pedido agora é para os que só podem doar R\$ 2,00 ou R\$ 1,00. Mais ou menos 100 pessoas se deslocaram à frente para dar sua oferta. Suponho que naquela reunião foi recolhido em torno de R\$ 1.150,00. E ali se tratava apenas de uma reunião.

Percebe-se que essa nova investida para obter mais dinheiro veio da parte superior da hierarquia. Tanto é que foi executada pela primeira vez pelo Pastor Hélio, o principal deles. Numa reunião durante a semana, o Pastor Anderson tentou copiar o que aconteceu naquele domingo. Primeiro ele não sabia explicar o que era oferta “alçada”²⁰⁶ e pediu a ajuda ao Pastor Ednaldo. Depois repetiu o que o Pastor Hélio sempre diz: - *Não sou acanhado para pedir ofertas*. E insiste: - *Traga a oferta, não vá dar ao diabo nem remédio para o filho*. E tentou repetir a *performance* do Pastor Hélio: - *Tenho certeza de que tem três pessoas aqui hoje que vão ofertar entre R\$ 100,00 e R\$ 50,00*. Não aparece ninguém. Baixa para R\$ 30,00 e depois para R\$ 20,00. Não aparece ninguém. Ao chegar em R\$ 10,00 um homem faz a doação. Este acompanhava outro, branco, com ares de classe média, e disse ao Pastor que seu amigo queria lhe falar. A partir daí o Pastor Anderson sempre se dirigia a esse homem, sentado na primeira fila de cadeiras. Alerta ainda os desempregados para trazerem o primeiro salário para a *Casa de Deus* quando estiverem empregados. – *Quem crer vem, quem não crer fica olhando*.

Em outros momentos a técnica é aplicada em sentido inverso. O Pastor Hélio diz: - *Peço mesmo que você não dê*. Refere-se ao sustento da *Casa de Deus*, se não for feito de coração. E o cântico se expressa para influenciar o momento: “*Quem dá com alegria irá prosperar, Jesus o compensará. Oh! Senhor, abençoa esta oferta, abençoa os teus filhos que cooperam de coração, dando a eles paz e alegria, abençoando o seu pão*”. Pela alegria com que as pessoas cantam creio que já se sentem recompensadas.

²⁰⁶ O termo “oferta alçada” foi usado pelo Pastor Anderson sem saber o seu significado. O Pastor Hélio quando usou o termo, explicou que se tratava de uma “oferta” pré-determinada. O seu valor seria estabelecido antecipadamente.

Em uma das reuniões onde as pessoas entregam o *seu melhor*, em abundância, o Pastor Alonso não se contém: - *Êta Jesus, glória a Deus*. Mas não satisfeito ele acrescenta: - *Se você não pôde ajudar hoje, pode se preparar para domingo que vem, dia 25*.

Às vezes, técnicas de constrangimento são usadas para que as pessoas se sintam “obrigadas” a doar. Primeiro há a insistência para que ninguém tenha vergonha de ofertar. Em seguida faz os que não ofertaram levantar a mão, pois vai orar por eles para que tenham condições de doar na próxima vez. Várias pessoas levantam as mãos e recebem novos envelopes.

Os discursos também giram em torno de não ficar a idéia de que se oferta para ganhar algo em troca. Diz o Pastor Hélio que as bênçãos alcançadas são por obediência à palavra de Deus. A oferta, pois, significa honrar a Deus e não somente por necessidade de contribuir com a obra. Oferta-se por *fé, alegria, honra*. – *Deus ama*, completou, citando um versículo bíblico, *a quem dá com alegria*. *Se você honra ao Senhor você vai entregar...?* – *O melhor*, respondem em coro. – *Então entenderam o recado de Deus*. E continua, agora falando sobre ele mesmo, mas na 3ª pessoa do singular - *Tudo o que o Pastor Hélio ensina a vocês eu faço primeiro. Se ensino sobre o dízimo, sobre a primícia, eu faço primeiro. O pregador que não faz isso está errado. Dá a César*, e ele mesmo completa, *o que é de César*. Depois explica que ele próprio não tira o dízimo para somente depois tirar a primícia. Diz que faz o inverso. São fórmulas simples e diretas de comunicação e que têm efeito imediato. Colocar-se como exemplo é uma delas. E mais ainda quando para convencer a todos de ofertar mais, uma vez que, se retiram primeiro o dízimo, a quantia da primícia se reduzirá. A postura do Pastor é de convencimento mesmo, sem ambigüidades.

O Pastor Anderson tem suas próprias estratégias. Com a ajuda da prestimosa Obreira Tânia, que em tudo o que faz demonstra muita alegria, ele diz: - *Pegue sua maior cédula, apresente a sua maior cédula. A Igreja da Graça é fé pura. Daqui a pouco vou abrir a porta para a miséria sair*. A maior parte dos presentes levanta a mão com uma cédula de um real ou com um envelope. Anderson ora contra a miséria, a fome, as dívidas, a falência. E grita: - *Mal você não pode ficar nessa vida*. Uma música suave toca enquanto isso. Música que ele próprio aciona em gravação. Faz, então, uma oração para que o mal vá saindo. Todos repetem as frases que ele diz: - *Saia, saia, saia, e não volte mais. Diga: - Xô, xô, xô*. E ensina a todos a fazerem gestos de expulsão com as mãos na direção da porta. – *Agora a Obreira recolhe sua maior cédula. A fé lhe trará mais amanhã. O mesmo que você mostrou a Deus* (ou seja, você recebe de Deus na medida em que deu à igreja hoje).

O mesmo Pastor, em outra ocasião, na ânsia de levar os fiéis a darem suas ofertas, diz: - *Importa o que você é para Deus. Você é desrespeitado, humilhado.* Uma mulher grita: - *Ô glória!* Ele continua: - *Psiu! Olhe pra mim. Você é importante para Deus.* Atrela, então, oferta a obediência. Diz que não interessa o que vai se fazer com o dinheiro da oferta. E ameaça: - *Aqui é pauleira! A Igreja é fogo! Não é pra passar a mão na cabeça. O que mais gosto de fazer o diabo me tenta.* A linguagem chula desse Pastor é sua marca.

Cada Pastor pode obter dinheiro para a igreja empregando fórmulas diferentes. O Pastor que dirigiu uma das reuniões deixou claro que a igreja tem necessidade de dinheiro para o seu sustento e exemplificou que um programa de rádio com a duração de uma hora custa R\$ 10.000,00. Salientou, no entanto, que ninguém fizesse barganha com Deus, dando para receber em troca, e nem pensasse que o fato de dar a Deus ficaria rico. E aí repetiu uma frase que contribui para que as pessoas entreguem à igreja o máximo de seus recursos e, paradoxalmente, se conformem com o que têm. Disse ele: - *A riqueza é um dom de Deus, e Ele dá a quem Ele quer.*

Num dos domingos durante a oferta dos “presentes”, comprei por R\$ 10,00 a revista “*Como receber o batismo com o Espírito Santo*”. Para minha surpresa no domingo seguinte o valor passou a ser de R\$ 5,00. Naquele dia o Pastor explicava: - *Se Deus deu a você condição de dar R\$ 1.000, R\$ 500 e você dá R\$ 10, está errado.* “Consola” os que não puderam ajudar. Diz que não devem por isso se sentir inferiorizados. Diz que muitos têm medo, pensam que doar à igreja é invenção do Pastor, que é coisa do homem. Alguns desses, diz ele, têm o seu coração nos bens materiais, por isso não são capazes de doar algo mais. Palavras contraditórias, pois a igreja gasta muito tempo do seu culto para convencer os doadores. É só computar o tempo gasto a cada vez no recolhimento das ofertas.

Dentre os “presentes” que são oferecidos inclui-se um CD contendo sermões do Pastor Hélio e outro com sermões do Missionário Soares. O Pastor Hélio insiste em dizer que o que contém seus sermões são uma doação para o conjunto musical da igreja a fim de que ele grave seu próprio CD. E que a letra da última faixa é de autoria do Pastor Ednaldo. Pede a ele para cantá-la. É o comercial. Insiste mais uma vez que não está ganhando nada por isso.

O Pastor Hélio em uma reunião deixa bem claro que a sua sobrevivência e de sua família depende das ofertas dos fiéis. Expressa com clareza a necessidade das pessoas ofertarem. E afirma com muita ênfase e convicção: - *Como vou comer, vestir, tendo mulher e filha, se não receber a “ajuda ministerial” mensal. Eu também dou as primícias,* acrescenta. Lembra ainda que o dízimo não passa de uma “devolução”, pois aquele dinheiro pertence a Deus. Após o seu discurso enfático, muitas pessoas pegam o envelope para as primícias.

De fato, a igreja recolhe dinheiro em todas as reuniões e diariamente. Isso significa, no mínimo, três vezes ao dia, pois há dias de cinco reuniões.

O esquema de recolhimento do dinheiro é montado com grande eficiência. Depois de coletado em diversas sacolas, todas são concentradas em uma só. Somente depois de várias tentativas consegui acompanhar a sua retirada do grande salão. Essa era, de fato, uma das coisas que mais me intrigava. Aos poucos pude perceber a estratégia que funciona com alguma variação a cada vez.

Ao colocarem tudo numa só sacola, em geral, acomodam-na no móvel sobre o púlpito que serve de suporte para a Bíblia durante a pregação do Pastor. É um móvel transparente, portanto, fácil de ver qualquer objeto que se coloca nele. Algumas vezes o Pastor ora pelas ofertas com a mão sobre a sacola, pede a todos que se mantenham de olhos fechados, e, antes que conclua a oração, outro Pastor retira a sacola e a leva lá para dentro. O que está segurando a sacola abre os olhos durante a oração para soltar a sacola e ver quem a está levando. Outras vezes há uma caixa atrás do palco (o púlpito) e a sacola para onde convergem as outras sacolas é colocada dentro da caixa, distante do Pastor que está orando. Nesse caso, a caixa é conduzida por outros dois Pastores. Mas há ainda a possibilidade de a sacola estar no móvel transparente e enquanto o Pastor distrai a atenção dos fiéis com outros assuntos ou os Obreiros distribuem novos envelopes para ofertas, ela é retirada sem que se perceba, inclusive eu que, como pesquisadora, estava atenta aos menores detalhes. Precisei de muita disciplina pessoal para perceber a retirada do dinheiro das ofertas do grande salão. Isso denota o funcionamento articulado da equipe da igreja.

Em um dos momentos de oferta o Pastor diz que é preciso abençoar este dinheiro, pois ele passou nas mãos de muita gente como maconheiros, prostitutas, catimbozeiros etc. Faço esse registro para em outro momento comentar a categoria catimbozeiro colocada lado a lado com maconheiro e prostituta. Essa frase afirmaria alguma prevenção contra a religião afro-brasileira?

Reflico e tento entender como essa fé, esse ritual, atingem pessoas e penso na possibilidade de estarem sendo enganadas. O ritual assemelha-se ao da igreja Universal e num primeiro momento achei-o mais ostensivo. Na verdade, a Universal suplanta a igreja da Graça²⁰⁷. O que não significa que esta também não percorra o trajeto de “arrancar” dinheiro das pessoas que, me parece, por fé, por creditarem confiança ao Pastor, entregam o dinheiro na esperança de receber bênçãos. É uma forma mais branda de indulgência? As necessidades

²⁰⁷ Nisso tem razão o Pastor Alonso. Na entrevista que concedeu diz que saiu da Universal por causa da sua agressividade em tirar dinheiro das pessoas sob a promessa de bênçãos.

humanas são as mesmas de sempre e as religiões estão aí para oferecer e satisfazer as suas expectativas.

5.1.7 Aplausos

Os aplausos fazem parte do ritual: após as orações, após os cânticos, após os testemunhos, após as ofertas, após as prédicas ou mesmo para acompanhar o ritmo dos cânticos. As palmas sempre são pedidas pelos dirigentes dos cultos. O Pastor Hélio, por exemplo, em uma ocasião em que fazia uma oração fez com que todos a repetissem frase a frase e no fim incitou-os a darem *Graças a Deus* e uma *forte salva de palmas*. Esse comportamento não é exceção, é a regra. De vez em quando é dito que são *palmas para Jesus*.

No Seminário de Mulheres na Graça de Deus, ocorrido em 01 de outubro de 2005, num sábado à tarde, a programação teve uma dinâmica bastante diferente.

As mulheres dessa igreja, independentemente da idade, participaram de ensaios do que seria apresentado nesse dia. Foram várias as apresentações. Em uma delas duas jovens de saia longa dupla – uma vermelha e uma branca, sendo que a branca por ser mais comprida aparecia como uma espécie de barra – e blusa branca, fazem coreografias sobre o púlpito, improvisado como palco. São acompanhadas por uma música e por uma cantora do conjunto musical. Depois entram mais oito moças e mais duas cantoras. Dançaram e cantaram numa tentativa nem sempre bem sucedida de executar a coreografia, a partir de uma música que, aos meus ouvidos, não se adaptava à letra (ou vice-versa). Ao final, aplausos delirantes. O grupo deu-se as mãos e agradeceu como se costuma fazer no teatro ou em *shows*.

Nesse Seminário a Pastora Nara, uma das convidadas, faz uma das suas orações ouvindo-se em paralelo o cântico “*Em tua presença, Senhor, eu quero estar e mergulhar, descansar em teus braços...*”. O Pastor Ednaldo, acompanha ao teclado e é o único homem presente e participante da programação. Ao final da sua oração além do *Amém*, o inevitável *Palmas para Jesus*. A Pastora Nara diz que as mulheres digam umas às outras: - *Continue, vai valer a pena*. Algumas se abraçam e dizem a frase com todo o vigor. É o êxtase. – *Palmas para Jesus*.

Os grupos de dançarinas apresentam-se e se retiram. Algumas jovens que se apresentaram passam várias vezes do lado do salão. Não participam da reunião. Creio que, a exemplo do comportamento do conjunto musical durante os cultos de rotina, já fizeram o papel delas.

Chegou o momento do Jogral²⁰⁸. Apresentado por quatorze Obreiras – a maior parte mulheres de meia idade –, que se intitulam as *Atalaias do Senhor*. Elas se dividem em duas filas indianas no palco. Uma começa a falar de cor o seu texto e com uma voz que evidencia muita autoridade. Parece ser a líder do grupo. Aplausos. Ela, então, diz: - *Só a Ele a honra e o louvor. Essas palmas são para Ele. Nós não merecemos nada. Amém!* De fato é a primeira vez que ouço alguém falar tão diretamente e com tanta aparente humildade que os aplausos são para Deus. Uma a uma e alternando-se os lados falam sobre mulheres da Bíblia. Posso divisar minhas simpáticas interlocutoras como partícipes desse Jogral: Mariana, Tânia e Guida. Maria, que nunca consegui entrevistar, também integra o grupo. O texto é decorado, mas algumas acrescentam suas próprias palavras. Aplausos a cada uma que fala. Algumas coreografias com os braços e mãos acompanham as falas. A líder delas fala no final: - *E as virgens do Senhor?* Ninguém levanta as mãos. Somente ela. Não sei se não entenderam que ela pedia para que se apresentassem as virgens presentes. Ela própria disse: – *Eu tenho 35 anos e estou esperando no Senhor*. Faz um solo de um hino que conheço: “*Quando tudo deixares no altar...*”. Os aplausos explodem de novo.

Mais um grupo se apresenta. Uma moça galega oxigenada do conjunto musical da igreja dá um testemunho ininteligível antes da apresentação desse grupo. Em seguida ela canta, posicionada no palco menor ao lado do maior, juntamente com outra jovem, acompanhando uma nova coreografia executada por quatro moças. Duas delas vestem um colante vermelho, uma saia longa vermelha com barra branca e faixa vermelha na diagonal do tronco; outras duas de colante branco, saia longa vermelha e faixa igual às outras. Quando dão grandes rodadas dá para ver uma calça comprida azul escura, colada ao corpo, por debaixo da saia. Alguns colantes revelam algum excesso de gordura e salientes barriguinhas, o que me parece não corresponder ao que os jovens Pastores têm como meta, ou seja, conservarem-se bem fisicamente porque *o corpo é o templo do Espírito Santo*. Durante a apresentação as Obreiras ficam quase todas juntas, próximas ao palco, com expressão de total deslumbramento. Ao final da apresentação, palmas, muitas palmas. E muita vibração pela apresentação.

Em seguida as *Atalaias do Senhor* cantam. Há uma gravação feita por uma mulher e elas acompanham também com coreografia. A música começa lenta, depois se transforma num xaxado. Elas acompanham com palmas e o público também. Aplausos. Como fica claro,

²⁰⁸ Lembro que quando entrevistei a Obreira Luna, ela estava apressada para terminar a entrevista e uma outra Obreira perguntou-lhe se ela não ia ao ensaio do Jogral. Ela disse que sim. Depois perguntei a outra Obreira, o que era o Jogral, e ela me respondeu que era para apresentar no dia deste Seminário.

não há impedimento nem constrangimento para a execução de coreografias em que o corpo se balance ao compasso da música.

5.1.8 Reverência

Falar em reverência é falar em forma de comportamento e de participação nas reuniões. Na medida em que tentei escrever sobre esse assunto descobri que tendia a fazê-lo usando minha própria definição, que estaria ligada a uma introspecção, a uma calma, a uma concentração. Contudo, cada grupo define o seu significado pelo modo como participa de suas reuniões. No caso da igreja da Graça, os fiéis se vêem como adoradores de Jesus e de Deus. E têm seu próprio jeito de exercer essa atividade religiosa.

E nada melhor do que começar pela participação de alguns integrantes do conjunto musical dessa igreja. São muitos os registros que fiz da participação desse grupo, uma vez que ele tem um papel de destaque e ocupa um *status* bastante definido na hierarquia. *Status* que se manifesta inclusive pela variedade de vestuário que o grupo usa a cada domingo, destacando-se completamente dos outros integrantes da hierarquia da igreja. Cada tipo de roupa que o conjunto usa tem um toque especial de roupa para ser usada em festas. Em todos os cultos, sobretudo aos domingos, onde a presença dos fiéis se faz mais numerosa, há a participação desse conjunto formado por moças e rapazes. O número varia de cinco a mais ou menos dez componentes. Cantam os louvores para serem ouvidos pelos presentes ou lideram louvores para que os presentes acompanhem as letras, cantando também. Os instrumentos musicais também variam. Nos domingos, em particular, além do teclado, tem bateria e baixo elétrico e às vezes instrumentos de percussão. Nas reuniões menores, durante a semana, em geral, o Pastor Ednaldo, tecladista, compositor e cantor, é o único a realizar a tarefa musical.

O que chamou a minha atenção como pesquisadora é que quase todos os integrantes desse conjunto, salvo algumas exceções, permanecem no lugar de sua apresentação, exclusivamente na hora em que estão designados para cantar e tocar. Ao terminarem sua tarefa, retiram-se imediatamente. A mensagem, ao que tudo indica, não lhes interessa. Uns poucos, e nem sempre, sentam entre o público. A maioria se retira totalmente do ambiente de culto. Retorna somente quando ouve a palavra mágica – “terminar” – do Pastor: - *Vou terminar*. E mesmo quando estão ainda durante o culto, nem sempre acompanham com reverência as orações. Conversam, riem enquanto a oração está sendo feita pelo Pastor.

Certa vez o Pastor Hélio ao procurar o pessoal da música e não encontrá-lo no seu lugar, comentou em alto e bom som que ele estava em pecado, pois deveria estar ali ouvindo a palavra de Deus. Ameaçou com *uma bronca*, mas voltou atrás e pediu para chamá-lo, pedindo uma salva de palmas como forma de constrangê-lo²⁰⁹.

Mesmo depois desse fato público nada mudou no comportamento do conjunto musical. Se realmente houve “a bronca” não redundou em resultados positivos. De fato, a rotina desse comportamento despertou minha curiosidade e me fez um dia ir atrás do conjunto quando este se retirou do culto, mal havia começado a mensagem do Pastor. Precisava ver o que acontecia em paralelo, pois em termos de compreender a hierarquia e a organização, o que mais conta não é o visto pelo público em geral, mas pelo contrário, o que não é visto²¹⁰. É claro que a divisão de trabalho é uma realidade nos grandes grupos. Mas eis que encontro todo o conjunto musical – só restou um integrante no salão de reuniões e foi sua presença que me chamou atenção para a saída do conjunto – sentado descontraidamente na sala envidraçada, usada freqüentemente para a Pastora Isabel instruir os que vão se batizar nas águas. Todos conversavam, riam e brincavam animadamente. Alguns rapazes estavam sem paletó, outros fotografavam uns aos outros com o celular – inclusive o Pastor Ismael. Minhas suposições se confirmaram. Só que não imaginei que fosse tão ostensivo. O grupo só participa da reunião na hora em que se apresenta. Seu papel está exclusivamente ligado à música. Cumprida a tarefa não sente a obrigação de participar do culto. Esta pertence a outros na hierarquia.

Fiquei um certo tempo olhando disfarçadamente a vitrine dos livros, mas na realidade eu o observava. Senti-me um pouco como se estivesse exercendo a função de fiscal, e isso não me agradava em absoluto. Voltei para o salão. Era um dia de domingo. Ao chegar o momento da participação do grupo lá estava ele de volta, os rapazes já com seus paletós e todos prontos para sua apresentação.

E foi assim durante toda a minha estada no campo. O que categorizo como reverência não coincide talvez com o entendimento que o conjunto musical tem, haja vista o seu comportamento aqui descrito. Não posso, no entanto, deixar de relativizar, pois a função do grupo está sendo exercida: cantar e tocar nas horas programadas. A sua tarefa ele dá conta.

A exemplo do conjunto musical, o grupo de jovens dançarinas que se apresentou no dia do seminário de mulheres, também somente ficou no salão durante a sua apresentação,

²⁰⁹ Fato a que já me referi no item 3.3.8 deste Tese.

²¹⁰ A minha atitude justifica a tentativa do que Berreman (1990:142-143) chama de “*revelação do interior do sujeito estudado*”. É o que tenho tentado. Inclusive se não conseguir um desvendamento integral ficarei com as “*revelações oficiais*”, nas palavras do mesmo autor. Mas farei o possível para um desvendar mais íntimo.

depois da qual algumas integrantes passaram várias vezes do lado do salão enquanto transcorria a reunião. Creio ser o mesmo raciocínio: o papel já foi cumprido.

Com os Obreiros, embora tenha registrado uma série de comportamentos inadequados para uma reunião de igreja, não posso dizer que se assemelha ao conjunto musical. Várias vezes vi Obreiros ou Obreiras conversando animadamente enquanto transcorria a reunião, e mesmo durante a oração, momento em geral de mais concentração. Certa vez observei uma jovem Obreira, morena, bonita, sapato altíssimo completamente diferente do das outras Obreiras, com a magreza quase de uma *top model*, em animada conversa com outra jovem. As duas riem, brincam e fazem gestos que de longe dá impressão de estarem falando sobre roupa (são inferências minhas, pois na distância em que estou não ouço nada. Tento interpretar pelos gestos. O que fica claro é que não estão participando da solenidade do momento).

Assisti várias vezes o ritual do batismo nas águas. E mesmo durante a oração do Pastor, mais de uma vez vi a Obreira, que tinha a função de dar apoio ao Pastor e aos que estavam se batizando, conversando animadamente durante a oração com as outras pessoas que estavam assistindo o ritual. Passa-me a impressão de que a oração é do Pastor e que ela não tem que necessariamente participar.

Há também momentos de absoluto silêncio, sobretudo quando o Pastor está entregando a mensagem. Mas ele próprio pode quebrar esse encanto. E isso ele faz introduzindo brincadeiras. Em uma das vezes quando queria saber se os fiéis assistiram o programa “Show da Fé”, perguntou quem tinha assistido o Missionário e muita gente respondeu positivamente. Quis ir mais adiante: - *Quem assistiu o Pastor Hélio?* Praticamente a mesma quantidade de pessoas levanta a mão. Ele, então, brinca: - *Ah! Só vêem o Missionário, não é?* Em outro momento, talvez para descontrair o ambiente, fala do seu namoro com Isabel, sua esposa. Diz que ela não gosta que conte essa história. Pediu a Deus uma mulher para sempre e conheceu Isabel que não ligava para ele e um dia ao responder a uma das suas tentativas, disse: - *Está amarrado*. Ele completa: - *Estou amarrado até hoje. Nunca mais desamarrou*. Todos riem.

Para incentivar os fiéis a ofertarem com mais generosidade pede para que no dia 27 de novembro cada um traga um presente de R\$ 10,00 ou R\$ 5,00. – *Você não vem de mãos vazias, não é?* Será o seu aniversário e o maior presente que quer receber é a oração dos irmãos. Diz isso, mas pede que tragam presente em dinheiro.

5.1.9 Conversão e batismo

Aumentar o número dos que passam a pertencer a essa igreja é uma das razões da sua existência. Para isso faz-se necessário que as pessoas tomem decisões públicas e se submetam a alguns rituais. Nos rituais há um direcionamento para estimular as pessoas a aceitarem a Cristo. No entanto, o que acontece com maior frequência é motivar o crente a ser próspero, feliz, determinado e saudável. A indução permanente é que a vida aqui deve ser uma boa vida e não cheia de sofrimentos e derrotas. *As vitórias são dos crentes*, é o que mais se escuta nas prédicas, nos cânticos e nas orações. Contudo é preciso passar por alguns ritos e alguns deles devem ser repetidos sempre. E a igreja somente cresce numericamente se surgirem novos adeptos.

São três os momentos principais para o pertencimento a essa igreja: a conversão, o batismo das águas e o batismo do Espírito Santo, este não necessariamente para todos. Durkheim (1996:24) define-os como ritos, ou seja, “regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas”.

Começo pelo primeiro, a conversão. Teria várias cenas para descrever. Escolho algumas. Isso não acontece em todas as reuniões. Mas em algumas, após a pregação, o Pastor faz o apelo para os que querem se converter. Em geral são apelos que tocam a emoção das pessoas a exemplo da frase *amanhã pode ser muito tarde* ou chamar para pertencerem àquele que é o *único e suficiente Salvador* ou se *querem se decidir ao lado de Jesus*. Havendo ou não retorno positivo, depois de nova insistência, ele parte para o segundo apelo. Este atinge praticamente a todos. Chama os *que estão dispostos, a partir de agora, a fazer a vontade de Jesus* ou *a se reconciliar com o Senhor*. Nesse chamamento estão incluídas pessoas originárias de outras denominações evangélicas – sem declinar seus nomes –, que estejam *afastadas de Deus* ou que foram batizados ainda quando eram crianças (ressalte-se que essa igreja não batiza criança, ela apenas “apresenta” a criança à comunidade). Praticamente todos se levantam enquanto os músicos tocam uma música suave. As Obreiras, os Obreiros e os Evangelistas caminham pelos corredores prontos a dar apoio a quem precisa.

De fato, alguém sempre atende ao apelo. Já aconteceu de ser apenas uma pessoa, mas outras vezes oito, quinze, pessoas de idades as mais variadas possíveis. Certa família (mãe e dois filhos adolescentes) que freqüentava com regularidade aquela igreja, chamava minha atenção por ser branca e loira, uma vez rendeu-se ao apelo. As pessoas eram chamadas para irem para perto do púlpito onde o Pastor orava por elas, com a mão sobre a cabeça de cada uma, ao tempo em que pedia para que todos os presentes levantassem suas mãos na

direção daquelas que se converteram. A oração do Pastor era sempre plena de emoção, a voz às vezes trêmula, e acompanhada da declaração de que aquelas pessoas agora estão *curadas, abençoadas, libertas do diabo e agora têm seu nome inscrito no Livro da Vida*. Naturalmente que há sempre um cântico reforçando o afloramento das emoções. Um deles é “*Limpe o meu coração, Jesus...*”.

Testemunhei também conversão de um adolescente. Não tinha mais que 12 anos de idade. O próprio Pastor Hélio conta que sua filha havia se batizado nas águas com 11 anos e que ele nunca havia insistido com ela, pois seria algo a ser decidido por ela.

Algumas conversões têm sua origem em crises pessoais. A Obreira Mariana converteu-se quando estava passando por uma crise conjugal. Uma amiga insistia com ela: *Mariana, só sei, minha filha que a única solução é Jesus. Foi Jesus quem me ajudou, hoje eu estou aqui*. Descobriu, então, o programa do Missionário Soares na TV. Foi ouvindo a mensagem e converteu-se: *...aqueles problemas diminuíram tanto diante do amor do Deus que eu tava conhecendo. [...] Ah! Jesus, eu vou seguir teus passos*. Quando a igreja da Graça instalou-se no Recife ela decidiu freqüentá-la: - *Aí eu disse: é agora. Aí eu já tinha passado dois anos antes ouvindo, assistindo pela televisão*.

A Obreira Guida passou por experiência semelhante, com outros elementos complicadores:

...meu marido estava bebendo muito [...] tava um desespero, entendeu? [...] Meu marido chegava em casa e dizia que queria me matar, ele chegava em casa e me desconhecia, até que chegou um momento muito difícil. [...]...foi quando eu comecei a vim pra cá. Aí contei ao pastor Orlando e ele muito me apoiou: - Irmã, a mulher sábia edifica a sua casa, a tola por si só a destrói. Vamos orar porque o Senhor Jesus vai fazer a obra na sua vida e vai restaurar tudo. E me apoiou e eu comecei fazendo a obra, fazendo campanhas e o senhor transformou, mudou totalmente, meu marido voltou arrependido [...] ... começou a vim pra a Igreja e Deus fez a obra. [...] Eu vim porque me tocou, a palavra foi o que me tocou.

O segundo momento de pertencimento a essa igreja é o do batismo nas águas. Para isso as pessoas seguem algumas orientações. Todas devem fazer o curso de preparação para o batismo com duração de 40 a 50 minutos (outra vez o Pastor disse que eram apenas 20 minutos) e no prazo de quinze dias serão batizadas. Esse curso em geral está sob a responsabilidade da Pastora Isabel (esposa do Pastor Hélio). Numa das vezes em que a vi instruindo os que iriam se batizar, uma Obreira perguntou-me se eu já havia me batizado e respondi-lhe que sim, mas não nessa igreja. Para participarem do ritual deverão pegar um roupão azul padronizado a fim de serem imersos na água. Nunca consegui detectar se alguém registrava os nomes daquelas pessoas.

Várias vezes assisti esse ritual, tanto na igreja da rua da Soledade quanto na da Avenida Cruz Cabugá. Na primeira, o tanque cheio d'água, revestido de cerâmica nas duas faces e com muita umidade, ficava dentro do templo. Na segunda, uma piscina plástica pequena semelhante a que as crianças usam para brincar e se localizava no fim do terreno, após a sala onde as crianças estudavam. Tanto os jovens Pastores que dirigiam o ritual quanto os batizáveis estavam vestidos com a bata azul sobre sua roupa. Alguns familiares acompanhavam o rito, inclusive fazendo fotografias antes, durante e após a imersão na água, e ainda junto aos Pastores. É evidente que é um momento importante na vida daquelas pessoas. Obreiros estão sempre por perto dando seu apoio, seja para enxugar o chão que fica molhado, seja para encaminhar os já batizados para os banheiros onde irão trocar uma roupa enxuta.

Antes de começar o ritual os Pastores oram e depois vão batizando um a um os que estão à espera em fila indiana. São homens, mulheres e jovens de idades diversas e com fenótipos diferentes: negros, morenos, brancos.

Na igreja já instalada na Avenida Cruz Cabugá, o batismo nas águas está sempre a cargo do Pastor Anderson. Ele fica também dentro da piscina vestido com o roupão azul. Repete sempre o mesmo ritual e a frase com muita autoridade: - *Eu, como Ministro de Deus...* E faz uma oração pela vida da pessoa que está sendo batizada, com os olhos alternando-se entre o abrir e o fechar. Em seguida, segura-a por trás da cabeça para imergi-la, não sem antes perguntar se ela tem certeza de que aceita Jesus como Salvador e avisar que ela deve fechar os olhos e tapar o nariz. Informa ainda que no momento da imersão seus pecados ficarão na água²¹¹, sua vida se transformará e passará a ser nova criatura. Imerge-a e levanta-a com a mesma rapidez. As pessoas confirmam sua decisão, fecham o nariz, são seguras e imersas de costas na água. Ao levantarem estampam no rosto um sorriso de uma nova vida, de felicidade. É o que me transmitem. O ritual se repete para cada indivíduo que se batiza. Duas mulheres que assistem o ritual vibram e uma delas exclama alegremente ao ver uma jovem magra, negra, de cabelos grandes caindo em belos cachos: - *Glória! A salvação entrou na minha casa.*

Uma Obreira cuja função é dar apoio ao ritual, conversa animadamente com pessoas que estão assistindo o batismo mesmo durante a oração. A mesma Obreira está com umas fichas na mão, mas não a vi em momento algum preenchê-las ou utilizá-las para alguma coisa. Depois é a vez de uma mulher negra de meia idade que tem medo da imersão e o Pastor

²¹¹ Rito de passagem de que fala Van Gennep, segundo Da Mata (1981:151), ao comentar a entrada do antropólogo efetivamente no campo de estudo. No caso do batismo, note-se que o rito de passagem se traduz pela purificação dos pecados. Estes “ficam” na água depois da imersão a que a pessoa se submete.

Anderson tem um pouco de trabalho em levá-la por ela ser um pouco mais pesada do que os outros que estão sendo batizados. Ela escorrega, todos riem, inclusive ele. Uma mulher fotografa a cena.

O Pastor Anderson pergunta se tem mais alguém para ser batizado. Diante do silêncio, as poucas pessoas se retiram e algumas vão esperar os que se batizaram à porta de um banheiro próximo ao espaço onde fica a piscina. Frequentemente o Pastor Anderson tem um auxiliar. Em uma das vezes um homem que se batizou por último – primeiro foram todas as mulheres – foi fotografado por uma mulher durante todo o ritual. Depois que ele saiu da piscina pediu-me para que fotografasse os dois juntos e perguntou-me se eu queria tirar uma foto com ele e outra foto com ela. Recusei delicadamente e disse que gostaria apenas de fotografá-los. Durante esse batismo não me escapou um certo ar de deboche do rapaz que ajudava o ministro. O homem era baixinho, barrigudo, diria mesmo que gordinho. O rapaz fez um ar de riso no momento em que teve que segurá-lo. E realmente eles tiveram dificuldade com o peso do homem. Não conseguiram levá-lo imediatamente, o homem patinou um pouco, quase voltando a imergir. Fizeram um esforço maior e com a ajuda do próprio homem levantaram-no de novo.

Certa vez uma mulher dirigiu-se para o Pastor Anderson e perguntou: - *Tem batismo todo domingo?* Ao que ele respondeu: - *Não, só no 2º domingo de cada mês.* A mulher: - *Tem que trazer roupa?* Pastor Anderson: - *E vai pra casa toda molhada?* A mulher foi embora. Fiquei surpresa com o jeito dele responder. Afinal o que significa o batismo para ele?

Como já disse em linhas atrás, nessa Igreja não se batiza crianças, *se apresenta*, assim dizem os Pastores. Vi em algumas ocasiões esse ritual. Um deles sob a direção do Pastor Alonso. - *Cadê a criança que vou apresentar?* *Criança não se batiza, se apresenta.* Sobe ao palco um casal negro com uma garotinha no braço. O Pastor pergunta: - *Ana Beatriz, qual o pecado que você cometeu?* E arremata: - *Ela nem fala.* Faz uma oração com a mão sobre a cabeça da criança que está nos braços da mãe. O pai está ao lado e depois desce para fotografar. O Pastor pede para que todos direcionem a mão na direção de Ana Beatriz durante a oração.

Outra vez o ritual foi realizado pela Pastora Isabel. Chama Hugo, filho da Obreira Ana. Afirma Isabel: - *Gente! Criança não se batiza, se apresenta a Deus. Criança não tem pecado, e batismo é o perdão dos pecados.* Pede ao Pastor Anderson para segurar a criança. Este o faz desajeitadamente. A Pastora ora com a mão sobre a cabeça da criança e a Igreja levanta a mão direita. Uma música suave serve de fundo musical.

Por fim comento o batismo do Espírito Santo. Este significa falar em *línguas estranhas* – a glossolalia – pela primeira vez e não é acessível a todos. Para integrar o grupo de Obreiros é indispensável, pois precisa *de força espiritual e física para segurar o outro*. – *Imagine alguém que não tenha o poder de Deus, como poderá sustentar nos braços o outro?* – disse o Pastor certa vez. E numa 6ª feira, dia de reunião de Libertação Total, o Pastor anunciou: - *Quem não tem ainda o poder do Espírito Santo deverá vir no próximo domingo, em jejum, às 7h ou às 10h.*

O Pastor Hélio ensinou didaticamente como se *recebe o batismo do Espírito Santo*. E o faz embasando seu discurso em vários versículos que falam sobre o assunto²¹². Primeiro pergunta: - *Quantos ainda não foram batizados no Espírito Santo?* Muitos levantam a mão. Diz ainda que o Espírito Santo ensina a agir com amor, a andar na Palavra, fortalece no Espírito Santo, assiste nas fraquezas e dá força para testemunhar. E continua:

- Só uma coisa é necessária para o Espírito Santo vir sobre você. Uma coisa só. O que é? Decidir, escolher o Senhor. Não pode ter vínculo com o mundo. Jesus não habita um templo assim. Tudo é por meio da fé. Se você der uma oferta sem fé, de nada adianta. A primeira evidência do batismo no Espírito Santo, qual é? Falar línguas estranhas. O Espírito Santo não fala em línguas, ele dá as línguas, quem fala é você. Você não vai sentir nada no seu corpo: ficar troncho, entortar o corpo. O Espírito Santo é manso. Quando o Pastor Hélio orar eu vou pedir que o Espírito Santo desça sobre você. Você não vai entrar em transe. Você vai sentir algo gostoso. Vai chegar o momento que vou dizer: fale em línguas agora.

²¹² Gálatas 5:22 – “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio”.

Atos 1:5 – “Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias”.

Atos 19:1-5 – “Aconteceu que, estando Apolo em Corinto, Paulo, tendo passado pelas regiões mais altas, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos, perguntou-lhes: Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes? Ao que lhe responderam: Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo. Então Paulo perguntou: Em que, pois, fostes batizados? Responderam: No batismo de João. Disse-lhes Paulo: João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cressem naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus. Eles, tendo ouvido isto, foram batizados em o nome do Senhor Jesus”.

Atos 2:4 – “Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”.

Lucas 11:11-13: “Qual dentre vós é o pai que se o filho lhe pedir [pão, lhe dará pedra? ou se pedir] um peixe, lhe dará em lugar de peixe uma cobra? Ou, se lhe pedir um ovo lhe dará uma escorpião? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo a aqueles que lho pedirem?”.

João 14:16-17 – “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito de verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e está em vós”.

(Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1397,1270,1299-1300,1272,1200,1256).

Agora o Pastor Hélio diz: - *Olhe pra seu irmão e diga: o Espírito Santo está em você.* Todos obedecem. Continua: - *Quem ainda não recebeu o Espírito Santo?* Mais da metade dos presentes levanta a mão. Chama-os lá para frente: - *Traga sua bolsa, tudo o que é seu.* Pede para que se posicionem em torno do “altar”. Paralelamente uma música sobre o Espírito Santo é entoada: *“Vem Espírito Santo...”*. O Pastor Alonso e mais outro Pastor (não conheço) vão para junto do Pastor Hélio e conversam com ele. Os Obreiros e Obreiras se deslocam para perto do púlpito. O Pastor Hélio começa a orar. Grita, chama o Espírito Santo. Todos estão com as mãos para o alto. O Pastor alterna *línguas estranhas* com a língua portuguesa e grita impondo as mãos sobre as cabeças dos que estão em torno do palco: - *Recebe, recebe.* Muitos falam, tremem, choram. Mesmo alguns que permaneceram nos bancos. Algumas Obreiras andam, oram, choram, falam *línguas estranhas*. A música é executada todo o tempo. Neste momento os músicos emitem sons estranhos nos instrumentos musicais. Para exacerbar as emoções? A um sinal do Pastor termina o êxtase. Ele faz a contagem dos que falaram em *línguas estranhas*. 78 ao todo. – *Aleluia!* – grita. Todos gritam, batem palmas. Uma música alegre completa o cenário: *“Senhor te quero...”*. Ele consola os que não conseguirem aquele intento: – *Não fique triste quem não falou. Está perto, garante.*

O que se deduz, de fato, é que o batismo do Espírito Santo se dá na primeira vez em que a pessoa emite sons semelhantes a *línguas estranhas*. Daí em diante o fenômeno se repete sempre que o Pastor estimula durante as prédicas.

No **CAPÍTULO 6**, no item em que abordo a Glossolalia, dou um nível de detalhes maior e comento algumas “*manifestações do Espírito Santo*”.

5.1.10 Ceia do Senhor

A Ceia do Senhor integra os ritos que reforçam as crenças, movimentam o grupo em torno de uma fé comum e têm função aglutinadora (DURKHEIM 1996:28). Todos que *são salvos em Cristo*, não importa a igreja a que pertençam, podem participar. Diversos nomes lhe identificam: Comunhão, Ceia, Santa Ceia, Ceia do Senhor. O que de fato se constata é que se trata de um rito que rememora o mito. E nessa igreja ele tem caráter de transubstanciação.

O ritual é simples. Um pequeníssimo pão semelhante a uma bolinha de salgadinho de queijo é distribuído em bandeja pelos Obreiros. Quanto ao vinho (suco de uva) é

distribuído em copo plástico de cafezinho pelas Obreiras. Depois, ordenadamente todos os copos são recolhidos pelos Obreiros e Obreiras.

O Pastor alerta: - *Quem não aceitou Jesus não participe*. Todos esperam para tomar a Ceia de uma só vez. Primeiro o pão, o Pastor ora, depois o vinho, o Pastor ora. A doutrina da transubstanciação é invocada: o pão é o corpo de Cristo e o vinho é o sangue.

Dependendo do Pastor que dirige o ritual observam-se algumas variações. Uma das vezes em que a Pastora Isabel ministrou a Ceia, as orientações foram: – *Receba o pão e o vinho e fique de pé*. Em seguida ela ora. – *Oh! Coma agora do corpo de Cristo. Aleluia!* Sua voz ressoa carregada de emoção e de *língua estranha*. Depois diz: - *Apresente agora o cálice. O teu sangue que nos torna mais alvo que a neve*. Carrega de novo a voz de muita emoção, várias pessoas oram ao mesmo tempo, enquanto se ouve uma música suave. A Pastora continua: - *Com os olhos fechados beba agora o sangue de Cristo*. Passa a orar em *línguas estranhas*. Sua voz sobe e desce. Quase chora. Ouve-se um murmúrio geral que também sobe e desce de volume acompanhando a oração da Pastora. Finda a oração ela diz: - *Diga aleluia, meu irmão, diga eu te amo Jesus*. Ouve-se um grande murmúrio que repete a frase e aumenta a voz acompanhando a dela. – *Entregue agora o copinho às Obreiras*. Homens e mulheres recolhem a maior parte dos copinhos.

Outras vezes os cânticos são determinantes para que as emoções explodam, a exemplo de “*Quero voltar ao início de tudo, encontrar-me contigo Senhor...*”. e logo depois: “*No sangue de Jesus há poder, vida e luz...*”.

Em Estrasburgo (França), as igrejas protestantes (Reformadas ou Luteranas) ou as evangélicas (a exemplo da Missão, de orientação pentecostal) não respeitam, no momento da Ceia, os princípios básicos da higiene. Nas protestantes, o pão é distribuído já em pedaços cortados, enquanto na pentecostal o pão vem inteiro e cada um rasga um pedaço. A distribuição do vinho, em todas que visitei, se dá em uma grande taça única para todos. Cada um entorna um gole e o dirigente que está fazendo a distribuição, limpa a boca da taça com um lenço. Em quase todas, o dirigente tem o cuidado de tomar o primeiro gole.

5.1.11 Programas especiais

Dentre os programas especiais dessa igreja registro o *Seminário de Mulheres na Graça de Deus*, o Seminário “*Como tomar posse da bênção*” e a vinda do Missionário ao Recife.

O primeiro foi amplamente divulgado durante vários dias e sempre criando muitas expectativas para as mulheres. Um folheto (**ANEXO XVI**), um cartaz eram oferecidos para que as mulheres pudessem convidar outras e fazerem a divulgação.

A chamada feita pela Pastora Isabel é que o encontro contaria com a presença de *uma doutora que vai para o Canadá* e participará desse Seminário ministrando palestras. Trata-se de uma médica obstetra, chamada Dra. Jade, *mulher de Deus*. E convidava *todas as mulheres de Deus*, mas que também fossem chamadas as não evangélicas.

Havia sempre uma movimentação na igreja para ensaiar um jogral, mas também um coral. O encontro estava programado para o 1º de outubro de 2005. E era sempre a Pastora Isabel a estimular a presença das mulheres: – *Você vai descobrir o valor que Deus deu à mulher. Vai falar das fases da mulher dos 10 aos 50 anos.*

No dia aprazado estava eu na igreja com toda a curiosidade do que seria um Encontro somente de mulheres naquela igreja.

Logo que cheguei vi três ônibus estacionados, dois ao lado da Igreja e um atrás. Na entrada duas Obreiras distribuem papeizinhos para sorteios. Todo o ambiente estava bem decorado com vários arranjos de flores naturais. O público era todo feminino. De todas as idades. Uma mulher sobe ao palco no estilo dos pastores, como se fosse uma grande artista adentrando para ter seu momento de glória. Está de terno verde – saia justa e casaco com manga $\frac{3}{4}$ - cabelo bem penteado e pintado de louro (ou ruivo?). No primeiro momento pensei ser a Pastora Isabel, esposa do Pastor Hélio. Somente no desenrolar da programação tive a certeza de que não era ela. É uma Missionária de Prazeres. Lê vários textos e repete o que os Pastores fazem, ou seja, diz palavras para todas responderem com *Amém, Glória a Deus*. Incita-as a responderem alto, cada vez mais alto, até atingir o clímax. Há Obreiras dessa igreja, mas há também de outras igrejas e posso identificá-las pelos crachás.

De homem presente somente o tecladista, o Pastor Ednaldo. As emoções afloram fortemente estimuladas pela Pastora. Depois ela informa: - *O Pastor Hélio foi chamado pelo Missionário para ser consagrado. E a esposa também é consagrada. Não é todo dia que acontece isto.*

A maior parte das mulheres está vestida de conjuntos de saia e casaco que lhes dão uma razoável arrumação, considerando a simplicidade da maioria e aparente falta de hábito de vestir roupa desse tipo. Talvez estejam na lógica do Pastor Alonso que diz *gostar de andar bem vestido parecendo um empresário*.

Depois começam as apresentações de grupos de dançarinas com coreografias acompanhadas por *playback* ou pelo tecladista, além de duas cantoras. Os delirantes aplausos

mostram a boa aceitação da apresentação. Era como se estivéssemos num teatro, pois o grupo agradece no padrão teatral: de mãos dadas, inclina-se na direção do público. Os grupos de cantoras e dançarinas vão se alternando.

A Missionária passou a fazer a chamada de todos os grupos que representavam as igrejas de Piedade, Sirinhaém, Arthur Lundgreen, Totó, Caetés, Prazeres, Vitória, Cruz de Rebouças, Carpina, San Martin, Arruda, Olinda, Caruaru, Boa Viagem, Sede. A cada igreja um grupo maior ou menor de mulheres levantava ou levantava as mãos para registrar sua presença. Alguns grupos eram animadíssimos e traziam inclusive faixas para se identificar.

A Pastora Nara assume a liderança da pré-dica. Num primeiro momento, num estilo calmo, sem grandes eloquências. Fala sobre a esterilidade da mulher, mas não necessariamente física, mas em qualquer área da vida. Prepara aos poucos as emoções. - *Quem tiver estéril, não importa em que área da vida, que fique em pé.* Todas ficam em pé. Antes de orar diz: – *Minha irmã, não depende da minha oração, clame ao Senhor com tua voz.* Todas oram em voz alta e a música as acompanha pelas mãos do tecladista Edinaldo. A oração da Pastora Nara sai com voz de muita emoção, perde toda discrição e grita como todas as outras. Fala em línguas estranhas. O êxtase se instala. O cântico como sempre contribui para reforçar as emoções: “*Em tua presença, Senhor, eu quero estar e mergulhar, descansar em teus braços...*”. Nara continua a orar. Ao final da oração, amém e palmas para Jesus.

Depois se apresenta o Jogral preparado pelas Obreiras que se intitulam *Atalaias do Senhor*. A reunião continua, mas não fico até o fim. Uma coisa ficou clara: aquele foi um grande evento para aquela comunidade. Isto se explicita pela mobilização das mulheres das diversas igrejas da Graça, o fato de estarem todas bem arrumadas para esse evento que foi bastante divulgado e que trouxe mulheres de várias igrejas dessa denominação.

O segundo evento que mobilizou a igreja, mas em menor proporção, foi o Seminário “*Como tomar posse da bênção*”. Ele era sempre lembrado especialmente para os que moram em Boa Viagem. Realizou-se num Hotel²¹³.

No primeiro dia participei do Seminário. Recebi um texto (**ANEXO XV**) para acompanhar o estudo. O Obreiro Walter recebia a todos do lado de fora de uma forma bastante delicada e com um largo sorriso de boas vindas. É ele quem lidera os Obreiros. A sala, um pequeno auditório de 108 lugares (segundo palavras do Pastor Hélio), cortina azul, ar-condicionado, carpete e sistema de som. Um Obreiro num birô na entrada. Uma mesa com alguns CDs, bem na frente, em destaque, ao lado do Pastor. Estava acabando de ser cantado

²¹³ Fator Palace Hotel, Rua dos Navegantes, nº 157 – Boa Viagem, às 17h do dia 06/08/05. Segundo anúncio na igreja, devido ao afluxo de pessoas passou a funcionar em dois horários: 15h e 17h.

um hino acompanhado por um tecladista que não conheço. Dentre os Obreiros reconheci apenas uma mulher. As fardas são as mesmas da manhã, exceto a roupa do tecladista (não me pareceu que o tecladista tivesse muita intimidade com o Pastor, pois ficou em pé o tempo todo até que o Pastor o fizesse sentar, o que deu a entender que não estavam ainda afinados entre eles).

Cerca de 100 pessoas estão no local. A maior parte é do sexo feminino. Há também vários casais. Poucos jovens. Presença de uma aparente classe média. Não sei como todo esse pessoal tomou conhecimento dessa reunião, pois sempre que ele perguntava na Igreja quem morava em Boa Viagem, no máximo 5 pessoas levantavam as mãos. Reconheço 2 homens que vi na Sede. Apenas 1 negro, de meia idade presente, além de mim. Uma criança de menos de 2 anos chora o tempo todo. A mãe se retira.

A primeira lição desse Seminário é aprender como *determinar*. Diz que não é a mesma coisa de pedir, mas é igual a *entender, mandar, exigir* em nome de Jesus. Como acontece na Igreja, as pessoas repetem, dialogam, completam frases e versículos. Ao meu lado uma senhora – aparentemente de classe média –, de aproximadamente 70 anos, participa ativamente nesse diapasão, completa todos os versículos que ele começa.

O Pastor conta várias histórias de sucesso de pessoas e dele mesmo porque *determinaram*.

O terceiro evento que vinha sendo anunciado ao que tudo indica não deu certo. Primeiro foi dito que aconteceria num estádio, mas ainda não seria divulgado para fazer surpresa. Seria o culto das luzes com cantores de São Paulo, anunciado pelo Pastor Hélio. Explica que as luzes do estádio apagam e acendem-se as que as pessoas portam nas mãos, como símbolo de que cada uma representa uma luz no mundo. Diz mais: - *O povo de Deus é um povo chic. Enquanto não assinar contrato, não digo o estádio. Paredes têm ouvido, e ouvido grande, torcendo contra nosso trabalho*. Será que se refere à igreja Universal?

Para melhor preparar o evento convida todos para integrarem o grupo de evangelização. – *Pelo menos nos dois domingos que antecederem o dia 26 de novembro* [é o dia da vinda do Missionário Soares]. O encontro não será mais num estádio, mas no Marco Zero, no Recife antigo. Divulga que cada pessoa deve adquirir um kit (uma lanterna, duas pilhas e uma Revista da Graça) no valor de R\$ 10,00 para ser levado no dia 26. Diz que as despesas são muitas. Somente o palco e a iluminação somam R\$ 40 mil. E o Missionário irá a Petrolina e se deslocará também de avião. Insiste muito para sensibilizar as pessoas a adquirirem o kit. – *Já imaginou quantas almas poderão ser salvas?*

Chego na igreja no dia seguinte ao da vinda do Missionário Soares. Ontem ele esteve em Recife e o encontro foi à tarde. O rapaz que toma conta da pipoqueira me disse que teve menos gente que o esperado, pois o público não era só de evangélicos e teve jogos importantes de futebol com os três times principais do Recife: Náutico, Santa Cruz e Sport. Acha ele que foi uma razão forte para esvaziar o encontro com O Missionário.

Durante o culto o Pastor Hélio pede desculpas pelo que aconteceu ontem no Marco Zero. Diz que o som não funcionou, embora ele tenha se assegurado que estava tudo bem; a Prefeitura não interditou as ruas, conforme havia sido pedido (comprometeu-se, mas não cumpriu); gente se sentiu mal por causa do calor. E diz: - *Nosso amigo, João de Deus, vai ter uma conversa com o Prefeito, ele não deve saber o que os assessores dele fazem.* Diz que o próximo encontro será no Geraldão. E não se falou mais no assunto.

CAPÍTULO 6 - AUSÊNCIA, LEVEZA OU INDIFERENÇA À DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Neste **CAPÍTULO** final detenho-me em aspectos dessa igreja que me levaram a assim intitulá-lo. Faço incursões sobre a configuração cromática dos fiéis, inclusive a dos que compõem a estrutura hierárquica e confirmo a hegemonia pardização com a presença marcante e igualitária de negros. De fato, pelas evidências encontradas, a “marca” de que fala Nogueira (1998:199) não se torna empecilho para a ascensão social de alguém nessa comunidade. Não obstante, encontro indícios, na sutileza de algumas frases, de discriminação racial e ao mesmo tempo da recusa peremptória em admitir qualquer que seja a manifestação de racismo.

Nos padrões estéticos pode-se perceber uma analogia com os mais comuns ao fenótipo branco. Mas é preciso lembrar que os padrões balizadores dessa igreja assumem também uma posição vinculada à assepsia, a vestir-se com decoro, à simplicidade e ao mesmo tempo a assemelhar-se a *um executivo*, como afirmou o Pastor Alonso.

No entanto, a presença das “afinidades eletivas” do neo-pentecostalismo com as religiões afro-brasileiras expressas no cotidiano coletivo, torna-se um dos pontos mais significativos desta Tese.

6.1 Composição cromática

A configuração cromática dessa Igreja confirma aquela que caracteriza a da região do Nordeste brasileiro. A maior parte dos seus integrantes representa a mestiçagem brasileira com hegemonia da morenidade. Ou se a preferência for usar a terminologia do IBGE, a maioria é parda.

Essa minha afirmação pode ser verificada entre os Pastores, Evangelistas, Obreiros, Obreiras e fiéis de maneira geral. Fiz várias contagens para me assegurar do que estou dizendo. De algumas vezes que registrei cheguei ao seguinte resultado expresso no **QUADRO IV**. Trata-se de uma pequena amostra, mas é suficiente para dar uma idéia de quem frequenta essa Igreja. A presença dos que têm a pele clara e que podem ser classificados como brancos é quase ínfima. A negra é marcante. Mas o predomínio mesmo é da pardização que tão bem caracteriza a população nessa parte do Brasil. Portanto, em nada difere do universo externo a esse grupo social.

Há entre meus interlocutores um reconhecimento geral de sua pardização, mas é raro alguém se reconhecer negro. O Obreiro Walter é um exemplo. Na minha categorização ele é negro, mas na sua auto-identificação é moreno. E acrescenta: - *E não tem problema quem me chamar de negão* (risos).

O Pastor Anderson diz assim: - *Deus escolhe qualquer um* [independente da cor] *e usa de formas diferentes*. Mostra-me o Pastor Edivaldo que passa naquele momento e acrescenta: - *Ele é preto e tem a função de cuidar dos jovens*.

QUADRO IV - Amostra da frequência dos integrantes da Igreja Internacional da Graça de Deus, por cor

Integrante	Cor		
	Negros	Brancos	Mestiços
Obreiros	03	02	10
	01		01
	01		Restante
	03		Restante
Obreiras	03		01
	01		Restante
	03		Restante
Pastor	01		01
Fiéis	10	10	Restante
	01		Restante
	01		Restante
	02		Restante
	01		Restante
		03	01
	01		Restante
	02		01
		01	Restante
	11		31

Fonte: Observações *in loco*

Em certa reunião, durante a oração, um homem, negro de meia idade (creio que não tem ainda 50 anos, apesar dos cabelos brancos), ora sem que o ato de orar caiba dentro

dele (pula, fala alto, esmurra o ar), mas pára instantaneamente quando o Pastor termina a oração, o qual pede para que todos dêem *Amém, Graças a Deus e uma salva de palmas para Jesus*.

Um dos dias em que foi *apresentada* uma criança à Igreja, o casal, pais da criança, era negro. Dentre os que registro como brancos está uma família formada pela mãe, uma filha pequena e um filho adolescente, a qual depois de freqüentar várias reuniões, converteu-se.

Em certo culto, durante a semana, havia um homem branco, com aparência de classe média, acompanhado de um outro. O Pastor que dirigia a reunião era Anderson e dirigia-se a ele constantemente. O restante dos negros e mestiços está distribuído entre Pastores, Evangelistas, Obreiros, Obreiras e fiéis, usando, é claro, a minha própria classificação.

No ritual do batismo das águas, a cada vez que observo tem, no mínimo, uma pessoa de pele negra e várias mestiças. Isso se repete sempre. Durante as reuniões também, além de pessoas de mais idade, registro a presença de vários jovens negros, inclusive com muito interesse em aprender, fazendo anotações nas suas Bíblias. Alguns demonstram até dificuldade de ler.

Certa vez uma mulher negra se ajoelhou para orar. Veio uma Obreira, pôs a mão sobre a cabeça dela e orou com ela. Em outro momento uma negra que aparentava muita pobreza, estava sentada com um pano amarrado na cabeça e a cena se repetiu com outra Obreira.

A Igreja também conta atualmente com uma nova funcionária, negra, em substituição a Rebeca, também negra, que saiu poucos dias após a minha chegada a essa Igreja, na Avenida Cruz Cabugá.

Ser negro nessa igreja não constitui problema, pelo menos até onde pude imergir. O Pastor Edivaldo diz que *todos são justificados por Deus, ou seja, então não há diferença alguma*. A Obreira Mariana diz: - *E se alguém teve esse comportamento [preconceito com ela] eu nem notei*. Quanto ao casamento entre fenótipos diferentes, a Obreira Guida comenta: - *Desde que eles se amem e que ache entendimento, que eles se gostem inteiramente, não vejo problema*.

Uma nota dissonante (ou perceptível?). O Pastor Ednaldo conhece uma pessoa evangélica – diz que não pertence a essa igreja – que tem preconceito: - *Eu queria preservar o nome dela. É uma pessoa pública e essa pessoa é radical um pouco nisso aí. Eu falei pra ele*

*que se ele mudasse isso aí seria um grande homem de Deus, porque isso vai pesar muito no dia da chamada, no dia do juízo final. Vai pesar sim*²¹⁴.

6.2 Padrão de beleza

Falar de beleza é falar do corpo. Na sociedade em que vivemos a estética corporal assumiu padrões específicos, onde um corpo longilíneo, mas ao mesmo tempo modelado pela ginástica, pelas cirurgias plásticas, constitui símbolo de sucesso, de prosperidade, de modernidade. Essa igreja não ignora esses valores. Daí se percebe um cuidado todo especial com a apresentação pessoal. Não somente no que se refere a roupas, fardamentos, como já abordei em linhas atrás, mas com relação à saúde e à aparência corporal.

Em alguns momentos, há uma tentativa de espiritualizar, mas logo aflui o lado da vaidade, mesmo que haja uma tentativa imediata de retorno ao lado espiritual.

Enquanto os homens que integram a hierarquia da igreja – Pastores, Evangelistas, Obreiros – mantêm seus cabelos em corte muito curto, alguns com gel para deixar os cabelos no modelo da atualidade, as Obreiras, que têm cabelos crespos, usam-nos alisados artificialmente e presos para trás num coque enfeitado com um laço de veludo preto ou azul marinho. Lembram as moças que têm a função de caixa de supermercado. É um padrão que neutraliza a diversidade de cortes, de tipos de cabelos, de penteados, e que se aproxima do modelo de cabelo liso, portanto, do fenótipo branco.

Fui insistente em buscar justificativas para o cabelo alisado das Obreiras. Obtive respostas diversas. O Pastor Edivaldo respondeu: - *Não é padrão necessariamente, é um padrão que a Igreja pede, é uma norma dentro da Igreja, é uma norma que a Igreja pede as pessoas*. Idéia reafirmada pelo Pastor Anderson ao dizer que as Obreiras *deveriam estar com o visual padronizado, era norma da Igreja*. Quando me coloquei como exemplo de que não poderia ser Obreira já que tinha cabelos cacheados, ele mostrou a Obreira Tânia que passava no momento e retrucou – *Ela tem o cabelo igual ao seu e às vezes ela faz um grande black*²¹⁵. Durante todo o tempo em que lá estive não vi sequer uma vez Tânia com o cabelo que não fosse estirado, embora curto, sem, portanto, volume suficiente para trazê-lo preso atrás.

²¹⁴ Burdick (2002) identifica a presença de racismo em igrejas pentecostais no Sudeste do Brasil e ao mesmo tempo uma tomada de consciência de que é um pecado na vida do fiel e que deve ser combatido.

²¹⁵ Referia-se ao modelo de penteado *black-power* muito em voga na década de 1960, e um dos símbolos do Movimento Negros dos Estados Unidos da América.

Mas foi com a Obreira Mariana que senti mais de perto o significado do alisamento do cabelo como padrão estético e asséptico dessa igreja. Primeiro ela reconhece que alisa o cabelo porque gosta. Pouco a pouco revela o padrão branco como modelo de beleza.

- Quando o cabelo é cacheado ele demora muito a crescer e o relaxamento ajuda a crescer mais rápido. Mais por isso. [...] E baixar o volume também. Tem uns cabelos, minha filha, que só vai na surra (risos). [...] Eu num gosto muito não [de cabelo com muito volume]. Assim... depende. Tem pessoas que combina. E se sente até bem e a gente não vê nada demais. [...] É questão de gosto e bem-estar. Aqui [nessa igreja] faz parte do padrão usar o cabelo preso, mas aplicar relaxamento só quem quiser. Se o cabelo for curto não tem como alisar.

Pode-se, portanto, afastar qualquer dúvida de que integra as normas da igreja usar o modelo padronizado do cabelo. De fato, tudo isto faz parte de uma estética que envolve outros aspectos. O cabelo é apenas um deles.

Sansone (2003:11) fornece uma explicação plausível para esse comportamento, embora se refira ao que ele chama classes inferiores. Comenta o autor que nessas classes sociais criam-se estratégias individuais que minimizam a desvantagem racial. Estas podem tomar corpo na manipulação da aparência física, onde o alisamento do cabelo é parte dela, partindo-se do pressuposto “de uma incompatibilidade básica entre ser negro e ter prestígio social. Nessa mesma obra o autor diz que o perfil ideal do negro tem se transformado – ao menos quanto a sua condição histórica, herdada da escravidão – saindo de “sofredor”, de “vítima”, para uma revalorização somática onde a beleza ocupa um lugar de destaque.

O Pastor Alonso diz num primeiro momento que *ser belo é ser sincero*. Diante da minha insistência espiritualizou com a frase *o corpo é o templo de Deus e por isso deve ser bem cuidado*. Mas ao responder sobre a beleza física afirma:

- A beleza exterior maior é andar bem vestido, limpo, ter a formação cultural de um executivo, de um gerente; é usar cremes para ter a pele bonita, fazer ginástica para se manter bem fisicamente.

O conteúdo dessa fala explicita um padrão de aparência de quem trabalha em empresa. O uso de paletó, gravata, camisa e calça social – jamais *jeans* – para os homens e fardamento para as mulheres (sempre terno de saia justa e casaco, com blusa por dentro da saia, lenço em volta do pescoço, sapato fechado – às vezes de salto muito alto – e meias longas e finas), faz parte de uma estratégia de *marketing*. Ainda segundo o Pastor Alonso, ele próprio insiste que o fator aparência influencia na credibilidade de todos.

O Pastor Anderson é outro que espiritualiza a beleza como sinônimo *de amor, de caridade*. Para ele *cabelo grande e liso são símbolos de beleza*. Ele próprio tem cabelo liso, corte curto na moda atual, usa gel no cabelo, usa creme na pele. Prefere a cabeleira cheia (seu corte atualmente curto é porque foi a um cabeleireiro que não era o seu de costume e ele errou no corte). *Sou um pouquinho vaidoso*, diz ele.

O que mais expôs seus cuidados com o próprio corpo, incluindo alimentação, foi o Pastor Edivaldo. Repetiu várias vezes que *o corpo é o templo do Espírito Santo*, e por isso deve ser bem tratado. Sem que a frase soe com arrogância, mas até com uma certa humildade, ele chega a dizer: *eu me considero uma obra-prima de Deus*. Nas suas explicações mostra a necessidade de estar integrado à contemporaneidade, ao mundo em que vive:

- *O meu cuidado comigo, primeiramente é..., [...] assim de cuidar da aparência, da roupa, do corpo físico. Ver o que eu vou comer, se tem gordura. Se cuidar, porque diz a Bíblia que o nosso corpo é templo do Espírito Santo. Eu tenho sempre de manter uma vida adaptada com o mundo hoje, [...] Não correr o risco, cuidar da aparência, [...] Eu procuro ver o que eu vou comer, as alimentações, que tipo de comida. Ver também alguns exercícios que faço, hoje em dia, que pratiquei e faço alguns, e isso tem sido muito útil pra minha vida. Então eu cuido do meu corpo só deste jeito. [...] Eu acho que eu e a senhora somos a coroa da criação de Deus. [...] Diz a Bíblia que toda criatura de Deus ela é agradável e que o nosso corpo é templo do Espírito Santo. [...] então eu não acho nada feio não.*

A frase mais marcante vem da Obreira Luna: - *Sou negra e linda, e onde piso, não deixa marca*. Ela se acha linda. Na verdade diz que sempre se achou linda e mais ainda agora porque tem *o brilho de Deus*.

A Obreira Mariana é outra que se *acha linda* e diz que o que mais gosta nela é a *cor*. Acha-se proporcional de rosto e de corpo. Mas à semelhança dos outros reage tentando espiritualizar o tema beleza. E ao espiritualizar diz com alguma dificuldade de se expressar, dando a impressão de que quer repetir algum ensinamento recebido na igreja – o que denota que a doutrina está sendo ensinada, pela recorrência dos temas *corpo como templo do Espírito Santo* e *homem feito à imagem e semelhança de Deus* – que se alguém foi feito à *imagem e semelhança de Cristo não pode ser feio*. E por isso apesar da existência do *capeta* ela se *acha linda*.

Enfim, o Obreiro Walter chamou a minha atenção para o fato de a mãe dele considerar o nariz afilado como o seu traço físico mais bonito. Não soube explicar a razão. Seria a reificação de traços do fenótipo branco?

O que se percebe é que há uma aceitação de si mesmo, independentemente de aspectos cromáticos, e a assunção de uma beleza exterior vinculada à beleza interior, esta oriunda da adesão a Cristo, com repercussão no que é visível na pessoa, o seu próprio corpo.

6.3 “Afinidades eletivas”

Busquei durante toda a pesquisa encontrar traços de preconceito raciais nessa comunidade. Esse foi o objetivo primeiro a que me propus. Não obstante, na medida em que adentrei o campo de estudo e fui tendo mais proximidade com aqueles que pretendia conhecer melhor, outro cenário descortinou-se aos meus olhos, aos meus ouvidos e a todos os meus sentidos.

Começarei por dizer que os fenótipos dos que integram ou não a hierarquia dessa igreja são os mesmos encontrados na região Nordeste do Brasil, resultante do amálgama de povos que forma o povo brasileiro. Não encontrei indícios de que, por exemplo, somente alguns tipos de fenótipos ocupam posições de destaque nessa igreja. São negros, mestiços, saraás, brancos (pouquíssimos) que são Pastores, Evangelistas e Obreiros. Os fiéis não são diferentes. Nas entrevistas pouco ou quase nada denotou algo que pudesse afirmar *é preconceito de cor*.

De fato, há não somente uma negação da importância da cor no cotidiano das pessoas, mas uma assunção dessa cor como *bela*. Algum estudioso poderia justificar como fuga. Não enveredo por esse caminho. Vejo a descoberta da dignidade que ultrapassa a barreira da cor como um fator fundamental. O que se explicita a cada fala é que a restauração espiritual tem como consequência a restauração física. E ser preto, branco, amarelo, vermelho tem importância apenas relativa. Todos estão regenerados pelo *amor de Deus*. E é assim que eles agem e reagem.

Contudo, o que encontrei efetivamente, e é nisso que vou concentrar-me agora, foram as “afinidades eletivas” no comportamento do religioso dessa igreja ao reconhecer força e importância na representação do panteão da religião afro-brasileiro. E isso se pode verificar na forte recusa encontrada nos ex-integrantes daquelas religiões e nos sermões dos Pastores que não perdem oportunidade de exorcizar, de demonizar, de expulsar, de ridicularizar, de execrar tudo o que possa ser ou mesmo parecer com as entidades afro-brasileiras.

Pois, então, vamos à etnografia plena de fatos e de cenas interessantes.

Nas entrevistas que fiz, vários dos meus interlocutores (**ANEXO XXVII**) são oriundos das religiões afro-brasileiras e hoje têm uma atitude de total rejeição ao período de suas vidas que integraram aqueles grupos religiosos. E não por acaso os Pastores em suas prédicas referem-se freqüentemente aos *exus*, *omolus*, *capeta*, *tranca rua* etc., para exorcizá-los, expulsá-los das mentes, dos corações e do cotidiano dos que hoje estão nessa igreja. A atitude de querer “apagar” essa memória (e ao mesmo tempo mantê-la viva para não haver retorno a ela) é feita através da oração em voz alta e quase sempre termina por gritos e gestos de expulsão: - *Sai, sai, sai* ou *Xô, xô, xô*.

Numa das tentativas do Pastor Anderson de doutrinar a respeito das *tentações*, que para ele se manifestam através das mulheres, de suas saias curtas, suas pernas cruzadas, ele diz que alguns homens, mesmo casados, não evitam furtivos olhares. Fazendo uma auto-referência diz: - *Quando eu passava, ouvia: que Pastor bonito. – Respondi: está amarrado. Não passei mais por lá. A pomba gira quando quer derrubar alguém, derruba. A pomba gira no panteão afro está ligada à sensualidade. Daí a recusa desse Pastor. Todos riem com seus exemplos. Um homem de cabelo pintado se vira para mim que estou sentada atrás dele e completa: - A gente é fraco, não é? Todos nós somos. Sorrio para ele, mas não emito nenhum sinal de afirmação ou negação.*

O momento do exorcismo de forças espirituais compreendidas como contrárias a Jesus e a Deus é de muita importância. Há um verdadeiro êxtase nessa hora. Uma das vezes o Pastor Hélio dizia com todas as forças dos seus pulmões: - *Eu me levanto contra ti, Satanás, contra forças opressoras, indignas. Eu anulo, eu cancelo. Dá o fora. Ou outras frases assim: - Eu amarro, quebro, determino, desmancho qualquer coisa do diabo. E continua lançando impropérios contra Satanás, Exu, Capa Preta, trabalho de bruxaria, noite no cemitério. Torna-se evidente que seja enfermidade seja qualquer adversidade comum ao ser humano, para essa igreja, são colocadas nas pessoas por outra entidade, no caso o diabo, que assume vários nomes. E dá a ordem final: - Sai, sai, sai e não volte mais – frase acompanhada pela coletividade. Em paralelo a esse tipo de oração outros Pastores, em atitude de oração, passeiam pelos corredores e colocam a mão sobre a cabeça de fiéis, como para reforçar a oração principal.*

Quando parece estar arrefecendo a postura coletiva que se posiciona contra *forças opressoras*, surgem novos avisos de momentos específicos para se exercitar tal exorcismo. Um deles diz que aos domingos, às 15h, a partir de outubro (2005), terá oração forte para saírem o *capeta*, *Maria Padilha*, *exu*, *pomba gira* etc. Expõe-se, assim, mais uma vez a “afinidade eletiva” com elementos *da umbanda, do xangô, do catimbó*. Diz mais que quem

estiver interessado em oração *light* – esse foi literalmente o termo usado – continue vindo aos domingos nos horários de 7h, 10h e 18h. Ao que tudo indica a programação se adapta a novas demandas, caso a que esteja em vigor não tenha aceitação numérica por parte dos fiéis. As orações, que começam em tom calmo e vão num crescendo, contemplam as *finanças*, *o desemprego*, *as causas na justiça*, por fim *repreendem o mal*, razão maior de tudo o que acontece na vida daquelas pessoas, de acordo com a doutrina que é transmitida nas reuniões.

Os Pastores chegam a comparar os adeptos do *catimbó*, chamados pejorativamente de *catimbozeiros*, aos maconheiros e às prostitutas, categorias consideradas à margem da sociedade. Os comentários nessa ocasião se referem à necessidade – assim ensina um Pastor –, de abençoar o dinheiro recebido como oferta na igreja, pois ele havia passado pelas mãos de *catimbozeiros*, *maconheiros* e *prostitutas*. E não fica somente nisso. Orienta os fiéis a sempre que fizerem compras no supermercado dizerem: – *Abençoa, Senhor, estes produtos*. E somente depois guardá-los. E por que? Porque, segundo ele, os produtores, por exemplo, podem ter *pacto com o diabo* e para que isso não reflita em quem os comprou estes deverão pedir a bênção do Senhor, pois dessa forma neutraliza qualquer efeito maligno.

Mas os Pastores “inventam” também terminologias que podem ajudar aos fiéis não somente a entenderem melhor o que eles querem dizer, como a introjetarem novas formas de recusarem aquilo que é sinônimo do “mal”. Em uma das primeiras visitas que fiz a essa igreja, uma Obreira me informou os horários das reuniões e disse-me que no domingo de tarde era bom, pois era um culto onde se *arranca tudo*. Referia-se a um culto que o próprio Pastor que eu acabara de assistir dizia que a *macumba e o inimigo seriam derrotados*. E esse mesmo Pastor quando falou no termo *macumba* disse que o nome já dizia tudo, pois se fosse boa coisa seria *boacumba*. Essas frases expõem a postura relativa às coisas originárias da cultura afro-brasileira.

Ora, mas isso se repete a cada reunião. Numa delas o Pastor gritava (não, berrava): - *Na macumba tira sangue porque ela quer a sua vida*²¹⁶. *Desmanchem os trabalhos, as macumbas na mata virgem, no cemitério. Que se retirem os demônios das enfermidades, das drogas, dos vícios, das desuniões, da macumbaria!* E a cena de expulsão dos espíritos maus também se repete: com as mãos espalmadas para cima, fazem um movimento para trás de si mesmos, enquanto gritam numa verdadeira catarse – *Sai, sai, sai*, como forma de tirarem todas as mazelas dos seus próprios corpos.

²¹⁶ Esta frase quer se referir aos sacrifícios de sangue comentados por Motta (2001). Esse autor mostra as religiões afro-brasileiras tendo como “atos supremos” o sacrifício de animais e o transe.

A restauração das famílias passa sempre pela idéia de que *sejam desmanchadas quaisquer obras malignas, tais como catimbó*. E nesse sentido, nesse dia, o Pastor leva todos a ter mais atitudes de eficácia simbólica quando pede que, enquanto durar a oração, todos direcionem suas mãos na direção do lugar onde moram. Sigo as instruções, mas constrangida. No entanto, como ser um deles, como disseram Boas e Malinowski²¹⁷?

Os chamados *pretos velhos*, *cartomantes* e mesmo a *filosofia* não escapam dos ataques doutrinários dessa igreja. – *É tudo baboseira*, diz o Pastor Hélio. Respalda-se em Provérbios 8:14 e Salmos 119:130²¹⁸. Diz que a verdadeira sabedoria vem de Deus e que é preciso guardar essa palavra. Segue ainda para João 14:13-14²¹⁹. Faz uma releitura, ao modo dele, dos últimos versículos citados, de forma que possa incluir a palavra *determinar* tão usual nessa igreja: - *Tudo quanto determinarem (mandarem, exigirem) em oração...*

As superstições tão comuns entre camadas da população brasileira são também recuperadas nessa igreja para serem negadas. Um dos Pastores diz que o cristão não deve abrir muito sua boca, divulgar os seus projetos de vida, pois isso pode estimular a inveja de outras pessoas. E diz: - *Assim deve ser o cristão. Quem abre muito a boca dá oportunidade a outro a ter inveja e a saber a sua vida*. E grita: - “*Ôião*” (referindo-se ao comumente chamado “*olho grande*”, “*olho gordo*”). Essa é uma forma de admitir que o cristão tem de estar em luta permanente contra o que é mau.

E para se contrapor a isso, um Pastor, cuja linha doutrinária era uma mistura muito grande, disse - *Você tem só de libertar seu marido da cachaça, de Zé Pilintra, da Pomba Gira. Você tem vontade de casar, mas algo lhe impede de conquistar*. E aqui confirma a presença na vida das pessoas de *inveja, olho grande, catimbó, bruxaria, olho gordo*. E acrescenta: - *Precisa vir na Igreja, fazer corrente*²²⁰. Esse Pastor é um dos que têm sua origem religiosa no xangô e um dos que mais falam nesse assunto nas suas prédicas.

Quanto ao *diabo*, certa vez o Pastor Dino estava no microfone e o som falhou. A sua voz torna-se inaudível, sobretudo para quem está distante dele, como é o meu caso. Uma Obreira corre para chamar alguém. O Pastor dirige-se ao equipamento e pergunta tão alto que posso ouvir: - *Ele tem poder?* Todos respondem: - *Não!* Pergunta de novo: - *Ele vai vencer?* Nova negação: - *Não!* Fica evidenciado que ele atribui ao Diabo o problema que está

²¹⁷ Franz Boas e Bronislaw Malinowski, dois antropólogos que vivenciaram a observação participante na sua plenitude.

²¹⁸ “*Meu é o conselho e verdadeira sabedoria, eu sou o Entendimento, minha é a fortaleza*”; “*A revelação das tuas palavras esclarece e dá entendimento aos simples*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:736, 706).

²¹⁹ “*E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1255).

²²⁰ *Corrente* é uma espécie de compromisso que se assume para se fazer orações em dias e horas determinados como se dessa forma as orações tivessem mais eficiência.

acontecendo no equipamento. E aproveita para dizer que não se deve temer nada. Continua a falar, mas ao baixar mais a voz, quem está no final do salão nada escuta. O Pastor Ednaldo (tecladista) chega e resolve o problema. – *Palmas para Jesus*. Aplausos. E fiquei a imaginar se tudo isso poderia fazer parte de uma estratégia a fim de convencer os fiéis, ou seja, seria uma pane simulada para ilustrar a prédica?

Embora tenha consciência de que não me cabe verificar se era verdade ou não, duvido da veracidade dessa pane, porque toda a sua prédica foi em torno das estratégias do *diabo*. E a pane foi elemento de ilustração. De fato, o que aconteceu ajudou todo o argumento do Pastor. A primeira coisa que disse é que *o diabo leva você a testar Deus*. E cita Gênesis 3:4²²¹ para respaldar sua assertiva. A segunda afirmativa é que *o diabo leva você a duvidar de Deus*. E a terceira é que *o diabo leva você a pensar que é ele e não Deus que pode dar as coisas*. Cita como exemplo os problemas financeiros *versus* a facilidade de obter dinheiro. Acrescenta Gênesis 3:5²²². Depois ensina *Como podemos vencer as tentações* e dá como referência Mateus 26:41 e Gênesis 39:4²²³. E continua: - *Quem quer receber um milagre?* Claro que a maioria levanta a mão. – *Então fiquem de pé*. Todos se levantam. E eu também. Enquanto o tecladista (agora a postos) executa e canta uma música, o Pastor anuncia que um milagre vai acontecer. Muitos dos presentes cantam também. É o que todos querem: milagres para suas vidas.

Por outro lado a contradição é o motor dessa igreja. Em uma das preleções de um Pastor ele seguiu a leitura na carta do apóstolo Paulo aos Romanos 12:17²²⁴ e conclamou todos a exercitarem a paz com todas as vertentes religiosas, a exemplo de católicos, crentes e incrédulos, inclusive com aqueles em que eles concentram grande parte de seus ataques doutrinários, os xangozeiros. Nesse dia ele estimulou o respeito ao limite do outro, inclusive a não colocar música em som muito alto, mesmo sendo hinos, para não incomodar os vizinhos.

6.4 Glossolalia

²²¹ “Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:13).

²²² “Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:13).

²²³ “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca”; “Logrou José mercê perante ele, a quem servia; e ele o pôs por mordomo de sua casa e lhe passou às mãos tudo o que tinha” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1139,63).

²²⁴ “Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1338).

Foi num domingo na reunião de Louvor e Adoração (das 7h) que vi pela primeira vez a manifestação da glossolalia. A igreja estava lotada, creio que em torno de 700 pessoas. O Pastor Helio dirigia a reunião com uma alegria contagiante. As pessoas cantavam com muito vigor e total participação. O Pastor faz uma oração e, de repente, fala coisas a mim incompreensíveis, uma fala rápida com os lábios e o queixo tremendo. Alterna com palavras compreensíveis e diz que todos busquem o batismo do Espírito Santo, que corresponde ao *falar em língua*. Durante alguns minutos, lideradas pelo Pastor e transitando entre o compreensível e o incompreensível, as pessoas, em alta voz, também falam as *línguas estranhas*²²⁵. O Pastor estaria fazendo essa decodificação exigida pela Bíblia ao alternar palavras compreensíveis e incompreensíveis? Realmente esse *falar em línguas* intriga-me, pois na hora em que o Pastor pára, todos param instantaneamente. Significa, então, que todos estão no tempo-limite do Pastor, não há uma comunicação individual com a divindade?

Importa, no entanto, refletir o que as pessoas fazem e se ao fazerem estão realmente acreditando, e se aquilo modifica alguma coisa na vida delas. Não me cabe, como antropóloga, querer saber se é real ou não. Importa é que seja real para aquelas pessoas. Perto de mim uma mulher idosa participa ativamente desse momento. Ouvem-se murmúrio, choro e vozes trêmulas ecoando por toda a igreja.

Ao mesmo tempo Obreiros e Obreiras impõem as mãos sobre as cabeças dos que estão orando e oram também. Lágrimas escorrem pelo rosto de uma das Obreiras enquanto ora e impõe as mãos sobre as cabeças dos fiéis. Um dos Obreiros, de cabelos brancos, que tem no andar a ginga de jogador de futebol é um dos que impõem a mão sobre cabeças, orando calorosamente (embora um pouco fora do ritmo, ele sempre balança muito o corpo na hora dos cânticos).

A cena se repetiu em outros dias. Num domingo chego na hora em que o Pastor Hélio está cantando acompanhado do tecladista que estava na primeira reunião no Seminário no hotel em Boa Viagem. O Pastor Hélio canta, ora, e mais uma vez fala *línguas estranhas*. Nessa multiplicidade de comunicação a voz assume entonações também múltiplas, variando do suave para o forte e vice-versa, e contribuindo para construir um ambiente propício ao afloramento de emoções que flutuam nas mesmas proporções.

Um dos cânticos que acompanha aquele momento diz assim: “....*Me deste amor quando ninguém queria me amar, é por isso que eu te amo Cristo... mudaste minha vida e meu coração, uma nova criatura eu sou, por isso Senhor eu te louvo, e por isso Senhor eu te*

²²⁵ O texto bíblico 1 Coríntios 14:1-19 discorre sobre “o falar em outras línguas” como algo necessário, mas que deve contribuir para edificar todos os presentes (*Bíblia de Estudo de Genebra* 1999:1361-1362).

adorarei, me deste amor quando ninguém queria me amar...”. O Pastor Hélio diz a letra para que as pessoas cantem. Esta é uma letra que dá auto-confiança às pessoas que se sentem sem apoio, sem esperança, sem amor de outras pessoas. Uma Obreira passa pelo corredor e cumpre o que o Pastor Hélio havia pedido, e ora com a mão sobre as cabeças dos que estão orando. Embora eu esteja de olhos abertos, caderno e caneta na mão, ela em oração, pára diante mim e coloca a mão sobre minha cabeça.

Em seguida a Pastora Isabel é convidada pelo marido a ministrar a Comunhão e durante as sus orações carrega a voz de muita emoção e fala *línguas estranhas*. O volume da voz varia ao sabor da emoção e sai do quase inaudível para o grito.

O Seminário de Mulheres na Graça de Deus foi outro momento de manifestação da glossolalia. A Pastora Nara é quem prepara o ambiente para esse acontecimento. Na sua retórica, aborda problemas comuns às mulheres, como a esterilidade. Alerta, no entanto, que esta pode se manifestar em qualquer área da vida da pessoa. Incita a todas orarem. E é o que acontece. Todas oram em voz alta e a música as acompanha. A oração da Pastora Nara, antes discreta, sai com a voz carregada de muita emoção, e grita como todas as mulheres que a antecederam. Fala em *línguas estranhas*.

Assisti um pouco disso na França. Fui certa vez a uma igreja chamada evangélica, no nº 25, rue des Frères, próxima à Catedral de Estrasburgo. Chamava-se, de fato, “Mission”. A diferença dela para outras igrejas protestantes naquela cidade começa pelas instalações físicas. Enquanto as igrejas Reformada e Luterana (as duas vertentes protestantes principais na França) estão instaladas em belíssimos e antigos templos, a “Mission” está num velho prédio de moradia e para entrar é preciso chamar por interfone. Encorajei-me a entrar quando chegou um jovem negro, de bicicleta, apertou o botão, alguém lá de dentro abriu a porta e aproveitei para acompanhá-lo.

O prédio é mais velho ainda por dentro. No hall sombrio, diante de algumas alternativas, fiquei em dúvida por qual porta deveria entrar, uma vez que todas estavam fechadas. Perguntei ao jovem, que estava acomodando sua bicicleta, onde era a “Mission”. Ele apontou-me a porta (as diversas portas não tinham qualquer indicação) e entramos. Um grupo de adultos – em torno de 50 – estava sentado. Maioria de brancos, mas quase metade de negros. As crianças acomodavam-se perto de adultos que suponho serem seus pais. Imediatamente um homem negro estendeu-me a mão convidando-me a sentar, bem como uma mulher veio falar comigo. Prefiro sempre os últimos bancos, pois são melhores campos de observação. Infelizmente estavam todos ocupados, sobretudo com adultos acompanhados de crianças. Sentei-me numa fileira vazia, na cadeira junto à parede. De imediato uma jovem

negra sentou-se ao meu lado com o livro de cânticos na mão, abriu-o e segurou-o para que eu acompanhasse os cânticos durante todo o culto.

Enquanto isto se passava a igreja cantava todo o tempo. Um homem branco à frente, com um violão, cantava com vigor e dirigia os cânticos. Quatro jovens sentados à frente, posicionados de lado para a igreja, formavam o conjunto musical que acompanhou junto com o dirigente (que às vezes não tocava) todas as músicas. Uma moça tocava flauta transversal, a outra, violino; um rapaz tocava piano, o outro violão. Os quatro tinham partitura para todas as músicas. Creio que o livro de louvores tinha em torno de 1000 cânticos. De todos que foram cantados só reconheci uma melodia. Em todos os cânticos, salvo raríssimas exceções, tinham a referência bíblica que lhes correspondia. Nenhum com título. Não sei a que horas começaram a cantar, mas sei que cantaram muito desde a minha chegada. O Pastor dizia sempre: - *Un dernier chant* e cantava mais um, mais um e mais um.

No meio dos cânticos ele começou a orar. Todos oravam ao mesmo tempo e falavam ou gritavam grandes *Aleluias*. O rapaz que tocava violão, vestido de terno, louro, dá aleluias cantadas e ao mesmo tempo boceja a valer. Os homens davam aleluias muito mais alto que as mulheres. O Pastor orava, orava, esfregava os olhos, depois enxugava como se tivesse lágrimas. De vez em quando, durante a oração, abria os olhos sem parar de falar e voltava a fechá-los. Esses momentos de oração coletiva duraram alguns instantes.

As crianças estavam indiferentes. Algumas brincavam com seus pequenos brinquedos nas cadeiras. Essas orações, aleluias, améns coletivos aconteceram três vezes. Quando arrefeciam um pouco, o Pastor falava mais alto e todos aumentavam os decibéis. Para pararem era suficiente o Pastor pegar o violão e começar a cantar. Aliás para começar a cantar, ele pegava o livro de cânticos que estava dentro do móvel do púlpito, escolhia o cântico (enquanto falava ainda suas orações); e começava a cantar. Faz uma longa prédica, tendo como referência Josué e sua hesitação ou desobediência a Deus. Depois falou a respeito de um filme que ele assistiu sobre um homem que ressuscitou.

Ao final do culto ele veio falar comigo e quando soube que eu era brasileira, disse-me: *Ah! O homem que ressuscitou é brasileiro. Um momento para você conhecê-lo.* Pensei que era o próprio, mas ele trouxe uma fita onde tinha a foto de um homem chamado Salomão Santos, do Rio de Janeiro. Perguntou sobre o Brasil, se tinha muito evangélico e admirou-se com o número de pentecostais. Além do Pastor várias pessoas vieram me cumprimentar e me convidar a voltar.

A minha anfitriã é de Gana. Mostrou-me uma família de Togo, outra do Zaire. Disse-me que já era cristã no seu país e quando chegou na França procurou “uma sala” para

ficar (*une salle*). Outros que vieram de outros países, tornaram-se cristãos depois que chegaram naquele país. Confirma-se a tese de que se agregam por afinidades étnicas e que já são de origem cristã, mas confirma-se também o seu caráter conversionista.

6.5 “Fetiches”

Essa é uma igreja que usa intensamente a eficácia objetiva propalada por Evans-Pritchard (1978a). É significativo o interesse com que as pessoas se voltam para objetos que, a partir da unção do Pastor, são separados do uso comum e que podem mesmo ser comparados a fetiches. Tornam-se quase sagrados. Os Pastores estimulam esse comportamento. Muitas vezes eles dizem: - *Eu já tenho uma mensagem forte para vocês*. Essa promessa vem acompanhada da distribuição de objetos que eles pedem para trazê-los em dias seguintes a fim de que possam ser ungidos. E a unção tem a função de bênção, de proteção, de sobrenatural. Quase de amuleto.

Várias são as formas de manifestação dessa eficácia. Uma delas é a *água purificadora*. Num recipiente revestido de papel dourado havia água. O Pastor chama os fiéis para irem à frente utilizar aquela água. Várias pessoas se deslocam até lá, imergem as mãos no recipiente e passam as mãos molhadas nelas próprias, retornando em seguida para seus lugares.

Outra manifestação dessa eficácia são as unções. A *unção com óleo*, entre todas, é mais comum. Trata-se de um óleo amarelo. Assisti várias vezes a sua utilização. Em uma das vezes, os Obreiros e as Obreiras conduziam uma pequena taça com o óleo. Após a oração do Pastor Hélio, todos os presentes permaneciam de pé enquanto os Obreiros passavam o dedo melado com o óleo na cabeça ou na testa dos fiéis que permaneciam em fervorosa oração. Alguns o faziam com gestos rápidos e automáticos, como para livrarem-se da tarefa. Outros o faziam demonstrando seriedade, fé, e abençoavam cada pessoa em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Paralelamente um outro Pastor, no púlpito, orava com muito fervor, emoção e exagero. As emoções atingiam seu clímax com muitas pessoas orando e chorando com as mãos levantadas na direção dos céus e o corpo num balanço ritmado de um lado para outro como se fazendo esse movimento contribuísse para exorcizar as emoções.

De outra vez o Pastor fez sozinho o ritual. Era um dia de 2ª feira, na reunião da Cura Divina, e havia poucas pessoas presentes – embora tenha acontecido também em dia de Domingo, na reunião de Louvor e Adoração, quando a quantidade de freqüentadores é bem

maior. Chamou todos à frente. Com um recipiente de vidro na mão contendo o óleo, imergia a ponta do dedo indicador e passava em uma das mãos das pessoas. Cada uma esfregava uma mão na outra e saía feliz da vida, orando e dando glórias a Deus. Pensei em não ir. Mas ele insistia para que todos fossem. Tinha tão pouca gente que não pude escapar. Lembrei mais uma vez de Boas e Malinowski e participei.

Ele passou o óleo na minha mão e eu não sabia o que fazer. Tinha um desagradável odor de azeite misturado com algum tipo de perfume. Sempre evito participar efetivamente dos rituais. Minha resistência está atrelada ao respeito que tenho por aquelas pessoas que estão ali. Receio estar tendo atitudes que possam desrespeitar sua fé, sobretudo dos que estão assistindo.

O óleo também pode ser utilizado para espantar doenças. Certa vez estava na fila do banheiro feminino (por que em todo local público o banheiro feminino é mais concorrido? Acho que a quantidade de banheiros públicos femininos deveria ser maior que os masculinos. As roupas e a anatomia feminina são justificativas suficientes.), aguardando minha vez. A fedentina se espalhava pelo ar, as luzes estavam apagadas e não tinha como acendê-las. As pessoas se acumulavam na fila, mas não reclamavam em absoluto. Esperavam sua vez sem reclamar do fedor, da escuridão ou mesmo da falta de papel higiênico. Enquanto aguardava minha vez observava a satisfação das pessoas de estarem ali naquela igreja. Nisto chegou uma mulher ainda jovem levantou a blusa e uma Obreira que a acompanhava orou e colocou um óleo sobre o seu ventre. Era uma 6ª feira, dia da reunião da Libertação Total.

Mas o óleo pode ser também distribuído entre os fiéis. O Pastor Hélio, numa reunião de domingo, de Louvor e Adoração, diz que no próximo 07 de setembro (2005) dará a cada pessoa que estiver presente o óleo da Unção da Independência. E que já começará a fazê-lo a partir do próximo domingo.

Essa prática é de todos os Pastores. O Pastor Ednaldo – responsável pelo Louvor – certa vez, ao final de uma reunião de Libertação Total, numa 6ª feira, orava com a mão sobre uma foto que uma mulher segurava. Em seguida, entregou um pequeno vidro a uma Obreira que se retirou e retornou com o vidro cheio do óleo para entregar àquela mulher. Uma outra mulher chegou e também pediu e foi atendida.

Freqüentemente associa-se o óleo a outro objeto para que se comecem novas campanhas de edificação. Uma delas é a das alianças. Tem como objetivo fortalecer a união das famílias. O Pastor Hélio diz - *Vamos ungir as pessoas que vieram 6ª feira e pegaram a aliança*. Obreiros e Obreiras, num total de sete, cada um com uma taça com o óleo da unção, enfileirados lá na frente lado a lado. O conjunto musical e a congregação entoam “*Obrigado*

Jesus...”. O Pastor Hélio começa a oração e o Pastor Alonso continua enquanto os que estão com a taça se postam fora do salão por onde todos os que sairão pela frente da igreja irão passar. Tânia também está. As pessoas fazem questão de passar diante dos portadores da taça com óleo que imergem a aliança ou apenas passam nela um pouco do óleo. Alguns oram pelos fiéis. Tânia parece ser a mais integral no que faz: unge a aliança e a testa e ainda ora pela pessoa. Eis uma mulher que me passa total sinceridade no que faz e no que acredita. Faço questão de cumprimentá-la. Responde-me com alegria. Oferece-me a unção. Permito que ela passe o óleo no meu anel. Hoje é Domingo, reunião de Louvor e Adoração.

Numa 4ª feira, na reunião da Busca do Espírito, o Pastor Alonso, ao final da reunião, pergunta: – *Quem está fazendo a campanha da aliança?* Várias pessoas levantam a mão. Ele pede para que todos fiquem em pé e diz que vai ungir o azeite que ungirá as alianças. Neste momento as Obreiras vão para o lado do salão com os cálices, local em que praticamente todas as pessoas passarão ao sair e a cena do domingo se repete.

Nem só de ungüento se alimenta o ritual dessa igreja. As Reuniões da Família são repletas de representação de familiares ausentes, mas que os que estão presentes almejam que aconteça algo de bom com eles. Trazem, então, foto, roupa, nome escrito num pedaço de papel, peça de roupa, chaves de casa, objetos diversos de uso pessoal, carteiras de identidade, extratos bancários, carteiras profissionais, carteiras de dinheiro, canetas, bolsas, sacolas, livros, cadernos etc. São objetos dos próprios portadores ou de familiares que não puderam ou não quiseram vir à igreja. No entanto, estão ali representadas pelos objetos que lhes pertencem. Assim, segundo a fé dos que trazem os objetos, o poder de Deus se exerce sobre eles através dos objetos que os representam. Colocam tudo sobre uma mesa retangular coberta por uma toalha, próxima ao púlpito ou, em alguns casos, na cadeira ao seu lado. A maior parte dos participantes é de adultos, mas jovens e crianças também participam. Uma criança, certa vez, colocou sua bolsa de escola e um homem bem magro, com aspecto empobrecido, vestindo farda azul semelhante à de cobrador de ônibus, colocou sua carteira de identidade. Essas pessoas estão em busca da esperança. Às vezes durante a oração alguns seguram o objeto bem alto.

Em algumas dessas reuniões os dois Pastores principais – Hélio e Alonso – estão presentes. Numa delas, oram de joelhos, acompanhados pelo Pastor Anderson. Em geral é um momento de muita contrição, seriedade e tranquilidade. Um suave fundo musical contribui para dar esse clima ao ambiente. Após a oração os Pastores avisam: – *Não esqueçam de pegar seus pertences.* Mais da metade dos presentes se desloca de seus lugares para pegar os objetos sobre a mesa. Em outras ocasiões, a reação dos Pastores é completamente diversa. Um deles

brada contra o espírito que, segundo ele, provoca tantos problemas familiares. E por isso ele grita: - *Sai, sai, sai*. Orações simultâneas se ouvem e algumas pessoas seguram fotos com as mãos levantadas bem alto na hora da oração. Como já comentei anteriormente, a dinâmica da igreja é proporcional às surpresas que ela oferece aos seus fiéis a cada dia.

Quando o Pastor fala em bênção especial é um “Deus nos acuda”. Forma-se uma enorme fila diante do púlpito. Neste dia, uma 6ª feira, dia de reunião de Libertação Total, vi apenas um homem ir embora sem passar pela fila. Outra que não foi para a fila fui eu. Compreendo que a maioria das pessoas acorre para esta igreja porque ela lhe oferece bênçãos e curas sem limite. E a figura do Pastor é o grande símbolo.

E esse símbolo induz a outros símbolos. A *lavagem das mãos* é mais um. No final de uma reunião de Cura Divina, numa 2ª feira, em que todos entregaram seus problemas a Deus, cada um lava as mãos na *água da unção* que está num recipiente de inox trazido e seguro por Tânia, e vai embora. De outra feita um homem coloca R\$ 10,00 de oferta sobre a Bíblia que está no chão do púlpito, lava as mãos – uma Obreira está a postos com água – e em seguida coloca-as sobre a cabeça do Pastor Anderson. Este afirma que o homem vai receber o que pediu (pelo que entendi é porque aceitou o desafio de dar a oferta). Para que outras pessoas não se sintam constrangidas e nem entendam que só participa do ritual quem dá ofertas, o Pastor diz: - *Quem não trouxe [oferta] pode ir lavar as mãos também*. A Obreira Tânia me pergunta se quero molhar as mãos. Recuso delicadamente.

Ainda outro símbolo se fez presente em reuniões daquela igreja. Trata-se de um pequeno *travesseiro* azul claro de 28cm x 16cm (**ANEXO XVIII**). Nele havia pintado num tom azul mais escuro, o símbolo da igreja, o nome Igreja Internacional da Graça de Deus e o versículo em letras maiúsculas “AOS SEUS AMADOS ELE O DÁ ENQUANTO DORMEM... QUANDO TE DEITARES, NÃO TEMERÁS: TE DEITARÁS E O TEU SONO SERÁ SUAVE. SL. 127,2 : PV 3,24 (sic).

Primeiro ao lançar a campanha relativa ao travesseiro promete que vai ensinar um ato de fé, pois teve uma inspiração naquele momento. Disserta sobre os versículos inscritos sobre os travesseiros. Para reforçar seu próprio discurso diz o Salmo 127:2 por completo: “*Inútil vos será deitardes de madrugada, repousar tarde, comer o pão que penosamente granjeastes; aos seus amados ele o dá enquanto dormem*”²²⁶.

Conta que o apóstolo Paulo cortou sua túnica e distribuiu os pedaços os quais, colocados sobre as enfermidades, curavam-nas²²⁷. Quanto ao apóstolo Pedro, bastava a sua

²²⁶ *Bíblia de Estudo de Genebra* (1999:710).

²²⁷ Não encontrei na Bíblia esta afirmação, o que não significa que não exista.

sombra para que curasse os enfermos que tivessem fé²²⁸. Todo esse intróito serve para embasar a sua “inspiração”. Teve a idéia de mandar confeccionar 30 mil travesseiros para distribuir no mês de setembro em todas as igrejas da Graça, no Estado de Pernambuco. Pega-o e mostra-o. Diz que 5 mil são para esta Igreja. Ele servirá para os enfermos colocarem a cabeça sobre ele. E repete parte do versículo: - “*Aos seus amados dá enquanto dormem*”. Diz que anunciará nas próximas 4ª e 5ª feiras no programa da TV e pergunta quantos querem um travesseiro daquele. Lógico que quase todos levantam a mão. Acrescenta ainda: - *Vou pedir a Deus que me dê a unção na mão direita. Você traz o travesseiro, vou orar, e levanto a mão para abençoar*. Esse fato ocorreu numa 6ª feira, dia de reunião da Libertação Total.

Na semana seguinte o Pastor Hélio continua fazendo o acompanhamento da eficácia do *travesseiro*. - *Quem levou travesseiro na semana passada?* Muitos levantam suas mãos. - *Quem já percebeu mudanças?* Alguns relatam as melhoras diante dos problemas: insônia, dor no pescoço, a mãe jogou fora imagens de santos etc. Uma mulher relata que colocou a foto da sogra no travesseiro, pois esta estava na UTI de um hospital e lá não permitiram entrar com o travesseiro. Outra diz que há 12 anos não dormia direito, mas depois que começou a dormir no travesseiro (mostra-o em sua mão) dorme bem. Uma outra diz que fumava há 40 anos e deixou. Mas uma nota dissonante se faz ouvir. Uma mulher diz que, mesmo com o travesseiro, continua com insônia, não consegue dormir. O Pastor Hélio resolve imediatamente: - *Não é o travesseiro que faz dormir, é a sua fé*. Ora, e se é a fé, para que, então, o travesseiro? Só encontro a explicação pela eficácia simbólica. O Pastor não entrou em maiores detalhes e colocou a responsabilidade sobre a própria mulher.

Para quem não tem ainda o pequeno travesseiro, nova distribuição. O Pastor Anderson me deu um também. O Pastor Hélio pede para que todos tragam o travesseiro na próxima 6ª feira e naquele momento faz uma oração de *unção dos travesseiros*. Passa para outros dois Pastores a responsabilidade de tocar nos travesseiros para ungi-los. Todos colocam o travesseiro ao alto (eu também, é claro!) enquanto o Pastor Hélio ora para que *todo o mal caia, bata em retirada*. O ambiente é de total reverência e introspecção. O Pastor desce do púlpito para consagrar as mãos dos seus auxiliares. Terminada a reunião o Pastor Hélio, acompanhado do Pastor Anderson, coloca a mão sobre cada travesseiro e as orações do Pastor Anderson terminam inevitavelmente com a expressão: - *Sai, sai, sai!* Era mais uma 6ª feira, dia de Libertação Total.

²²⁸ Atos 5:15 – “*a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse nalguns deles*” (Bíblia de Estudo de Genebra 1999:1279).

A cada semana mais histórias são contadas para testemunhar as boas obras do travesseiro. Uma delas é de uma mulher que o marido estava na UTI e ela colocou uma foto dele sobre o travesseiro e ele ficou curado²²⁹. O Pastor Alonso dirige essa reunião. Ora com voz tremida (de emoção?) para abençoar os travesseiros e expulsar os demônios das doenças; o Pastor Ismael está agora ao seu lado; a voz passa do tremor para o grito, para ficar mais grossa, diz nomes das doenças mais comuns (osteoporose, peso nas pernas, caroço no útero, dores diversas etc.). Repentinamente retira-se e o Pastor Ismael continua a oração, fato muito comum nessa igreja. Sua voz é tão forte quanto a do Pastor Alonso. Fala no *espírito maligno que foi botado a ½ noite*, diz que a pessoa ouve alguém chamando pelo nome dela, fala em *espírito alojado na mente* e grita: - *Vá embora, vá embora, bate em retirada, desapareça*. O Pastor Ednaldo, no teclado, acompanha com uma música no mesmo diapasão da variação e do volume da voz, até que a música fica altíssima. – *Solte o travesseiro sobre sua bolsa na cadeira* – grita o Pastor Ismael. Todos obedecem. – *Declaro vitória na vida da pessoa* (pede que coloquem a mão sobre o coração). - *Palmas bem fortes para Jesus*. Aplausos. Cada um sai guardando o travesseiro em sacolas, bolsas etc. Orações exorcistas individualizadas prosseguem ao final da reunião: - *Sai, sai, sai e não volte mais*. O Pastor Alonso passa rápido do lado durante a oração, com pasta preta na mão e sai num carro cor de prata. 6ª feira. Reunião de Libertação Total.

Para quem busca emprego a igreja também está preparada. Ou pelo menos se mostra aberta para isso. Em particular nos dias de 4ª feira, dia da reunião da Busca do Espírito, mantém um baú no púlpito para que as pessoas, sobretudo jovens, coloquem seu *curriculum vitae*, a fim de que orações sejam invocadas de forma que elas consigam emprego.

Numa dessas reuniões procurei, contrariando o meu comportamento de sempre, sentar mais próximo ao púlpito. Queria ver bem de perto tudo o que acontecia. Sento-me na segunda fila. Uma mulher me cumprimenta e me chama para ficar mais próxima dela, na primeira fila: – *Venha pra junto de nós, não fique aí sozinha*. Fui mais para perto. Uma outra diz: - *É melhor a gente tudo junto*. Percebo que sou considerada uma delas. Nesse momento sobe ao púlpito o Pastor Alonso e ela diz com uma ponta de decepção: - *Pensei que fosse o Pastor Hélio*. Silenciosamente confesso que eu também pensei. Todos ficam de pé.

Ensaio um diálogo com alguns autores para confirmar essa densa etnografia. Começo com Ramos (2006:372) que ao descrever rituais da macumba no Rio de Janeiro, aborda fenômenos de possessão. Diz o autor que: “Numa espécie de imitação coletiva, a certa

²²⁹ Esta história é de uma mulher que ouvi dar testemunho. Não se refere ao marido, mas à sogra.

altura dos festejos, os filhos-de-santo se julgam ‘possuídos’ de velhos espíritos de africanos”. Ramos (*ibid*) mostra que os participantes trocam palavras num linguagem incompreensível que eles chamam “linguagem da Costa”, mas que depois de “acordados” não lembram o que disseram. Dizem apenas que eram “coisas da Costa”. Poderiam ser comparadas às “línguas estranhas” da igreja da Graça?

Na igreja da Graça o “batismo do Espírito Santo”²³⁰ se dá pela primeira vez quando o fiel fala “línguas estranhas” durante o momento de oração. Ribeiro (1982:295) se refere a esse momento de êxtase no pentecostalismo como um ponto de interseção entre essa crença e a influência africana. O autor diz que “pouco difere do que acontece a uma *yawo*”.

Assim como na igreja da Graça, onde as adversidades da vida, inclusive as doenças físicas ou mentais, têm sua gênese no mal, Landes (2006) mostra que nas religiões afro-brasileiras a doença geralmente integra o repertório de castigo dos deuses ou “como uma maneira por que o deus põe o seu sinal sobre a pessoa que deseja”.

Para Motta (2001b) o viés pentecostal deu, além de um código de conduta aos seus adeptos, um sentimento de orgulho “que provém do Espírito e da certeza da salvação”. Esse código, e mais a auto-estima, são acompanhados “de um projeto ético, de uma racionalização do cotidiano...”. Ao exigir uma participação bastante ativa dos seus integrantes, contribui ao mesmo tempo para “reconstituir as identidades e os projetos de vida”. A religiosidade das pessoas encontra-se no seu interior e no seu comportamento, não é na festa nem no sacrifício material, como no candomblé. Assinala ainda que o pentecostalismo se caracteriza pela repressão de tendências espontâneas, a exemplo das vinculadas à expansão da sexualidade. As prédicas pastorais²³¹ evidenciam esta assertiva. Expressam-se também na frase de uma interlocutora: - *Amigada não pode ser Obreira*.

Do outro lado, personificadas no candomblé, esse autor (*ibid*) comenta as religiões afro-brasileiras. Identifica-as como “...religiões de festa, da dança, da manifestação do corpo, das forças que sobem do mais profundo do inconsciente, praticada com a efusão dos fluidos que simbolizam e transmitem a vida...”. A essência do seu ritual está no sacrifício sangrento acompanhado do transe de êxtase. A sua base centra-se no contrato entre o indivíduo e os poderes sobrenaturais. O indivíduo oferece bens, serviços, sob a forma de promessas, consagrações e com frequência, sacrifícios sangrentos de animais. As divindades estão prontas para proteger, socorrer, sobretudo nas crises ligadas à saúde, trabalho, amor etc. Tem

²³⁰ Já abordado no **item 5.1.9** desta Tese.

²³¹ **Item 5.1.3** desta Tese.

como conceito fundamental a “obrigação”, “dívida que jamais se extingue da parte do indivíduo com relação ao sobrenatural”.

Analogamente ao pentecostalismo o candomblé, como representante das religiões afro-brasileiras, torna-se universalista, sem distinção de cor ou de raça (*ibid*).

Outros autores, em seus estudos, mostram que o racismo está presente em igrejas pentecostais mesmo que assuma uma configuração diferenciada.

Aubrée (2002:132-134), em vários estudos realizados no Nordeste brasileiro, em particular em igrejas pentecostais, reconhece que o racismo não está totalmente excluído do universo pentecostal, mas que a figura de Jesus Cristo como “referência simbólica única” serve de pano de fundo para engendrar “um modo de socialização que tende a negar a cultura do Outro e dos que são portadores dela”. Ela observa um racismo presente, mas contido, limitado.

Outro autor, Burdick (2002), a partir de seu estudo em igrejas pentecostais no Rio de Janeiro e em São Paulo (Sudeste do Brasil), em 1996, constata alguns comportamentos, dos quais destaco alguns: o abandono do sentimento de inferioridade e, por consequência, da aceitação de ser negro e de ser igual aos outros (no que concerne aos que são vítimas do racismo); a presença do racismo nas igrejas e ao mesmo tempo a tomada de consciência do racismo como um pecado e que deve ser combatido. A criação de associações com características do que se chama “cultura negra”; enfim, alguns mais radicais que reivindicam a criação de igrejas para negros. Não é possível generalizar essas atitudes para todo o país, mas por essas constatações já se verificam mudanças. Traços de modernidade já se identificam, pois esses comportamentos rompem com uma tradição onde o negro não reivindica seu lugar de igualdade na estrutura social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma crítica ao trabalho de Hasenbalg²³², ressaltando, no entanto, que não questiona a validade dos dados demográficos e estatísticos daquela obra ou de outras obras daquele autor, Motta (1998:29-31) faz algumas observações que me alertaram desde o início do meu trabalho para que eu não enxergasse racismo não importasse aonde. Salienta esse autor que

Supondo correto o emprego dos dados demográficos, restam ainda, antes que se possa concordar com as conclusões do autor, alguns problemas de primeira grandeza. A ser verdade que os “*não-brancos têm oportunidades educacionais mais limitadas que os brancos da mesma origem social*”; a ser também verdade que “*as realizações educacionais dos negros e mulatos são traduzidas em ganhos proporcionais e de rendas proporcionalmente menores que os dos brancos*”, não será ainda metodologicamente legítimo passar à conclusão de que isso se deve “*aos efeitos de práticas discriminatórias sutis e de mecanismos racistas mais gerais*”. Tal argumentação, pretendendo deduzir a discriminação a partir da desigualdade [...] possuiria a cogência de uma verdadeira demonstração científica, ou sequer a plausibilidade de uma boa hipótese popperianamente falseável, **se, e somente se**, o autor que a propõe cuidasse de substanciá-la, descrevendo ou ao menos indicando, de maneira próxima ou remotamente observável, quais são, como operam, onde, quando, as “práticas discriminatórias sutis” e os “mecanismos racistas mais gerais” a que alude. Seria também preciso que apontasse atores mais concretos do que “os brancos”, isto é, quais brancos, em quais circunstâncias, exercem as “práticas” e põem em ação os “mecanismos” a que se refere”.

Dito isto, faço as considerações finais, mas não definitivas – em ciência nada é definitivo²³³ – em defesa da minha Tese.

Inicialmente quero lembrar que embora tenha iniciado minha pesquisa em três igrejas protestantes (ou evangélicas) classificadas, respectivamente, como histórica, pentecostal e neo-pentecostal, aprofundi a análise nesta última, representada pela Igreja Internacional da Graça de Deus – IIGD.

Identificar discriminação racial nas relações sociais dessa Igreja foi um grande desafio. A sutileza de sua presença torna-a quase imperceptível. Ainda assim a sua construção social é levemente percebida na marginalização de certas categorias sociais evidenciadas no fenótipo, e mais intensamente nas origens ou práticas religiosas. Esse fenótipo que se observa entre os fiéis – partícipes ou não da hierarquia da Igreja – caracteriza-se primeiro por uma

²³² Hasenbalg, Carlos A. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal. 1979.

²³³ “A ciência tem de ser entendida como uma narrativa em construção, que está sendo aprimorada [...] ciência é um processo [...] verdade é um conceito muito forte. Não existem verdades, mas construções teóricas que explicam o mundo a nossa volta”, responde o físico Marcelo Gleiser em entrevista concedida à *Revista SOPHIA (Ciência, Religião, Filosofia)* (SEABRA 2006).

hegemônica pardização, depois por uma presença marcante de negros e por último por uma ínfima quantidade de brancos. Entre os integrantes dessa Igreja com quem mantive contatos sociais bilaterais, nega-se ora com vigor ora com indiferença, a existência de qualquer ação discriminatória.

Dados oficiais brasileiros registram a significativa presença de uma população de pardos e pretos – cerca de 44%²³⁴ do universo total. Mesmo diante deste quantitativo, muito próximo da população total, diversos estudos no Brasil confirmam a presença do racismo. Entre eles um de Nogueira (1998), que identifica um preconceito de marca, de aparência, cuja intensidade varia na proporção da cor: mais escuro mais preconceito. Mas não somente a cor escura da pele constitui um fator discriminatório. Os cabelos crespos e outras características físicas, psicológicas e mentais atribuídas aos negros, também constituem razões para sua desvalorização e evidenciam a precariedade de sua integração na sociedade. Na cidade do Recife não é diferente.

Quero, então, deixar claro o que considero “cultura negra”. São todas as manifestações que enfatizem o fenótipo negro e suas tradições culturais, herdadas do continente africano, mas cultivadas no Brasil ao longo de décadas, a exemplo das músicas executadas prioritariamente com instrumentos de percussão; dos adeptos das religiões afro-brasileiras; dos que assumem uma estética corporal que dá ênfase à sua cor, seu tipo físico e seu tipo de cabelo (vestuário e modelos de penteados); dos que se aceitam como negros, mesmo que possam ser classificados como pardos etc. Ou utilizando o conceito de Sansone (2003:26, nota 7):

...‘cultura negra’, na forma singular, é um conceito taxonômico básico, que se refere a diversos traços comuns na produção cultural das populações negras, em diferentes contextos.

O que dizer, então, das igrejas protestantes? Lancei meu olhar sobre três – detendo-me com mais profundidade em uma delas, como já registrei anteriormente – a fim de perceber se a precariedade da inserção do negro na sociedade brasileira, reproduz-se entre os que com tal fenótipo integram esse grupo social.

Em realidade propus-me, no primeiro momento, a constatar se os protestantes reproduzem a sociedade brasileira tal qual ela é relativamente ao racismo, tanto no plano individual quanto no coletivo. Nesse caso a contradição estaria muito evidente: o cultivo de uma doutrina com um discurso de caráter igualitário, e na prática, uma postura racista. Cruzei,

²³⁴ Pardos (38,45%) e pretos (6,21%). Fonte: Censo IBGE 2000.

pois, estes dois opostos, não para fazer a tradicional correspondência protestantismo/racismo²³⁵, mas primeiro para verificar se se trata de uma reprodução do que se passa na sociedade na qual a igreja está inserida, segundo para verificar se há uma contradição entre o que se diz e o que se faz, e terceiro para identificar eventuais especificações do racismo entre os protestantes.

O visto, no entanto, contraria o dito, pois os cabelos artificialmente alisados para se adaptarem ao padrão estético estabelecido pela igreja – no caso das Obreiras – e algumas frases, a exemplo de – *Sou negra e linda e onde piso, não deixo rastro* –, denotam, no mínimo, a assunção de um modelo ideal de estética e de comportamento que tem a pretensão de se diferenciar do negro – ao que parece entendido como marginalizado – ou, por outro lado, de resquícios de sentimento de inferioridade social. Ainda assim isto aparentemente não se configura um problema para o cotidiano daquelas pessoas. Pelo contrário, sentem-se completamente integradas à sua Igreja e afirmam que hoje se acham mais bonitas por serem *filhas do Rei*²³⁶.

De fato, dificilmente encontrar-se-á um protestante que admita que o racismo encontra guarida nas igrejas que compõem esse segmento religioso, idéia confirmada por Aubrée (2002) ao identificar seu sistema doutrinário como

um credo universalista e igualitário que exclui, em princípio, a segregação a priori uma vez que todo ser humano é susceptível de ser “salvo” pela conversão a uma ou a outra das formas de cristianismo protestante.

Afinal os protestantes têm uma doutrina que diz que *todas as pessoas são uma em Cristo*²³⁷. Essa assertiva, no entanto, suscitou-me algumas questões:

Esse discurso corresponde à prática religiosa protestante?

Os protestantes brasileiros reproduzem o mesmo fenômeno social que se encontra na sociedade brasileira no que se refere às relações raciais, em particular as relativas ao negro?

Trata-se de um racismo semelhante ao existente na sociedade brasileira ou é um racismo que recusa uma cultura religiosa demonizada pelos protestantes, cuja gênese está no continente africano?

²³⁵ Resumida na sigla em inglês WASP (White Anglo-Saxon Protestant), ou seja, branco, anglo-saxônico e protestante.

²³⁶ Expressão bastante utilizada entre os pentecostais e os neo-pentecostais para se situarem como filhos de Jesus Cristo.

²³⁷ Epístola de Paulo aos Gálatas, capítulo 3, versículo 28 (*Bíblia de Estudos de Genebra* 1994:1394).

Na minha pesquisa a recorrência de respostas está nesta última pergunta. Na hierarquia da Igreja encontro os fenótipos negros, pardos, morenos, cafuzos, morenos claros, segundo a taxonomia estabelecida por meus interlocutores. Constato, pois, ausência ou uma certa leveza do preconceito, seja por sua superação a partir da doutrina de igualdade (*Deus não faz acepção de pessoas*, frase muito repetida entre meus interlocutores) a que são submetidos, seja por uma ignorância que se manifesta na indiferença. Minha percepção não se baseia unicamente na participação na hierarquia, mas no comportamento que insiste em exalar dignidade e nas frases proferidas que contribuem para elevar sua auto-estima. Lembro, por outro lado, que em ciência nada é definitivo, tudo pode ser refutado. Outros estudos realizados em outros locais podem concluir diferentemente, a exemplo das pesquisas de Burdick (2002) e Aubrée (2002).

Questionados quanto à manifestação de algum tipo de discriminação dentro da Igreja, alguns dizem que *não notam* e que *não estão ali para observar essas coisas, e sim para agradar a Deus*; outros afirmam que *se antes eram bonitos agora o são muito mais por serem filhos do Rei, por terem a beleza de Cristo e que quem aceita a Cristo, não pode ser feio*. Consideram que o acesso a Cristo independe de aparência física.

Por outro lado no que se refere às origens ou práticas religiosas, muitos que integram a hierarquia da Igreja são oriundos direta ou indiretamente das religiões afro-brasileiras: xangô, umbanda, jurema. Ou do espiritismo. Este último na linguagem deles abrange além dos adeptos da doutrina kardecista, os pertencentes aos cultos afro-brasileiros. Todos, sem exceção, que assim se identificam, abominam essa fase de sua vida. Associam-na a momento de trevas, de erros, de pecados. Não é por acaso que os Pastores dessa Igreja recorrem sempre ao exorcismo, principalmente daquilo que consideram ameaçador e que intitulam de “inimigo”, “capeta”, “tranca-ruas”, “pomba-gira”, “Exu” etc., expressando assim algumas “afinidades eletivas” com entidades presentes no panteão ou no imaginário das religiões afro-brasileiras.

A religião, portanto, é real na vida dos indivíduos e está introjetada na consciência coletiva do grupo não importa sob qual forma ela se manifeste. Reporto-me, então, a Durkheim (1996:VII,XVI) – e transcrevo novamente o texto – para negar a falsidade de qualquer religião e compreendê-la como algo que pode envolver toda a sociedade ou partes dela:

Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana. [...] a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que

exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos. Mas, então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos; também elas devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo.

Penso que se as religiões são verdadeiras na vida das pessoas, elas oferecem também a possibilidade de modelá-las, de configurá-las, em especial se forem vistas sob a ótica cultural.

Para esta afirmação encontro apoio em Geertz (1989:22-24), que ao tratar do tema cultura, dá-lhe um enfoque semiótico e mostra-a como um entrançado elaborado pelo homem e que se compõe de significados criados pela própria sociedade. Por isso recusa a visão da cultura como *complexos de padrões de comportamento* (costumes, usos, tradições, hábitos), para abordá-la como um conjunto de *mecanismos de controle* (planos, receitas, regras, instruções) que regula o comportamento e do qual o homem é totalmente dependente. Essa espécie de programa (*ibid* 1989:56-58,61) reconhece os *símbolos significantes* identificados nas falas, nos gestos, ou em qualquer outra coisa desde que possa se distanciar da realidade e impor um significado à experiência. Esses *símbolos significantes* como sistemas organizados, constituem padrões culturais que acumulados, formam uma cultura.

Os mecanismos de controle, aos quais o autor se refere, se expressam de diversas formas entre os integrantes da Igreja em foco. Na percepção do que é beleza foi possível identificar alguns padrões que se assemelham a modelos do fenótipo branco. Por exemplo, a exigência para as Obreiras usarem o mesmo tipo de penteado. De fato, exceto as que têm o cabelo muito curto, todas as outras com cabelo liso ou crespo alisado usam-no do mesmo jeito: preso para trás em um coque e quase sempre amarrado por um laço. E na fala do Pastor Alonso pode-se perceber os *símbolos significantes* presentes na sociedade moderna se reproduzirem nessa igreja:

- Beleza exterior maior é andar bem vestido, limpo, ter a formação cultural de um executivo, de um gerente, é usar cremes para ter a pele bonita, fazer ginástica para se manter bem fisicamente.

O cuidado com o corpo é uma constante. O Pastor Anderson diz que beleza é sinônimo de *amor, caridade* (espiritualiza num primeiro momento). Depois admite: - *Sou um pouquinho vaidoso*. Usa gel no cabelo (tem cabelo liso, corte curto na atual moda masculina jovem), creme na pele e faz regularmente exercícios físicos.

O Pastor Ednaldo também admite o cuidado com o corpo e não se furta a associá-lo a necessidades espirituais:

- O meu cuidado assim de cuidar da aparência, da roupa, do corpo físico. Ver o que eu vou comer, se tem gordura, (...) porque diz a Bíblia que o nosso corpo é templo do Espírito Santo, eu tenho sempre de me manter numa vida adaptada com o mundo hoje, então, ou seja, não correr o risco, cuidar da aparência (...) também alguns exercícios que faço, hoje em dia, que pratiquei e faço algum, e isso tem sido muito útil pra minha vida.

Ao transpor suas idéias para o campo religioso, Geertz (*ibid* 105,143), conceitua religião como:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura da fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

Encontro também em Evans-Pritchard (1978:163-164) elementos essenciais para pensar a igreja da Graça. Nas suas reflexões sobre as diversas teorias que de uma forma ou de outra privilegiam um viés pragmático da religião (elemento de coesão social, maneira de dar confiança ao homem diante dos desafios da vida), questiona sobre a veracidade e a possibilidade de se detectar a maneira e a intensidade desses efeitos na vida humana. Por isso defende a idéia de que, ao invés de os antropólogos buscarem respostas nos *textos sagrados, escritos teológicos, exegética, escritos místicos* o fazerem através do *povo comum*. Propõe, então, o seguinte paradigma:

O que interessa saber é como as crenças e práticas religiosas afetam as mentes em qualquer sociedade, como afetam os sentimentos, as vidas e as interrelações entre os membros da sociedade. [...] Para o antropólogo social, a religião é o que a religião faz.

Despreocupar-se com a origem ou a essência da religião e buscar compreendê-la pela sua eficácia objetiva é o que Evans-Pritchard sugere para o estudo desse viés antropológico. Essa eficácia consiste em como a religião exerce, através dos personagens que a compõem, o seu papel de liderança, de obediência, de comando, de doação, de exigência etc., e como compreender a estrutura social da sociedade em questão e as relações sociais que dinamizam essa estrutura (PRANDI 1990:109-111).

As falas de alguns dos meus interlocutores quanto à sua condição de negro ou quanto à possibilidade de serem vítimas de algum preconceito confirmam essa eficácia objetiva:

Pastor Edivaldo: - *Ser negro não faz diferença porque quando você tem o poder de Deus dentro de sua vida e sabe quem lhe criou e sabe o que você é em Deus, isso basta.*

... independente de cor, independente de cultura o homem que crê em Deus ele se transforma no mundo, ele transforma o ambiente, ele faz mudança [...] nós somos o perfume de Cristo. Se chegar algum perfume aqui já... cria outro clima.

Obreira Guida: *...eu vim aqui [para a igreja] pra trabalhar para o Senhor. Não vou olhar para o homem, entendeu? O Senhor é o meu rei, eu vou trabalhar para o meu rei, eu não paro para observar essas coisas.*

Esses comentários denotam que cada religião tem uma lógica própria e esta põe em seus seguidores uma forma peculiar de enfrentar a vida e de interpretar as adversidades porque passam. Ou, como nesse caso, de terem uma concepção otimista de si mesmos, mesmo que contrarie padrões da sociedade da qual fazem parte, como expressam as Obreiras:

Luna: *Sou negra e linda e onde piso, não deixo rastro [...] Sempre me achei linda e mais ainda agora que tenho o brilho de Deus.*

Mariana: *O mais lindo em mim é minha cor.*

Guida: *Com Jesus ninguém é feio.*

Nesse sentido, as relações sociais podem assumir, nas estruturas vigentes das sociedades, um caráter libertatório, além de regulador. Volto, pois, a comentar as reflexões de Corten (1995:10-13,15-17) sobre o *romantismo teológico* e sobre a *teologia da libertação*, que aqui exponho com brevidade. Para esse autor os pobres – ele cita os do Brasil como exemplo – são atores de uma *insurreição emocional e permanente*, que se manifesta pela glossolalia, por intervenções anárquicas da palavra, pela cura divina, pelo exorcismo etc.

No pentecostalismo essa *insurreição* se manifesta, mas não coincide, segundo ele, com *alienação, refúgio, ópio do povo, maneiras mais habituais de qualificar a religião. Insurreição não é também revolução* (ibid 12). Faz parte, em realidade, de um universo que compõe o *romantismo teológico*, expressão que o autor utiliza para explicar o comportamento do fiel pentecostal. Defende que o efeito desse *romantismo* leva o professo

mais a uma *piedade exuberante e insurrecional*, que a uma *conscientização, como esperariam os teólogos da libertação* (ibid 13)

Parece-me, pois, uma das formas de libertação, inclusive dos preconceitos que grassam na sociedade, ao que se acrescenta a prosperidade material como um direito dos *filhos do Rei*.

Enveredando por outro caminho, Motta (2001) enfatiza a convergência entre o pentecostalismo e o candomblé que, mesmo com suas diferenças intrínsecas, têm algumas *afinidades eletivas*. Atingem o mesmo universo de pessoas (considerando-se o espaço físico, cultural e social), são consideradas *religiões de transe, religiões de participação*, e a glossolalia é freqüente nos seus rituais. Observa-se uma *ausência de separação importante entre um clero e um laicato*, uma vez que o preparo de seus líderes não está necessariamente condicionado a um tempo de preparo intelectual, fora da convivência dos outros integrantes. Têm a facilidade de criar novos pontos de disseminação de sua fé de forma espontânea, sem muita burocracia ou preparo organizacional nem institucional.

A partir das incursões de Motta (2001:4-6) sobre as *afinidades eletivas* entre o pentecostalismo e o candomblé observo mais claramente – e isto é recorrente nas respostas que me foram dadas – a recusa não ao negro, mas às religiões do negro. Identidade e rejeição se alternam num movimento dialético.

Parte da história da Obreira Mariana preenche os requisitos dessa dialética. Na sua busca por Deus era sempre incentivada a buscá-lo no espiritismo²³⁸:

- *Eu procurava... cheguei a ir, cheguei a ir no espiritismo, cheguei a ir no esoterismo, passei 2 anos em negócio do esoterismo, misticismo. Cheguei a ir... em portas erradas, sabe? Teve até uma senhora que disse: “- Você quer ser feliz? Pois você só vai ser feliz quando você desenvolver essa caboclinha que você tem aí”. Negócio de caboclo. Eu disse: Tá amarrado em nome de Jesus.*

Esta última frase mostra a reação instantânea resultante do estímulo a que são submetidos os integrantes da igreja da Graça nas prédicas pastorais a “amarrar”, a “expulsar”, o que vêem como inimigos espirituais e que possam estar impedindo-os de alcançar uma relação mais íntima com o seu deus. Ou, por outro lado, a “determinar”, a “exigir” do seu deus, aquilo que querem conseguir para o seu bem-estar.

Outro que confirmou esta visão sobre as religiões afro-brasileiras foi o Pastor Anderson. Primeiro afirmou que *ele próprio tinha raízes religiosas kardecistas*, para em

²³⁸ Taxonomia que de acordo com os meus interlocutores inclui os adeptos do kardecismo e os de todas as religiões afro-brasileiras, a exemplo do xangô, da umbanda e da jurema.

seguida admitir que era *umbandista desde os seis anos de idade, que incorporava demônios e que eram necessárias galinha e cerveja para o livrar do que intitulou de bruxarias*. Chamou o kardecismo de *macumba disfarçada e amigos de Deus*. Este último rótulo expressou com uma certa carga de ironia. Comentou ainda que *6ª feira é o dia mais importante para os que freqüentam os terreiros de xangô, que é o dia em que recebem mais oferendas*. Mas *é também o dia em que acontecem mais mortes e acidentes com quem está longe de Jesus*²³⁹. Afirmou que *Deus responde com a Palavra, torna tudo mais alvo que a neve e que exorta, mas não castiga ninguém*. Já *o diabo castiga quem deixa o terreiro, acama, quebra perna, pois as pessoas estão longe da proteção de Deus*.

A Obreira Luna, autora da frase: - *Sou negra e linda e onde piso, não deixo rastro*, admitiu ter sido adepta do xangô e considerava sua vida destruída. Libertou-se de tudo isso quando entrou na igreja da Graça, ocasião em que foi muito tentada pelas pessoas do xangô. Diziam-lhe: - *A pomba gira está chamando*. Não chegou a ser Mãe de Santo, mas apenas participante: - *Nunca fui mãe de chiqueiro* – disse ela.

E diante de uma abordagem mais direta que fiz sobre o racismo na sociedade brasileira deparei-me com a reação do Pastor Alonso de não considerar negro sujeito de discriminação racial. Expôs o seu pensamento e expôs-se:

- *Discriminado por que? Na verdade o negro tem fama de ser gaiato. E é mesmo. Ele tem é que lutar para obter o seu lugar. Chegar onde branco não chega Lutar e conquistar espaço. Cada um deve escrever sua própria história. São desculpas para o sucesso ou o fracasso. Isso depende de cada um.*

Sua fala revela uma grande contradição: o seu “sucesso” pessoal vem de uma situação diferenciada se comparada a de outros negros. Ele teve a ajuda da patroa do seu pai que custeou seus estudos durante toda a sua vida, desde as primeiras letras até a Faculdade. Tentei mostrar-lhe as possíveis diferenças de oportunidades do negro a partir de estatísticas que mostram a população negra em situação de inferioridade, mas mesmo assim ele não abriu mão da solução individualista e particularizada. Não associou ao modelo da sociedade e nem sugeriu soluções coletivas.

Volto agora à minha pergunta ***“Os protestantes brasileiros reproduzem o mesmo fenômeno social que se encontra na sociedade brasileira no que se refere às relações raciais, em particular as relativas ao negro?”*** Ela pode ser respondida, em parte, pela negação das

²³⁹ Ramos (2006:371) informa que entre as diversas linhas da macumba por ele pesquisadas “uma das mais importantes é a linha negra, de espíritos malfazejos”.

respostas, mas também pelo conteúdo de algumas frases e por alguns padrões estéticos assumidos. E é nisto que se encontra a sutileza, a leveza e, quiçá, a indiferença. Guardadas as proporções, encontra, pois, semelhança com a sociedade brasileira a qual cultivava um racismo de marca, de aparência.

Veja-se o caso da Obreira Mariana. Ela auto-identifica-se como cafuza. Diz que da parte do seu pai todos são claros. Da parte da mãe são da cor dela. No entanto, sua insistência em negar a negritude dos seus ascendentes diretos a denuncia: - *Mas preto, preto, não são não*. Diz que prende e alisa o cabelo porque gosta:

- *Quando o cabelo é cacheado ele demora muito a crescer e o relaxamento ajuda a crescer mais rápido. É mais por isso. E baixar o volume também. Tem uns cabelos, minha filha, que só vai na surra (risos).*

Para que, pois, a “surra”? Para ficarem iguais aos de cabelos lisos?

Quanto à principal pergunta que faço *“Trata-se de um racismo semelhante ao existente na sociedade brasileira ou é um racismo que recusa uma cultura religiosa demonizada pelos protestantes, cuja gênese está no continente africano?”*, observa-se uma recorrência de respostas ao se recusar completamente quaisquer características das religiões afro-brasileiras ao mesmo tempo em que se reconhece e se incorpora a força dessas religiões, uma vez que em toda reunião seus *símbolos significantes* são lembrados, lembrados, expostos e execrados para por fim serem exorcizados.

As reflexões que me levam a defender esta Tese têm origem na densa etnografia realizada e no diálogo com os diversos autores que estudam o tema sob diversos ângulos. Mas elas não têm a pretensão de se esgotar nestas páginas. Considero-as uma proposta para outros diálogos, para o aprofundamento dos elementos aqui expostos e para a abordagem de vieses não contemplados neste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- ALVES, Rubem Azevedo. *O Enigma da Religião*. 4 ed. – Campinas: Papirus, 1988.
- AQUINO, Rosa Maria de. *Religião, Progresso e Música numa Igreja Presbiteriana*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural, 2001.
- AUBRÉE, Marion. Jésus, l'Esprit-Saint et la couleur des fidèles. *Cahiers du Brésil Contemporain*, n° 49/50, p. 125-134, 2002.
- BANTON, Michael. *A Idéia de Raça*. Lisboa, Edições 70, Martins Fontes (distribuidora). Título Original: *The Idea of Race*, 1977.
- BASTIAN, Jean-Pierre. La dérégulation religieuse de l' Amérique latine. *Problèmes de l'Amérique latine*, n° 24, janvier-mars 1997, pp. 3-15.
- BASTIDE, Roger. Les relations raciales au Brésil. *BASTIADIANA*. N° 29-30. Racisme et Relations Raciales. Numéro réalisé sous la direction de Hélène BERTHELEU. Janvier-Juin 2000. pp. 13-38.
- BERREMAN, Gerald D. Etnografia e Controle de Impressões em uma Aldeia Himalaia. In *Desvendando Máscaras Sociais*. 3 ed. Seleção, Introdução e Revisão Técnica Alba Zaluar Guimarães. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1990, pp. 123-174.
- Bíblia de Estudo de Genebra*. São Paulo e Barueri, Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil. 1999.
- Boletim DIEESE*. A Desigualdade Racial no Mercado de Trabalho. Edição Especial. Novembro de 2002.
- BRITO, Luísa. AIDS faz mais vítimas na população negra. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de agosto de 2005. Caderno Brasil. P. 19.
- BURDICK, John. Pentecostalismo e identidade negra no Brasil: mistura impossível? In *Raça como retórica: a construção da diferença*. Claudia Barcellos Rezende e Yvonne Maggie (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CAMPOS, Leonildo Silveira, SILVA, Rogério Rodrigues da e STELIO, Lourenço. Usinas de pastores. *Revista VEJA* – 12 de julho de 2006, p. 85.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

- CARNEIRO, Edison. Candomblés na Bahia. In *Antologia do Negro Brasileiro: de Joaquim Nabuco a Jorge Amado, os textos mais significativos sobre a presença do negro no nosso país*. [compilador Edison Carneiro]. Rio de Janeiro: Agir, 2006, pp. 343-354.
- CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica – Antropologia e Literatura no Século XX*. UFRJ Editora: Rio de Janeiro, 1998.
- CORTEN, André. *Le pentecôtisme au Brésil – émotion du pauvre et romantisme théologique*. Editions Kartala: Paris, 1995.
- DA MATTA, Roberto da. *Relativizando: uma introdução à antropologias social*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- DE GALEMBERT, Claire. Le CCFD aux prises avec l’islamisme: une ONG catholique à l’épreuve du “retour du religieux”. *Colóquio Les ONGS confessionnelles – action internationale et mutations religieuses*. Paris: Association Française de Sciences Sociales des Religions e Association Française de Science Politique, 2004.
- DIEESE – Departamento Intersindical de Estudos Sociais e Econômico, Boletim, 2002.
- DE FONTETTE, François de. *Le Racisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- DURKHEIM, Émile. Trad. Paulo Neves. *As Formas Elementares da Vida Religiosa – o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- EDWARD, José, OLIVEIRA, Mauricio, OLIVEIRA, Nara. A força do Senhor. *Veja*, 26:88-95 (jul), 2002.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. *Antropologia Social da Religião*. Rio de Janeiro: Campus, 1978.
- _____. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Ed. Resumida, com uma introdução de Eva Gillies. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978a.
- FATH, Sébastien. Les mouvements évangéliques et le ‘monde’: réenchantement du monde et sécularisation. *Colóquio Les ONGS confessionnelles – action internationale et mutations religieuses*. Paris: Association Française de Sciences Sociales des Religions e Association Française de Science Politique, 2004.
- FINOTTI, Ivan Carvalho. Uma saída para a diferença racial. Entrevista com Mauro Paixão. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de novembro de 2005. Caderno Brasil.
- FONSECA, Alexandre Brasil. *Evangélicos e Mídia no Brasil*. Tese de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 1997.

- FRESTON, Paul. Os trabalhadores e os evangélicos. *T&D -Teoria e Debate*, 25:23-26 (jun/jul/ago), 1994.
- _____. Os evangélicos e a nova realidade política. *Ultimato*, 280:58-60 (nov/dez), 2002.
- _____. A maré evangélica. *Ultimato*, 302:24-29 (set/out), 2006.
- _____. A teologia da prosperidade. *Ultimato*, 302:30 (set/out), 2006a.
- FRY, Peter. *A persistência da raça – ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde – une histoire politique de la religion*. Gallimard, 1985
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- _____. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- GIUMBELLI, Emerson. Clifford Geertz: a religião e a cultura. In *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Faustino Teixeira (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003: 198-217.
- GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Macedo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- _____. Démocratie Raciale. *Cahiers du Brésil Contemporain*, n° 49/50, p. 11-37, 2002.
- HERSKOVITS, Melville J. A Importância Social do Candomblé. In *Antologia do Negro Brasileiro: de Joaquim Nabuco a Jorge Amado, os textos mais significativos sobre a presença do negro no nosso país*. [compilador Edison Carneiro]. Rio de Janeiro: Agir, 2006, pp. 357-358.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- <http://noticias.terra.com.br/Brasil/galeria>
- <http://ultimosegundo.ig.com.br/matérias/Brasil>
- IBGE. Censo Demográfico 2000.
- JACOB, Romero César, HEES, Dora Rodrigues, WANIEZ, Philippe, BRUSTLEIN, Violette. *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

- JUNKER, Buford. H. Situação do Trabalho de Campo. In Buford H. Junker. *A Importância do Trabalho de Campo. Introdução às Ciências Sociais*. Rio de Janeiro:?, 1971, pp. 40-89.
- KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: em busca de pontos comuns*. Trad. Carlos Alonso Pereira. Campinas, São Paulo: Verus Editora, 2004.
- LANDES, Ruth. Os Deuses Africanos. In *Antologia do Negro Brasileiro: de Joaquim Nabuco a Jorge Amado, os textos mais significativos sobre a presença do negro no nosso país*. [compilador Edison Carneiro]. Rio de Janeiro: Agir, 2006, pp. 375-379.'
- LAWERS, Jan. Les théories sociologiques concernant la sécularisation - Typologie et Critique, *Social Compass – Revue Internationale des Etudes -Socio-Religieuses*, XX-4, 1973 – pp. 523-533.
- LÉONARD, Émile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. Trad. de Linneu de Camargo Schützer. 2 ed. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.
- MAGGIE Yvonne et FRY Peter. Le débat qui n'a pas eu lieu: les quotas pour noirs dans les universités. *Cahiers du Brésil Contemporain*. N° 49/50, p. 167-182, 2002.
- MARIANO, Ricardo. A Igreja Universal no Brasil. Ari Pedro Oro, André Corten, Jean-Pierre Dozon (organizadores). *Igreja Universal do Reino de Deus – os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003. pp. 53-67
- _____. *Neopentecostais – Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber. In Faustino Teixeira (org.). *Sociologia da Religião – enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, pp. 67-93, 2003.
- MEDEIROS, Bartolomeu Tito F. Quando a busca da saúde e religião se entrecruzam: um estudo de caso. *Revista AntHropológicas*, ano 6, v. 13, n. 1, pp. 75-90, 2002.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Um panorama do protestantismo brasileiro atual. In Landim, Leilah (org.) *Sinais dos tempos – tradições religiosas do Brasil*. Rio de Janeiro, ISER, 1989.
- MONTERO, Paula. Religiões e dilemas da sociedade brasileira in Micelli, Sérgio (org.), *O que Ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999 - pp. 327-367.
- Mortalidade é mais alta entre negros no Recife*. Diário de Pernambuco. Recife, 27 de outubro de 2006. Caderno Vida Urbana. P. B7

- MOTTA, Roberto. Carneiro, Ruth Landes e os Candombés Bantus. R. Arq. Públ., Recife, 30(32): 3-218, dez. 1976. pp. 58-68,
- _____. Notas para a Leitura de “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, *Estudos de Sociologia*, UFPE, Recife, v. 1 (julho/dezembro), n.2, pp. 65-83, 1995.
- _____. Gilberto Freyre e o Estudo das Relações Raciais: Os Perigos da Ortohistória. *Revista AntHropológicas*. Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. Ano III. Vol. 7. Maria do Carmo Brandão, Roberto Motta, Antônio C. Motta (org.). pp. 15-40, 1998.
- _____. As Ciências Sociais e a Administração das Religiões Afro-Brasileiras. *Cadernos de Estudos Sociais*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, v. 27. n° 1, 2001, pp. 133-148.
- _____. Bilhete do professor ou Considerações edificantes e divertidas sobre a cor do vestido de Gilda. In *Seminário Avançado sobre os Problemas Centrais da Antropologia: História, Teoria e Método*. Recife: Programa Pós-Graduado em Antropologia Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, agosto de 2001a.
- _____. Religiões Éticas e Religiões Sacrificiais: seu crescimento simultâneo no Brasil atual. Recife, *Congresso ABANE*, novembro de 2001b.
- _____. Bilhete do Professor a respeito de uma Tentativa de Assassinato: Religião e Modernidade. In *Curso Avançado de Sociologia da Religião*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2º semestre de 2002.
- _____. Roger Bastide e as hesitações da modernidade. In *Roger Bastide Hoje: raça, religião, saudade e literatura*. Roberto Motta (org.). Recife: Bagaço, 2005. pp. 147-176.
- _____. Memória, Rito Nagô e Terreiros Bantos: Roger Bastide e Alguns de Seus Predecessores no Estudo do Candomblé. In *Roger Bastide Hoje: raça, religião, saudade e literatura*. Roberto Motta (org.). Recife: Bagaço, 2005a. pp. 315-318.
- NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga*. Apresentação e edição Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- OLLITRAULT, Sylvie. Éthique protestante en action, les ONG anglo-saxonnes. *Colóquio Les ONGS confessionnelles – action internationale et mutations religieuses*. Paris: Association Française de Sciences Sociales des Religions e Association Française de Science Politique, 2004.

- PEREIRA, Camila e LINHARES, Juliana. 2006. *Os novos pastores*. Revista VEJA, 12 de julho: 76-85. Editora Abril – edição 1964 – ano 39 – nº 27 – 12 de julho de 2006.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. A encruzilhada da fé. In *Folha de São Paulo, Mais!*, 19.maio.2002. pp. 4-7.
- POPPER, Karl R. *A Lógica da Pesquisa Científica*. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo:1975.
- PRANDI, Carlo. A perspectiva Antropológica. In Ferrarotti... [et al], trad. e rev. Bertilo Brod, pp. 95-150, *Sociologia da Religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.
- Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial*. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Governo Federal.
- Protestantes - Traidores da pátria e do imperador. 2002. *Ultimato*. 278:22-23 (set-out).
- Revista Carta Amiga*, Salvador (BA), julho/agosto 2004, pp. 8-10.
- RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888)*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora e Fundação Educacional Presbiteriana, 1973.
- RIBEIRO, René. *Antropologia da religião e outros estudos*. Recife: Editora Massangana, 1982.
- RODRIGUES, Nina. A Representação dos Orixás. In *Antologia do Negro Brasileiro: de Joaquim Nabuco a Jorge Amado, os textos mais significativos sobre a presença do negro no nosso país*. [compilador Edison Carneiro]. Rio de Janeiro: Agir, 2006, pp. 355-356.
- SANSONE, Livio. *Negritude sem Etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Tradução Vera Ribeiro. Salvador: Edufba; Pallas, 2003.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In *História da Vida Privada no Brasil. Contrastes da intimidade contemporânea*. Vol. 4. Org. Lilia Moritz Schwarcz. Cia. das Letras: São Paulo: 173-244. 1998.
- _____. 1999. Questão Racial e Etnicidade -pp. 265- 325. In Micelli, Sérgio (org.) *O Que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES.
- SEABRA, Luciana. A Harmonia do Universo. *Revista SOPHIA (Ciência, Religião, Filosofia)*. Ano 4, nº 16, out-dez 2006, págs. 14 a 19.
- SILVA, Leonice Ferreira da. *Primeira Igreja Batista do Recife – episódios de sua história*. Recife: Comunigraf, 2003.

- SOMBART, Nicolaus. Henri de Saint Simon und Auguste Comte. In Alfred Weber (org.), *Einführung in die Soziologie*. München: R. Piper & Co Verlag. 1955, pp. 81-102.
Tradução por Roberto Motta.
- STEIL, Carlos Alberto. Evans-Pritchard: da religião dos outros à experiência pessoal. In Faustino Teixeira (org.), *Sociologia da Religião – enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- STRECKER, Marcos. A cor da igualdade. *Folha de São Paulo*. Domingo, 09 de julho de 2006. Caderno Mais! Pp. 4-5.
- TAGUIEFF, Pierre-André. 1997. *Le Racisme*. Flammarion: France.
- TAKAHASHI, Fábio. Reitor da “Zumbi” critica universidades. *Folha de São Paulo*. Domingo, 23 de outubro de 2005. Caderno COTIDIANO. P. C3.
- VASCONCELOS, Odete. *Curas através do Orún: rituais terapêuticos no Ilê Yemanjá Sábá Bassamí (Recife)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Antropologia. UFPE. 2006.
- VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In Edinaldo de Oliveira Nunes (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, pp. 36-46.
- VIEIRA, Davi Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Lisboa: Presença, 1996.
- www.ongrace.com
- www.ibge.gov.br
- ZALUAR, Alba. *Desvendando Máscaras Sociais*. 3 ed. Seleção, Introdução e Revisão Técnica Alba Zaluar Guimarães. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

ANEXOS

ANEXO I
TABELA IV – População do Brasil, da região Nordeste e do Estado de Pernambuco por cor ou raça e por participação em igreja evangélica, em números absolutos e em percentuais

Igreja Evangélica/População	População					
	Total		Branca		Preta	
	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
População total	169 872 856	100,0	91 298 042	53,74	10 554 336	6,21
• Região NE	47 782 487	28,12	15 738 697	32,93	3 681 117	7,70
• Pernambuco	7 929 154	16,59	3 238 329	40,84	391 160	4,93
Igreja Evangélica ²⁴⁰	26 184 941	15,41	13 837 745	52,84	1 675 680	6,39
• Região NE	4 903 939	18,72	1 660 558	33,86	352 387	7,18
• Pernambuco	1 072 503	21,87	419 298	39,09	54 717	5,01
1. Igreja Evangélica de missão ²⁴¹	6 939 765	26,50	4 247 906	61,21	339 015	4,88
• Região NE	1 373 536	19,79	515 022	37,49	96 011	6,99
• Pernambuco	306 371	22,30	141 116	46,06	12 765	4,16
• Igreja Evangélica Batista	3 162 691	45,57	1 630 495	51,55	199 752	6,31
• Região NE	863 762	27,31	314 517	36,41	65 512	7,58
• Pernambuco	203 861	23,60	88 912	43,61	9 404	4,61
2. Igreja Evangélica de origem pentecostal ²⁴²	17 617 307	67,28	8 690 931	49,33	1 229 643	6,97
• Região NE	3 289 908	18,67	1 056 270	32,10	240 224	7,30
• Pernambuco	719 623	21,87	258 934	35,98	39 307	5,46
2. Outras igrejas evangélicas	1 840 581	7,02	994 027	54,0	127 525	6,92
• Região NE	190 214	10,33	62 637	32,92	14 767	7,76
• Pernambuco	28 522	14,99	12 627	44,27	1 462	5,12

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000

²⁴⁰ Igreja Evangélica e Igreja Protestante como sinônimos. Não estão computados os evangélicos sem vínculos institucionais.

²⁴¹ Aqui o IBGE não faz a clássica distinção Igreja de missão e Igreja de etnia ou de imigração. Engloba todas na categoria Missão e assim as denomina: Igreja Evangélica Presbiteriana, Igreja Evangélica Luterana, Igreja Evangélica Metodista, Igreja Evangélica Congregacional, Adventista, Outras igrejas evangélicas de missão.

²⁴² Assembléia de Deus, Congregacional Cristã do Brasil, Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Casa da Bênção, Deus é Amor, Maranata, Nova Vida e Outras não especificadas.

ANEXO II

PRIMEIRA IGREJA BATISTA DO RECIFE – PIBR

Avenida Conde da Boa Vista



ENVELOPE DE OFERTAS



“Porque Deus ama a quem da com alegria” (II Co 9:7b).

Nome: _____

Mês: _____ Ano: _____

☐ Membro ☐ Congregado

☐ Dízimo..... R\$ _____

☐ Missões..... R\$ _____

☐ Desafio Jovem..... R\$ _____

☐ Hospital Evangélico..... R\$ _____

☐ Lar do Ancião..... R\$ _____

☐ Ação Social..... R\$ _____

☐ Outras ofertas:..... R\$ _____

Total: R\$ _____

PRIMEIRA IGREJA BATISTA DO RECIFE
Av. Conde da Boa Vista, 163 - Boa Vista - Recife-PE - CEP 50.060-002
Fone/Fax: (81) 3223.3050 - E-mail: secpibr@terra.com.br

ANEXO III

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS – IURD

Avenida Mário Melo (templo anterior)



IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS – IURD

Avenida Cruz Cabugá (templo atual)



ANEXO IV

IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS – IIGD

Rua da Soledade (templo anterior)



IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS – IIGD

Avenida Cruz Cabugá (templo atual)



ANEXO V

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

Pesquisa de Rosa Maria de Aquino (Doutoranda em Antropologia)
Universidade Federal de Pernambuco

Com Liderança

- **ORGANIZAÇÃO**
 - Quantidade de igrejas e de fiéis no Brasil, Nordeste, Pernambuco, Recife
 - Escolaridade dos fiéis no Brasil, Nordeste, Pernambuco, Recife
 - Organograma (departamentalização, etc.) nacional, regional, local
 - Origem dessa igreja (um pouco da história)
- **LIDER**
 - Origem (Estado/Cidade)
 - Características físicas
 - Nível escolaridade
 - Características sociais
 - Profissão secular
 - Conceitos de família
 - Conceitos de beleza
 - Sociedade brasileira
 - Origem religiosa
 - Formação para exercer liderança
- **MENSAGEM**
 - Mensagem principal dessa igreja

Com Fiéis

- **IDENTIFICAÇÃO**
 - Origem Estado/Cidade
 - Características físicas
 - Nível de escolaridade
- **CARACTERÍSTICAS SOCIAIS**
 - Bairro, moradia, transporte, profissão, lazer
 - Conceitos de beleza
 - Sociedade brasileira
- **CARACTERÍSTICAS FAMILIARES**
 - Formação
 - Gênero
 - Amizade, namoro, casamento
- **POSIÇÃO NA IGREJA**
 - Cargo que ocupa na igreja (se ocupa)
 - Origem religiosa
- **MENSAGEM**
 - Principal mensagem que lhe chamou a atenção

ANEXO VI

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM LÍDERES DA IGREJA

- **ORGANIZAÇÃO DA IGREJA**
 - Quantidades de igrejas no Brasil, no Nordeste, em Pernambuco, no Recife
 - Quantidade de fiéis (homens, mulheres, jovens e crianças) no Brasil, no Nordeste, em Pernambuco, no Recife
 - Escolaridade dos fiéis no Brasil, no Nordeste, em Pernambuco, no Recife
 - Organograma (departamentalização, etc.) nacional, regional, local
 - Origem dessa igreja (um pouco de história)
- **SOBRE O ENTREVISTADO**
 - Cargo que ocupa
 - Origem (Estado/Cidade)
 - Características físicas
 - Faixa etária
 - Sexo
 - Auto-identificação da cor
 - Nível de escolaridade (1º, 2º, 3º grau – incompleto ou completo)
 - Estudos em escolas públicas ou privadas
 - Quais escolas
 - Características sociais
 - Bairro
 - Infra-estrutura: saneamento básico – esgoto, água encanada
 - Tipo moradia
 - Tipo transporte
 - Tipo lazer
 - Esportes
 - Teatro
 - Cinema
 - Bailes
 - TV etc.
 - Profissão secular
 - Atual
 - Anterior
 - Conceitos da família
 - Amizade
 - O que é
 - Como se forma
 - Como se escolhe
 - Homem x Mulher
 - Igualdades
 - Diferenças
 - Namoro
 - Como se escolhe
 - Casamento
 - Como se escolhe
 - Conceitos de beleza
 - Tipo ideal

- Investimentos pessoais (cremes, roupas, ginástica, saúde)
 - O que mais gosta no seu físico
- Sociedade brasileira
 - Igualitária ou não
 - Como tratar as diferenças
 - Opinião sobre ações afirmativas
 - Idosos
 - Deficientes físicos
 - Mulheres
 - Negros
- Origem religiosa
 - Religião anterior
 - Razão de vir para essa igreja
 - Tempo em outra igreja
 - Tempo nessa igreja
- Formação para exercer liderança
 - Cursos
 - Preparação
 - Critérios de escolha
- Ascensão à hierarquia
 - Critérios
 - Participação igreja
- ÊNFASE DA MENSAGEM DESSA IGREJA
 - Mensagem principal dessa igreja
 - Tratamento dado aos diferentes (idosos, deficientes físicos, mulheres, negros, etc.)

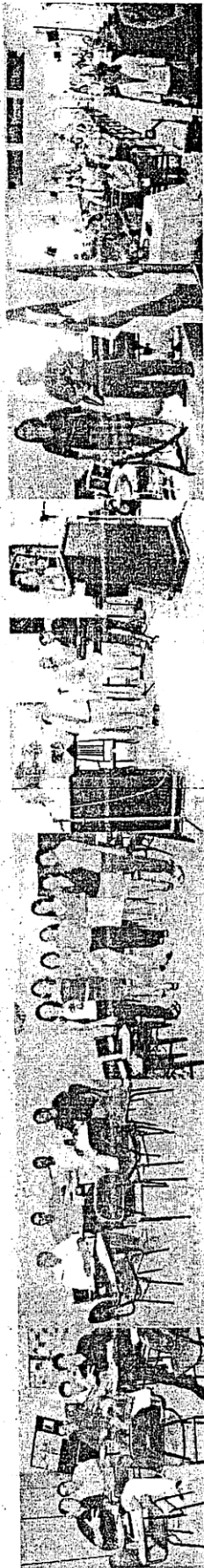
ANEXO VII

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OBREIROS E FIÉIS DA IGREJA

- IDENTIFICAÇÃO
 - Origem Estado/Cidade
 - Características físicas
 - Sexo
 - Faixa etária
 - Auto-identificação da cor
 - Nível de escolaridade (1º, 2º, 3º grau – completo ou incompleto)
- CARACTERÍSTICAS SOCIAIS
 - Bairro
 - Infra-estrutura: saneamento básico – esgoto, água encanada
 - Tipo moradia
 - Tipo transporte
 - Tipo lazer
 - Esportes
 - Teatro
 - Cinema
 - Bailes
 - TV etc.
 - Profissão
 - Atual
 - Anterior
 - Conceitos de beleza
 - Tipo ideal
 - Investimentos pessoais (cremes, roupas, ginástica, saúde)
 - Sociedade brasileira
 - Igualitária ou não
 - Como tratar as diferenças
 - Opinião sobre ações afirmativas
 - Idosos
 - Deficientes físicos
 - Mulheres
 - Negros
- CARACTERÍSTICAS FAMILIARES
 - Formação
 - Nº de membros
 - Quantos nessa ou em outras igrejas evangélicas
 - Quem e com que intensidade frequenta
 - Amizade
 - O que é
 - Como se forma
 - Como você escolhe (critérios)
 - Quem são seus amigos
 - Dentro da igreja
 - Fora da igreja

- Homem x Mulher
 - Igualdade
 - Diferenças
 - Quem deve liderar
 - Por que?
- Namoro
 - Como escolhe (critérios)
- Casamento
 - Como escolhe (critérios)
- POSIÇÃO NA IGREJA
 - Cargo que ocupa
 - Ascensão ao cargo
 - Critérios
 - Capacitação/treinamento
 - Origem religiosa
 - Religião anterior
 - Razão de vir para essa igreja
 - Tempo nessa igreja
 - Tempo em outras igrejas
- MENSAGEM DESSA IGREJA
 - Mensagem que lhe chamou a atenção

ANEXO VIII



Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho. Fp. 2.10

Edição Nº 32

21 de agosto de 2005 - ano 119

Oásis de Paz - 31 anos

Mais um ano completa esse maravilhoso programa das 12:30h, intervalo entre dois expedientes de trabalho.

É um tranquilizante para acalmar aqueles que o procuram, em meio à turbulência das atividades do dia-a-dia, movimento de ônibus e carros na avenida; são pedestres que andam de um lado para o outro; camelôs que vendem seus produtos, além dos que distribuem panfletos com propagandas diversas, tudo isso com muito barulho.

O nosso Oásis, através desses anos, também vem atraindo pessoas que aproveitam esse momento para descansar, depois do almoço. Estes entram no santuário, sentam-se, ouvem boa música e uma mensagem de paz para as suas vidas.

Quantos já chegaram aos pés do Senhor, através desse "relax"? Inúmeros, cujos testemunhos são belíssimos e gratificantes para nós que promovemos essa oportunidade rica de um encontro com Jesus, diariamente.

Parabéns Oásis de Paz por mais um ano de vitórias. Que o Senhor continue atraindo almas para Ele, por meio desse culto.

Diaconisa Mathiamis Vieira

REVERÊNCIA: Após a oração final, aguarde em atitude de adoração o término do possídio instrumental e a chegada do Pastor à entrada principal do santuário.



Organizada em 04 de abril de 1888

Pastores

Joel de Oliveira Bezerra
Reidson Andrade de Mesquita
Hélio Vidal de Freitas (em memória)

Visão

Uma comunidade terapêutica e acolhedora onde Deus se manifesta através de relacionamentos comprometidos e saudáveis.

Uma comunidade comprometida com a palavra de DEUS, onde cada membro se reproduz na pessoa de JESUS CRISTO, no propósito de ganhar o mundo para ELE.

Missão

Glorificar a DEUS;
Santificar o Corpo de CRISTO;
Alcançar o mundo para ELE.



Organizada em 04 de abril de 1888

Atendimento

MINISTÉRIO DA MULHER CRISTA
Vênus - terça-feira 15:00h
MVC (Crisol) quarta-feira 15:00h
DEBORAS - última quarta-feira 15:00h
QUINTA DE ORAÇÃO - última quinta 18:00 às 21:00h

MINISTÉRIO DE CELEBRAÇÃO
Expediente
Segunda e Quinta das 14:00h às 18:00h
Coro Feminino - Terça e quinta às 16:30h
Coro Infantil - Domingo - 10:00h
celebrapib@terra.com.br

MINISTÉRIO DE SERVIÇO SOCIAL
Terça-feira e Quarta-feira 17:00h às 19:00h

MINISTÉRIO INFANTIL
Domingo - Classe Univ. da Vida - 08:30h
O PIPA - 19:00h
Criançante - 10:00h

Terça-feira - Reuniões Semanais do PIPA - 19:00h

CULTO OÁSIS DE PAZ
Segunda à sexta-feira das 12:30h às 13:30h

CULTO MATINAL
Segunda à sexta-feira das 07:00h às 08:00h

CULTO DE ORAÇÃO
Quarta-feira das 18:30h às 20:00h

SERVIÇO DE PATRIMÔNIO
Segunda à sexta-feira das 08:00h às 12:00h e 14:00h às 18:00h
Patrimoniopib@terra.com.br

PR. JOEL BEZERRA
Terça e quinta - 09:00h às 12:00h e das 14:00h às 17:00h
joel@terra.com.br

PR. REIDSON MESQUITA
Terça-feira - 14:00h às 18:00h (Administrativo)
Quarta-feira - 14:00h às 18:00h (Administrativo)
Sexta-feira - 14:00h às 18:00h (Pastoral)
reidson@terra.com.br

SECRETARIA
Segunda-feira - 12:00h às 18:00h
Terça-feira - 08:00h às 12:00h e 14:00h às 18:00h
secrepib@terra.com.br

MINISTÉRIO DE DISCIPULADO
Terça-feira - 10:00h às 12:00h e 14:00h às 20:00h
Quarta-feira - 15:00h às 20:00h

MINISTÉRIO DE ENSINO
Universidade da Vida - Domingo de 08:30h às 10:00h

MINISTÉRIO DE MISSÕES
Segunda-feira e quarta-feira às 14:00h - Oração - 17:30h
missoespib@terra.com.br

MINISTÉRIO DE CASAS
Reuniões todos os domingos às 17:00h

MINISTÉRIO DIACONAL
Reunião na última terça-feira de cada mês às 19:00h

MINISTÉRIO DA JUVENTUDE
Projeto Resgate - Sexta-feira 19:30h
Encontro da Juventude

Escala Serviço de Apoio

Mantida: Alaide Silva (AD), Socorro Bonfim (AE), Nobile Favares (G)
Vespertino: Luinete Vital (AD), Beatriz Martins (AE)
Noturno: Nina Barros (AD), Maria Quirino (AE), Adaila Araújo (G)

Escala Recepção

Mantida: Euzanilda, Cláudio
Noturno: Fátima, Eunice

PRIMEIRA IGREJA BATISTA DO RECIFE

Av. Conde da Boa Vista, 163
Boa Vista - Recife-PE - CEP 50.060-002
Teléfax: (81) 3223.3050
E-mail: secpib@terra.com.br
Site: www.pib.org.br



Organizada em 04 de abril de 1888

ANEXO IX

<p>Culto Matinal (07:00h)</p> <p>ADORAÇÃO</p> <p>Prelúdio Instrumental</p> <p>Convite à adoração</p> <p>Boas Vindas e Confraternização</p> <p>Cânticos Congregacionais</p> <p>PROCLAMAÇÃO</p> <p>Flash Missionário</p> <p>Mensagem Instrumental</p> <p>Ofertório</p> <p>Oração Dedicatória</p> <p>Comunicações</p> <p>Oração Final</p> <p>Poslúdio</p>	<p>Culto Vespertino (17:00h)</p> <p>ADORAÇÃO</p> <p>Prelúdio Instrumental</p> <p>Boas Vindas e Confraternização</p> <p>Cânticos</p> <p>Leitura Bíblica Uníssona Is 42.16</p> <p>Todos - Conduzirei os cegos por caminhos que eles não conheceram, por veredas desconhecidas eu os guiarei; transformarei as trevas em luz diante deles e tornarei reto os lugares. Estas são as coisas que farei; não o abandonarei.</p> <p>Hino 323 HCC "Eu alegre vou na sua luz"</p> <p>Ofertório</p> <p>Hino 319 HCC "Agora estou contente"</p> <p>Oração Dedicatória</p> <p>Música Especial</p> <p>PROCLAMAÇÃO</p> <p>Mensagem Instrumental</p> <p>Cântico</p> <p>Oração Final</p> <p>Comunicações</p> <p>Poslúdio</p>
<p>SECRETARIA</p> <p>Informamos que continua à disposição, na secretaria, o Calendário de atividades da PIBR/2005. Quem desejar adquirir procure Edna.</p> <p>ACAMPAMENTO DE CARNAVAL 2006</p> <p>As inscrições já começaram, no valor de R\$ 60,00 (sessenta reais), pode ser parcelado, crianças de 6 a 10 anos R\$ 40,00 (quarenta reais), também pode ser parcelado. Procurar Sandra, em horário comercial.</p> <p>CONCÍLIO DOS DIÁCONOS</p> <p>Convidamos os Diáconos para o concílio dos candidatos ao diaconato, no próximo Sábado, dia 27/08 às 16:00h.</p> <p>CONSAGRAÇÃO DOS DIÁCONOS</p> <p>Acontecerá no próximo Domingo, dia 28/08 no culto noturno.</p> <p>OÁSIS DE PAZ</p> <p>De 22/08 a 26/08, Conferências de</p>	<p>Comunicações</p>
<p>Aniversário dos 31 anos de "Culto Oásis de Paz" (12:00h até 13:30h), que tem sido um refrigério para muitas vidas. Ore, participe e convide outras pessoas para a programação especial.</p> <p>MINISTÉRIO DA JUVENTUDE</p> <p>Acampamento da Juventude será de 11 a 15 de novembro, no Chales de Aldeia, valor R\$ 40,00 ou 04 parcelas de R\$ 10,00. Inscrições com Ricardo, Aninha e Barbara.</p> <p>MINISTÉRIO DA MULHER</p> <p>1 - Convidamos todas as mulheres a participarem de nossas reuniões, sempre às quartas-feiras no horário das 15:00h. Compareçam!</p> <p>2 - "Débora": Oração pelos filhos, sempre na 1ª e última quartas-feiras de cada mês. Venham orar conosco! O Senhor nosso Deus tem feito grandes maravilhas em resposta às nossas orações.</p> <p>MINISTÉRIO DE CASAIS</p> <p>1 - No próximo domingo, dia 28/08 às 17h, teremos uma palestra e vídeo sobre "Tráfego de Seres Humanos". Convidamos toda a igreja a participar.</p> <p>2 - Estaremos realizando o 1º Casamento Coletivo da nossa igreja no dia 26/11/05. Para você se inscrever e obter informações, fale com Tarcísia.</p> <p>LANÇAMENTO</p> <p>Neste domingo, 21/08 às 17:00h, lançamento do livro "O Cárcere da Ilusão", de autoria de Mário Sérgio (ex-aluno do Desafio Jovem).</p> <p>MINISTÉRIO DE MISSÕES</p> <p>1 - Estarão conosco, hoje, no Culto das 19:00h, o grupo da JOCUM vindo da</p>	<p>Comunicações</p> <p>Argentina. Esse grupo passará a semana trabalhando com a nossa Igreja. Observe a agenda de trabalho deles e participe das programações.</p> <p>2 - A missionária Severina está melhor e encontra-se em casa. Continuemos orando por ela.</p> <p>3 - Curso de Treinamento para dinamizar o Conselho de Missões, nos dias 16 e 17 de setembro. Aguarde mais informações.</p> <p>4 - No primeiro Domingo de setembro aguardem mais uma jornada de Oração da PIBR.</p> <p>5 - Na classe para os vocacionados (1º andar, sala 03), estaremos iniciando neste domingo uma série de estudos sobre "Espiritismo" e "Reencarnação". Qualquer pessoa pode frequentar as aulas.</p>
<p>ANIVERSARIANTES JUL/AG/05</p> <p>21 - Gustavo Henrique dos S. Silva.</p> <p>23 - Maria do Carmo Cordeiro C. Albuquerque Sá, Jandira Pessoa da Silva, Douglas Fagner C. de Almeida.</p> <p>24 - Edneide Maria dos Santos.</p> <p>25 - Doraci Maria Felipe.</p> <p>26 - Pablo Joaquim C. Cardoso; Carmem Sônia S. Barbosa; Luiz Francisco Santana; Zariels Figueiredo Alves; Robson Carlos S. Farias.</p> <p>27 - Vasti Bernardo da Silva; Dalma Lúcia Carvalho Reis de Souza.</p>	<p>REVERÊNCIA: Após a oração final, guarde em atitude de adoração o término do poslúdio instrumental e a chegada do Pastor até a entrada principal do santuário.</p>

ANEXO X

O MEU CLAMOR AO SENHOR



O meu Clamor a DEUS:

This image shows a single page of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

ANEXO XI

É JÁ A ÚLTIMA HORA

I João 02:18 "Filhinhos, é já a última hora;..."

A Bela e a Fera: Quando o rapaz não permite que a senhora durma e descanse no palácio, ela lhe joga um feitiço, o amaldiçoa transformando-o numa besta.

A pequena Sereia: Começando pelo desenho da capa, a terceira coluna do castelo tem a forma do membro sexual masculino. A música é um grupo jamaicano que canta amaldiçoando as crianças. A bruxa diz para a menina: "Para que eu faça você casar com o príncipe, você tem que me dar algo em troca". A menina pergunta: - "O que tenho que te dar?" A bruxa responde: "Eu quero a sua voz e a sua alma. Além disso os vídeos estão cheios de mensagens ocultas, que os adultos não chegam a perceber mas as crianças conseguem captar, são mensagens que muitas vezes só se consegue ouvir ou ver com o vídeo em velocidade lenta, são feitas especialmente para atingir as crianças.

101. Dálmatas: O nome da bruxa em inglês é "Cruela De Vil" = Diabo Cruel. O nome "devil" está na placa do carro.

Hércules: Meu nome é Hades (inferno) o Senhor dos mortos. Escute: Diz o Pastor "a meta do diabo é destruir as crianças de hoje para que amanhã não haja candidatos ao ministério." E diz mais "o diabo para destruir as crianças não precisa tirá-las da igreja, ele as está destruindo na sala de suas próprias casas.

Robin Hood: Ele se disfarça de cigana, toma uma bola de cristal e diz ao príncipe João: - "Vamos ver o futuro. Silêncio, vou fazer os conjuros. (conjuros é a maneira que os saianistas invocam os demônios). Diz ele: "Espírito das densas trevas, vem!" Quem você pensa que ele está chamando na sala de sua casa?

Aladin: Uma irmã conta: Ela estava no tanque e quando entrou na sala a sua filha de 7 anos estava nua. A mãe assustada perguntou: - "O que é isso filha?" E a menina respondeu: - "O Aladin me mandou tirar a roupa". A mãe procurou na fita mas não encontrava, só conseguiu identificar a mensagem com vídeo em velocidade lenta. Talvez você diga: mas traduzido para o português isto está diferente. Mas quando você compra uma fita desses vídeos você está cooperando com o reino das trevas.

Cinderela: O nome do gato é Lucifer. Será que a Disney não podia dar outro nome ao gato? Tinha que ser logo o nome do Diabo para crianças inocentes ouvir e brincar.

Pocahontas: é uma palavra indígena que significa "Espírito Invocado do Abismo". Quando alguém pronuncia essa palavra ele está chamado o espírito das trevas. A medida que os tambores tocam, o espírito da pocahontas é invocado e ele sai do abismo e se manifesta no tronco de uma árvore, e a criança vai falar com o espírito de alguém que morreu há 400 anos. Isso é necromancia, coisa do espiritismo.

O Rei Leão: A revista Times declarou numa reportagem que é o vídeo mais sujo, perverso e carregado de violência. As crianças que olham o Rei Leão serão os assassinos de amanhã. O Produtor desse vídeo, John Smith, era um homem homossexual que já morreu de AIDS. Por isso ele criou um Leão que caminha com gestos afeminados. E as músicas são temas da Nova Era. O personagem que unge o Rei Leão diz a ele: eu vou ensinar você a falar com seu pai que já morreu. "Isso é espiritismo, necromancia". Ele diz mais ao Rei Leão: - Olhe as estrelas, elas vão guiar você. Isso é astrologia. Em certa altura do vídeo, o Scar, tio de Simba, diz a ele: - não te sintas mal por ter matado alguém. Matar é normal.

Jesus
te
ama!

ANEXO XII

ENVELOPES DE OFERTAS (PRIMÍCIAS E DÍZIMOS AO SENHOR)




*Igreja Internacional
da Graça de Deus*

PRIMÍCIA DO SENHOR

Eis que, agora trago as primícias dos frutos da terra que tu, o Senhor, me deste. Então as porás perante o Senhor, teu Deus, e te prostrarás perante ele.

Dt 26.10



Dízimo do Senhor

Trazel todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância (Mt 3.10).

Nome _____
Rua _____
Bairro _____ Cidade _____ Estado _____
CEP _____ Valor _____

 IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS
CNPJ 30.902.803/0001-00
CAIXA POSTAL 1815 - RIO DE JANEIRO - RJ - 20001

ANEXO XIII

ENVELOPES DE OFERTAS (OFERTA ESPECIAL E SANTA CEIA DO SENHOR)

Oferta Especial

*Ora, aquele que dá a semente ao que semeia
e pão para comer também multiplicará a vossa sementeira
e aumentará os frutos da vossa justiça (2 Co 9.10).*

PARA:

<input type="checkbox"/> RÁDIO	<input type="checkbox"/> REFORMA
<input type="checkbox"/> TV	<input type="checkbox"/> SOCORRO
<input type="checkbox"/> ALUGUEL	<input type="checkbox"/> MISSÃO

Nome: _____

Rua: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Valor: _____

 IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS
CGC 30.902.803/0001-00
CAIXA POSTAL 1815 - RIO DE JANEIRO - RJ - 20.010-974

Santa Ceia do Senhor

“Jesus pois lhes disse: Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos.” João 6:53


Nome: _____

Rua: _____ N° _____ Apt° _____

Bairro: _____ Cidade _____ Estado _____ CEP _____

Valor _____

IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS
CNPJ: 30.902.803/0001-00
CAIXA POSTAL 1815 - RIO DE JANEIRO - RJ - 20001



ANEXO XIV

RESPOSTA DE DEUS



Igreja Internacional da Graça de Deus
Av. Cruz Cabugá n 165 - Santo Amaro -
Recife- PE

SABADO

08:00

RESPOSTA DE DEUS

ESCREVA A AFRONTA

Recebendo, pois Ezequias as cartas das mãos dos mensageiros, e lendo-as, subiu à casa do Senhor; e Ezequias as estendeu perante o Senhor.
ISAIAS 37.14

ANEXO XV

IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS. SEMINÁRIO: COMO TOMAR POSSE DA BÊNÇÃO.

CAPÍTULO 01

DETERMINAÇÃO

Qualquer negócio precisa ser começado por uma base e tudo que podemos fazer para que através desta base o sucesso seja alcançado chamamos de entendimento, ou seja determinação. Pois sem o entendimento não há determinação e sem a determinação, não há bênção. (Os 4.6ª) (Pv 8.14).✓

Como obtermos esse entendimento? É simples. Basta apenas guardarmos a palavra de DEUS. (Sl 119.130)✓

Quando você tem o entendimento pela palavra de DEUS, você determina, pois, a bênção já é sua. (JO 14.13)✓(MC 11.23,24).✓

Quando a pessoa é determinada ela crê e age e assim obtém a vitória. Vejamos o exemplo de uma Mulher que sofreu até o dia que não determinou a sua bênção. (MC 5.25-34).✓

Se você quer chegar-se a DEUS e conhecê-lo; Então, estude a palavra, creia na palavra, viva a Palavra.

No próximo capítulo estudaremos: “ A GRANDE REVELAÇÃO “.

ANEXO XVI

SEMINÁRIO DE MULHERES NA GRAÇA DE DEUS

SEMINÁRIO DE MULHERES NA GRAÇA DE DEUS

TEMAS:

- *Mulher valorizada por Jesus com a Pr^a Isabel Medrado.*
- *Fases da vida da mulher que exige cuidados com a ginecologista e obstetra Dr^a Jane Melo.*

*“Mulher virtuosa, quem a achará?
O seu valor muito excede o de rubins”.*
Pv. 31.10

01 de Outubro - Sábado

15.00h

Igreja Internacional da Graça de Deus
Av. Cruz Cabugá, 165 - Santo Amaro - Recife - PE
Fone. 3222.4490 / 3231.7415

ANEXO XVII

QUADRO DE INTERLOCUTORES

Nome	Cargo	Idade	Auto-identificação	Escolaridade	Origem religiosa	Lazer	Bairro	Infra-estrutura	Bens	Atividades extra-igreja
Alonso (casado, 2 filhas)	Pastor	33	Negro (acho-o moreno)	Superior (Letras)	IURD	Praia, piscina, leitura, futebol (joga e assiste), TV (palestras e entrevistas)	Peixinhos	Apto. Rua com asfalto	Carro	
Anderson (solteiro)	Pastor	21	Moreno claro	1º grau	Umbanda, Kardecismo, IURD	Cinema, futebol (joga e assiste na TV), ginástica, ouvir histórias	Morana igreja	Cozinha		
Luna (separada)	Obreira	+45	Negra	Superior incompleto (Letras)	Xangô		Caixa D'água	Escadaria Águas Fossas Luz	Casa própria	Desempregada (cobradora ônibus)
Tânia (solteira)	Obreira	+50			Evangélica		IPSEP			
Edivaldo ²⁴³ (solteiro)	Evangélica = Pastor auxiliar	24	Moreno (acho-o negro com feições afiladas)	2º grau	Assembleia de Deus, IURD	Praia, Sítio, Natureza, Cinema, Ginástica, jiu-jitsu, (arte marcial)	Casa Amarela	Cozinha		Campeão Jiu-jitsu
Mariana (casada, 2 filhas, 1 de 7 anos)	Obreira	34	Cafuza (acho-a negra de cabelo liso)	2º grau	Espiritismo Esoterismo Catolicismo	Praia Visita Aniversário Rio	Sítio das Palmeiras (Torções)	Águas Luz Telefone Calçamento	Casa própria	
Guida (casada, 3 filhos)	Obreira	51	Morena	2º grau	Catolicismo	Obra igreja Evangelizar	Ponte dos Carvalhos			Dona de casa
Ednaldo (casado)	Pastor	30	Moreno	2º grau incompleto	Evangélico (Assembleia de Deus)	Futebol (não tem tempo) TV	Beberibe		Casa própria Carro	
Walter (casado, 2 filhas, 1 do 1º casamento não mora com ele)	Obreiro	43	Moreno (acho-o negro c/nariz afilado)	2º grau	Batista (onde se converteu)	Nenhum (“só a casa de Deus”), Ginástica (gosta mas não tem tempo), foi jogador amador do Santa Cruz e do Esporte	Rio Doce (2ª etapa) Olinda		Casa própria (herança) Moto	Antônimo (vende gás e água mineral)

²⁴³ Atualmente (2006) Pastor da Igreja de Peixinhos.

ANEXO XVIII

“FETICHES”

